

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**HIERARQUIAS SIMBÓLICAS E MARCADORES DISTINTIVOS:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DA SOCIEDADE JUIZ-FORANA**

JOANA BRITO DE LIMA SILVA

**JUIZ DE FORA
JUNHO DE 2015**

Joana Brito de Lima Silva

**Hierarquias simbólicas e marcadores distintivos:
Um estudo exploratório da sociedade juiz-forana**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutor(a) em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes

Juiz de Fora
Junho de 2015

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lima Silva, Joana Brito de.

Hierarquias simbólicas e marcadores distintivos : Um estudo exploratório da sociedade juiz-forana / Joana Brito de Lima Silva. -- 2015.
260 f.

Orientador: Dmitri Cerboncini Fernandes

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015.

1. Distinção. 2. Capitais simbólicos. 3. Colunismo social. 4. Ancestralidade. 5. Elites. I. Fernandes, Dmitri Cerboncini, orient. II. Título.

O princípio de uma ação não é um sujeito que se defrontaria com o mundo como se fosse um objeto numa relação de puro conhecimento, nem mesmo um 'meio' capaz de exercer sobre o agente uma forma de causalidade mecânica; não se encontra na finalidade material ou simbólica da ação nem nas constrações do campo. Reside na cumplicidade entre dois estados do social, entre a história tornada corpo e a história tornada coisa, ou melhor, entre a história objetivada nas coisas, sob forma de estruturas e mecanismos (os do espaço social ou dos campos), e a história encarnada nos corpos, sob a forma de habitus, cumplicidade que funda uma relação de participação quase mágica entre essas duas realizações da história.

Pierre Bourdieu, *Meditações Pascalianas*

Dedico aos meus pais, Pedro e Antonieta, por me transmitirem, além de amor e carinho, as disposições e os capitais imprescindíveis à minha formação acadêmica.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa exploratória é compreender as demarcações hierárquicas formadas em espaços sociais elitizados de Juiz de Fora, Minas Gerais. Trata-se de investigar, a partir de entrevistas com indivíduos de diferentes perfis, as hierarquias simbólicas e os marcadores distintivos existentes na alta sociedade juiz-forana. No intuito de não reduzir o recorte empírico analisado em termos de classes sociais, as pessoas entrevistadas foram agrupadas em três grupos, aqui nomeados *emergentes*, *tradicionais* e *anônimos*, conforme suas semelhanças e peculiaridades. Ao questionar a própria aplicabilidade do conceito de classe social nesta amostragem, a análise das entrevistas mostrou aspectos geralmente desconsiderados nas abordagens classistas: a valorização da ancestralidade e da visibilidade nas mídias locais (colunismo social). Neste sentido, a pesquisa explora tais diferenças hierárquicas entre os membros dos nichos pesquisados, e mostra as lutas em busca de distinção, nas quais se disputa o domínio de capitais simbólicos e de marcadores distintivos.

Palavras-chave: Distinção, Capitais simbólicos, Colunismo social, Ancestralidade, Elites, Juiz de Fora.

ABSTRACT

The purpose of this research is to understand the hierarchical boundaries formed in social fractions selected of Juiz de Fora, Minas Gerais. Considering the information from the interviews with individuals of different profiles, we found symbolic hierarchies and distinctive markers in the local high society. In order to do not reduce the empirical object analyzed in terms of social classes, people interviewed were grouped into three groups, named here *emerging*, *traditional* and *anonymous*, as their similarities and peculiarities. Questioning the very applicability of the concept of social class in this review, the analysis of the interviews showed aspects disregarded in some classist approaches: the valuation of ancestry and visibility in local media (social column). In this sense, the research explores such hierarchical differences among members of those three groups, and shows the struggles around distinction, in which it is disputed the domain of symbolic capital and distinctive markers.

Key-words: Distinction, Symbolic capital, Social Column, Ancestry, Elites, Juiz de Fora.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	06
Introdução: demarcações hierárquicas e divisões sociais.....	07
<i>Aspectos metodológicos e apresentação da pesquisa.....</i>	<i>07</i>
<i>Referenciais teóricos.....</i>	<i>15</i>
<i>Contexto de Juiz de Fora.....</i>	<i>33</i>
Capítulo I:	
Protagonistas econômicos emergentes e destaques nas mídias locais.....	51
I.1 Quem faz e acontece merece ser destacado, independente de classe social.....	62
I.2 ‘Tem dinheiro?’, ‘tem!’: então tem pouca tradição!.....	78
I.3 As famílias tradicionais viviam de uma tradição que não existe mais.....	86
I.4 Eu queria ser low profile.....	98
I.5 Uma família sem brasão.....	106
I.6 Somos descendentes de um castelo.....	117
Capítulo II:	
Famílias tradicionais e valorização da ancestralidade.....	130
II.1 O filho do rico é nobre, o filho do nobre é pobre!.....	138
II.2 Não ponho o chapéu onde minha mão não alcança.....	149
II.3 Eu me tornei um ardoroso defensor da memória da cidade.....	157
II.4 Juiz de Fora é uma grande pequena cidade.....	165
II.5 Só tem o sobrenome – que hoje significa muito pouco, né?.....	173
II.6 Do persona non grata para sensação completa!.....	184
Capítulo III:	
Contraponto: Indivíduos anônimos e ausência de capitais distintivos.....	194
III.1 Sou uma pessoa privilegiada.....	200
III.2 O foco agora é a minha filha!.....	210
III.3 Nosso maior patrimônio é e sempre será a nossa família.....	219
III.4 Sei que pertencço a uma classe privilegiada, mas ser humano é tudo igual.....	226
III.5 Houve sempre uma ascensão em relação às gerações anteriores.....	232
III.6 Eu sempre corri atrás de realizar o que eu quero.....	237
Considerações finais.....	242
Referências.....	252
Anexos.....	260

AGRADECIMENTOS

Mostrar gratidão num momento de ansiedade e tensão como este é um desafio instigante, por ser uma oportunidade de agradecer às pessoas que me acompanharam durante esta pesquisa, e de lembrar meu (sinuoso) percurso de doutoramento.

Agradeço ao Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes, primeiramente, por ter aceitado orientar esta pesquisa, e por transmitir, em poucos meses de orientação, o sentido do que Bourdieu nomeou de sociologia reflexiva (pensar *relacionalmente*), através de suas críticas e orientações a partir das quais se tornou possível desenvolver a pesquisa. Também sou grata aos professores convidados para a Banca de Defesa da tese: Carolina Pulici, Edison Bertencelo, Fernando Perlatto e Eduardo Condé, por contribuírem imensamente, com suas observações e questionamentos, para o enriquecimento da pesquisa. Aos professores (suplentes da Banca) Marcela Paz, Luiz Flávio Neubert, Leonardo Nascimento e Fernando Tavares agradeço a leitura da tese e a disponibilidade.

Ao meu marido, Luciano Donizetti, companheiro e cúmplice de aventuras e descobertas, agradeço o amor, a paciência, as enriquecedoras conversas sobre a tese, a revisão e suas contribuições para a pesquisa; sou grata a seu apoio às minhas decisões e teimosias no decorrer desses quatro anos e meio, e por comemorarmos, neste momento, uma década de união – a primeira de muitas que ainda viveremos juntos.

Agradeço aos meus pais, Pedro e Antonieta, por me proporcionarem os melhores exemplos, incentivos e condições (sociais e educacionais); também sou grata a eles e à Mariana, minha irmã, pela torcida amorosa e por compreenderem as minhas ausências nesses momentos finais da pesquisa.

À Astrid Sarmiento e à Dora Stephan agradeço a generosidade de me ajudarem com indicações de “personalidades juiz-foranas” a partir das quais pude realizar as entrevistas mais importantes deste trabalho. À Patrícia Bastos agradeço os materiais sobre a história de Juiz de Fora. E a todas as Irmãs do Mosteiro da Santa Cruz, especialmente à Madre Paula e às Irmãs Maria Antonia e Joana Paula, agradeço as indicações das primeiras entrevistas e ao inestimável apoio que me transmitiram.

Aos entrevistados (que preferi não identificar) sou grata por me receberem, gentilmente, em seus locais de trabalho e residências, e dispenderem um tempo de suas existências para conversarem comigo e me fornecerem os dados empíricos aqui analisados.

Agradeço aos colegas da turma de doutorado 2011 por compartilharmos nossos anseios e expectativas após a felicidade da aprovação em 2010, e pelos breves e bons momentos de convivência ao longo desses anos de doutorado; ao pessoal do Grupo de Pesquisa coordenado pelo professor Dmitri agradeço a compreensão e o apoio; também agradeço a todos os funcionários e professores do PPGCSO-UFJF, em especial à Clarice Metri e aos professores com os quais convivi cursando disciplinas ou realizando tutorias.

À CAPES agradeço o auxílio financeiro que recebi ao longo do doutorado.

Enfim, sou grata aos amigos e amigas que me acompanharam no decorrer dessa temporada de aprendizagens, experiências marcantes e de amadurecimento pessoal.

Introdução: demarcações hierárquicas e divisões sociais

Para explicar o fato de que todos os campos sejam o lugar de concorrências e conflitos, não é preciso invocar uma 'natureza humana' egoísta ou agressiva, tampouco alguma 'vontade de poder': [...] é a própria estrutura do campo, ou seja, a estrutura da distribuição (desigual) das diferentes espécies de capital que, ao engendrar a raridade de certas posições e os ganhos correspondentes, favorece as estratégias visando destruir ou reduzir tal raridade, pela apropriação das posições raras, ou a conservá-la pela defesa dessas posições.

Pierre Bourdieu, *A distinção*

Abordagem metodológica e apresentação da pesquisa

O propósito desta pesquisa é compreender a formação de marcadores distintivos e de demarcações hierárquicas a partir do estudo de frações sociais na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter teórico-empírico, realizada a partir de entrevistas semi-diretivas com agrupamentos representativos da sociedade juiz-forana. As entrevistas compõem a maior parte do material empírico deste estudo de caso e servem de referencial para analisar a hierarquia social da cidade¹. Para tanto, a pesquisa reuniu amostras da alta sociedade juiz-forana, dividindo esta amostragem em três agrupamentos distintos. A divisão dos entrevistados em grupos ocorreu após a realização de todas as entrevistas, com o objetivo de associar os entrevistados que apresentassem trajetórias e atributos semelhantes.

Dessa forma, o recurso metodológico de dividir os entrevistados em grupos é resultado da abordagem exploratória da pesquisa. As entrevistas foram agrupadas a partir de suas proximidades, explorando elementos das trajetórias individuais: origem familiar (rural ou urbana), ocupação e formação dos pais, locais de residência (as casas, os bairros onde moraram e moram atualmente), papel dos antepassados na história da cidade (personalidades históricas ou não), tipo de formação acadêmica, atuação profissional (se frequentou escolas/faculdades públicas ou particulares e modalidade de trabalho/profissão), tipo de protagonismo econômico (se são pessoas que se destacam na

¹ As entrevistas são a base desta pesquisa (transcrição e análise das falas principais); outros recursos metodológicos utilizados foram a observação e descrição dos ambientes frequentados pelos entrevistados (locais de trabalho e residências), a percepção das atitudes e disposições incorporadas (posturas, receptividade, hostilidade), e a apresentação de publicações de colunismo social em jornais, revistas e páginas da Internet, para ilustrar as hierarquias simbólicas e os marcadores distintivos em questão nesta pesquisa.

economia local e se estão em evidência nas mídias sociais de Juiz de Fora), valores, práticas do cotidiano e de lazer (preferências, escolhas, gostos). Esses aspectos materiais e simbólicos permitem situar os entrevistados numa posição elevada na escala hierárquica de capitais em disputa na sociedade juiz-forana. De fato, são pessoas pertencentes a um tipo de elite² local, no sentido de que mobilizam capitais altamente valorizados e não acessíveis a toda a população da cidade.

Se o topo da hierarquia social da cidade é um lugar de prestígio socioeconômico, reconhecimento e domínio de capitais social e cultural, os entrevistados nesta pesquisa aspiram esse lugar; eles formam uma elite (não homogênea) que busca ascensão hierárquica. Nesse contexto, a utilização do termo elite é apenas um recurso para localizar a amostra no espaço social pesquisado, evitando o enquadramento prévio dos entrevistados numa classe social específica. A opção teórica de evitar as definições classistas justifica-se, também, pelo fato de que esta classificação exigiria maiores dados empíricos a respeito das estratificações sociais de Juiz de Fora (uma amostragem numericamente significativa, mais abrangente do que o material empírico reunido nesta pesquisa). Além disso, utilizar uma nomenclatura classista poderia encobrir a heterogeneidade presente nos materiais coletados. Ainda que os entrevistados mostrem pontos comuns, são pessoas que se situam em posições sociais diferentes nesse espaço elitizado. E são essas diferenças e proximidades entre esses grupos de elite que serão exploradas aqui – muito mais do que o próprio pertencimento de classe³.

Assim, ao longo da pesquisa tornou-se possível localizar a amostra coletada numa camada superior da sociedade, justamente ao buscar responder aos seguintes questionamentos: como as hierarquias simbólicas são construídas? Quais marcadores distintivos legitimam as posições sociais das pessoas em Juiz de Fora? Estas perguntas permitiram iniciar as entrevistas a partir da seleção de pessoas que, supostamente, pudessem representar estilos de vida distintivos e que valorizassem posicionamentos hierárquicos superiores. Na verdade, antes mesmo da realização das entrevistas, surgiu a

² O termo “elite” transmite as ideias de exclusividade e distanciamento em relação aos demais estratos da sociedade: há “dois fatores pertinentes à classe [de elite]: a seletividade e o caráter fechado” (FERREIRA, 2001, p. 145); dessa forma, as denominações “espaço social elitizado” e “grupos de elite” (expressões utilizadas na pesquisa) permitem caracterizar e situar o objeto empírico pesquisado.

³ O enquadramento dos entrevistados num espaço social elitizado significaria, numa abordagem classista, considerá-los pertencentes a frações de classe média alta que almejam a classe alta; porém, optou-se por não utilizar essas generalizações, com o objetivo de destacar aspectos específicos das distinções sociais e da formação de fronteiras hierárquicas nos espaços sociais analisados. Não se trata de refutar ou desconsiderar as divisões de classes sociais na sociedade de Juiz de Fora, pois as desigualdades são visíveis e se refletem na própria organização urbana; a seguir será levantado o debate sobre classes sociais, visando responder a essa questão das classificações; e a respeito do contexto local serão apresentados alguns dados que relacionam os entrevistados (membros dessa elite) e os locais de maior concentração de renda da cidade (um dado que materializa a posição hierárquica superior dos entrevistados).

primeira dificuldade metodológica enfrentada numa pesquisa com grupos de elite: conseguir pessoas que se dispusessem a ser entrevistadas e o modo de abordar essas pessoas de contextos diferentes dos círculos sociais ao qual pertence a pesquisadora. A solução encontrada para obter os contatos na amostra pesquisada foi buscar indicações diretas, ou seja, recorrer a pessoas próximas que propiciassem a intermediação dos contatos. Nota-se, neste ponto, a importância do laço afetivo entre informantes e entrevistados para a realização de todas as entrevistas⁴.

Após a obtenção dos primeiros dados empíricos tornou-se necessário estabelecer uma escala hierárquica para medir o que seriam as posições sociais superiores e mais valorizadas nos espaços elitizados de Juiz de Fora. Notou-se, em algumas entrevistas, a remissão a personalidades históricas da cidade ou a tentativa de se vincular à história local; surgiu assim a hipótese de que o pertencimento a famílias de sobrenomes tradicionais pudesse servir de diferencial distintivo para aqueles que possuem este capital familiar. Por esta razão foram entrevistadas pessoas relacionadas à memória sociocultural da cidade. Porém, este dado não se mostrava suficiente para definir a escala hierárquica da sociedade juiz-forana. Na busca por mais critérios diferenciadores surgiu um marcador distintivo imprescindível para a legitimação das hierarquias simbólicas: o colunismo social. Este marcador distintivo permitiu diferenciar os entrevistados entre os que protagonizam as publicações de colunismo local e os que não aparecem nestas mídias. Os rumos tomados pela pesquisa proporcionaram a diferenciação dos materiais empíricos em três grupos (ou *nichos*) inseridos nesse ambiente elitizado da sociedade, cada um composto de seis entrevistados⁵.

⁴ Informantes: 1) duas monjas do Mosteiro da Santa Cruz (uma amiga da época de graduação proporcionou o contato); localizado no bairro Paineiras em Juiz de Fora, o Mosteiro é frequentado por pessoas que ostentam condutas que aparentam ter médio ou alto padrão econômico (estes dados aparentes influenciaram na escolha das pessoas indicadas pelas monjas); 2) duas colegas do PPGCSO, UFJF; uma delas é de uma família proeminente da era industrial juiz-forana e conhece pessoas dos círculos sociais visados na pesquisa (ela mesma ajudou a mapear os sobrenomes tradicionais e as personalidades das mídias locais); e a outra é jornalista, trabalhou um período com um colunista social da cidade, e frequenta os circuitos pesquisados (ela também contribuiu na identificação dos personagens importantes a serem entrevistados, a maioria de seu círculo de amizade).

⁵ A respeito da escolha e da quantidade de entrevistados é importante destacar que as dificuldades de acesso à elite local influenciaram para o número de entrevistas obtidas (dezoito pessoas – adultos com idades variando dos 30 aos 60 anos). Inclusive, outras colegas também da Universidade tentaram contato com mais famílias tradicionais juiz-foranas, mas não conseguiram receptividade por conta da desconfiança em relação ao que seria perguntado na entrevista (foi o que relataram). Por isso as pessoas entrevistadas na pesquisa foram escolhidas seguindo estas indicações bem-sucedidas (não sendo possível, nem necessário, entrevistar representantes de todas as famílias tradicionais e, nem mesmo, todos aqueles que estão em evidência nas mídias locais). A estratégia de pedir indicações diretas facilitou bastante porque não sou juiz-forana e moro aqui desde 2011, portanto, desconhecia as estruturas da sociedade local e teria mais dificuldade em acessar os/as entrevistados/as; de todo modo, pouca diferença faria porque eu não pertencço a estes círculos sociais elitizados; constata-se que o acesso a pessoas com esses marcadores distintivos apenas se possibilita a partir de pessoas com marcadores distintivos iguais ou superiores. Porém, utilizando as indicações supracitadas, bastou falar os nomes das informantes para ser bem recebida – fato revelador que confirma a importância do capital social de relacionamentos e dos vínculos afetivos nestes circuitos hierárquicos, até mesmo para realizar uma pesquisa.

A observação de aspectos relevantes e recorrentes no desenrolar da pesquisa possibilitou compor um primeiro grupo formado por protagonistas econômicos e de destaque nas mídias locais: um colunista social de jornal impresso (proprietário de agência de publicidade), uma colunista social proprietária de revista/agência de publicidade, uma empresária de agência de modelos e de revista, um colunista social proprietário de página de colunismo na Internet, um empresário proprietário de restaurantes e uma psicóloga ex-modelo. No intuito de facilitar a identificação, ora em diante, este grupo será chamado de *emergentes*⁶, embora não se trate especificamente de “novos ricos” do cenário local.

A segunda fração de elite analisada agrupou herdeiros de famílias tradicionais da cidade, cujos antepassados foram personagens históricos: um proprietário de restaurante cuja família italiana possuía uma empresa de construção civil, um descendente de um industrial têxtil da cidade, um membro da família dos fundadores da cidade, um industrial aposentado de família imigrante alemã, um membro de uma família que dominou áreas estratégicas de infraestrutura urbana e um músico descendente de família de artistas plásticos. Também para facilitar a identificação, e apenas por isso, o segundo grupo será chamado de *tradicionais*⁷. E, como contraponto aos grupos anteriores, o terceiro grupo é formado por pessoas que ascenderam gradativamente de posição social, almejam pertencer à elite local, mas não dominam os capitais distintivos dos demais grupos: uma dentista, uma psicóloga, uma funcionária municipal, uma pedagoga aposentada, uma professora de ensinos fundamental e médio aposentada e uma professora universitária. Esse último grupo será nomeado *anônimos*⁸ para se contrapor aos demais grupos.

Ainda em termos de metodologia, cabe mencionar outra dificuldade: como explicar aos entrevistados o tema da pesquisa? Nas primeiras abordagens (entrevistas do terceiro grupo, anônimos) a estratégia foi dizer que o objetivo era pesquisar diferentes

⁶ A associação da palavra “emergentes” à expressão “novos ricos” é imediata, mas o objetivo aqui é enfatizar o aspecto da visibilidade nas mídias e a rápida ascensão socioeconômica dos entrevistados, quando comparados a outras formas de ascensão (trajetórias mais gradativas ou que sofreram momentos de declínio e instabilidade). Para uma contextualização enriquecedora sobre pessoas emergentes no Brasil ver OLIVEIRA LIMA, Diana, 2007 e 2008.

⁷ A designação “tradicionais” não se refere a condutas tradicionalistas conservadoras; é mais uma nomenclatura criada nesta pesquisa para agrupar os entrevistados herdeiros de sobrenomes tradicionais; a herança transmitida pelos ancestrais é notadamente o capital familiar; mesmo quando os herdeiros se recusam a manter a tradição da família em suas atuações profissionais, eles não se desvinculam dos sobrenomes tradicionais enquanto forma de identificação (a questão do capital familiar é bastante discutida em PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique, 2000 e 2007, entre outros escritos dos autores).

⁸ Assim como as designações anteriores, o termo “anônimos” é uma forma provocativa de chamar atenção para as diferenças existentes dentro de um espaço social elitizado; evidente que a designação de anonimato é relativa e não absoluta, pois, a rigor, qualquer pessoa pode estar numa situação de anonimato em relação a outras; o que interessa é destacar o fato de que os “emergentes” e os “tradicionais” dominam o capital distintivo da visibilidade e do reconhecimento social enquanto os “anônimos” encontram-se desprovidos desses recursos simbólicos.

estilos de vida de Juiz de Fora (o roteiro da entrevista incluía itens como cotidiano, valores e práticas). Esta abordagem, porém, não se aplicava aos entrevistados de famílias tradicionais devido ao pressuposto demonstrado por eles em suas falas, de que seus sobrenomes históricos seriam mais importantes do que seus hábitos cotidianos. Inclusive, isto gerou outra dificuldade, pois alguns entrevistados pensavam que a pesquisa seria sobre sua própria família. O modo de contornar os anseios de cada um foi dizer que seria uma pesquisa sobre a cultura e a sociedade vistas através de diferentes personagens da história juiz-forana; conseqüentemente, não se tratava de uma pesquisa sobre uma família específica. A mesma estratégia funcionou com os personagens da mídia local (primeiro grupo apresentado, emergentes), que se interessaram por responder à entrevista pelo mérito de serem escolhidos para falar sobre suas trajetórias e opiniões a respeito da cidade (o roteiro das entrevistas com os tradicionais e os emergentes incluiu itens como a relação dos entrevistados e de seus antepassados com a história e a cultura de Juiz de Fora).

Também a respeito dos procedimentos metodológicos da pesquisa, optou-se por preservar as identidades dos entrevistados, não revelando seus nomes e sobrenomes; é uma precaução para evitar problemas éticos e possíveis questionamentos dos entrevistados. No entanto, a preservação das identidades não é absoluta, na medida em que algumas informações fornecidas são públicas e socialmente acessíveis (por exemplo, nomes de empresas, instituições e personagens históricos relacionados aos entrevistados e mencionados por eles)⁹. Nesse sentido, no início da entrevista todos foram avisados de que os dados pessoais e as declarações seriam utilizados preservando o anonimato e a privacidade de cada um. Também concordaram a respeito da gravação da entrevista, com a exceção de uma entrevistada que não concordou e exigiu que não se gravasse a conversa.

Outro dado utilizado para diferenciar os entrevistados em agrupamentos distintos foi a análise dos ambientes nos quais ocorreram as entrevistas. Ao conhecer o local de trabalho ou a residência destas pessoas visualiza-se o estilo de vida adotado por elas e o gosto incorporado. Por exemplo, estilo e gosto aparecem na decoração, no tipo das residências (casa em condomínio sofisticado ou em locais mais modestos, apartamentos luxuoso ou simples, sede de fazenda, casarão histórico, etc.), na aparência dos ambientes de trabalho (consultórios, instituições públicas, escritórios, gabinetes, restaurantes, etc.)

⁹ É uma precaução para que estas pessoas, caso tenham acesso à pesquisa, não identifiquem as falas aqui reproduzidas e, muito menos, questionem as interpretações e análises atribuídas a elas, pois há discrepância entre o objetivo da pesquisa – identificação das práticas distintivas e dos capitais simbólicos relacionados às formas de hierarquização da sociedade juiz-forana – e aquilo que os entrevistados pretenderam ao conceder a entrevista: mais reconhecimento social.

e nos bairros onde se encontram tais lugares. Os diferentes estilos de vida (inscritos nos aspectos materiais mencionados) evidenciam os elementos simbólicos mobilizados: os capitais social e cultural apontariam a situação e o contexto no qual se insere cada entrevistado e sua posição ocupada na sociedade juiz-forana.

Levanta-se, aqui, mais uma questão que complementa as perguntas mencionadas anteriormente: ao investigar estas frações sociais (materiais empíricos obtidos) poder-se-ia compreender os processos de distinção hierárquica existentes em Juiz de Fora? Essa questão se divide em outras indagações já levantadas a respeito da localização global da amostra pesquisada: se as pessoas entrevistadas encontram-se em posições hierárquicas distintas, dentro do mesmo espaço elitizado, como elas se situariam em termos de classe social? Estes agrupamentos são frações da mesma classe? Ou melhor: será possível admitir, através desta pesquisa, a existência empírica de classes sociais estanques e unívocas?

Essas questões exigem ensejar o debate sobre o conceito de classe, tema a ser discutido a seguir. De fato, ao explorar este campo conceitual, ainda que de maneira sucinta, evitou-se aplicar as teorias sobre classe no recorte empírico investigado, optando-se pela noção de que as pessoas entrevistadas pertencem à elite (embora não se trate uma elite homogênea). Há outro questionamento decorrente desta opção teórica: seria possível pesquisar uma parcela da sociedade sem classificá-la previamente numa classe social? Para escapar da reificação dos pressupostos classificadores a pesquisa apoiou-se, principalmente, nas considerações de Pierre Bourdieu a respeito das classes, que servem de referencial para não aderir cegamente às tipologias e classificações pré-estabelecidas (discussão apresentada a seguir). Além de definir os referenciais teóricos utilizados ao longo da investigação pareceu importante apresentar o campo empírico pesquisado, isto é, apresentar aos leitores a cidade de Juiz de Fora, realizando um breve histórico do contexto local (esta parte encontra-se no último item da Introdução).

Passa-se, finalmente, à análise das entrevistas: no Capítulo I são apresentados os membros do primeiro grupo de entrevistados, os emergentes; são pessoas que não estão diretamente associadas à história juiz-forana, embora sejam personalidades conhecidas na cidade. Este grupo corresponde ao perfil de personalidades em evidência na atualidade (no contexto local), pessoas “famosas” pela atuação no presente e com menor ênfase no histórico familiar. A ascensão econômica que herdaram de seus familiares, ou que construíram ao longo de suas vidas, permitiu-lhes acumular, rapidamente, capital social de relacionamentos. Por esta razão estas pessoas defendem que “em Juiz de Fora

todo mundo se conhece”. É um discurso falacioso: evidente que não são “todos” que se conhecem, e sim uma parcela muito específica da sociedade – uma parte da elite local. Nos espaços elitizados formam-se redes através das quais as pessoas cultivam laços sociais importantes para sustentar o status que possuem. Os entrevistados conhecem “todo mundo” dentro de um círculo específico da sociedade, conseqüentemente, conseguem aumentar o número de seus clientes/pacientes, aumentam suas associações/negócios e recebem mais convites para festas e eventos sociais. Tais ocasiões alimentam o circuito de conseguirem mais contatos e alcançarem maiores investimentos; é assim que essas pessoas obtém maior evidência nas mídias locais.

Dentre os diversos marcadores distintivos existentes na sociedade juiz-forana (por exemplo, frequentar clubes restritos, participar de festas exclusivas, morar em condomínios luxuosos, consumir bens de alto valor, incluir-se em círculos sociais prestigiados, etc.), esta pesquisa buscou um marcador diretamente relacionado à legitimação das hierarquias simbólicas, conforme já indicado; desta maneira, considera-se o colunismo social o marcador mais explícito porque suas notícias são públicas e, de certa forma, exibem a maior parte dos dispositivos distintivos mobilizados pelos entrevistados (situações e ambientes citados acima). Assim, no Capítulo I também serão analisadas estas práticas de distinção relacionadas ao colunismo local. Aparecer nas colunas sociais é um critério hierárquico entre as pessoas entrevistadas porque as colunas divulgam padrões de conduta considerados legítimos e reconhecidos socialmente, mas restritos a pessoas específicas (os colunáveis) e a situações particulares (circuitos distintivos).

A visibilidade nas mídias locais é predominante no grupo dos emergentes, que são pessoas “produtivas” e que “se destacam” na sociedade. Esses termos são usados pelos colunistas sociais entrevistados quando se referem ao modo de escolher quem aparecerá em suas notícias. “Novos protagonistas”, “produtivos” e “destaques” são termos do colunismo que legitimam a distinção entre as camadas sociais de Juiz de Fora. São, ainda, expressões parciais movidas por interesses elitistas porque, a princípio, qualquer indivíduo pode ser protagonista e se destacar em sua área de atuação; afinal, é de se supor que, socialmente, qualquer um pode ser alguém que produz algo. Ocorre que nestas seções de colunismo não é valorizado qualquer tipo de trabalhador e sim profissionais associados a altos investimentos econômicos de maior visibilidade na cidade; são atividades bem específicas, geralmente ligadas a comércio, serviços e consumo, que exigem publicidade. Tais escolhas pelos colunáveis transformam os colunistas sociais em

agentes legitimadores de hierarquias; e, para ilustrar a predileção dos colunistas pelas pessoas “produtivas de destaque”, foram reunidos exemplos de notícias publicadas em suas colunas sociais para mostrar algumas características dos colunáveis da sociedade juiz-forana, representados neste grupo. São notícias retiradas de jornais, de revistas e de páginas na internet vinculadas aos colunistas entrevistados.

O Capítulo II trata do segundo agrupamento de entrevistados, os tradicionais; é um grupo de elite formado por membros de famílias de tradição, cujos sobrenomes estão associados à história da cidade. A valorização de personalidades locais e a coincidência de sobrenomes é o grande trunfo desses entrevistados: a verdadeira herança que receberam de seus antepassados. Estas famílias dominaram as áreas industriais e de infraestrutura urbana em Juiz de Fora no final do século XIX até meados do século XX e, depois, entraram em decadência financeira. É consenso entre os entrevistados o fato de que as famílias tradicionais decaíram ao longo do tempo: “é aquela história de avô rico, filho nobre, neto pobre”, declaram. É notório que este segmento se serve da importância histórica de suas famílias, o que lhes proporciona uma posição hierárquica simbólica superior na sociedade; apoiam-se, ainda, nos capitais social e cultural acumulados em suas práticas, devido a profissões valorizadas e bem-remuneradas, e porque também aparecem nas mídias locais.

No Capítulo III encontram-se as entrevistas que compõem o terceiro grupo e servem de contraponto aos dois anteriores. Estas pessoas entrevistadas não pertencem a famílias tradicionais (históricas), não se destacam como protagonistas econômicas e não aparecem em colunas sociais – mas transitam por espaços elitizados nos quais pretendem se estabelecer. A situação de anonimato deste grupo se evidencia quando contraposto aos outros agrupamentos (dentro do contexto local de visibilidade midiática e valorização da ancestralidade). Uma característica predominante dos anônimos é que os pais das pessoas entrevistadas se esforçaram para transmitir a elas uma ascensão socioeconômica. A partir de condições mais favoráveis do que aquelas de seus antepassados, os anônimos se dedicaram à própria formação profissional, e o trabalho ocupa um lugar central em suas vidas. Conseguiram, também, investir em capital cultural na tentativa de alcançar níveis hierárquicos maiores (educação em prol de maior remuneração e qualificação profissional). Curiosamente, consideram-se “pessoas privilegiadas” em termos de posição social porque possuem “uma boa qualidade de vida”, definem. A “qualidade” é medida pela posse de bens materiais, acesso a serviços particulares (saúde, educação, lazer) e conforto de suas residências e locais de trabalho; sua ascensão foi gradativa e, por

isso, ainda se esforçam para manter o status e os capitais conquistados (buscam estabilidade econômica e melhores posições sociais).

Enfim, espera-se que os aspectos analisados em cada nicho pertencente à elite local contribuam para uma compreensão das hierarquias simbólicas da sociedade juiz-forana. As formas de distinção incorporadas pelos entrevistados indicariam as estratégias utilizadas pelas pessoas em vista de atingirem posições hierárquicas superiores em relação às demais. Ainda que se trate de um recorte específico de Juiz de Fora, pode-se presumir que a valorização dos marcadores distintivos analisados aqui representaria um fator a ser considerado e aplicado a outras amostragens dessa elite juiz-forana – quiçá de todas as cidades de médio porte. Claro que não se trata de mera generalização, mas o exame das diferenças objetivas e simbólicas entre frações sociais existentes na cidade de Juiz de Fora levanta-se como uma chave de compreensão do atual estágio da sociedade brasileira no tocante à distinção social e à legitimação de hierarquias.

Referenciais e debates teóricos

Se os homens não têm ‘consciência de classe’ em todos os momentos e em todos os lugares, isso não quer dizer que ‘não haja classes’

Wright Mills, *A nova classe média*

*Social classes as well as individual members are constantly **rising and falling** in terms of relative wealth, power and prestige. [...] This tendency, in connection with the restrictions that are placed upon the **acquisition of status symbols, retards the rise** to social eminence of those who have lately acquired importance in power and wealth **and retards the fall** of those who have lately lost it. In this way the continuity of a tradition can be assured even though there is change in the kind of persons who maintain the tradition*

Erving Goffman, *Symbols of Class Status*

Conforme apresentado anteriormente, o trabalho de campo realizado nesta pesquisa de caráter exploratório delimitou-se a uma amostra da sociedade juiz-forana. A partir deste material empírico algumas hierarquias simbólicas se revelaram como uma forma de distinção entre as camadas de elite pesquisadas. Estas diferenciações hierárquicas são peculiaridades que definem as posições e as situações sociais nos grupos

de entrevistados. Desse modo, as hipóteses a serem testadas ao longo das análises (no decorrer dos capítulos sobre as entrevistas) serão as seguintes: 1) a projeção individual enquanto protagonista econômico levaria a um tipo de protagonismo dos emergentes nas mídias locais, visando manter a posição social conquistada; 2) a defesa da ancestralidade e do vínculo com a memória cultural da cidade seria a forma pela qual os tradicionais preservariam a posição social deixada de herança pelos antepassados.

Estes fatores distintivos serviriam para legitimar as fronteiras entre os segmentos pesquisados; funcionariam como referenciais para se considerar as amostras coletadas sem, necessariamente, enquadrar estas frações sociais em definições de classe social. Assim, nesta abordagem, as teorizações sobre classes servem de parâmetros norteadores utilizados sem perder de vista o contexto local; isto é, trata-se de abordar um recorte atual de parte da elite juiz-forana buscando seus aspectos hierárquicos diferenciadores. Desse modo, o pertencimento a grupos de elite de Juiz de Fora pode ser confirmado a partir da análise dos dados materiais e simbólicos (vida profissional/financeira, condições de residência, propriedades, cotidiano, práticas de lazer, visibilidade e reconhecimento).

No entanto, afirmar que os entrevistados *são* de classe média ou de classe alta é um passo largo demais para a amostragem não-quantitativa utilizada na pesquisa. Torna-se, inclusive, uma dificuldade utilizar qualquer classificação prévia, na medida em que o espaço social elitizado no qual se encontram os entrevistados poderia situar-se tanto num patamar de classe média quanto de classe alta (ou mesmo representar algo intermediário entre essas duas camadas). Assim, recusar a classificação dos entrevistados numa classe específica permite explorar mais os diferenciais pesquisados. E é justamente em torno dos diferenciais coletados nesta pesquisa que podem surgir esclarecimentos sobre as divisões da sociedade juiz-forana. Cabe, então, discutir algumas noções de classes sociais no intuito de reforçar a perspectiva adotada aqui a respeito desses grupos de elite.

O debate sobre classes é motivado, notadamente, pela dificuldade encontrada ao longo da pesquisa a respeito da localização dos entrevistados na sociedade juiz-forana: são pessoas pertencentes (ou aspirantes) à elite e que almejam conquistar os lugares mais altos da hierarquia social. É notável a ascensão vivenciada pelos entrevistados, o que indica certo trânsito por classes sociais diferentes nos três grupos analisados. Ante a suspeita de que se trata de uma combinação entre frações de classe média e de classe alta percebe-se a permeabilidade das fronteiras entre as classes. Ou seja, o espaço elitizado pode ser composto tanto por membros da grande burguesia quanto por pequenos

burgueses – para utilizar um linguajar comum nas pesquisas classistas (de Marx a Bourdieu) – e a proximidade entre esses grupos de elite levam a uma luta de classes tácita.

Antes de abordar as noções contemporâneas dessas disputas (notadamente em BOURDIEU, 2008), convém uma breve passagem pelos primórdios do debate teórico sobre classes sociais. Quando Karl Marx e Friedrich Engels afirmam que as lutas de classes movem a história de todas as sociedades (MARX; ENGELS, 1983, p. 365) eles, em certa medida, iniciam as análises sobre as estratificações modernas e associam o conceito de classe ao modo de produção de cada sociedade. Embora Marx termine *O Capital* sem responder à pergunta¹⁰ levantada por ele a respeito do conceito de classe, há indicações fragmentárias sobre o tema em outros escritos. Por exemplo, quando afirmam: “Os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que têm de travar uma luta comum contra uma outra classe”, eles forjam o conceito de consciência de classe, vinculando-o a determinações ideológicas; “a classe autonomiza-se face aos indivíduos, pelo que estes encontram já predestinadas as suas condições de vida; é-lhes indicada pela classe a sua posição na vida [...], e estão subsumidos na classe” (MARX; ENGELS, 1984, p. 83); a classe, nesta perspectiva, é uma ordenação fixa e em grande parte pré-determinada, ligada ao modo de produção material da vida.

O contexto vivido pelos autores, Revolução Industrial do século XIX, proporcionou a vinculação do conceito de classe ao sistema capitalista; mais ainda, vinculou a própria história da humanidade aos conflitos entre grupos distintos. Apesar da polarização da sociedade capitalista em duas classes opostas (Burguesia e Proletariado) não ter perdurado, e por mais que a noção de consciência de classe seja, hoje, uma ideia criticável, os aspectos de lutas e contradições permanecem e entranham-se nas instituições e interações sociais. Na verdade, a remissão à obra de Marx e Engels é apenas um preâmbulo deste assunto: uma forma de considerá-los precursores das teorizações sobre o tema, uma vez que os teóricos posteriores superam, complementam ou se contrapõem a suas ideias¹¹.

¹⁰ Eis a constatação do autor: “[...] em suma, os assalariados, os capitalistas e os proprietários de terras, constituem as três grandes classes da sociedade moderna baseada no seu modo capitalista de produção. [...] A questão que se propõe agora é esta: que constitui uma classe?” (MARX, 1980, pp. 1012-1013); Marx preocupa-se com a relação entre o trabalho dos indivíduos, os meios de produção, as rendas, as fontes das rendas e o lucro; o autor também pondera a respeito de outras “camadas médias e intermediárias”, que não se enquadrariam nessas divisões, e assim “obscurecem por toda a parte as linhas divisórias [...]. O mesmo se estenderia à imensa variedade de interesses e ofícios segundo os quais a divisão do trabalho social separa os trabalhadores, os capitalistas e os proprietários de terra; [...]” (Idem). São observações importantes (embora não aprofundadas) sobre a variação e a heterogeneidade inscrita nas classes sociais.

¹¹ Análises mais aprofundadas sobre a questão das classes sociais em Marx e Engels, dentre outros clássicos, encontram-se em GIDDENS, A. *A estrutura de classes nas sociedades avançadas*. Trad. Márcia Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1975; GIDDENS, A. *Política, Sociologia e Teoria Social: encontros com o pensamento clássico e contemporâneo*. Tradução de Cibele Saliba Rizek. São Paulo: Unesp, 1998; CODATO, A., PERISSINOTTO, R. *Marxismo como*

No Brasil, as análises de classe geralmente ressaltam as contradições e as desigualdades sociais geradas desde a colonização. Autores como Gilberto Freyre e Florestan Fernandes (entre outros) introduzem este debate no contexto brasileiro. Segundo Freyre (1985), as dualidades Casa-Grande/Senzala e Sobrados/Mucambos indicam as transformações ocorridas na estrutura de classe do Brasil Colonial para a República. O engenho, propriedade particular centralizadora e patriarcal, é substituído pela praça pública, e as ruas tornam-se o cenário da aristocracia urbana, dividindo espaços com elementos sociais emergentes. Isto provoca um “amalgamento” de *raças, classes e culturas* na sociedade brasileira (FREYRE, 1985, p. 355). A desintegração do sistema patriarcal rural é acompanhada de uma nova integração social, facilitada, segundo Freyre, por “elementos ou meios de intercomunicação entre os extremos sociais ou de cultura. De modo que os antagonismos que não foram nunca absolutos, não se tornaram absolutos depois daquela desintegração” (FREYRE, 1985, p. 659). A estrutura de classe no Brasil, de acordo com o autor, expressa um ajustamento entre partes opostas; porém, é um “ajuste” que gera consequências contraditórias e conflituosas.

Florestan Fernandes (2006), numa perspectiva diferente daquela de Freyre, analisa as contradições e os conflitos relacionados às revoluções da Independência e da República. Segundo o autor, as transformações históricas brasileiras envolvem sempre a conservação de antigos elementos estruturais: “Não há ruptura definitiva com o passado” (FERNANDES, 2006, p. 238); por isso, a “Revolução Burguesa” adquire um caráter contraditório ao combinar a necessidade de mudança e a reacionária permanência de antigos fatores feudais. Estas novas divisões sociais incluem as velhas hierarquias rurais, sacramentadas com as desigualdades do sistema patriarcal de dominação burguesa (reacionária e conservadora).

O caráter reacionário da burguesia brasileira, analisada por Florestan Fernandes, de certo modo afasta-se da ideia de que “A burguesia desempenhou na História um papel eminentemente revolucionário” (MARX; ENGELS, 1983, p. 367). Se o capitalismo, construído sobre os resquícios do feudalismo, passa por constante renovação, o mesmo seria aplicável à implementação desse sistema no Brasil? Segundo Fernandes as realizações da burguesia, ao contrário de representarem rupturas com o passado,

ciência social. Curitiba: Ed. UFPR, 2011; SANTOS, José Alcides Figueiredo. “A Teoria e a Tipologia de Classe Neomarxista de Erik Olin Wright”. Dados Print version ISSN 0011-5258; Dados vol. 41, n. 2. Rio de Janeiro, 1998 <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581998000200004>; WRIGHT, Erik Olin. “Social Class”. Forthcoming in Encyclopedia of Social Theory, edited by George Ritzer (Sage Publications) Department of Sociology - University of Wisconsin Madison. January 2003. Nota-se que se trata de um debate atual, pertinente e controverso.

reproduzem as antigas hierarquias sociais. Ainda que o declínio da sociedade estamental escravocrata da Casa-Grande e Senzala permita a formação de uma sociedade de classes com mobilidade (Sobrados e Mucambos), as desigualdades sociais são perpetuadas. Ao dizer que não há ruptura com o passado o autor denuncia o conservadorismo que mantém as mesmas estruturas do regime anterior. Assim, Florestan Fernandes se distancia do discurso pacifista da integração nacional, anunciado por Gilberto Freyre, ao mostrar que o capitalismo pós-colonial brasileiro consiste num sistema de dependência econômica sustentado pelas conflituosas desigualdades internas.

O pensamento de Freyre e Fernandes, porém, aproxima-se quando consideram que a desigualdade é um aspecto estruturante da sociedade brasileira: instala-se com o sistema colonial e permanece mesmo após mudanças políticas e econômicas significativas. As ruínas do patriarcado rural, analisadas por Freyre, recompõem-se após a modernização capitalista do país e constroem uma velha-nova ordem social; não apenas ajustando e acomodando as camadas sociais, mas sufocando grande parte da sociedade brasileira, conforme argumenta Florestan. Nota-se que a tônica da discussão sobre classe social no Brasil está na ênfase de uma estrutura de classe desigual e conflituosa. Devido a estas desigualdades o conceito de classe continua sendo conduzido pela ideia de lutas e choque de interesses em jogo nas interações sociais. Após as análises de Freyre e Florestan sobre a estrutura de classe brasileira no século XX, o que moveria a discussão sobre classes sociais no Brasil do século XXI? Parece que, na atualidade, tem-se um debate a respeito do crescimento das classes intermediárias e não necessariamente sobre o agravamento das desigualdades.

Um dos marcos da ideia de medianização da sociedade brasileira pode ser considerado o livro de Marcelo Neri (NERI, 2008; versão consultada: 2010) sobre a “evolução” das classes econômicas brasileiras no período de 2003 a 2009, no qual ele defende o surgimento de uma “nova classe média”. As classes são denominadas por ele na seguinte tipologia: “A, B, D, E, e por último e mais importante a C que batizamos em pesquisa anterior de nova classe média brasileira”, afirma, explicando que “estas classes são definidas pela renda per capita”, pelas fontes de trabalho e pelos bens de consumo (NERI, 2010, p. 07). Esta pesquisa aponta o potencial de consumo e o aumento do emprego formal como fatores demarcatórios da “classe C” que, segundo ele, é a nova classe média e representa a maioria da população brasileira (ver gráficos pp. 30-34 in: NERI, 2010, www.fgv.br/cps/ncm). Este trabalho é exemplar no sentido de assumir uma postura objetivista sobre as classes sociais, sendo exatamente isso o que esta pesquisa

procura evitar, pois Neri (2008, 2010) afirma a existência de fronteiras claras entre as classes e profere classificações construídas sobre números (usa apenas dados objetivos).

As variáveis utilizadas em suas pesquisas são índices relacionados a bens consumidos (principalmente eletrodomésticos), às condições materiais de residência (aluguel ou casa própria, número de banheiros, de cômodos, etc.), à escolaridade (nível básico, médio, superior) e à situação profissional dos membros da família (ver quadro da p. 78 in: NERI, 2010, www.fgv.br/cps/ncm). Evidente que não se trata de uma pesquisa sociológica; ao contrário, a ausência de análise reduz as classes sociais à materialidade empírica de dados compilados durante determinado período. Desse modo, o conceito de classe não é tematizado, mas tomado como um dado composto de variáveis externas mensuráveis. Esta abordagem transforma as classes sociais em composições estáticas e homogêneas, delimitadas por números e estatísticas. Conforme já mencionado, é uma visão objetivista que pouco contribui no tocante às divisões sociais brasileiras. Ainda assim, a publicação dos estudos de Neri (2008, 2010) é importante porque desencadeou um verdadeiro frisson acadêmico, uma reação materializada em pesquisas voltadas para refutar a ideia de nova classe média brasileira.

Nesse sentido, enquanto Marcelo Neri procura as classes sociais nos índices econômicos, Márcio Pochmann (2014) investe numa análise macrossociológica das classes inserida no debate político e socioeconômico da atualidade. Os alvos da investigação de Pochmann são elementos macroestruturais, como o Capitalismo, o Estado, a globalização, o neoliberalismo, entre outros fatores relacionados ao que ele chama de “mito da grande classe média” (POCHMANN, 2014). Ele considera que, até os anos 1970, a classe média vinculava-se ao desenvolvimento capitalista urbano e industrial e era composta por profissionais qualificados situados entre a aristocracia fundiária e os trabalhadores braçais (POCHMANN, 2014). Porém, de acordo com o autor, atualmente ocorre o esvaziamento dos empregos medianos em decorrência do aumento dos trabalhos informais e precários e do fortalecimento dos ricos; então, para ele, o resultado – aplicando seu próprio esquema interpretativo ao Brasil – é uma estrutura de classe polarizada e não medianizada (POCHMANN, 2014). Percebe-se que o autor analisa aspectos generalizados da estrutura de classe brasileira, sem se aprofundar em pesquisas empíricas de contextos sociais específicos para ilustrar suas constatações. Desta maneira, tanto o objetivismo apresentado por Neri quanto o economicismo presente nas argumentações de Pochmann são contrapontos à análise dos materiais aqui pesquisados: não interessa explorar nem o aspecto meramente objetivo e, menos, somente o

econômico. Claro que esses estarão materializados naquilo que pode ser visto e ouvido ao longo das entrevistas, mas da perspectiva aqui explorada, o simbolismo dos marcadores sociais são muito mais ricos e complexos do que dados estatísticos.

Antes de Pochmann e de suas conclusões generalizadas, Jessé Souza e equipe de pesquisadores (SOUZA et al., 2010) refutaram as pesquisas vinculadas às tendências exaltadoras da nova classe média brasileira. Souza questiona este fenômeno, classificando de “batalhadores” as pessoas que aumentaram suas rendas e jornadas de trabalho no recente crescimento econômico do país. São pessoas que ascenderam socialmente em relação à “ralé” (SOUZA et al., 2009), e passaram a consumir itens anteriormente inacessíveis a indivíduos de baixa renda, embora não possuam os capitais simbólicos das classes superiores (SOUZA et al., 2010). Com esta definição, os pesquisadores pressupõem que, no sentido tradicional, a classe média seria aquela que dominaria os capitais social e cultural disponíveis nas classes superiores, diferenciando-se, em suas práticas, da classe trabalhadora (pequenos comerciantes e trabalhadores de empregos precários) e das classes inferiores (pobres e miseráveis). Estas conclusões estão embasadas em trabalhos empíricos em campos que representariam a ascensão econômica de parte da sociedade brasileira.

Entretanto, estas pesquisas também não responderiam aos questionamentos e às dificuldades aqui encontradas quanto a localizar globalmente a amostragem analisada (espaços elitizados juiz-foranos). Em certa medida o conceito de classe (qualquer que seja a sua localização: baixa, média, alta, etc.) continua sendo uma aproximação relativa e um pressuposto estabelecido como ponto de partida daquilo a ser pesquisado; noutras palavras, ter de antemão uma compreensão classista é decidir, antes de ir a campo, aquilo que se pretende comprovar. No caso das pesquisas mencionadas (SOUZA et al., 2010), buscar no trabalho de campo os “batalhadores” resume-se a uma fórmula para confirmar os próprios pressupostos. Por outro lado, o conceito de classe é difícil de ser abandonado porque não se pode negar que a sociedade brasileira seja estratificada em ordenações desiguais e heterogêneas; mas é fácil consentir que aquilo que se considera *classe social* é um conglomerado que engloba, além dos aspectos objetivos e simbólicos, a *(in)consciência* que os personagens entrevistados têm de seus contextos.

De todo modo, afirmar ou refutar a medianização da sociedade brasileira não resolve as dificuldades suscitadas nesse trabalho. Enquadrar os materiais numa classificação previamente definida seria uma decisão simples: bastaria considerar as pessoas entrevistadas como representantes da classe média alta (ou de qualquer outra

classe), decisão que transformaria a análise numa abordagem reducionista, afinal os materiais reunidos dão margem para uma interpretação muito mais rica e abrangente, que desvela aspectos e imbricações dialéticas presentes *dentro* daquilo que, numa visão classista, seria mera homogeneidade. O mesmo pode ser dito sobre a denominação já contextualizada de espaço social elitizado: não se trata de homogeneizar a noção de elite e sim apontar as suas heterogeneidades implícitas. Se os autores mencionados (Neri, Pochmann e Souza) apresentam suas pesquisas como verdadeiras decifrações da sociedade brasileira (repletos de certezas e comprovações), essa não será a perspectiva deste trabalho. Ao contrário de querer decifrar ou descobrir uma (nova) classe social, o que se pretende é elucidar algumas características específicas do recorte social investigado; noutras palavras, trazer à tona os conflitos e disputas sociais a partir dos diferenciais hierarquizadores no contexto da sociedade juiz-forana.

Em relação à formação de hierarquias sociais, as discussões sobre estratificações destacam, geralmente, os confrontos entre as elites dominantes e as classes intermediárias; estas, para Marx e Engels, são classes conservadoras e, sobretudo, reacionárias, “pois pretendem girar para trás a roda da História” (MARX; ENGELS, 1983, p. 373). Segundo José Alcides dos Santos (1998), “As localizações de ‘classe média’ são pensadas como localizações contraditórias e localizações privilegiadas de apropriação entre os empregados” (SANTOS, 1998, p. 08). Trata-se de uma tipologia de Erik Olin Wright (1997 citado por SANTOS, 1998) para a relação *capital/trabalho* na atualidade, englobando categorias que não se enquadram na clássica divisão burguesia-proletariado. Santos afirma que a classe é um “conceito relacional” (SANTOS, 1998, p. 03), pois está vinculado às relações sociais que apontam as tendências de localização dos indivíduos nas classes por meio das categorias de trabalho (ascensão econômica).

A formação de classes ascendentes e a construção de estilos de vida diferenciados (hierarquias simbólicas) não são temas atuais – ainda que estejam tão em evidência na atualidade. De fato, esta temática é discutida por C. Wright Mills (1976) no início do século XX nos Estados Unidos, e apresenta algumas semelhanças com o que se mostrou anteriormente sobre o contexto brasileiro (ref. FREYRE, 1985 e FERNANDES, 2006). Segundo Mills (1976), com a decadência dos grandes latifundiários e as crises no meio rural, inicia-se um processo de urbanização no qual se destacam os novos empresários e os profissionais assalariados, basicamente os não-proprietários. São pessoas qualificadas para funções específicas de trabalho intelectual e que ocupam cargos relacionados à administração de negócios em empresas, comércios e serviços.

Para Mills, a característica mais visível destes trabalhadores é o fato de usarem roupas formais ou de passeio: eles trajam colarinhos brancos (*white collars*) e não vestem uniformes padronizados, como os operários das fábricas e indústrias, os trabalhadores braçais. Os colarinhos brancos formam a nova classe média norte-americana por representarem uma camada intermediária entre os grandes proprietários (ricos empresários e grandes industriais) e os membros das classes trabalhadoras (MILLS, 1976, p. 67). Segundo o autor, a formação desta classe relaciona-se à urbanização do período pós-revolução industrial, que demanda um tipo de mão-de-obra qualificada para exercer cargos administrativos. Os membros da nova classe em ascensão não possuem “consciência de classe” (MILLS, 1976), nem direcionamentos políticos homogêneos, nem identidade de classe, pois “não sabem para onde ir. [...] Podem ser politicamente suscetíveis, mas não têm qualquer paixão política. Formam um coro, medrosos demais para protestar, histéricos demais em suas manifestações de aprovação. Constituem uma retaguarda” (MILLS, 1976, p. 371). Esses grupos ascendentes formam uma classe conservadora na qual seus membros atuam conforme seus interesses individuais; interessante ressaltar que, neste ponto, Marx e Mills concordam (conservadorismo), e que a formação de elites em qualquer sociedade capitalista resulta, precisamente, dessas camadas em ascensão socioeconômica.

Com o crescimento desta nova classe, no contexto apresentado por Mills, ocorreu a substituição do sistema de relações pessoais pela “impessoalidade” do mercado (MILLS, 1976). Para o autor, a passagem do século XIX ao XX é marcada pela mudança de autoridade nas relações econômicas e políticas: “A manipulação impessoal é mais insidiosa do que a coerção justamente porque é oculta; não é possível localizar o inimigo e declarar-lhe abertamente guerra. Os alvos de ataque não são conhecidos, e os homens não têm mais certeza” (MILLS, 1976, p. 129). Esta luta não-declarada entre classes é acentuada pela diferenciação entre os *white collars* e os trabalhadores braçais em decorrência do prestígio atribuído a cada tipo de trabalho. As ocupações profissionais “acarretam certa dose de *prestígio*; e são também relevantes para o *status* do indivíduo” (MILLS, 1976, p. 91). O prestígio e o status expressam a situação de classe relacionada a posições distintivas, que permitem alcançar níveis hierárquicos superiores.

No caso das classes ascendentes, o prestígio e o status resultam diretamente do tipo de ocupação que possuem e pela forma de se inserir no mercado de trabalho. Em relação ao comportamento destas classes, Max Weber (1981) resalta alguns atributos

instituídos pela burguesia em ascensão e gradativamente diluídos na sociedade¹²: capacidade de concentração mental, sentimento de obrigação para com o próprio trabalho, atitude calculista, autocontrole e frugalidade (WEBER, 1981, p. 40). Apesar de não afirmar diretamente que se trata do surgimento de uma nova classe média, como afirma Mills (1976), Weber (1991) mostra como se constituem as situações de classe a partir de três aspectos: “1) abastecimento de bens; 2) posição de vida externa; 3) destino pessoal” (WEBER, 1991, p. 199). Weber define classe social como a “totalidade daquelas situações de classe *entre* as quais uma mudança pessoal ou na sucessão de gerações é facilmente possível e costuma ocorrer tipicamente” (WEBER, 1991, p. 199). A classe proprietária é “positivamente privilegiada” (WEBER, 1991, p. 199) no sentido de monopolizar o abastecimento dos bens de consumo e as oportunidades de formação de capital. Em relação às classes médias Weber define-as como intermediárias entre as classes proprietárias privilegiadas e desprivilegiadas, formadas por pessoas que “dispõem de propriedade ou qualidades de educação e daí obtém sua renda” (WEBER, 1991, p. 200); nessa análise weberiana percebe-se que o aspecto ascendente surge como uma peculiaridade das camadas que buscam possuir os privilégios das classes proprietárias.

Neste ponto surgem mais indagações a respeito da divisão das sociedades em classes distintas, especialmente no que se refere às generalizações dos conceitos. Afinal, qual a diferença entre a nova classe média analisada por Mills no início do século XX nos Estados Unidos e a suposta nova classe afirmada ou negada pelos pesquisadores brasileiros do século XXI? Existe algo comum nas duas análises, quais sejam, o Brasil do século XXI e os Estados Unidos do século XX? Em outras palavras: não seria meramente um fenômeno típico das sociedades capitalistas nas quais há sempre classes em ascensão, enquanto outras entram em declínio ou estagnação? Estas questões incentivam, novamente, a pesquisar aspectos da sociedade juiz-forana evitando os pressupostos a respeito das classes, visto que se trata de um conceito, para não dizer mais, discutível¹³.

¹² Esses atributos são considerados por Weber disposições ou *ethos* do que ele nomeia de espírito do capitalismo (WEBER, 1981). Numa abordagem parecida sobre o assunto, Georg Simmel (2005) considera que a modernidade gera uma percepção temporal marcada pelas relações entre as pessoas e os bens materiais, mais especificamente com o dinheiro. A necessidade de estabelecer metas a serem cumpridas e o sentimento de obrigação com os objetivos traçados se combinam para formar o que ele define como uma peculiaridade moderna: “Podemos aprender da consideração do dinheiro [...] que a formação da vida econômica influencia, profundamente, a situação psíquica e cultural de uma época” (SIMMEL, 2005, p. 39).

¹³As discussões atuais sobre classe social giram, notadamente, em torno de seus aspectos imateriais e simbólicos; para maior aprofundamento nesse debate conferir: BERTONCELO, Edison Ricardo. “As classes na teoria sociológica contemporânea”. BIB, n. 67, pp 25-49, São Paulo, 2009; “Classes e práticas sociais”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 28, n. 81, pp. 185-211, São Paulo, 2013; dentre outros autores que discutem o assunto na atualidade.

Outro motivo de optar por não aderir ao debate sobre a medianização da sociedade brasileira (seja contra ou a favor) é que esta discussão já apareceu na sociedade francesa dos anos 1970 e, também ali, não parece ter alcançado grandes conclusões. Cabe então manter uma postura de desconfiança crítica e, nesse sentido, a análise de Louis Chauvel (2006) é, no mínimo, provocadora: ele pergunta se as classes sociais estão realmente “mortas”, e apresenta o panorama desta discussão na França. Segundo o autor, há duas tendências principais em jogo neste questionamento: a definição marxista de classe social, que envolve relações de dominação e exploração, e a definição weberiana, relacionada a grupos de indivíduos compartilhando a mesma posição social e estilos de vida semelhantes (CHAUVEL, 2006). Em sua argumentação, a hipótese sobre o fim das classes sociais surge após 1968, com Raymond Aron e Robert Nisbet¹⁴; Aron e Nisbet, de acordo com Chauvel, argumentam que a economia pós-industrial gera categorias profissionais relacionadas a serviços e ao setor terciário por meio das quais os trabalhadores atingiriam, gradativamente, a “classe média”. Diminuindo a população de proletários instalar-se-ia a *Moyennisation* da sociedade, ou seja, um alargamento da classe média. Consequentemente, para os autores supracitados, seria possível defender a “morte” paulatina das classes devido ao declínio da classe trabalhadora e ao aumento dos profissionais qualificados¹⁵.

Chauvel afirma que no período de 1945 a 1980 as teorias sobre classe social, notadamente a tendência francesa de *Moyennisation*, focaram na diminuição das desigualdades e no maior acesso ao consumo. Ora, isso é o mesmo argumento defendido por alguns pesquisadores brasileiros. Porém, estas visões desconsideram que não foi estabelecido um sistema igualitário. O autor argumenta que investigar as classes sociais significa focar no “comportamento real das pessoas” (CHAUVEL, 2006), nas posições objetivas e nas representações subjetivas. Então, neste estudo sobre as diferenças entre as frações sociais (elitizadas) juiz-foranas, o referencial a ser seguindo é uma teorização que não se reduza à comprovação de pressupostos ou a noções macrossociológicas; busca-se, assim, opor-se à dualidade objeivista/subjetivista sobre as classes, conforme afirmam os autores Michel Pinçon e Dominique Pinçon-Charlot:

14 Referências dos autores citados: ARON R., 1969, *Les désillusions du progrès, essai sur la dialectique de la modernité*, Paris, Calmann-Lévy; NISBET R., 1959, *The Decline and Fall of Social Class*, Pacific Sociological Review.

15 Depois surgem as categorias socioprofissionais (CSP, *catégorie socio-professionnelle*) como esquemas classificadores na França; esta nomenclatura é atualizada em 1982 como PCS (*Profession et catégorie socioprofessionnelle*); a ideia destas classificações é oferecer um parâmetro de hierarquização da sociedade a partir do trabalho. Ver CHAUVEL, *Du pain et des vacances: La consommation des catégories socioprofessionnelles s'homogénéise-t-elle (encore?)* www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfsoc_0035-2969_1999_num_40_1_5148

Dans l'approche des classes sociales il semble nécessaire de différencier, mais aussi de tenir ensemble, deux dimensions à la fois complémentaires et partiellement indépendantes, l'exploration et la domination. La première renvoie à la classe en soi. Elle existe quelle que soit la conscience qu'en ont les agentes en fonction de leur place dans les rapports de production. La seconde est un rapport qui passe par les consciences, par les perceptions et les représentations et par une forme de capital spécifique, le capital symbolique. Ce rapport est donc à la fois la prise de conscience, plus ou moins élaborée, de la place réellement occupée dans l'espace social, et les représentations auxquelles conduit cette perception (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 117 – grifos meus).

Se a mobilidade social e o surgimento de classes ascendentes é um acontecimento comum nas sociedades capitalistas, a contextualização deste fenômeno permite compreender as formas de diferenciações construídas neste processo. Interessa perceber as diferenças que dividem a sociedade em classes ainda que, empiricamente, elas só possam ser visualizadas quando incorporadas pelas pessoas; e somente a partir daí passam a expressar as demarcações sociais. Este é o ponto crucial do debate proposto aqui: decidiu-se nesse trabalho por não assumir como pressuposto o pertencimento ou a classificação em termos de classe social das pessoas entrevistadas. No entanto, esta decisão não implica no abandono das teorizações sobre classe; o que está em questão é a necessidade de se fixar previamente os indivíduos antes mesmo de explorar suas peculiaridades e interações sociais. É assim que a separação das entrevistas em três grupos de elite distintos se fez muito mais em razão dos elementos materiais e simbólicos analisados do que pressupondo uma classificação prévia para os entrevistados.

No debate sobre classes e formas de classificação proposto aqui, Pierre Bourdieu é uma referência imprescindível: o autor contribui para elucidar a ideia de que nesta pesquisa exploratória sobre os aspectos diferenciais de uma parcela da sociedade juiz-forana o objetivo é de construir um perfil (ou perfis) aproximativo(s) da realidade social estudada (um campo social composto de elites). Ou, nas palavras do autor:

Tentar apreender as regras do jogo da divulgação e da distinção segundo as quais as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar por seu aspecto econômico, a distinções simbólicas, e muito menos, reduzir as relações de força a puras relações de sentido. Significa optar por acentuar *explicitamente*, com fins heurísticos, e ao preço de uma abstração que deve revelar-se como tal, **um perfil da realidade social que, muitas vezes, passa despercebido, ou então, quando percebido, quase nunca aparece enquanto tal** (BOURDIEU, 1982, p. 25 – grifos meus).

Trata-se de realizar um estudo sistemático de um caso particular (recorte da sociedade local) e a partir das diferenças objetivas identificar as “distinções reconhecidas” (BOURDIEU, 2013, p. 111). Ainda, observar analiticamente as relações sociais no contexto pesquisado é uma forma de retraduzir as marcas distintivas empregadas pelos agentes e traçar alguns perfis desta sociedade.

Um exemplo de investigação voltada para identificar as distinções entre grupos sociais elitistas é a pesquisa de Diana Nogueira de Oliveira Lima (2008); trata-se de um estudo sobre pessoas em ascensão econômica, os “emergentes”, que são considerados socialmente os novos “emblemas de sucesso” (OLIVEIRA LIMA, 2008, p. 113) – conforme já explicado a respeito das diferenças entre uso do termo emergente empregado aqui e a utilização consagrada que o associa aos “novos ricos”. A autora pesquisou pessoas que ascenderam de camadas inferiores em busca de um posicionamento superior na hierarquia social. Estes emergentes mobilizam capitais distintivos semelhantes aos grupos aqui divididos (pessoas de projeção nas mídias locais que dominam os capitais econômico e social). No caso da pesquisa de Oliveira Lima a divisão contrapõe os emergentes e a elite tradicional no contexto do Rio de Janeiro. A ascensão dos emergentes, moradores da Barra da Tijuca, provocou uma relação conflituosa entre os ricos tradicionais, aqueles “de berço”, e os novos personagens da alta sociedade carioca. Já no contexto de Juiz de Fora, considerando as frações sociais pesquisadas, o que se percebe nas disputas distintivas é a afirmação de trajetórias pessoais “bem-sucedidas”: há uma elite que valoriza seus sobrenomes tradicionais, e aqueles que também protagonizam espaços elitizados e se destacam nas colunas sociais locais.

No mesmo sentido, a pesquisa de Carolina Pulici (2010) também aborda as lutas simbólicas internas às camadas sociais abastadas: lutas em relação ao gosto legítimo ou ilegítimo. Segundo a autora, a legitimação envolve disputas em torno dos julgamentos de gosto: “batalhas pela imposição de um estilo de vida legítimo” (PULICI, 2010, p. 297). Os conflitos internos à “classe alta” paulistana, pesquisados por Pulici, mostram que as relações de força legitimam as distinções entre os ricos de sobrenomes tradicionais e os novos ricos, sem sobrenomes reconhecidos; por isso “o gosto (cultural e/ou mundano) participa dos processos de distinção social, induzindo à formação de barreiras e à manutenção da ordem simbólica estabelecida” (PULICI, 2010, p. 297). Mas nem sempre os investimentos para incorporar os padrões considerados legítimos atingem o resultado almejado; de acordo com Pulici, a tentativa de se adequar a um estilo de vida consagrado pela alta burguesia tradicional de São Paulo ainda gera constrangimentos: “a oposição

estrutural entre o distintivo e o vulgar permanece vigorosa” (PULICI, 2010, p. 297). Esta oposição define o gosto legítimo e suas práticas correspondentes manifestam-se na própria estilização da vida.

As pesquisas de Diana Oliveira Lima e Carolina Pulici contribuem para essa pesquisa no que se refere à análise sociológica de estilos de vida distintivos em campos elitizados; ou seja, a hipótese a ser investigada nas frações sociais pesquisadas seria de que as pessoas buscam a distinção através de estilos de vida que exaltam suas trajetórias individuais e tentam ostentar visibilidade e importância para a história da cidade. Quanto aos processos distintivos Pierre Bourdieu afirma que eles criam uma “distinção sem intenção de distinguir-se” (BOURDIEU, 2008, p. 233), sentença que resume a luta dissimulada por legitimidade e dominação social. A dissimulação é uma atitude de denegação, no sentido de negar aquilo que se quer afirmar (por exemplo, criticar a ideia de superioridade dos sobrenomes tradicionais e, ao mesmo tempo, defender a importância da própria família para a história de Juiz de Fora).

A busca por distinção produz a diferença entre práticas socioculturais consideradas legítimas e ilegítimas: “Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o *mundo social representado*, ou seja, o *espaço dos estilos de vida*” (BOURDIEU, 2008, p. 162). A estilização da vida em busca de se distinguir é um dos temas pesquisados por Bourdieu em *A distinção* (BOURDIEU, 2008), ao mostrar o processo de refração dos padrões da alta burguesia nas camadas pequeno-burguesas¹⁶. Neste processo os membros das classes “cultivadas” dominam a arte da estilização da vida, e a pequena burguesia se espelha no padrão dominante, ao mesmo tempo em que tenta se distinguir dos trabalhadores braçais (camadas inferiores).

Nos casos pesquisados no contexto juiz-forano, ainda que não representem as mesmas dimensões compreendidas por Bourdieu na alta sociedade francesa, percebe-se que alguns entrevistados procuram se diferenciar cultivando capital cultural em suas práticas: a maioria pretende se distanciar das classes trabalhadoras, principalmente porque uma parte de seus antepassados ascendeu socialmente destas camadas; a busca por capitais distintivos também aparece na estilização do lazer (há entrevistados que

¹⁶ Neste ponto torna-se possível retomar o diálogo entre os autores apresentados, mostrando um entrelaçamento entre eles: Marx (1983, 1980, 1984), Freyre (1985), Fernandes (2006), Mills (1976) e Weber (1981, 1999) partem de perspectivas diferentes para mostrar que a formação das classes sociais envolve lutas devido à desigualdade social, mudanças nas relações de produção (capital/trabalho) e processos de interiorização de disposições voltadas à ascensão socioeconômica; esse percurso teórico, longe de esgotar o debate, é uma argumentação para chegar ao referencial que sustenta esta pesquisa – as críticas e as contribuições de Bourdieu (2008, 1982, 1989, 2002, 1994) sobre o assunto.

realizam viagens internacionais por países exóticos, frequentam praias como Búzios-RJ, viajam para frequentar cinema, teatro e exposições de arte em São Paulo e no Rio de Janeiro, conhecem e valorizam uma gastronomia sofisticada, ostentam conhecimentos artísticos e históricos, entre outras formas de mostrar distinção).

A formação de um estilo de vida ocorre numa “adesão imediata, inscrita no mais profundo dos *habitus*, aos gostos e aversões” (BOURDIEU, 2008, p. 75). Os estilos construídos são “escolhas” relativas a condições e posições sociais; elas se instituem como “necessidade tornada virtude”, ou seja, uma “escolha do necessário” (BOURDIEU, 2008, p. 350). Transformar a necessidade em virtude refere-se à justificativa elaborada para as ações e as preferências pessoais. Os bens possuídos, as práticas e o estilo de vida são marcas distintivas e escolhas necessárias. Segundo o autor, “A loucura de uns é a necessidade primordial dos outros [...]: um grande número de despesas que, segundo se diz, são ostensivas, nada têm a ver com um desperdício e [...] são quase sempre [...] uma excelente aplicação que permite acumular capital social” (BOURDIEU, 2008, p. 351). Tais “loucuras” ou práticas “normais” seguem o *princípio de conformidade* (BOURDIEU, 2008, p. 357) e servem para definir o que é considerado razoável ou absurdo em cada estilo de vida.

O conformismo de transformar a necessidade em virtude, assumir exatamente aquilo que é esperado, manifesta-se em todas as demonstrações de autoafirmação. Nota-se esta conformidade, por exemplo, no discurso de uma entrevistada que diz não “querer” viajar para outros países (é uma escolha ou uma limitação econômica?); outra afirma que a família é seu “maior patrimônio” (valorização dos laços afetivos ou ausência de bens patrimoniais?); ou nas afirmações, também citadas nas entrevistas, do tipo: “amo tudo que tenho” (pode-se ‘amar’ o que não se ‘possui’ em termos de bens materiais ou seria mais fácil transformar as próprias limitações em dádivas?), “adoro meu trabalho” (porque não tem outro ou por que precisa aguentar os percalços e as dificuldades comuns a quem trabalha?), “não faço planos” (porque não necessita ou não conseguiria realizá-los?), “o que eu quero do meu trabalho é reconhecimento e gratidão” (altruísmo ou falsa modéstia?), “honestidade foi o grande valor que o meu pai passou” (porque aprecia valores éticos ou porque não herdou riquezas materiais?). São justificativas que fundamentam seus estilos de vida: alguns estilos se caracterizam pela escassez relativa de recursos materiais, outros pelas facilidades (financeiras) que possuem, e alguns se apegam à posição hierárquica ocupada na sociedade (mas na maior parte dos casos há uma combinação de vários elementos).

As diferenças entre os grupos de entrevistados são observadas em suas práticas, nos atos irrefletidos desempenhados. Estas diferenciações de estilos de vida são disputas não-declaradas e não-conscientes, naturalizadas sem que se estabeleça uma transmissão coordenada ou intencional. De fato, os indivíduos interiorizam as categorias de percepção relacionadas às estruturas objetivas de cada espaço social, e este processo cria os limites instituídos nas interações sociais:

[As categorias de percepção] levam os agentes a tomarem o mundo social tal como ele é, a aceitarem-no como natural, [...]: o sentido da posição como sentido daquilo que se pode ou não se pode ‘permitir-se a si mesmo’ implica uma aceitação tácita da posição, um sentido dos limites (‘isso não é para nós’) ou, o que é a mesma coisa, um sentido das distâncias, a marcar e a sustentar, a respeitar e a fazer respeitar [...] (BOURDIEU, 1989, p. 141).

Estas categorias de percepção, ou esquemas classificatórios, geram um *sensu práctico*, “um sistema de aquisições de preferências, de princípios de visão e divisão de mundo” (BOURDIEU, 1994, p. 45 – tradução minha). O *sensu práctico* orienta a percepção e as ações desempenhadas no jogo social; e os esquemas classificatórios legitimam as divisões sociais criadas pelos diferentes estilos de vida.

A demarcação dos limites forma uma “di-visão” de mundo (BOURDIEU, 1998, p. 108) na qual se constroem estigmas e limites simbólicos. Nesse sentido, segundo Michel Pinçon e Dominique Pinçon-Charlot (2000) o pertencimento a uma camada hierárquica superior é observado na “importância dos patrimônios transmitidos” e, “na burguesia, mais do que em qualquer outra classe”, a transmissão ocorre “através de ritos de instituição” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 28 – tradução minha). Na combinação de patrimônios materiais e imateriais possuídos “se opera o trabalho da magia social que transforma os privilégios em qualidades inatas, inerentes ao indivíduo” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 26 – idem). Neste processo as disposições são naturalizadas na medida em que são transmitidas pelos ritos de instituições; os ritos instituem critérios seletivos de identificação para incluir ou excluir quem pertence ou não ao grupo; eis a segregação social.

A defesa da *logique méritocratique* também é uma forma de instituir demarcações simbólicas. Ela ocorre numa “concepção de sociedade na qual se busca como finalidade o triunfo de uma trajetória” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 14 – tradução minha). No ambiente elitista pesquisado a ascensão social é considerada pelos entrevistados uma trajetória de sucesso transmitida por seus ancestrais, como uma

herança; e esta será retransmitida a seus descendentes. Isto forma, nestes agrupamentos, um processo contínuo de ascensão socioeconômica. É por isso que, para ascender hierarquicamente, os entrevistados investem em formação educacional; a partir daí conseguem acessar capitais úteis para a entrada no mercado de trabalho e para o sucesso profissional, uma vez que a ascensão dependerá, em algumas situações, da articulação entre os contatos sociais e a qualificação pessoal. Neste aspecto, parte das mudanças ocorridas na sociedade francesa dos anos 1970 se deu devido à “superprodução de diplomas” (BOURDIEU, 2008, p. 134), com a expansão do acesso ao sistema escolar. Porém, além de diplomas, as trajetórias ascendentes precisam de capitais simbólicos não disponíveis a todos os diplomados. Forma-se uma “luta contra a desclassificação” (BOURDIEU, 2008, p. 142) na qual o investimento ocorre sem garantias – é uma aposta dos pais na sorte dos filhos:

Toda existência do pequeno-burguês ascendente é antecipação de um futuro que [...] será vivido apenas por procuração, por intermédio dos filhos, para quem ele ‘transfere, como se diz, suas ambições’. Espécie de projeção imaginária de sua trajetória passada, o futuro ‘sonhado por ele para os filhos’ e no qual se projeta desesperadamente, engole seu presente (BOURDIEU, 2008, p. 331).

Esta atitude do pequeno-burguês, de renunciar o presente em prol do futuro, é reativa porque ele se nega a desfrutar dos seus investimentos; e é ressentida por sacrificar-se em nome dos herdeiros que desfrutarão dos benefícios. Na tentativa de acumular capitais social e cultural via educação formal, o incentivo ao sucesso é transmitido ao longo das gerações. Um caso exemplar é de um entrevistado que considera o filho um “pequeno empresário” e o incentiva a investir desde cedo em sua *network*; e de uma entrevistada com problemas financeiros, mas que prioriza a formação das filhas “nas melhores escolas particulares”, independentemente de seu custo. O mesmo ocorre com a maior parte dos entrevistados, sobretudo dentre os anônimos.

Os agrupamentos pesquisados encontram-se num campo elitizado composto por diferentes subcampos do mundo social. Porém, não constituem uma classe social; ocorre que as diferenças entre esses grupos de elite apontam para uma localização imprecisa em termos classistas. Conforme argumentou-se trata-se de indivíduos que transitam no limiar das classes intermediárias em direção à classe alta, formando uma elite bastante heterogênea. Tais grupos não são mobilizados em vista de um único objetivo comum, não atuam contra uma camada específica, nem a favor de causas únicas, e não são

aglomerações homogêneas; no entanto apresentam aspirações e condições sociais parecidas. Daí, evitar o enquadramento dos entrevistados numa classe específica torna-se a prerrogativa metodológica dessa pesquisa.

Em relação às posições e situações na sociedade, Bourdieu rejeita categoricamente as polarizações objetivistas e subjetivistas: as primeiras “identificam as classes sociais [...] com grupos discretos, simples populações suscetíveis de enumeração e separadas por fronteiras objetivamente inscritas na realidade”, enquanto que as segundas “reduzem a ‘ordem social’ a uma espécie de classificação coletiva obtida pela agregação das classificações individuais” (BOURDIEU, 2008, p. 447).

Nem determinação econômica (objetiva) nem autoclassificação (subjetiva): as classes ultrapassam estas delimitações. Podem ser consideradas *entes* vivos, no interior dos quais ocorrem, continuamente, transformações; objetivar ou subjetivar acaba por mascarar a riqueza dos fenômenos sociais, cristalizando-os. Por isso Bourdieu afirma em tom de controvérsia: “a *diferença* (que eu exprimo falando de *espaço social*) existe, e persiste. Mas é preciso para tanto aceitar ou afirmar a existência das classes? Não. As *classes sociais não existem* [...]. Existe um espaço de diferenças, no qual as classes existem [...], não como um dado, mas como *qualquer coisa que se move*” (BOURDIEU, 1994, p. 28 – tradução minha). Para Bourdieu as pesquisas sociológicas devem se deter sobre os “espaços sociais no interior dos quais podem ser decompostas as classes” (BOURDIEU, 1994, p. 54 – idem). Enfim, esta é a perspectiva assumida na pesquisa, ao dividir uma parte da alta sociedade juiz-forana em três espaços sociais. Os elementos diferenciadores encontrados nos grupos e mesmo a ausência destes fatores mostram que há divisões e desigualdades resultantes dos marcadores distintivos, pois as pessoas aqui entrevistadas *se movem* por espaços sociais diversos, que superam as fronteiras fictícias de categorias fixas.

Contexto de Juiz de Fora

DECLARAÇÃO DE AMOR (Imagens de Juiz de Fora)

*Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Guardo entre as minhas recordações
Mais amáveis, mais repousantes
Tuas manhãs!*

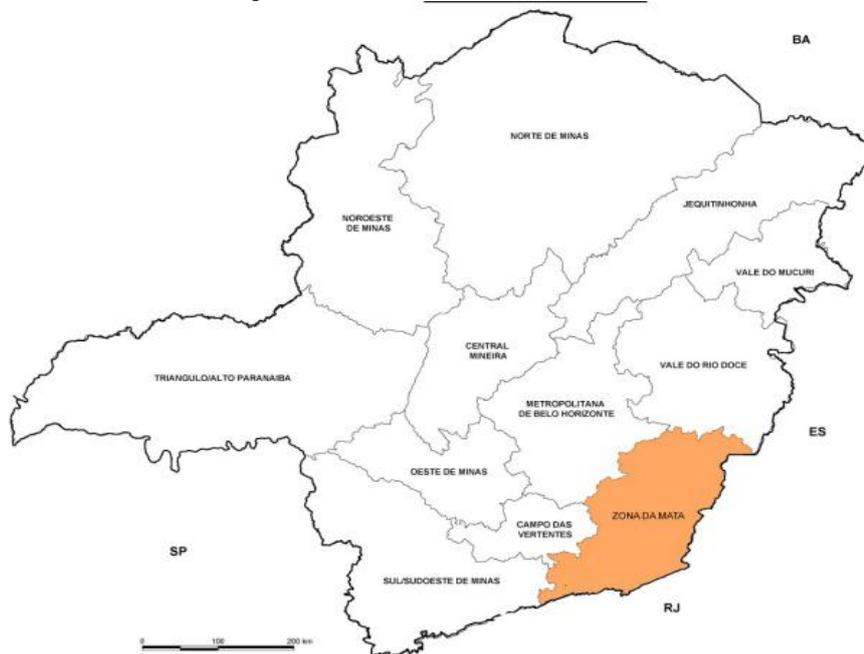
*Um fundo de chácara na Rua Direita
Coberto de Trapuerabas
Uma velha jabuticabeira cansada de doçura
Tuas três horas da tarde...*

*Tuas noites de cineminha namorisqueiro...
Teu lindo parque senhorial mais segundo reinado do
que a própria Quinta da Boa Vista...
Teus bondes sem pressa dando voltas vadias...*

*Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Tu tão de dentro deste Brasil!
Tão docemente provinciana...
Primeiro sorriso de Minas Gerais!*

Manuel Bandeira

Imagem 1: MAPA REGIONAL DE MINAS GERAIS – destacando a região da Zona da Mata na qual se localiza a cidade de Juiz de Fora.¹⁷



A formação de Juiz de Fora remete aos meados do século XIX, período imperial brasileiro, entre a Proclamação da Independência e a da República. A proximidade geográfica com a capital da época, Rio de Janeiro, proporcionou a ocorrência de diversas

¹⁷ Todas as referências das imagens (links) encontram-se na bibliografia.

visitas de Dom Pedro II à Juiz de Fora (conf. GENOVEZ, 1998); numa dessas expedições, em 1861, o imperador veio com o objetivo de inaugurar uma importante rodovia (a Estrada União e Indústria); e sua própria presença era uma demonstração de poder: “uma *ponte* entre o império e a região [da Zona da Mata]” (GENOVEZ, 1998, p. 06). O morro visitado pela corte imperial foi posteriormente nomeado Morro do Imperador, no qual foi construído um mirante, uma capela e um Cristo Redentor (ver imagens na sequência do trabalho) em homenagem à presença imperial na cidade.

Antes da fundação de Juiz de Fora, por volta de 1820, havia nesta região um povoado chamado Santo Antônio do Paraibuna, transformado em vila em 1853, quando se inicia o período de crescimento da cidade. Nesta época, um “Juiz de Fora”, magistrado nomeado pela Coroa para atuar onde não havia “Juiz de Direito”, hospedou-se nos arredores deste povoado; tal fato originou o nome da cidade, nomeada oficialmente em 1865¹⁸. Predominava a cafeicultura, mas esta região da Zona da Mata também desempenhou um papel importante na mineração, devido ao Caminho Novo, principal ligação entre as minas de ouro (especialmente Vila Rica, atual Ouro Preto) e o porto do Rio de Janeiro (ver, a seguir, imagens dos mapas do Caminho Novo e da Estrada Real).

A cidade também se beneficiou do momento da imigração de europeus para o Brasil; e novamente sua localização estratégica em relação ao Rio de Janeiro facilitou a vinda de importante contingente para Juiz de Fora. Devido ao fluxo migratório vindo da serra de Petrópolis e Teresópolis, a sociedade juiz-forana formou-se a partir do convívio entre grupos étnicos e culturais de alemães, italianos, portugueses, sírios e libaneses – sem esquecer de que já havia uma população local de cafeicultores e de negros ainda escravos no início da fundação da cidade. Sobre este tema, Célia Maia Borges (2000) afirma que “ao contrário de outras regiões do país, que se ressentiram com a falta de mão-de-obra, Minas contou com o trabalho escravo nas plantações de café e, mais tarde, após a abolição, com o trabalho dos libertos e dos homens pobres”; e acrescenta: “este excedente de braços na lavoura faria com que os imigrantes vindos para Juiz de Fora, em vez de serem aproveitados na agricultura, ficassem à mercê do também instável mercado de trabalho” (BORGES, 2000, p. 10). A autora reforça a ideia de que a cidade se formou a partir da diversidade cultural, contudo, não ocorreu a democratização dos “direitos sociais e materiais” (BORGES, 2000, p. 14); ao contrário, em mais de um século e meio de história, predominou em Juiz de Fora “a reprodução de um sistema de privilégios e a

¹⁸ Informações disponíveis em: <http://www.ufjf.br/portal/universidade/a-cidade/historia-de-juiz-de-fora/>

manutenção do lugar dos excluídos” (BORGES, 2000, p. 14). Neste sentido, a cidade possui uma dinâmica de privilegiar algumas redes de solidariedade interna a camadas sociais específicas, embora estas associações não sejam impedimentos para a decadência de uns e a ascensão de outros.

A dinâmica entre crescimento e declínio é marcante na história local. Ainda no século XIX surgem nessa região as Estradas do Paraibuna, projetada pelo engenheiro alemão Henrique Halfeld, a União e Indústria, de iniciativa do Comendador Mariano Procópio Ferreira Lage e de outros cafeicultores da região, e a ferrovia Dom Pedro II. Esses são os principais marcos da industrialização de Juiz de Fora (ver, na sequência, imagem com as estradas citadas). De acordo com Márcia Paula e Souza (2010), as indústrias de maior projeção na economia local nesse período foram a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas, a Tecelagem Moraes Sarmento, os Curtumes Krambeck e Surerus, dentre outros empreendimentos industriais. Fábricas, indústrias e empresas se instalavam em Juiz de Fora motivadas, também, pelos incentivos financeiros do Banco Territorial e Mercantil de Minas Gerais e de Crédito Real (conf. GIROLETTI, 1988).

Segundo as autoras Tânia Gonçalves e Flávia Calvano (2007), além dos incentivos financeiros, há outro elemento fundamental para a intensa industrialização de Juiz de Fora no século XIX: a instalação da Companhia Mineira de Eletricidade, com a construção da Usina Marmelos Zero, primeira hidrelétrica de grande porte da América Latina, inaugurada em 1889. Gonçalves e Calvano (2007) afirmam que os industriais, como o empreendedor têxtil Bernardo Mascarenhas – idealizador desta usina –, utilizavam a energia fornecida pela Companhia para o funcionamento de suas fábricas, e este fato proporcionou a instalação de muitas indústrias na cidade (ver imagens das indústrias a seguir). No século seguinte, em decorrência do rápido crescimento, a cidade ganhou denominações relacionadas ao desenvolvimento industrial: “Manchester Mineira” e “Farol de Minas”. A infraestrutura urbana também facilitou a industrialização porque já havia um sistema de transporte organizado (rodovias e ferrovias), o fornecimento de energia eficaz e recursos como telefone e telégrafo.

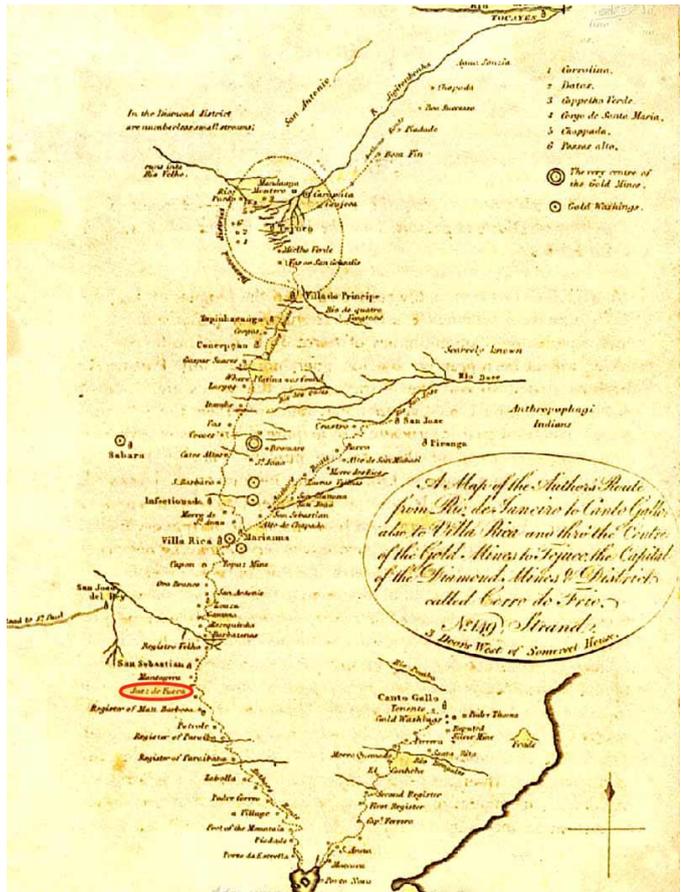
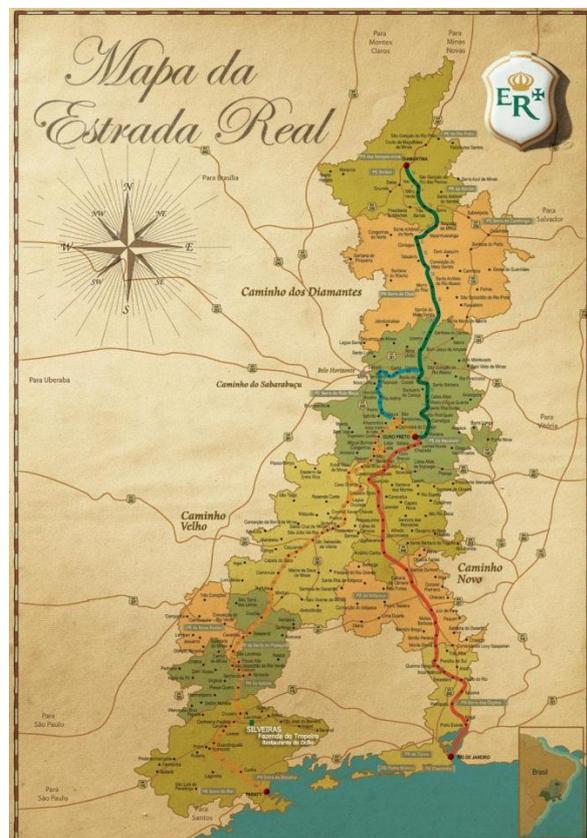


Imagem 2: MAPA CAMINHO NOVO (ACIMA)

Imagem 3: MAPA ESTRADA REAL:



De acordo com Luiz Antônio Valle Arantes (2000), a instalação da Companhia União e Indústria, em 1852, responsável pela construção de estradas estratégicas (mencionadas anteriormente), proporcionou também a instalação dos empreendimentos de iniciativa dos imigrantes alemães; eram cervejarias, fábricas de carros e carroças (que originou uma empresa de transporte urbano), ferrarias, curtumes e olarias (ARANTES, 2000, pp 112-113). O autor relaciona as iniciativas de trabalho dos alemães imigrantes ao protestantismo praticado por eles: “os protestantes tiveram grande participação no processo de industrialização e modernização da cidade de Juiz de Fora na passagem do século XIX para o século XX” (ARANTES, 2000, p. 115). Além da influência no trabalho houve, também, a inserção de valores protestantes no sistema educacional local através do Instituto Granbery, no qual atuaram muitos imigrantes alemães, que possuíam afinidades religiosas com a instituição (Colégio Metodista). Segundo o autor, estes imigrantes representavam as “camadas médias urbanas ascendentes” (ARANTES, 2000, p. 116); Arantes acrescenta que os imigrantes não atuaram apenas nos setores industriais e educacionais, mas suas trajetórias expressam a esperança pelo cumprimento de uma promessa instalada no recrutamento de alemães para o Brasil: “obter terras e recriar a comunidade perdida no país de origem” (ARANTES, 2000, p. 122) – era este o projeto a ser realizado quando migraram para Juiz de Fora.

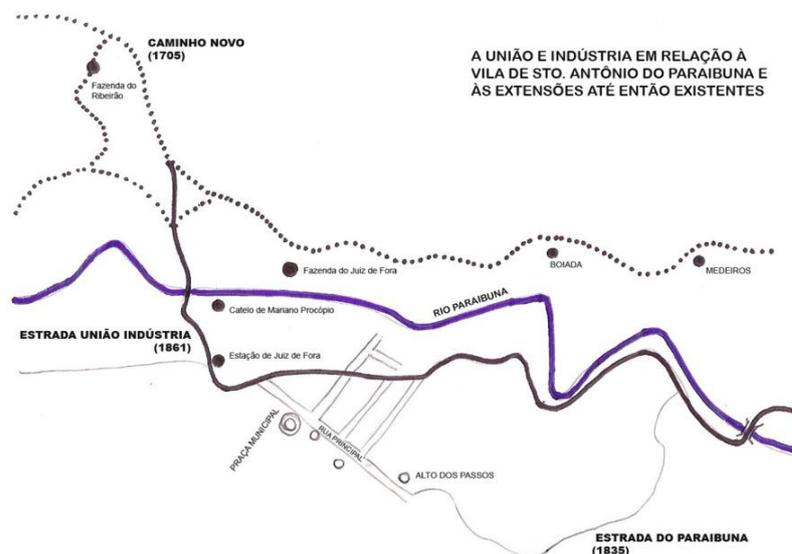


Imagem 4: ESTRADAS PARAIBUNA, UNIÃO E INDÚSTRIA E CAMINHO NOVO

Enquanto a imigração alemã caracteriza-se pela atuação industrial, segundo Maraliz de Castro Vieira Christo, os imigrantes italianos surgem num momento de “forte transformação do espaço urbano [...]; caracterizado por importantes obras públicas:

saneamento e redes de abastecimento d'água, drenagem de pântanos, pavimentação de várias ruas [...], construção de cemitérios, pontes e pontilhões” (CHRISTO, 2000, p. 142). E devido às transformações urbanas esses imigrantes atuaram na construção civil, pois havia uma demanda muito grande relacionada à construção de residências populares; neste ramo destaca-se a Companhia Pantaleone Arcuri (1867-1958), responsável pela construção do Cine-Theatro Central em 1929 (ver imagem na sequência), dentre outras obras; e por propagar, juntamente a construtores, engenheiros e arquitetos, e para além da construção de cortiços para as camadas mais pobres, “padrões de uma arquitetura de boa qualidade”, voltados para os “bairros de classe média” (CHRISTO, 2000, p. 150). Porém, de acordo com Maraliz Christo, a cultura juiz-forana não apresenta “fortes características culturais italianas” (CHRISTO, 2000, p. 171). Isto ocorreu porque os imigrantes italianos assimilaram rapidamente os valores locais para garantirem a plena aceitação social; ademais, não criaram institutos educacionais. Diferentemente, os imigrantes alemães se apegaram ao sistema educacional e à religiosidade (protestantismo) como diferenciais e assim mantiveram seus locais identitários na cidade.

Imagem 5: USINA MARMELOS ZERO (RIO PARAIBUNA)



Imagem 6:
 COMPANHIA TÊXTIL
 BERNARDO
 MASCARENHAS

*(onde hoje
 funciona o Centro
 Cultural Bernardo
 Mascarenhas - CCBM)*

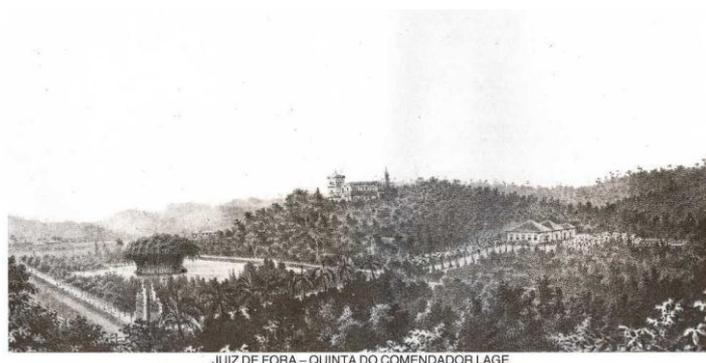


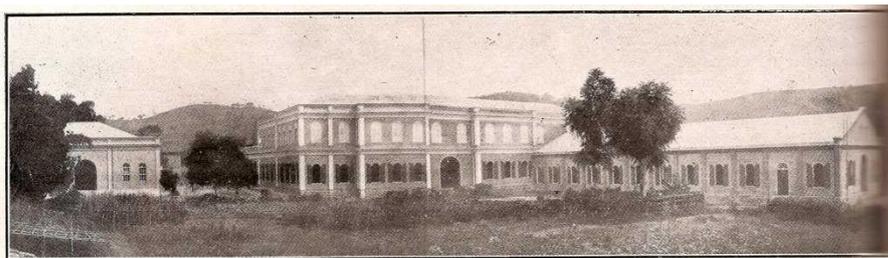
Imagem 7: CURTUME SURERUS



Imagem 8: BANCO DE CRÉDITO REAL DE MG

Imagem 9: CAFEZAL DO COMENDADOR MARIANO PROCÓPIO FERREIRA
 LAGE *(onde hoje funcionam o
 Museu e o Parque Mariano
 Procópio)*





CORTUME “JUIZ DE FORA” DE KRAMBECK IRMÃO (MARIANO PROCOPIO)
Cortume Krambeck—Fundado em 1877, em Mariano Procodio, à rua Bernardo Mascarenhas. Propriedade dos srs. Krambeck Irmãos. Preparo de couros e pelles.

Imagem 10: CURTUME KRAMBECK



Postal com a nova sede da Cia. Pantaleone Arcuri.
 No centro, foto do próprio Pantaleone, seu diretor-presidente.
 Fonte: Acervo Marcos Olander

Imagem 11: CONSTRUTORA PANTALEONE ARCURI

Imagem 12: AVENIDA RIO BRANCO



QUADRO DOS PERÍODOS INDUSTRIAIS DE JUIZ DE FORA

PERÍODO/ANOS	SITUAÇÃO OCORRIDA	ATIVIDADE INDUSTRIAL
1850/1930	Surgimento e consolidação das primeiras fábricas	Produção de bens de consumo, destacando-se o setor têxtil
1930/1945	Desaceleração e decadência industrial. Crise de 1930. Concorrência com São Paulo	Mantém-se os setores Tradicionais
1945/1955	Não participa dos grandes projetos do Plano Nacional de Metas (PND)	Instalação da FACIT e Becton Dickson
1955/1970	Problemas infraestruturais e crise econômica e política dos anos 1960	Surgimento de pequenas e médias empresas, principalmente malharias e confecções
1970/1990	Esforço para a reindustrialização. II PND	Instalação da Siderúrgica Mendes Junior (1984) e Companhia Paraibuna de Metais (1980)
1990/1998	Nova estratégia de desenvolvimento econômico local. Elaboração do PMDI (Plano de Metas/estadual) e do PDDU JF (Plano Diretor do Desenvolvimento urbano/local).	Negociação e instalação da fábrica de automóveis da Mercedes-Benz (1998)

(Ref.: https://fundamentosarqurb.files.wordpress.com/2012/04/aula-hist_formac3a7c3a3o-jf.pdf).

Conforme constata-se no quadro acima, a partir da crise mundial de 1929 começa a decadência das indústrias e fábricas tradicionais da cidade. De acordo com Márcia Paula e Souza (2010) a “estrutura familiar das empresas”, somada à “falta de dinamismo” e às dimensões limitadas das indústrias locais (PAULA E SOUZA, 2010, p. 18) provocaram a decadência da industrialização juiz-forana. Fatores como a crise cafeeira no Brasil, mudança da capital do estado para Belo Horizonte, falta de modernização e a concorrência com os polos industriais de São Paulo também contribuíram para o declínio industrial. Segundo Suzana Bastos (2000) “os empreendimentos econômicos locais entraram, portanto, em processo de retração, marcado pela falência de várias indústrias tradicionais e pelo desmantelamento, em geral, da estrutura produtiva da cidade” (BASTOS, 2000, p. 05).



Imagem 13: DISTRITO INDUSTRIAL DE JUIZ DE FORA

O declínio industrial consolida-se nos anos 1960 e a denominação de “Manchester Mineira” perde seu sentido; porém, a partir daí, a cidade adquire outro título de prestígio: a “Atenas Mineira”. Paula e Souza (2010) lembra que esta denominação é afirmada por diversos autores (CHRISTO, 1994; OLIVEIRA, 1966; OLIVEIRA, 1994; YAZBECK, 1999) e a presença do poeta Murilo Mendes, principal representante juiz-forano do modernismo dos anos 1920, atesta a vocação cultural da cidade. Outros acontecimentos culturais marcantes foram a primeira exibição cinematográfica mineira, a fundação da Academia Mineira de Letras, a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras (PAULA E SOUZA, 2010); nesse contexto cultural destaca-se, ainda, a valorização de artistas locais, como os artistas plásticos da família Bracher.

Após algumas décadas de estagnação econômica, nos anos 1980 reaparecem as iniciativas de desenvolvimento na região, principalmente com a instalação de uma siderúrgica e de fábricas de automóveis, além da criação do Distrito Industrial (BASTOS, 2006). Nos anos 1990 ocorre a revitalização do setor do comércio no centro da cidade, onde há galerias, lojas, restaurantes, serviços médicos, etc.; e, ao mesmo tempo, inicia-se uma descentralização dos empreendimentos comerciais, com a construção de shoppings em bairros mais residenciais (Alameda Shopping no bairro Alto dos Passos e Shopping Independência entre os bairros São Mateus e Cascatinha).

Apesar de não ter mais um título marcante para defini-la, Juiz de Fora continua em evidência nos índices de desenvolvimento de Minas Gerais (conf. tabela IBGE nos Anexos e demais gráficos a seguir). A ausência de rotulações e títulos pode indicar uma ambiguidade identitária da cidade, na qual se sobressai a vocação de conciliar tendências opostas. Ora, Juiz de Fora é palco de acontecimentos de vanguarda liberal como a edição do concurso de *Miss Brasil Gay* (ver reportagem nos Anexos) e, por outro lado, a cidade também protagonizou um ato de extremo conservadorismo: a procedência do *Golpe Militar de 1964*, iniciada aqui (ver reportagem nos Anexos). Em meio às contradições e momentos de renovação, forma-se uma sociedade cujas hierarquias simbólicas refletem a busca por identificações distintas.

Imagem 14: MISS BRASIL GAY



Imagem 15: GOLPE MILITAR



Em termos de evolução urbana percebe-se que a ocupação começou no centro da cidade e gradativamente se expandiu para as demais áreas:

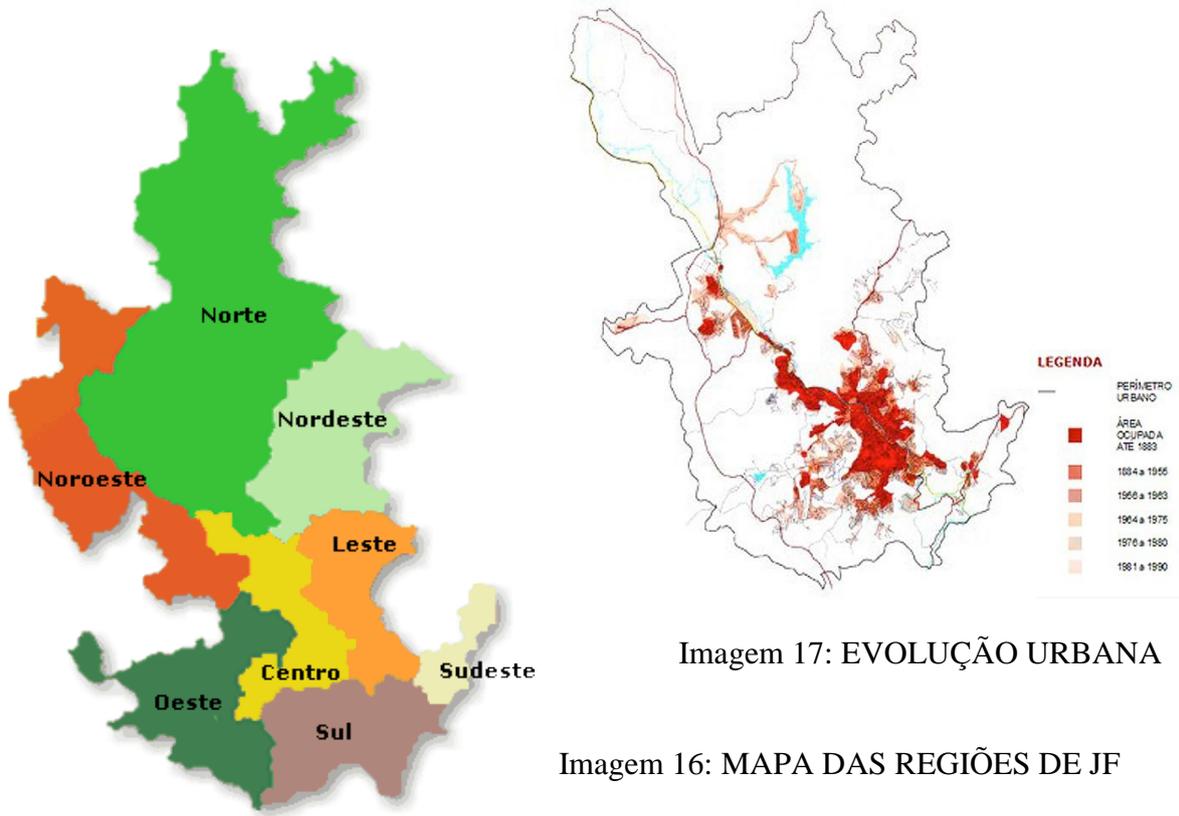
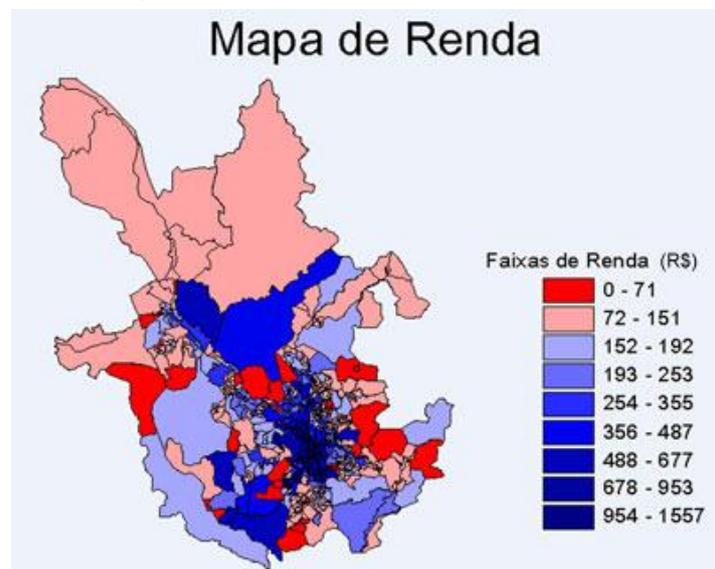


Imagem 17: EVOLUÇÃO URBANA

Imagem 16: MAPA DAS REGIÕES DE JF

O mapa de renda (Imagem 18 – abaixo) mostra que as primeiras regiões ocupadas (bairros centrais) concentram os maiores índices econômicos (mais detalhes sobre esta informação ver reportagem nos Anexos). Este mapa de renda permite ilustrar os espaços de elite nos quais situam-se os entrevistados (regiões centrais de Juiz de Fora); a seguir, nos mapas dos bairros, percebe-se a distribuição espacial dos campos elitizados, exatamente nas regiões de maior concentração de renda.



Os bairros citados nas entrevistas correspondem às áreas de intensa ocupação urbana e de maior renda: Centro, Bom Pastor, São Mateus, Mariano Procópio, Granbery, Santa Helena, Santa Luzia, Aeroporto, São Pedro, Morro do Imperador, Floresta, Bom Clima (áreas mais valorizadas e bem providas de recursos urbanos).



CENTRO



NORDESTE



SUDESTE



OESTE



SUL

O mapa abaixo indica o cruzamento de importantes Avenidas da cidade: antiga Independência (atual Itamar Franco), Rio Branco e Getúlio Vargas (região central da cidade, muito citada pelos entrevistados); além de localizar o Rio Paraíba.

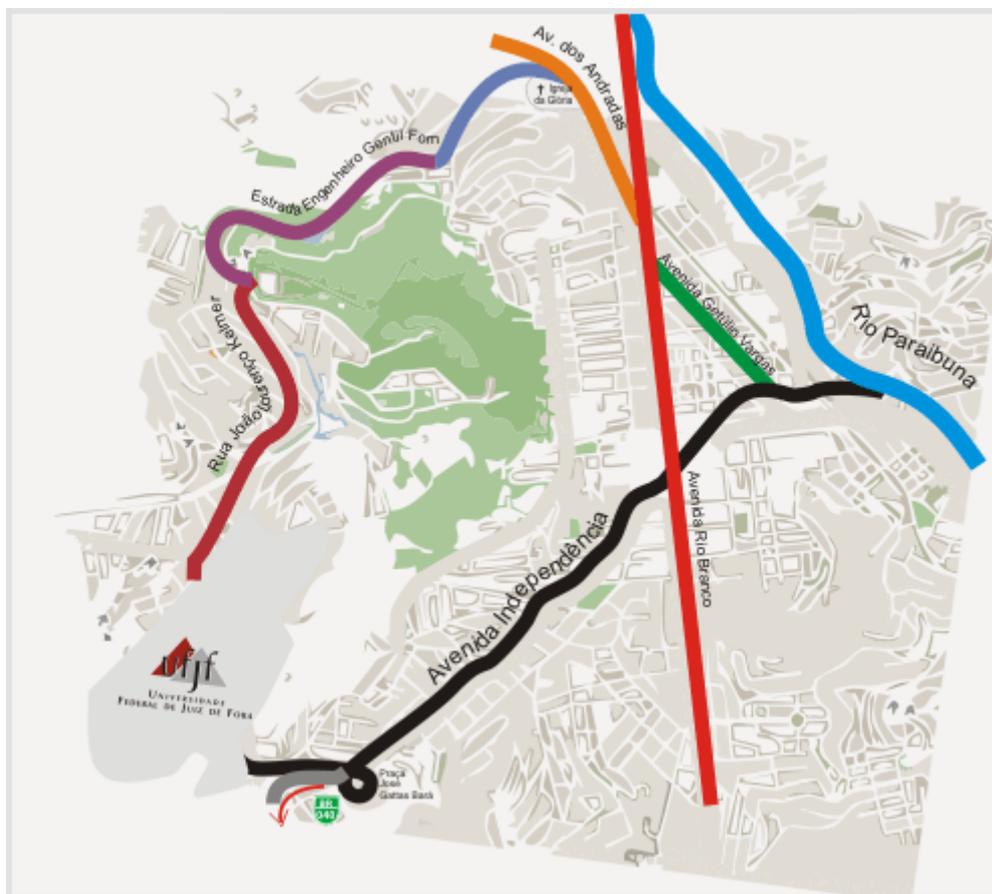


Imagem 19: MAPA DO CRUZAMENTO DAS AVENIDAS

Nesta região do centro encontram-se a Rua Halfeld e o Parque de mesmo nome (uma grande praça com muita vegetação), retratados na imagem abaixo (Imagem 20):





Imagem 21: PARQUE HALFELD (antigamente)

Imagem 22: NA ATUALIDADE



CINE-THEATRO CENTRAL NO CALÇADÃO DA RUA HALFELD
(Imagem 23)



A cidade industrial do século XIX mescla-se à cidade cultural do século XX. E isto se reflete nas construções urbanas, como o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM),



o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM) e o Museu Mariano Procópio. Nesse período ocorre, também, a fundação da Universidade Federal de Juiz de Fora (1960). São pontos culturais que reforçam a imagem de uma vida urbana artística e intelectual também em voga no século XXI. Imagem 24:

MAMM (ACIMA)



Imagem 25: MUSEU
MARIANO PROCÓPIO



Imagem 26: CCBM



Imagem 27: UFJF (AO LADO)

Embora no aspecto cultural a cidade incorpore uma postura de vanguarda (uma influência modernista), as instituições de ensino que se destacam nas entrevistas são tradicionais e religiosas, revelando o convencionalismo predominante nas visões de mundo das pessoas entrevistadas de todos os grupos. Estas imagens mostram os principais colégios citados:



Imagem 29: COLÉGIO ACADEMIA / CES – CENTRO DE ENSINO SUPERIOR (ACIMA)



Imagem 28:
COLÉGIO SANTA CATARINA

Imagem 30: COLÉGIO DOS JESUÍTAS (ABAIXO)



Imagem 31:
INSTITUTO METODISTA GRANBERY
(AO LADO)





Imagem 32: CATEDRAL METROPOLITANA

Imagem 33: MIRANTE DO CRISTO NO MORRO DO IMPERADOR



Enfim, Juiz de Fora é uma cidade na qual se encontram discursos nostálgicos sobre o passado industrial ou certo saudosismo a respeito da antiga cena artística e intelectual locais – períodos clássicos da urbanização juiz-forana; tais nostalgias expressam traços de conservadorismo ou mesmo de vanguarda e renovação; essas perspectivas estão presentes tanto nas falas das pessoas entrevistadas quanto nos monumentos arquitetônicos urbanos. Assim, esta sucinta apresentação histórica e sociocultural procurou contextualizar a pesquisa em termos locais para ilustrar as hierarquias simbólicas relacionadas aos entrevistados.

CAPÍTULO I

Protagonistas econômicos: *emergentes* e destaques nas mídias locais

O panorama apresentado sobre o auge e o declínio da industrialização e a revitalização socioeconômica de Juiz de Fora mostra que a cidade possui uma dinâmica de renovação constante: não é uma região estagnada, ao contrário, é um lugar de investimentos e mudanças. De fato, nas lacunas da cidade industrial prosperaram novos empreendimentos comerciais, de prestações de serviços, empresas e instituições privadas; investimentos dirigidos pelos novos protagonistas econômicos da sociedade juiz-forana. Não custa lembrar, são pessoas “produtivas” e “destaques” em suas áreas de atuação. A classificação destas “personalidades famosas” refere-se ao modo pelo qual alguns colunistas sociais se referem a indivíduos específicos. Ou seja, os termos são eufemismos para definir as pessoas de maior capital econômico. Este grupo de entrevistados é composto por pessoas *emergentes*, no sentido aqui empregado, de que são consideradas personalidades famosas de Juiz de Fora, mas não por pertencerem a famílias de sobrenomes reconhecidos e tradicionais da cidade – pecha cabível apenas aos tradicionais.

Os membros deste primeiro grupo protagonizam *a sociedade* juiz-forana e dominam capitais distintivos relacionados às condições financeiras que possuem. Claro que o termo “sociedade”, quando empregado pelos entrevistados, adquire um sentido de que englobaria uma totalidade social, e não somente algumas pessoas específicas (círculos sociais restritos e elitistas). Ora, não existe “a” sociedade como uma entidade homogênea: na verdade, as pessoas tomam as visões parciais de seus contextos particulares como se fossem únicas e superiores. Esta visão de mundo garante a elas a proteção de suas posições hierárquicas, alcançadas pelos entrevistados ao longo de suas trajetórias ascendentes. A ascensão deles resultou da combinação de fatores como o pertencimento a famílias economicamente estáveis, a formação de vínculos sociais importantes e a associação a pessoas bem sucedidas profissionalmente. Ocorre, ainda, a projeção de uma imagem pública, no sentido de que são convidados para eventos, festas e acontecimentos “marcantes” da cidade. Por se tornarem pessoas *(re)conhecidas*, elas aparecem mais nas mídias locais; trata-se de um nicho composto de colunáveis e colunistas, pessoas que estão em evidência devido à atuação profissional e ao status conquistado.

De acordo com Monique Pinçon-Charlot e Michel Pinçon a *alta sociedade* exhibe seus estilos de vida legítimos em ocasiões nas quais garante o reconhecimento de seus códigos e maneiras de classe: “Quanto ao capital [...] ele se torna visível nas ocasiões particulares nas quais a alta sociedade celebra-se e se exhibe” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 12 – tradução minha). Os eventos sociais frequentados por estas pessoas servem para reafirmar o próprio pertencimento a um grupo distinto da *bonne société* e até reforçar os laços constituídos. Para tanto, as regras de etiqueta são o protocolo da elegância, o comprovante do status adquirido. Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot afirmam que estas atitudes de diferenciação ocorrem com a formação de uma “segunda natureza”, incorporada ao longo da socialização, na qual as regras de conduta são seguidas através dos códigos de etiqueta: “A etiqueta e seus códigos de saber-viver são considerados uma segunda natureza” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 58 – idem).

Há, nos agrupamentos sociais, maneiras tácitas de reconhecer seus pares e distinguir-se dos que não pertencem ao mesmo *milieu*, uma forma de proteger as fronteiras sociais: “As grandes famílias da burguesia e da nobreza não são somente conscientes dos limites de seu *milieu*” porque elas também estão atentas “ao lugar e à posição de uns e dos outros no interior do mesmo grupo” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 57 – idem). A etiqueta funciona como uma codificação interna a um grupo social que não pode ser partilhada e acessada pelos que não conhecem previamente estes códigos; estas características distintivas estão presentes nas práticas dos entrevistados deste grupo.

A delimitação das fronteiras que separam os colunáveis e os não-colunáveis, por exemplo, está implícita no discurso de duas entrevistadas que defendem a elegância como um diferencial de conduta. Elas dizem que é “algo que se tem ou não se tem”, uma propriedade natural. Percebe-se que a explicação delas encobre as causas deste diferencial: os capitais simbólicos relacionados à formação da própria conduta elegante. A etiqueta é um tipo de verniz que esconde a aprendizagem social da elegância naturalizada; ela pressupõe uma situação e uma posição na sociedade nas quais se valoriza o refinamento do gosto e das posturas consideradas elegantes. Os códigos interiorizados geram uma naturalização dos padrões culturais que expressam a elegância adequada para cada situação: “uma elegância discreta, mas constante [...], todos esses signos são afirmações da posição social, uma proclamação do pertencimento à alta sociedade” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 104 – tradução minha). O ato de proclamar o

pertencimento é exercido com naturalidade e discrição; a naturalização da elegância discreta expressa a marca da distinção: quanto mais natural, mais legítima.

A elegância naturalizada aparece como uma característica dos emergentes entrevistados, assim como a busca por distinção através do gosto. O gosto considerado legítimo relaciona-se a bens culturais vinculados a uma “*griffe spatiale*” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 60). Esta denominação dos autores para a busca distintiva por exclusividade e distanciamento social converge para situar os entrevistados nos espaços de elite de Juiz de Fora. Escolher os espaços sociais que possuem uma grife valorizada é uma ocasião de apresentar as “*bonnes manières*” naturalizadas (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 75). Interessa tanto exibir-se quanto observar as condutas alheias: se estão de acordo com os códigos implícitos ou se desvirtuam as regras de etiqueta. Os entrevistados representam estes consumidores de grifes espaciais justamente porque extraem daí uma forma de distinção. É o caso de um entrevistado, empresário e proprietário de restaurantes, ao defender que o sucesso de vários empreendimentos dele está relacionado à exclusividade e à qualidade dos serviços oferecidos, que seriam “inéditos” na cidade. Ele representa a procura de exclusividade e de se diferenciar do que é popular e banal; ou, em termos hierárquicos, daquilo que estaria “abaixo” dele.

Os ambientes frequentados pelos entrevistados também expressam as marcas distintivas de seus comportamentos. No entanto, curiosamente, o escritório deste empresário mencionado acima é uma exceção quando comparado aos demais ambientes visitados para a realização das entrevistas. Este ambiente de trabalho, no bairro São Mateus, aparenta simplicidade e nenhuma sofisticação. A fachada do prédio é antiga (descuidada), há uma escada lateral estreita que dá acesso ao escritório, uma espécie de apartamento com duas salas (ou mais, não foi possível conhecer todo o local); na primeira sala algumas pessoas se reuniam numa mesa redonda, na outra sala havia alguns computadores e outras pessoas trabalhando; a entrevista ocorreu na copa/cozinha, onde há uma mesa simples com cadeiras, uma geladeira antiga, uma pia e armários antigos nas paredes. O local não ostenta os valores sofisticados que o entrevistado atribui a seus empreendimentos; ao contrário, é um ambiente simples, impessoal e sem decoração, que destoa dos estilos sofisticados e seletivos de seus restaurantes. A impressão de informalidade do escritório não transmite acolhimento e cuidado (como acontece em alguns locais decorados com simplicidade); ele transmite a impressão de algo provisório ou que não precisaria de decoração. Parece que o contraste entre o ambiente de trabalho e os empreendimentos comerciais do entrevistado expressa elementos de sua origem

humilde que ele pretende superar ostentando suas conquistas profissionais, embora não se importe em deixá-las visíveis num local de trabalho onde transparece justamente o oposto do que ele defende em suas falas.

Já a entrevista com a psicóloga e ex-modelo ocorreu em sua residência, na qual se percebe a ostentação e a valorização da aparência. É uma casa de grandes dimensões num condomínio de casas no alto do bairro São Pedro. A casa não tem muros, a garagem é aberta e a porta de entrada tem um tamanho maior do que de uma porta comum (esbanja grandeza ou almeja grandiosidade). Logo na entrada há uma escada para o piso superior e uma sala ampla, decorada com dois sofás de três e quatro lugares com mesinha de centro, local da entrevista. Na continuidade, sem divisórias, encontra-se a copa com uma mesa de dez lugares e um grande balcão que divide a passagem para a cozinha (toda equipada com eletrodomésticos e armários projetados). A decoração da casa prima pela utilização do mínimo possível de objetos. A entrevistada explica que acabaram de se mudar para o local e, por isso, a casa não estaria arrumada. Porém, está tudo muito organizado e não há sinais de desordem. É um estilo que valoriza as grandes dimensões dos espaços e a ostentação (o fato de ter atuado como modelo reforça a valorização atribuída à aparência). A decoração minimalista passa a impressão de equilíbrio entre ordem e controle; e as próprias falas da entrevistada transparecem esta busca por harmonia e distinção.

Esta mesma impressão de ordem e organização aparece na entrevista com um colunista de jornal impresso, ocorrida no escritório dele, onde funciona sua empresa de publicidade e colunismo. Localizado no cruzamento das Avenidas Itamar Franco e Rio Branco, o prédio concentra muitos escritórios empresariais; o local de trabalho do entrevistado é um ambiente formal, com uma antessala de recepção (receptionistas, telefones, computadores, sofás, revistas, climatização). Passando a porta de vidro da recepção para entrar no escritório há uma sala maior onde a equipe da empresa se reúne e trabalha em seus computadores; e na outra sala (uma porta de vidro separa os ambientes) trabalha o colunista. Tudo está bem organizado, com móveis projetados (estantes, prateleiras, mesas); em anexo à sala dele há uma espécie de copa/cozinha, equipada e organizada, na qual outra funcionária (quase imperceptível, diferente da receptionista) preparava cafés expressos que foram servidos no início da entrevista. A decoração e a distribuição dos espaços mostram a valorização da transparência, a demarcação de hierarquias (divisão das salas e dos papéis dos funcionários), ordem e organização; são

valores a partir dos quais o entrevistado deseja transparecer a “ética” e a “neutralidade” de seu trabalho. É o que ele demonstra em suas falas e em seu ambiente profissional.

Mas tem-se também, como exemplo oposto à ambientação ordenada e “neutra”, a entrevista com uma senhora colunista social; ela possui uma revista voltada a variedades culturais e uma agência de publicidade. A entrevista ocorreu em sua residência no bairro Bom Clima, casa que funciona também como seu local de trabalho. A casa não tem muros na fachada, o jardim ocupa a calçada e uma parte da garagem é aberta; o muro começa na lateral e se percebe a grande extensão da casa. Ao lado da parte aberta há um portão com grades onde fica o escritório da entrevistada (um espaço amplo anexo à garagem). Ela diz que está muito ocupada e, enquanto fala ao telefone com outra pessoa, oferece uma cadeira em frente à mesa na qual se encontram diversas revistas, computador e o telefone que ela está usando; esta parte do escritório passa a impressão de acúmulo de tarefas, conforme ela mesma define: “é sempre um excesso de compromissos, trabalhos acumulados”; demonstra, ainda, a proximidade entre sua vida pessoal e profissional (aspectos que poderiam expressar ausência de neutralidade e de formalidade em suas práticas).

Encontram-se muitas estantes com todas as suas revistas publicadas (ela ofereceu e doou vários exemplares para esta pesquisa) e, num salão ao lado, quadros de fotografias dos eventos sociais que ela realizou ao longo de sua atuação como colunista. No piso superior da casa nota-se uma cozinha pequena (se comparada às dimensões da residência) e uma passagem para outro jardim com piscina, acessado através de portas de vidro (os demais ambientes da casa não foram visualizados). A postura da entrevistada e seu próprio ambiente de trabalho valorizam a história dela como colunista e colunável da sociedade juiz-forana; é o que se percebe na quantidade de arquivos com as revistas encadernadas e nas fotografias em inúmeros quadros que ocupam as paredes próximas à mesa de trabalho e o salão ao lado. É uma forma de transmitir a importância que ela defende ter na história local e de preservar a memória cultural de Juiz de Fora, ideias predominantes em suas falas.

Outra entrevista, com uma proprietária de revista de atualidades e colunismo, que possui uma agência de modelos e é professora, ocorreu na sala de aula de uma faculdade particular na Avenida Rio Branco, próxima ao bairro Alto dos Passos; ela havia terminado uma aula de seu curso de modelagem e etiqueta. Lamentável que seja um ambiente impessoal, pois não é seu escritório, mas que retrata um aspecto interessante de suas falas: o público-alvo de seu trabalho. Percebe-se que maioria é adolescente, meninos

e meninas que procuram aprender algo que é natural para outros contextos sociais: as normas de etiqueta e os códigos de elegância. Noutra oportunidade tornou-se possível conhecer o ambiente de trabalho da entrevistada (sua agência de modelos no centro da cidade); este escritório é formado por uma sala ampla onde se encontra uma recepcionista que entregou dois volumes da revista para compor o material da pesquisa, conforme solicitado à entrevistada. Seus ambientes de trabalho oscilam entre a simplicidade de uma sala de aula eclética e a sofisticação de trabalhar com modelos profissionais. Este contraste é uma característica presente em suas falas, ao defender que a elegância pode surgir em qualquer pessoa porque não pode ser ensinada. São declarações contraditórias, na medida em que ela trabalha ensinando regras de etiqueta e de comportamentos elegantes (postura, cuidados com aparência etc.); ela defende a elegância naturalizada e, ao mesmo tempo, a democratização das regras de etiqueta.

Na entrevista com um colunista que publica notícias do gênero em sua própria página na internet, surgiram também os valores contraditórios de defender ao mesmo tempo a simplicidade “natural” e a ostentação. A entrevista aconteceu numa loja de variedades (discos, livros, etc.) na qual há também uma cafeteria, na Avenida Itamar Franco, perto da Rua Santo Antônio e da Avenida Rio Branco. A escolha do entrevistado pelo local deveu-se à proximidade de sua residência (ele mora numa rua próxima ao cruzamento das Avenidas citadas); além disso, o local expressa o estilo de vida do entrevistado, que demonstra uma afeição por novidades, no sentido de valorizar o que estaria na moda e nas mídias. A loja tem um estilo contemporâneo de mostrar novidades tecnológicas e modismos culturais (livros e discos mais vendidos estão em evidência nas estantes). E esta característica aparece no discurso do entrevistado ao exaltar o ritmo acelerado das mudanças urbanas e da mobilidade social, inclusive nas escolhas de quem serão personagens de sua coluna. No seu comportamento transparece a valorização de um estilo distintivo que tenta se diferenciar do que é popular e busca uma superioridade hierárquica.

Em suma, os ambientes dos entrevistados confirmam o pertencimento ao grupo de pessoas “produtivas” (que produzem e consomem) em busca de distinção e que aparecem como “destaques” nas mídias locais. Neste ponto, outra forma de se diferenciar utilizada pelos colunistas sociais entrevistados é a seletividade dos convites recebidos. Eles escolhem eventos para os quais enviarão alguém de suas equipes (fotógrafos etc.); outros exigem a presença deles porque envolvem mais prestígio social. Assim, uma das formas pelas quais as hierarquias simbólicas podem ser visualizadas é através das colunas

sociais de jornais, programas de televisão, revistas e páginas de colunismo na internet. Nota-se que os colunistas e os colunáveis frequentam o mesmo meio social, compartilhando valores e interesses. Por isso as escolhas relativas aos temas a serem publicados, às pessoas retratadas e as próprias notícias destacadas são preferências que indicam uma escala hierárquica.

Em Juiz de Fora há diversos profissionais dedicados ao colunismo social em jornais, televisão, revistas e *sites*; no recorte empírico aqui utilizado os entrevistados representam cada um desses estilos (exceto de mídia televisiva, pois não foi possível acessar colunistas apresentadores de programas do gênero – faltou uma intermediação que propiciasse o contato). Ao analisar essas mídias de colunismo percebe-se que o colunista atua tanto como um elo entre a esfera pública e a esfera privada, nos termos habermasianos, quanto como um intermediário cultural prescritivo em relação às convenções sociais. O papel dos colunistas é de destacar as pessoas, tornando-as pessoas públicas; e, a partir do processo de publicização, as pessoas tornam-se mais conhecidas e investem mais em suas imagens públicas. Sobre este processo, Habermas (2003) afirma que as fronteiras entre o público e o âmbito da privacidade diluem-se na sociedade contemporânea, classificada por ele como “refeudalizada”. Para o autor, as práticas da corte feudal, quando a nobreza era prestigiada como um espetáculo a ser admirado pela plebe, ressurgem na atualidade; e os traços feudais formam uma aura de autoridade pessoal vinculada às imagens públicas das pessoas. “A esfera pública se torna uma corte, perante cujo público o prestígio é encenado” (HABERMAS, 2003, p. 235). Segundo Habermas, é na área da comunicação (das mídias em geral) que este fenômeno ocorre com maior expressividade, pois o crescimento das mídias provoca o aumento do interesse do público por bens culturais voltados a assuntos particulares, que retratam a privacidade das pessoas protagonistas destas mídias.

Se, conforme afirma Habermas, “O interesse de classe é a base da opinião pública” (HABERMAS, 2003, p. 108), as colunas sociais evocam interesses classistas; e, ainda que de modo subentendido, elas permitem perceber a construção social das hierarquias simbólicas, na medida em que retratam setores elitistas da sociedade. A encenação de um estilo de vida nas colunas sociais divulga as convenções sociais praticadas em circuitos específicos da sociedade (espaços elitizados). A partir daí ocorre a legitimação de alguns padrões culturais: os conteúdos divulgados nas publicações representam um referencial de conduta utilizado tanto pelas pessoas retratadas quanto pelos leitores de todas as camadas sociais porque são notícias públicas de fácil acesso.

As colunas sociais aparecem como reedições burguesas dos espetáculos das antigas cortes feudais (HABERMAS, 2003). Se nos séculos passados a burguesia ascendente incorporou os padrões da aristocracia de corte, na atualidade, as pessoas em ascensão socioeconômica tentam seguir os padrões burgueses hierarquicamente superiores. Sobre este tema (também presente em BOURDIEU, 2008 e PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2000) Norbert Elias (1993) mostra como os ideais burgueses formaram um padrão de conduta através do qual os indivíduos interiorizaram os “autocontroles, chame-se a eles de ‘razão’, ‘consciência’, ‘ego’, ou ‘superego’, e a consequente moderação dos impulsos e emoções mais animais” (ELIAS, 1993, p. 205). Segundo o autor, a partir principalmente do século XVIII, a nobreza e a burguesia travaram uma disputa não declarada em relação ao domínio de seus valores e práticas na sociedade. Enquanto a nobreza defendia a superioridade mantida pela hereditariedade (hierarquia tradicional), a burguesia apostava na conquista de sua posição superior na sociedade a partir do trabalho. Ocorreu a redução dos contrastes e a mistura dos padrões, mas permaneceram as marcas de distinção e a busca por prestígio social.

A ascensão burguesa provocou na aristocracia a necessidade de se distinguir enquanto classe dominante, pois “a principal função da aristocracia de corte [...] era exatamente distinguir-se [...]. Tinha inteira liberdade para gastar o tempo refinando a conduta social distintiva, das boas maneiras e do bom gosto” (ELIAS, 1993, p. 252). O contrário ocorria nas camadas burguesas, que se ocupavam trabalhando, embora almejassem o status aristocrático. Os burgueses “Macaqueavam a nobreza e suas maneiras. [...] isso tornava inúteis os modismos de conduta continuamente aprimorados nos círculos da corte como meios de distinguir-se [...]; os grupos nobres eram forçados a refinar ainda mais a conduta” (ELIAS, 1993, p. 252). Entretanto, o desenvolvimento da burguesia e o declínio da aristocracia provocaram a valorização do sucesso alcançado pelo esforço: “opunham, com autoconfiança crescente, seus códigos de maneiras aos da aristocracia de corte. [...] Acima de tudo, contrapunham sua ‘virtude’ à ‘frivolidade da corte’”. (ELIAS, 1993, p. 260).

Está justamente na contraposição do trabalho burguês à ociosidade da nobreza a origem da valorização, cada vez maior na atualidade, do trabalho “produtivo”: a argumentação de Elias (1993) contribui, então, para sustentar a tese aqui defendida de que há nas camadas de elite da sociedade juiz-forana a disputa por capitais simbólicos geradores de posições hierárquicas superiores, a saber, o pertencimento a famílias históricas (ancestralidade) e a visibilidade nas mídias de colunismo (produtivos). Em

proporções relativas, sem qualquer pretensão de ter as mesmas dimensões do fenômeno analisado por Norbert Elias, pode-se afirmar que os herdeiros de sobrenomes tradicionais representariam uma espécie de camada aristocrática (relativamente decadente), e as pessoas em ascensão, pertencentes a outros círculos sociais, desempenhariam o papel burguês de querer valorizar o trabalho produtivo enquanto uma prática vocacional. Contudo, é imprescindível destacar o fato de que na sociedade contemporânea (em termos locais e globais) a admiração e a valorização do trabalho não é exclusividade de uma burguesia ascendente; ao contrário, trata-se de um atributo de alta cotação social que permeia diversos espaços (classes e campos), sendo predominante nas camadas de elite também.

Na atualidade, considerando o contexto pesquisado, a disputa simbólica entre a nobreza tradicional e a burguesia emergente (conf. ELIAS, 1993) expressa uma luta por distinção na qual as colunas sociais divulgam os códigos legítimos de comportamento; e, simultaneamente, o colunismo (enquanto marcador distintivo) legitima tais condutas destacadas e em evidência nos ambientes de elite. O caráter prescritivo das colunas sociais é reforçado pelos leitores e personagens da seção, na medida em que se inspiram nas notícias publicadas para estabelecerem referenciais estéticos e práticas cotidianas. A tendência do colunismo local, de acordo com os materiais coletados, é a valorização dos aspectos econômicos relacionados aos colunáveis.

Comparando o estilo dos colunistas entrevistados com um clássico do colunismo nacional, Ibahim Sued, notam-se algumas semelhanças interessantes e uma diferença marcante. O referencial neste assunto é a análise feita por Elisabeth Murilho Silva (2014), na qual a pesquisadora apresenta criticamente o estilo do colunista citado, que atuou no jornal *O Globo* (de 1954 a 1995). A autora afirma que Sued escrevia seus textos com a intenção de dialogar com “um grupo pequeno de leitores, falando basicamente com quem participa daqueles acontecimentos” (SILVA, 2014, p. 07). E, ao mesmo tempo, ele participava, de fato, do meio noticiado em suas colunas. Interessante porque uma das marcas do colunismo pesquisado aqui é notadamente a inserção dos colunistas nos círculos sociais retratados; tanto as colunas de Sued, nos anos de 1960, quanto aquelas dos colunistas locais de hoje, expressam os estilos e os fatos vivenciados por pessoas que transitam pelos mesmos espaços sociais.

Desta maneira, os colunistas se tornam colunáveis e atuam como legitimadores de condutas que eles mesmos reproduzem e valorizam. O próprio Sued, segundo a autora, aparecia nas notícias posando em fotografias acompanhando personalidades públicas e

viajava para os locais na moda neste período (sobretudo Paris). Da mesma forma os colunistas entrevistados também aparecem em suas notícias, compartilhando os eventos sociais e divulgando seus estilos de vida.

Percebe-se que as colunas retratam circuitos exclusivos da sociedade, ainda que não haja restrição relacionada a quem acessará estas notícias. Elas são públicas, mas exercem funções diferenciadas de acordo com o tipo de público: se os leitores forem os próprios colunáveis, estas publicações servem como um espelho no qual eles se identificam e por meio das quais suprem um desejo narcísico de estar em evidência; se os leitores forem pessoas que desconhecem as pessoas retratadas e se interessam por estas seções, as notícias funcionam como uma referência a ser seguida. Este tema da interação colunistas-colunáveis e demais leitores contribui para esclarecer o que seria uma escala hierárquica da sociedade juiz-forana: na tentativa de concretizar o desejo de se distinguir, as pessoas utilizam as mídias locais para evidenciar uma posição de superioridade em relação aos que não participam dos circuitos retratados.

A busca por distinção é outra semelhança entre o estilo Sued e os colunistas locais; trata-se da exaltação da elegância, tema já mencionado (ver PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000) e que se impõe como a marca distintiva através da qual se obtém uma posição hierárquica superior. Segundo Elisabeth Murilho Silva o colunista Ibrahim Sued era um “árbitro da elegância” (SILVA, 2014, p. 07); ele divulgava listas das mulheres “dez mais” e definia este atributo (ser elegante) como resultado da “simplicidade”, pois elegância “não se compra” (SILVA, 2014, p. 08).

No aspecto da escolha dos colunáveis, porém, surge uma diferença entre o colunismo clássico e o contemporâneo: no primeiro estilo as pessoas retratadas eram principalmente esposas de embaixadores, diplomatas, deputados, homens relacionados à política e a profissões tradicionais (médicos, advogados etc.), e menos a ocupações comerciais e empresariais; já no estilo contemporâneo começa a predominar a presença de homens de negócio, empresários, proprietários de empreendimentos, e as notícias passam a exaltar fatos relacionados à produção e ao consumo de bens e mercadorias. Os personagens das notícias, conforme se percebe no contexto local, são pessoas que se adequam a este perfil comercial; as pessoas são retratadas consumindo produtos ou frequentando locais relacionados a consumo (por exemplo, viagens para compras, eventos empresariais, aquisições materiais, como residências de alto custo, decoração de festas, entre outras formas de consumir com a intenção de ostentar).

Além da mudança nos protagonistas, agora mais relacionados a profissões “produtivas”, como dizem os entrevistados, o mecanismo que move e sustenta as colunas sociais na atualidade (considerando o contexto pesquisado) são os anúncios publicitários. Esta informação aparece nas falas dos colunistas, e é visível nos materiais coletados. O excesso de anúncios nestas publicações evidencia a interdependência entre os anunciantes que pagam a publicação e os colunistas que precisam do patrocínio publicitário para a manutenção de suas publicações. É um campo no qual as interações sociais se complementam numa simbiose particular, na qual há vários fatores que se retroalimentam (colunistas, colunáveis, anunciantes, publicitários, leitores-personagens, consumidores e público em geral).

Neste jogo simbiótico está em disputa o anseio de se sobressair em termos hierárquicos. Por isso, as colunas procuram evidenciar a elegância “natural” das pessoas e as grifes dos lugares e acontecimentos; tanta publicização resulta em acúmulo de capitais. Segundo Bourdieu, os capitais simbólicos não podem ser facilmente adquiridos e acumulados, pois não estão disponíveis a todos na sociedade: “Dentre todas as distribuições, uma das mais desiguais e, em todo caso, a mais cruel, é decerto a repartição do capital simbólico, ou seja, da importância social e das razões de viver” (BOURDIEU, 2007, p. 294).

A distribuição desigual reflete a raridade e o valor deste capital. Ele é definido como um dispositivo que atribui sentidos nas relações sociais: “Produto da transfiguração de uma relação de força em relação de sentido, o capital simbólico nos livra da insignificância, como ausência de importância e de sentido” (BOURDIEU, 2007, p. 296). E é justamente a importância relativa às razões de existir que aparece nas notícias de colunismo social; então as pessoas se tornam “destaques” de colunas sociais porque estão numa posição elevada, em termos de hierarquias, e esta condição eleva a significância delas na sociedade. O resultado é a valorização dos indivíduos “produtivos” e das trajetórias ascendentes. Pois o aspecto que se sobressai nas suas narrativas não são as facilidades vivenciadas em suas vidas profissionais, mas sim a imagem de emergentes: pessoas bem sucedidas e que, portanto, “merecem” estar em evidência.

I.1

Quem faz e acontece merece ser destacado, independente de classe social

O primeiro colunista social entrevistado entregou no início da entrevista (realizada em 10/02/2014) no seu local de trabalho, um livro sobre a sua trajetória pessoal e profissional. Foi um gesto muito simpático e generoso, mas que gerou uma pequena dificuldade, já que a primeira pergunta era justamente sobre o começo de sua carreira, o que ele respondeu apontando para o livro: “está tudo aí!”; inicialmente ele não demonstrou interesse pela entrevista, mas logo respondeu à pergunta contando os detalhes sobre como começou a trabalhar com colunismo social: “Comecei fazendo um jornalzinho de bairro; onde eu morava, bairro Bom Pastor – apesar de ser considerado um bairro... por ser estritamente residencial e por estar localizado na zona sul, era considerado um bairro de ricos, de pessoas com maior posse e melhores condições sociais”. Esta primeira fala já indica a valorização de um bairro específico devido à presença de pessoas consideradas ricas, fato que justificaria a existência de um “jornalzinho” para contar os acontecimentos referentes a este contexto. E ele complementa dizendo: “Mas isso não queria dizer que eu estivesse incluído nessa classe, porque eu morava longe de todas as classes de pessoas mais bem posicionadas, pessoas melhores posicionadas em termos sociais, em termos financeiros também”. Ele conta que morava numa parte afastada, mas dentro do mesmo bairro e, por isso, tinha proximidade com estas pessoas: “Então eu comecei fazendo um jornal de bairro aos catorze anos; era um jornalzinho mimeografado, que retratava as coisas que aconteciam no bairro”. A partir daí ele começou a fazer “novas amizades e ter acesso a algumas pessoas”, que antes não conhecia, e foi “recebendo convites”. Morar no mesmo bairro facilitou a aproximação dele do público alvo de suas notícias; e, através desta iniciativa de escrever um jornal sobre os acontecimentos locais, ele conseguiu se inserir nestes grupos e até aumentar seus contatos.

Ele não pertencia ao mundo daquelas pessoas retratadas em seu jornal. No entanto, encontrou uma forma de ingressar neste mundo e passou a ser conhecido e aceito: “eu passei a frequentar, a ter acesso a algumas casas, algumas famílias que até então eu não tinha conhecimento, não tinha relacionamento, melhor dizendo”. Ele não se sentia pertencendo ao grupo dos protagonistas de suas notícias, mas foi muito bem recebido e acolhido pelas pessoas “bem posicionadas” socialmente; isto permitiu aumentar o seu capital social de relacionamentos e, conseqüentemente, potencializou sua projeção profissional, conforme ele afirma: “É claro que ali foi só um ponto de partida, mas o

trabalho profissional foi se aprimorando com o passar dos anos, até que seis anos depois, em 1976 (o início do jornalzinho foi em 70), é que eu fui convidado a assinar uma coluna num jornal local, considerado o maior jornal da região, na época; então isso tudo fez com que um novo horizonte fosse aberto para mim”. Para se estabelecer no colunismo ele precisou ampliar suas redes de relações: “Talvez em função desses contatos, que eu fui conquistando, da amizade, dos relacionamentos comerciais, relacionamentos de amizade mesmo, fez com que me desse uma abrangência maior para fazer essa coluna”. Desde o início, o foco de suas notícias eram acontecimentos que envolviam pessoas consideradas ricas ou bem posicionadas.

O pressuposto de que o colunismo abrange frações de classe específicas é questionado pelo entrevistado: “era uma coluna social, mas que, com o passar do tempo, deixou de ser estritamente social para ser uma coluna onde você foca todos os assuntos: economia, política, esporte, uma crítica construtiva”; ele diz ter seguido uma tendência nacional, “acompanhando também os grandes colunistas do Brasil, que foram deixando de lado somente o noticiário social para dar uma abrangência maior ao espaço”. Porém, os temas publicáveis em sua coluna e suas publicações evidenciam um contexto social bem delimitado, ainda que ele rejeite a ideia de seletividade: “Não, não chega a ser somente o foco em cima disso, entende, porque eu acho que quem é notícia não importa de qual classe social...” e reforça esta crença: “acho que é muito importante, eu sempre tive essa ideia de valorizar as pessoas, independente da classe social”. A negação do entrevistado transforma-se em denegação, afinal é uma forma de afirmar algo (neutralidade e democratização do colunismo) encobrindo outros sentidos, aqueles de seu real interesse (valorização da elite e de pessoas bem posicionadas).

A continuidade de sua fala indica um discurso contraditório: “Então, a coluna, claro, ela pode ter um foco maior em cima de uma cobertura maior num casamento de uma família tradicional da cidade, né, ela pode ter o foco numa festa de quinze anos de uma filha de um grande empresário, de um grande profissional liberal” e acrescenta, retomando a ideia inicial: “mas isso não quer dizer também que de repente vai ficar restrito a esse, a essas pessoas; se amanhã um profissional de qualquer área se destaca ele merece ser, ter o espaço na coluna”. Surge então o termo decisivo para classificar os colunáveis: “Acho que quem é notícia, quem faz, quem é produtivo, quem faz e acontece merece ser destacado, independente de classe social”; são pessoas produtivas e de destaque. Esta escolha significa noticiar aqueles que mais produzem em suas áreas profissionais, trabalhadores que se destacam, ou seja, o diferencial é a produtividade

econômica; o fato de essas pessoas pagarem por anúncios em jornais e revistas não teria nada que ver com essas escolhas, afinal são trabalhadores qualificados, valorizados e bem remunerados (empresários e profissionais liberais, por exemplo).

Ele enfatiza que o importante é mostrar as pessoas que são “destaque”, e se sobressaem em alguma atividade. Ser destaque é ser produtivo; portanto, o trabalho ocupa um lugar central entre os assuntos de suas colunas. Claro que não seria qualquer tipo de trabalho, uma vez que um jornal possui várias seções voltadas para assuntos de economia. O trabalho retratado nas colunas sociais é de profissionais em destaque, no sentido de prestígio e status na sociedade, pois estas pessoas não são retratadas em seus locais de trabalho, mas em atividades voltadas ao lazer (festas, eventos, viagens). Ainda que não sejam noticiadas em seus trabalhos específicos, os colunáveis são identificados pela profissão que possuem e pela área na qual atuam – invariavelmente, aquelas de maior poder aquisitivo.

Ele defende que o colunismo social mudou e possui novas perspectivas – uma crença que representa a atitude dissimulada, mencionada acima: “Criou-se realmente esse estigma de que só sai em coluna social quem era rico, isso é uma questão de muitos anos. Só que o dinheiro mudou de mão, né, muitas famílias deixaram de ter o poder que tinham...”. Neste ponto a noção de pessoas produtivas de destaque se esclarece: elas são os novos protagonistas da sociedade juiz-forana, visto que as famílias tradicionais decaíram e o controle da economia mudou de domínio: “com o passar do tempo... surgiram os emergentes mais produtivos e isso fez com que a coluna também evoluísse nessa área. Novos personagens da coluna surgiram em função do dia a dia, do momento que cada um criou para sua atividade profissional, seu relacionamento profissional”. Os novos personagens passam a protagonizar as colunas sociais porque representam a nova dominação econômica da cidade.



*

Exemplos (I)



No Caderno Especial comemorativo dos dez anos de publicações do colunista no Jornal Tribuna de Minas (02/11/2014) há 72 depoimentos a respeito da trajetória dele: 16 denominados como empresários, 19 pessoas relacionadas a cargos públicos ou privados (presidentes, diretores, secretários, reitor, ex-reitor, pró-reitor), 6 políticos, 3 médicos, 2 advogados, 4 mulheres definidas como socialites, 3 jornalistas, 3 religiosos, 8 pessoas relacionadas a eventos sociais e de moda (fotógrafa, produtora cultural, agenciador de modelos, cerimonialistas, decoradora, consultora de moda, chef), 2 atores, 2 voluntários de instituições privadas, um aposentado, uma bibliotecária, um escritor (autor do livro sobre o colunista, o mesmo que foi entregue no início da entrevista) e uma professora. Nota-se uma escala hierárquica retratada na maior quantidade de empresários e de pessoas que ocupam cargos superiores (instituições públicas e privadas); em seguida os políticos, os médicos e os advogados [Imagens 34 e 35 (na página anterior): PROPRIETÁRIA DE UMA REDE DE ENSINO; PREFEITO DE JF. Imagem 36: CADERNO ESPECIAL 02/11/2014].

*

Se as colunas sociais acompanham a dinâmica da sociedade e mudam os personagens retratados, no caso de Juiz de Fora os protagonistas das colunas sociais mudaram (ou sempre poderão mudar) porque as notícias não se referem mais apenas aos membros de famílias tradicionais. Os descendentes dos que participaram da fundação da cidade (famílias ligadas às antigas áreas industriais e de construção civil, às primeiras ferrovias e aos serviços iniciais de estrutura urbana) são valorizados como herdeiros de personalidades históricas, mas não são mais o alvo principal do colonismo, focado nos novos produtivos.

A atuação das famílias tradicionais permanece como um referencial para a sociedade juiz-forana; entretanto, esta sociedade se renovou devido às mudanças de interesses econômicos: “Eu acho que se houve essa nova safra de emergentes, muitos foram até mais produtivos que os tradicionais, muitos pautaram seus trabalhos de uma forma mais construtiva”. São trabalhos que geraram maiores rendimentos econômicos para a cidade, superando a ordem econômica do passado, pois, segundo o entrevistado, as “famílias tradicionais... Que eu me lembro aqui seriam... Família Oliveira, Assis, Mascarenhas, Arcuri, Batista de Oliveira... Halfeld... são muitas... elas vinham de uma... elas não se atualizaram em alguns setores, setores de indústria, de comércio, então aquilo foi do avô pro pai, do pai pro neto, e quando chegou ao neto, já não deu a mesma continuidade”. Muitos fatores estão relacionados ao declínio, mas o que interessa, neste ponto, é perceber a mudança de valorização da própria hierarquia social: “era uma outra época, né, havia todo um glamour, toda uma separação natural das pessoas... as mais ricas moravam em casas maiores, em bairros melhores, tinham um número de empregados domésticos maior, era toda uma situação que hoje, para os dias de hoje, é bem difícil... os tempos mudaram, a verdade é essa”. Eram pessoas que se distinguiam devido a uma “separação natural” (termos do entrevistado); de fato, as diferenças sociais naturalizam as desigualdades e as distâncias entre quem mora em casas maiores, bairros melhores e todos os atributos citados pelo entrevistado, e os excluídos deste circuito. São demarcações que evidenciam os espaços sociais no interior dos quais ocorrem disputas distintivas.

Percebe-se que a manutenção de um estilo de vida superior exigiu aumentar o capital econômico. Por isso, os novos personagens conseguiram se sobressair em relação aos antigos protagonistas da sociedade. Estes ainda mantêm o status conquistado porque a história local é muito valorizada na cidade: “se hoje, as famílias tradicionais conservam muitas coisas que são importantes, não resta dúvida, elas têm o seu papel muito

importante aqui em Juiz de Fora, na comunidade toda, porque elas acrescentaram muitas coisas, elas trouxeram desenvolvimento para JF”. Elas atuaram diretamente no desenvolvimento urbano e não atuam mais, conforme ele pondera: “se algumas dessas famílias já não têm mais aquele poderio econômico, é porque não teve continuidade, mas às vezes a tradição mantém, ela é mantida mesmo pelos princípios culturais, pelos princípios sociais, filantrópicos, teve casos de famílias tradicionais de JF que foram fundamentais para a formação cultural”. Com a diminuição do capital econômico destas famílias históricas restou a elas a valorização do capital cultural para conservar uma alta posição hierárquica.

A valorização destas famílias é como um panteão no qual se preservam os personagens históricos da cidade. Elas não protagonizam o presente, mas estão conservadas num passado glorioso e na memória cultural de Juiz de Fora (tema predominante no segundo grupo de entrevistados, tradicionais, descendentes de personagens da história local). No caso deste entrevistado colunista, ele reafirma a importância destas pessoas na formação cultural de Juiz de Fora: “é uma cidade que tem um nível cultural muito bom; e isso porque as famílias tradicionais colaboraram na área musical, na área de teatro, nos meios artísticos, e essa parte é muito importante e ela deve ser preservada”. Esta é uma forma de diferenciar os tipos de pessoas retratadas nas colunas sociais, uma vez que a maior distinção entre elas é o vínculo a aspectos culturais ou econômicos: “Sim, é... mas não que os emergentes não participem dessa área cultural, pelo contrário, às vezes participam mais até”, ressalta, defendendo os personagens de suas colunas.

Embora ele complemente: “naquela época, de trinta a cinquenta anos atrás, havia uma preocupação, por essas famílias serem muito bem criadas, com estudos na Europa, estudos no exterior, coisas que eram para poucas famílias”; tais atitudes trouxeram um diferencial que permanece até hoje para os antigos protagonistas e seus herdeiros: são “famílias que foram importantíssimas para o crescimento da cidade e da cultura da cidade; se hoje elas não têm grande atuação em negócios, se hoje o poderio econômico delas não é o mesmo, é porque houve uma evolução natural; as empresas foram vendidas, novas empresas surgiram, novos líderes empresariais surgiram”. É esta a mudança mencionada pelo entrevistado, que fundamenta o foco do colunismo como um reflexo das transformações econômicas da cidade.

Com a renovação ocorrida na sociedade surgem novas tendências de valorização dos bairros: “Nos últimos trinta, quarenta anos houve uma mudança de não rotular apenas

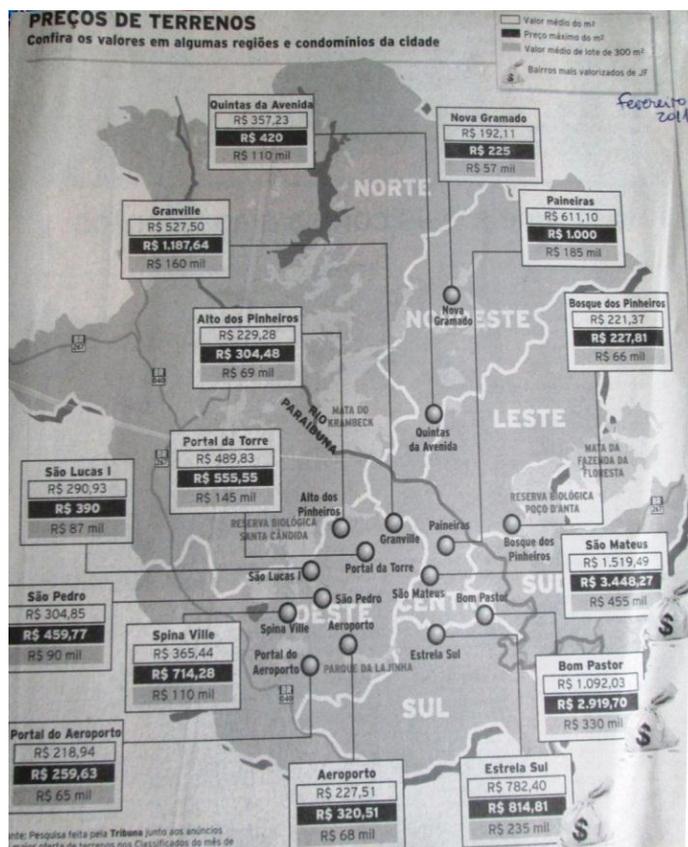
um único bairro como o bairro chique da cidade; até porque surgiu uma tendência de construção de prédios no centro da cidade, o que fez com que as pessoas saíssem de suas casas para prédios mais luxuosos”. Neste período surgiram mais prédios residenciais nos entornos das Avenidas Rio Branco e Itamar Franco; em seguida “veio um novo período que foi dos condomínios”. Esta mudança aconteceu há “quinze anos, mais ou menos, vinte anos pra cá é que houve essa nova tendência das pessoas optarem por residências maiores em locais com mais segurança, maior conforto, espaço de lazer; acho que há condomínios que podem ser considerados de pessoas de classe mais alta”. Surgem os grandes condomínios residenciais, que são objetos de distinção e ostentação material, além da busca por se distanciarem da ameaça de violência e dos bairros mais precários. A dinâmica urbana em termos de ocupação territorial (valorização, especulação imobiliária) reflete as mudanças na própria hierarquia social.

O entrevistado percebe a cidade a partir do contexto em que ele vive; por isso, afirma que “Juiz de Fora ainda tem, em relação a outras cidades de outras regiões, ela tem... é uma cidade privilegiada por ter... água potável em quase 100% da cidade, por ter esgoto, energia elétrica em todo bairro, em toda cidade”. E aproveita para compará-la a outras cidades: “Eu tive em algumas capitais do Nordeste, por exemplo, Teresina, Aracaju, são cidades muito agradáveis, bonitas, mas na hora em que entra no interior é uma desigualdade muito grande” e conclui: “Você não vê favelas em JF, como no Rio ou em outros lugares. Citei aquelas cidades porque são do porte de JF, mas eu estive no Nordeste e vi cidades maravilhosas, prédios, edifícios, um luxo, a área litorânea, mas o interior...”. Nesta comparação, Juiz de Fora “tem uma qualidade de vida muito boa; [...] poderia estar bem melhor, mas em relação a outros lugares ainda tem essa vantagem. Não há uma desigualdade social acentuada”. A comparação com outras cidades permite encobrir algumas desigualdades locais, especialmente quando se trata de definir o que será publicado numa coluna social, uma vez que os assuntos não levam em conta problemas sociais, mas acontecimentos específicos da sociedade¹⁹.

*

¹⁹ A respeito das desigualdades de Juiz de Fora conferir também, nos Anexos da pesquisa, a notícia sobre a distribuição de renda na cidade (<http://www.acesa.com/cidade/arquivo/jfhoje/2009/02/10exclusao/>). Parece que o entrevistado desconsidera ou ignora esses aspectos.

Exemplos (II)



Verifica-se que os bairros mais valorizados, segundo um quadro publicado no jornal *Tribuna de Minas* (20/02/2011), são das regiões sul e sudeste da cidade. Por exemplo, no bairro *Bom Pastor*, o valor médio do m² era de R\$1.092,03, enquanto que no bairro *Nova Gramado*, na região noroeste, o valor médio era de R\$225. São disparidades que retratam as desigualdades e indicam os espaços elitizados da cidade (e os entrevistados residem precisamente nessas regiões mais valorizadas da cidade) [Imagem 37: VALORIZAÇÃO DOS BAIRROS (JORNAL TRIBUNA DE MINAS, FEV. 2011)].

*

A estrutura hierárquica social é retratada nas colunas sociais através de atividades culturais, de lazer, eventos e outros acontecimentos considerados publicáveis: “a cidade hoje é efervescente de acontecimentos; tanto na área cultural como na área artística e na área social; tem festa praticamente todos os dias; tem lançamento de livros, vernissage; fora os acontecimentos sociais”, diz o entrevistado. Sua preocupação é “valorizar a área cultural: um lançamento de livro, a abertura de uma exposição de um artista plástico”. Para isso, ele e sua equipe recebem “um convite ou algum parente ou

amigo faz o pedido para divulgar; tem também as assessorias de imprensa dos órgãos, das galerias, das instituições, federal, estadual”. O entrevistado acredita que “hoje para o artista está mais fácil de conseguir organizar uma exposição que há alguns anos... hoje a cidade já tem alguns espaços adequados para essas exposições” e justifica dizendo: “com essa mudança que houve de apoio cultural, muitas empresas procuram o incentivo de patrocinar o convite, colaborar no coquetel de abertura; hoje há uma valorização maior da cultura”. Interessante que o incentivo à cultura está relacionado aos benefícios que as empresas recebem (restituição de Imposto de Renda, por exemplo), e mostra que os emergentes, novos empresários dominantes no setor econômico local, apoiam acontecimentos culturais visando seus interesses empresariais.

As festas particulares também são focadas pelo colunista, principalmente devido a seu alto capital social. Nem todos os convites recebidos são para que a festa configure uma notícia de jornal; alguns convites são profissionais e outros são pessoais, para que o colunista compareça como “amigo convidado”, conforme ele explica: “Depende. Tem pessoas que vão fazer uma festa muito particular, por exemplo, Bodas de Ouro. Eu posso até receber um convite como colunista ou um convite como amigo”. Em cada caso ele age de uma forma: “Já tive situações de estar numa grande festa maravilhosa, deslumbrante, com muita gente e tal, e os anfitriões chegarem para mim e dizerem: ‘você está aqui como meu amigo e não como colunista?’, e depois as pessoas acharem estranho porque não saiu nada no jornal”. Ele respeita o pedido dos anfitriões, ainda que não satisfaça alguns leitores: “aí perguntam: ‘você estava naquela festa maravilhosa e não saiu nada na coluna!’; as pessoas não entendem, a gente tem que preservar também a privacidade das pessoas”, defende. Nestes casos, quando o convite é pessoal e não profissional, o colunista prefere respeitar a decisão de quem o convidou; se o pedido for para não divulgar, ele seguirá a recomendação, na medida em que esta postura garante a ele maior credibilidade e reconhecimento diante de pessoas que ele valoriza desde o início de sua carreira jornalística.

Há, também, situações em que os anfitriões “não têm essa preocupação, não dão essa opção... dizem que ‘se quiser divulgar pode divulgar’”. O entrevistado explica as escolhas para comparecer aos eventos: “normalmente a gente recebe os convites, identifica de quem é; dentro de uma possibilidade de agenda a gente comparece [...], ou faz uma cobertura de fotos”. Ele destaca a importância de ser convidado para eventos: “a gente se sente muito grato por ter sido lembrado, de ter sido distinguido com aquele convite. Mas alguns casos são mais pessoais”. Os convites pessoais aumentam cada vez

mais, visto que ele possui muitos contatos e trabalha num campo no qual se cultiva o capital social: “esse círculo acaba proporcionando a ter um convívio muito grande com pessoas que querem se distinguir com o convite e querem ter a minha presença”. Ele comprova, então, que aparecer em colunas sociais e ter um colunista presente numa festa são fatores distintivos. As pessoas que o convidam são justamente aqueles chamados por ele de novos protagonistas da sociedade, os emergentes produtivos: empresários, médicos, políticos, dirigentes de órgãos privados e públicos, entre outras categorias profissionais, por exemplo, relacionadas à moda, à produção cultural e ao entretenimento (cerimonialistas). São pessoas em evidência nestas camadas sociais por causa dos trabalhos que desempenham e através dos quais se tornam colunáveis.

A distinção obtida ao aparecer frequentemente em seções específicas de jornais, revistas e páginas na internet, produz-se ao misturar elementos de privacidade e de exposição ao público. A relação entre o público e o privado questiona o limite da privacidade, pois delimita o que é intimidade da vida pessoal e o que se torna alvo de interesse público. O colunista pondera: “A gente procura, por exemplo, se vai à casa de um amigo, não procura ficar descrevendo a casa dele; acho interessante ter essa preocupação de manter a privacidade das pessoas; o que é importante para o leitor?”. Ele pensa nos leitores quando decide os conteúdos de suas notícias: “Porque a princípio você pode estar querendo fazer um comentário sobre uma festa, um evento, então, para o leitor, só vai agradar a quem estava na festa ou ao dono da festa”. É uma diferenciação que exige a sensibilidade de separar o que é interessante para o público e o que interessa apenas aos noticiados: “quando eu estava começando meu trabalho profissional, eu devo ter cometido esse erro algumas vezes, mas depois, com o passar do tempo, a experiência, tem que saber distinguir uma coisa da outra [público e privado]”. Ele mostra grande preocupação em estabelecer princípios éticos para lidar com os limites entre o que é a privacidade dos colunáveis e o que é assunto público e publicável na coluna.

*

Exemplos (III)

Mas a pergunta permanece: as pessoas valorizam mais a privacidade ou não se importam em expor suas vidas pessoais? Estas informações coletadas nas colunas do entrevistado reforçam a tendência de que o colunismo torna públicos alguns acontecimentos particulares.

No caderno especial (26/10/2014) aparecem notas sobre um Congresso no qual participaram médicos de Juiz de Fora da Sociedade de Medicina e Cirurgia; é destacada uma exposição fotográfica de uma juiz-forana Procuradora da Fazenda – neste caso, a profissão dela se sobressai à vocação artística noticiada; é anunciado um casamento cujos noivos são identificados por serem “filhos de...” – ou seja, a valorização dos laços familiares atribui mais importância ao acontecimento; ele comenta sobre uma festa organizada pelas ‘patroness’ juiz-foranas, entre elas a primeira-dama da cidade [Imagem 38] – pessoas supostamente ‘públicas’; assim como a menção a políticos homenageados numa premiação; por fim há uma observação sobre o debate dos presidentes Dilma e Aécio: ele ressalta que, após uma acusação da presidente, o outro candidato reagiu à altura e rebateu com uma acusação mais grave (tendencioso e indiretamente favorável ao candidato da oposição).



No caderno especial (09/11/2014) há dois casamentos em destaque e os noivos são de “filhos de...” (novamente se destaca o modo de identificar os noivos); nascimento de filhas gêmeas de um casal (não identificados pela profissão ou a algum vínculo público, então somente para quem os conhece a notícia faz sentido); coquetel de empresários do Empório Bahamas (provavelmente notícia patrocinada pela rede de supermercados citada); viagens de juiz-foranos para a Turquia (destaca-se o sobrenome Halfeld – além da identificação do sobrenome há a ostentação de uma prática particular de lazer); outra ostentação exibicionista é a notícia de uma comemoração de aniversário de um político em Paris (além de ser uma forma de promover o nome do político); há, por fim, um grande destaque para a Noite de Gala do colunista Eduardo Gomes (uma forma de divulgar o trabalho de um colega de profissão, visando uma troca de interesses: a divulgação do evento coloca ambos em evidência e isto pode ser utilizado em outras ocasiões).



No caderno especial (23/11/2014) os destaques são: festa de empresários (Empresa do Ano – mais uma vez aparecem interesses econômicos relativos a patrocinadores); elogios ao condomínio residencial Alphaville (outra forma de anúncio indireto); notícias de dois casamentos: num deles a referência dos noivos são seus pais e no outro o noivo é empresário (as formas de identificar as pessoas confirmam e definem as hierarquias simbólicas valorizadas na cidade); divulgação de Eleição de diretoria do Clube Bom Pastor (propaganda indireta do clube); Formatura da PM (valorização de profissões tradicionais, embora não sejam destaques econômicos); premiações do vice-presidente da Justiça Militar (confirma os valores conservadores mencionados) e de um produtor cultural (interesse mútuo de divulgação); e no meio de tantas informações há uma nota muito curiosa que é o destaque para uma tese de doutorado defendida na Sorbonne em Sociologia, orientada por Michel Maffesoli – certamente uma forma de distinção pelo intelectualismo representado pelo sociólogo ‘midiático’, e pelo glamour da capital francesa [Imagem 39: caderno especial 23/11/2014, impresso].

No caderno especial (20/11/2014) o primeiro destaque é o lançamento do livro de um escritor (autor de seu livro, uma forma de privilegiar pessoas vinculadas ao colunista); festa de aniversário com políticos e empresários (divulgação das imagens públicas destas pessoas em momentos de lazer, uma forma de investimento em marketing pessoal); festa de engenheiros (o mesmo caso); elogios ao Alphaville (de novo um anúncio indireto) e à programação de verão em Búzios (valorização de locais da moda); foto de amigas em Nova Iorque (ostentação de pessoas que são identificadas somente em seus círculos de amizades); festa no Clube Sírio-Libanês (divulgação de um lugar de

destaque, legitimação de uma grife espacial). [Acima: Imagem 40: caderno especial (20/11/2014)]

No caderno especial (21/12/2014) aparece uma nota parabenizando a aprovação de um juiz-forano no concurso para o TJ do Rio de Janeiro (interesses particulares); Festa dos Melhores do Ano do colunista Eduardo Gomes (divulgação do trabalho de um colega de profissão); Festa Amigas Eternas (valorização dessas pessoas); festas de confraternização de médicos e do Fórum (uma forma de destacar profissões tradicionais); informação de que um casal de empresários juiz-foranos vai morar em Miami (ostentação válida para quem os conhece e poderá visita-los).

Nos cinco cadernos especiais mencionados observa-se que as pessoas destacadas estão principalmente relacionadas às áreas empresariais, jurídicas e médicas; as referências são sempre citando o parentesco ou a profissão de quem está sendo notícia; são anúncios de casamentos, aniversários e nascimentos (acontecimentos particulares); premiações e homenagens (ocasiões públicas); e poucas informações culturais (exposições fotográficas, lançamento de livros, discos).

*

Nestes exemplos percebe-se que o colunista seleciona acontecimentos específicos sobre pessoas de círculos sociais específicos; não são pessoas conhecidas por todos os leitores (considerando-me, neste caso, uma possível leitora) desta seção. Mesmo quando aparecem os nomes e sobrenomes, estes dados continuam sendo referenciais para quem já conhece tais personalidades (assuntos de intimidades e vida particular, no âmbito da privacidade e da exclusividade). São publicações que interessam a quem está sendo publicado e a seus pares, ainda que estas pessoas construam, de certo modo, uma imagem pública a partir do momento em que são colunáveis (pessoas publicáveis).

Quando aparecem empresários e dirigentes de órgãos públicos e privados torna-se possível associá-los a seus empreendimentos (lojas, supermercados, faculdades, hospitais); o mesmo ocorre quando há notas sobre políticos (pessoas que podem ser consideradas 'públicas' de fato). Em termos de divulgação de eventos culturais e artísticos, percebe-se uma ênfase maior quando o artista possui outra profissão (uma fotógrafa que é Procuradora, por exemplo). No mais, há notas sobre juiz-foranos em viagens, festas, congressos, premiações, formaturas, entre outras ocasiões. O critério implícito utilizado para escolher quem aparece nas colunas é pertencer a um círculo restrito da sociedade: são pessoas de interesse para o colunista (contatos para notícias), para a coluna (anunciantes), e para um público específico de leitores (membros internos

destes círculos e possíveis consumidores externos) – ou seja, não se trata de um público em geral, como ele defende, mas de um espaço social dominado pelas elites locais.

Sobre o dilema da privacidade exposta nas publicações ele arrisca mais uma interpretação: “é a curiosidade humana, querem saber quem, como... Fulano inaugurou uma casa maravilhosa, como é a casa... é a curiosidade que todos nós temos. Então às vezes pode até agradar fazer uma descrição”. E essas descrições ressaltam os bens materiais das pessoas, ostentando suas posses: “por exemplo, um projeto muito bonito de um arquiteto que teve a preocupação de manter o verde e fez uma coisa assim bem diferenciada dos projetos dele mesmo, então nessa hora é uma valorização do profissional que está sendo feita e está sendo mostrada, entendeu?”; é uma tentativa contraditória de discrição, na medida em que envolve a própria ostentação (nada discreta): “sem dar detalhes, por exemplo, dizer que a pessoa comprou uma peça que custou x e que os estofados ele comprou a preço de um carro, são esses detalhes” – informações não divulgadas. “Mas falar que a casa tem funcionalidade, que é de extremo bom gosto, que priorizou o verde, que tem o lado da sustentabilidade, ou que é uma casa com muita automação, ou planejada...” – são informações publicáveis. Estas aparecem nas colunas com a intenção de valorizar o arquiteto ou parabenizar os proprietários pelo “bom gosto” que possuem; e assim revelam a necessidade de mostrar o poder econômico relacionado ao status dessas pessoas.

Quando descreve uma casa com o objetivo de valorizar tanto os proprietários quanto o autor do projeto arquitetônico, a finalidade é a distinção sustentada pela capacidade econômica, ainda que a intenção seja negada (dissimulação): “Claro que não vamos falar assim ‘fulano gastou cinco milhões para fazer uma casa’ ou que tem ‘torneiras de ouro’... Não vamos citar números; são coisas mais reservadas...”. A descrição de um fato deve seguir critérios de discrição para ser publicável, ou seja, não pode mencionar valores financeiros, mas deve permanecer subentendido que se trata de algo restrito a quem possui alto capital econômico: “Ninguém precisa saber que ‘eu tenho na minha sala uma mesa de jantar de granito, de mármore italiano, que custou x’, é uma coisa que a pessoa comprou pelo prazer de ter e por ter condições de comprar”. Nota-se que está em jogo o prazer de ter e de poder ter; porém, não é suficiente ter e poder, é preciso mostrar que tem e pode. Os custos financeiros não são divulgados justamente porque estão implícitos nas posses mencionadas e porque, se fossem divulgados, poderiam indicar alguma preocupação financeira; enquanto que o objetivo é evidenciar uma atitude despreocupada, no sentido de naturalizada e espontânea.

A discrição (indiscreta) das notícias sobre os colunáveis também se reflete no uso político das colunas sociais. O diferencial buscado pelos políticos é divulgar informações que podem favorecer a própria imagem diante do público, uma estratégia de marketing pessoal, algo que não seria uma matéria em qualquer outra seção do jornal: “aquela informação que se obtém às vezes por uma conversa próxima, num evento, aquela conversa de pé de ouvido, aí o colunista que tem que ter essa proximidade e o momento de estar com esse político”.

São notas que permitem divulgar a ideia de que os políticos estão próximos da população: “A classe política despertou para a importância que tem uma coluna hoje. [...] A coluna lida de uma forma bem tranquila com os partidos diferentes, de ideologias diferentes. Passou-se o tempo em que um parlamentar do PT não sairia na coluna... sai do PSDB, PMDB... com esse processo de redemocratização do país essa ideia caiu por terra, de só divulgar um lado só da política”. Sobre os políticos tradicionais de Juiz de Fora ele afirma: “Nós tivemos nos últimos trinta anos praticamente três prefeitos se revezando, que são Custódio, o Tarcísio e o Benjani. O prefeito atual quebrou esse ciclo... Mas não tem essa coisa de passar de uma família a outra”. Nem mesmo em relação à família do Itamar Franco: “Não, as filhas seguiram outras carreiras, não ingressaram na política. Acho que o herdeiro dele, por conviver desde criança e porque o pai era amigo dele, é o Bruno [atual prefeito]; ele sofreu uma influência muito grande do Itamar”. E a presença de políticos na coluna mostra que os personagens colunáveis estão associados a posições de poder e dominação (contudo, menos política e mais econômica). Apesar de defender a neutralidade é notável a tendência de valorizar as posições políticas de uma camada social, notadamente aquela que protagoniza suas notícias e se identifica com os acontecimentos noticiados. É o caso da divulgação da Manifestação do dia 15 de Março de 2015, claramente tendenciosa. [IMAGENS 41 E 42: MANIFESTAÇÃO CONTRA O GOVERNO FEDERAL, 15 DE MARÇO DE 2015 (PUBLICADAS NO DIA 17/03/2015; VER NOS ANEXOS A COLUNA COMPLETA)]



A satisfação pessoal que o entrevistado expressa em suas falas reflete a aceitação que ele recebeu da sociedade retratada em suas colunas sociais: “Acho que eu cheguei aonde eu não imaginava chegar... Tenho que agradecer a Deus pela felicidade de estar aqui, o respeito profissional, a credibilidade, o trabalho que eu realizo diariamente na coluna, a abrangência, ter uma posição boa no mercado”. Nestas declarações aparecem aspectos relacionados à ascensão social do entrevistado; quando ele agradece por ter superado suas ambições iniciais e pelo papel reconhecido no mercado, o que está implícito é o resultado de um trabalho que lida diretamente com capitais e hierarquias.

A respeito de sua trajetória profissional, nota-se que o entrevistado evita este assunto (falar sobre seu passado, sua formação e sobre sua origem familiar). Estas informações não comentadas na entrevista podem ser encontradas no livro apresentado por ele para a pesquisa; é uma espécie de biografia somada à coletânea de documentos e registros (colunas publicadas no período de 1976 a 2008). O autor deste livro (YAZBECK, 2009) conta que o colunista formou-se em Direito na Faculdade Vianna Jr (particular), mas nunca exerceu a profissão, dedicando-se e aprendendo na prática a ser jornalista de colunas sociais. A tônica do livro é mostrar o percurso do entrevistado exaltando seus méritos, como um homem que se fez a partir de condições adversas e superou os desafios²⁰.

De fato, o entrevistado não pertencia a uma família de sobrenome tradicional nem de grandes posses e, mesmo assim, encontrou uma forma de ingressar nas camadas sociais superiores. O próprio fato de ser aceito representa uma característica marcante da sociedade juiz-forana: sua dinâmica e constante renovação dos protagonistas e personagens de destaque. Portanto, ele se encontra neste grupo de entrevistados, nomeados de emergentes, porque conquistou reconhecimento social numa rápida ascensão socioeconômica. Nesse sentido, os emergentes reunidos neste primeiro grupo (que não são os “novos ricos” da cidade, conforme explicado) são pessoas que se destacam mais pelo trabalho que gera visibilidade do que pelo histórico familiar (sobrenomes tradicionais).

O reconhecimento conquistado pelo entrevistado comprova o local de destaque ocupado por ele: “O mais importante é ter a credibilidade e o respeito profissional tanto

²⁰ O entrevistado recebeu prêmios como: Cavaleiro da Ordem do Rio Branco no Palácio do Itamaraty, 1993; Diploma de agradecimento pela amizade com a Colônia Libanesa, 2007; Medalha Barbosa Lima de Mérito na Imprensa, 1995 (ref. YAZBECK, 2009), dentre outras titulações que conferem a ele um estigma positivo. Tantas homenagens podem indicar a necessidade dele de suprir a carência de capital familiar, e da própria ‘sociedade juiz-forana’ de justificar a inclusão dele nestes círculos sociais; afinal, os títulos conferem a ele a legitimação de seu status conquistado.

da empresa em que eu trabalho quanto dos meus leitores”. Ser reconhecido socialmente é uma forma de garantir a permanência numa posição hierárquica superior: “sou muito grato a tudo... recebo agradecimentos, homenagens, condecorações, reconhecimento... essas coisas vão acontecendo”. O resultado deste interesse em ser aceito é o status que ele possui na sociedade noticiada em suas colunas há décadas; ele considera que “a vida é urgente, então temos que ficar atentos no dia-a-dia, tem que se atualizar [...]. O trabalho jornalístico é depressa... hoje não dá para guardar uma informação para publicar depois. O leitor quer saber novidade... tem que ter um diferencial”. E ele declara-se “atento” às mudanças sociais na medida em que ele mesmo é consequência desta dinâmica (ascendeu em relação aos familiares); assim, um dos diferenciais do colunista é sua trajetória ascendente que o projetou na sociedade juiz-forana sem recorrer a um sobrenome tradicional que facilitasse o acesso aos colunáveis. Ele utilizou o próprio colunismo, exercido por ele para se inserir no universo dos emergentes protagonistas de suas publicações.

I.2

‘Tem dinheiro?’, ‘tem!’: então tem pouca tradição!

A entrevista (realizada em 14/05/2014) com a colunista proprietária de revista ocorreu em sua residência, no espaço ocupado por seu trabalho; ela atua no colunismo e na própria agência de publicidade. Sua entrada no colunismo social ocorreu através de um convite do proprietário de um jornal para que ela fornecesse notícias sobre as pessoas de seu próprio meio social, seus círculos de amigos e de relações sociais. Antes de abordar seu ingresso no colunismo social ela destacou o próprio histórico familiar: “A história da minha família é bem interessante. Porque eu nasci em Niterói, meus pais são de Bicas. Agora a descendência da minha mãe é do Barão de Bertioga. Pra mim, ele foi o maior doador de patrimônio em Juiz de Fora”. A atuação dele remete à cafeicultura, período após a mineração. Ela explica que é “tataraneta do irmão do Barão, porque [ele] não teve filhos, então o irmão dele que foi avô do meu avô”. Apesar de não ter nascido em Juiz de Fora, ela cultiva os vínculos afetivos com a memória da família porque isso atribui maior reconhecimento social para ela. A referência ao ancestral histórico, porém, não é a base de sua projeção na elite local – por isso ela não está no grupo dos tradicionais; suas falas mostram que a entrevistada possui mais afinidades com os chamados aqui de emergentes, devido à atuação nas mídias de colunismo enquanto colunista e colunável.

A entrevistada formou-se em Odontologia: “meus tios são todos dentistas, mãe dentista, e eu também sou dentista. Estou desobstruindo os canais da comunicação [risos]”. Ela já estava bem posicionada profissionalmente, visto que seus familiares são dentistas (facilita a entrada no mercado de trabalho), e para mudar de profissão também contou com seu capital social de relacionamentos: um de seus pacientes era o proprietário do principal jornal de Juiz de Fora. Quando ele tinha consulta aproveitava para saber informações da sociedade, conforme ela explica: “eu conhecia muita gente em JF, fazia muitas festas dentro da minha casa”. Seu paciente pedia notícias sobre acontecimentos sociais, e ela passava as informações para ele; então o editor do jornal questionou sobre a fonte das notícias, e o paciente dela respondeu: “‘é a minha dentista’ e o editor falou ‘então ela que deve ser a jornalista’”; e ela conta esta história satisfeita porque se considera pioneira no colunismo social juiz-forano.

O pioneirismo é a fonte da projeção da entrevistada: “Logo depois ele me convidou; eu fiquei lá [no jornal] por dezoito anos como colunista. ‘A’ colunista social era eu. Então todas essas festas que você está vendo nesses painéis aqui [mostra os quadros nas paredes e cita as festas] eu produzi para virar notícia na coluna”. O diferencial da colunista é o seu pertencimento ao contexto social retratado nas colunas. A atuação como dentista ficou ofuscada tanto pelo trabalho na coluna social quanto, posteriormente, pela atuação na agência de publicidade e na sua própria revista. Ela conta orgulhosa as conquistas que obteve enquanto construía notícias para serem publicadas: “Em 1982 eu comecei a ser [nome artístico], um pseudônimo do meu nome, porque eu era dentista também. Mas depois eu não aguentei e pensei que precisava montar uma agência de publicidade e montei. Aí ficou difícil, eu não sabia se eu obturava dente ou se atendia na agência [risos]”. A entrevistada faz auto-referências no intuito de destacar a própria atuação: ela produzia as festas para se tornarem notícias em suas colunas, ela era a única a realizar festas do tipo e estava tão sobrecarregada que precisou abandonar a carreira de dentista para se dedicar totalmente ao colunismo. Nesse momento de decisões ela ainda teve a possibilidade de se ausentar para refletir melhor: “Eu peguei e fui pro Japão arejar a minha cabeça na época e falei ‘gente, eu não quero mais ser dentista’; resolvi assumir mesmo o jornal e começamos. Começamos logo a fazer shows, promoções, fizemos festas memoráveis, igual aquela ali” [fotos de festas temáticas: Anos Dourados, Sonhos de Cristais, uma festa em homenagem à *Factory*, uma danceteria antiga de Juiz de Fora, entre outros eventos registrados nos seus quadros de fotografias]. Todas as festas foram produzidas por ela para ter materiais publicáveis em suas colunas.

A entrevistada conta que não havia colunas sociais nas mídias juiz-foranas antes de sua atuação; tal afirmação pode ser uma forma de desconsiderar o trabalho de outras pessoas que já atuavam neste campo. Ela reivindica exclusividade em nome de seu status e de ser reconhecida como pioneira. Segundo ela, não havia notícias a serem publicadas nas páginas de colunas sociais dos jornais e, por isso, ela precisou criar tanto a coluna quanto os conteúdos publicados: “Então, eu, além de ser colunista social, não existia colunista que fazia festa alguma, a não ser o Décio Cataldi [radialista local, ver Anexos], que fazia uma festa por ano das elegantes; aí depois foi acabando, ele morreu... Aí depois eu fiquei reinando absoluta”. Novamente aparece a ideia de que ela monopolizava a área: “Eu que criei todas as festas. [...] As pessoas esquecem. Esquecem”. Neste ponto, ela demonstra descontentamento porque, após deixar o jornal e com o surgimento de outros(as) colunistas sociais, começou a se sentir esquecida e desvalorizada pelas pessoas que protagonizavam suas colunas. Ela reinava absoluta, como diz, porque tinha o prestígio de ser descendente de um personagem histórico de Juiz de Fora e, atuando no colunismo, conquistou reconhecimento social; este aspecto caracteriza a entrevistada como uma pessoa “produtiva e de destaque”, atuante em círculos sociais de elite. Ela reafirma, assim, seu pioneirismo: “Eu dei o primeiro passo e fiz. Então ninguém fazia festa na cidade, não tinha notícia, eu tinha que criar a notícia e comecei a fazer festas e festas”. Suas conquistas são enfatizadas ao longo da entrevista, sempre focando nos acontecimentos passados.

O modo de criar as notícias era escolher pessoas consideradas de elite para julgar as publicações segundo critérios de seletividade; além de ser uma forma de legitimação: “aí a gente pegava as pessoas, *socialite*, pessoas, empresários, muita gente, e fazia uma mesa eclética para julgar e fazer a capa da revista, que era uma badalação”. Ela também se refere ao passado visando legitimar seu papel histórico no colunismo local: “Hoje a [revista] eu considero tradicional na cidade porque é uma história. Hoje eu tiro notícia da minha própria revista, se eu quero consultar alguma coisa eu pego meus livros [arquivos das revistas]. E todos os meses eu faço questão de fazer isso aqui na revista [mostra uma seção de memórias da revista]”. Ela considera-se importante para a história cultural de Juiz de Fora, notadamente por se achar herdeira de um personagem tradicional da cidade e por trabalhar com eventos culturais: “A minha vida sempre foi muito cheia de promoções. Logo no início eu ganhei o título de cidadã honorária de Juiz de Fora, o que me orgulha muito. Eu não faço questão de muito título não, mas o de JF foi um que me emocionou muito”. É uma postura de humildade que poderia indicar certa dissimulação,

pois ela valoriza muito o fato de ter recebido um título referente a seu status na sociedade e a titulação legítima sua importância social.

Apesar de os pais serem de outra cidade, ela afirma que eles “sempre frequentaram muito JF”, e reforça o fato de ser descendente de um personagem da história juiz-forana: “a minha tradição maior, os [sobrenome], cresceu muito... é de descendentes do Barão de Bertiooga, de café”. Sua inclusão na alta sociedade começou por este vínculo – ela explica: “Eu comecei a ter uma vida bacana aqui em JF exatamente por ser descendente do Barão de Bertiooga”; mas, por outro lado, a identificação da entrevistada com os membros da elite local não decorre de seu sobrenome e sim de seu trabalho de colunista-colunável. Mesmo com tantas amostras de aceitação social (títulos, festas, homenagens) ela tenta justificar a posição que possui – como se temesse sua perda: “Eu me considero hoje, sem modéstia mesmo, uma peça fundamental de JF, porque eu deixei a minha vida inteira para fazer história, entendeu, eu conto a história de JF”, referindo-se à própria revista.

As exaltações também aparecem quando ela se refere aos familiares próximos, sobre suas áreas de atuação: “O meu filho é herdeiro de uma das mais tradicionais fábricas de JF, que é a Fábrica de Doces Brasil, eu duvido que você não tenha comido alguma coisa lá! Tem há mais de oitenta anos na cidade, é tradição alemã [...]. Minha filha é pedagoga, psicóloga e agora acabou de formar esse ano em Administração de Empresas”. A família também participou da política: “Meu pai foi prefeito em Bicas, construiu a Prefeitura que é padrão na Zona da Mata...”. Ela também se refere ao campo cultural: “Tem no Museu Mariano Procópio algumas peças antigas que meu avô doou do consultório de Odontologia, ele doou tudo pro museu, peças usadas no início do século XX”; é uma forma de preservar a memória familiar e de se incluir na história local através de peças do acervo do Museu.

Desde seu ingresso na vida profissional a entrevistada acumula capitais sociais que não estão diretamente vinculados à ancestralidade reivindicada por ela: “Como dentista e parceirona do [antigo reitor da UFJF], eu logo conheci muita gente, então ele me mandava muito cliente, clientes bons”. Outro contato foi seu paciente, proprietário do jornal no qual ela estreou: “então na história de JF, pela primeira vez na vida, tinha uma colunista mulher. Uma colunista que não era jornalista e que era dentista”, reafirma, retomando o assunto do início da entrevista. A partir daí seus círculos sociais foram aumentando: “comecei a conhecer todo mundo porque você sabe que no colunismo as pessoas puxam o saco pra caramba, você sabe disso. Então eu conheci todo mundo”. É uma observação que retrata a expansão de seus contatos sociais nos espaços de elite (onde

“todos” se conhecem). Aproveitando o acúmulo de capitais simbólicos (visibilidade, reconhecimento, laços sociais e contatos de negócios) ela criou a própria agência de publicidade, “para dar retorno financeiro”, pois considera que “jornalista ganha muito pouco”. Na agência publicitária ela pode controlar os anúncios publicados na revista – isto exemplifica a simbiose já mencionada, que move o colunismo social: colunistas-anunciantes-colunáveis-consumidores (ou seja, ela atua nos eixos principais dessas mídias: é colunista, anunciante e consumidora).

O foco de sua revista, segundo a entrevistada, é “cultural, a gente está sempre mostrando um pedaço da cultura”. A colunista enfatiza a participação fundamental dela no desenvolvimento cultural de Juiz de Fora: “Eu já trouxe mais de cem shows para JF, e acho que isso é cultura; nesses mais de vinte anos de colunismo social...”. Ela teve outros parceiros de trabalho também: “muitos em parceria com o Manoel Poladian [produtor de eventos nacionais, ver Anexos], um empresário que mora em São Paulo. Ele um dia ligou para JF perguntando se tinha uma agência que trabalhava com isso e deram meu nome – eu já o conhecia. E ele veio e quis fazer parcerias comigo e começamos, fizemos uma amizade grande”. A parceria mostra o quanto os contatos sociais influenciam na realização de trabalhos vinculados a eventos ditos culturais. Neste aspecto de mobilizar capital cultural ela diz interessar-se por obras de arte: “Eu tenho, eu gosto, a minha casa toda é com arte. Então a gente tem desde os Bracher... Stheling, Dnar [artistas plásticos locais]... Eu gosto sim. Não posso comprar, de repente, um Picasso [risos]. Mas eu valorizo muito, sempre valorizei”. Ela não menciona diretamente, mas a possibilidade de comprar obras de arte (ainda que de médio valor, quando confrontadas a um Picasso, por exemplo) advém de seu trabalho como dentista e de seu primeiro casamento com o descendente de alemães e proprietário da fábrica citada por ela. Ambos somavam altos capitais econômico, social e familiar e, embora ela não tenha falado sobre o ex-marido, percebe-se que a união também reforçou o pertencimento à elite local, pois ele é de família de imigrantes alemães, algo muito valorizado em Juiz de Fora.

O tradicionalismo defendido por ela através da revista “cultural” aparece na escolha das pessoas que são notícia (os colunáveis). Ela confirma a preferência por um perfil de convidados: “Eu sempre procurava colocar [fotos de] pessoas tradicionais. Por exemplo [mostra a capa de uma revista], essa aqui é da família Penido, que construiu um hospital, é uma família importantíssima de JF. Eu pegava assim: ‘quem são as pessoas que hoje são sucesso na cidade’, então essas pessoas a gente vai colocar como destaque”. O diferencial destas pessoas é o próprio sucesso, ou seja, são, novamente, pessoas

produtivas e de destaque – os tais emergentes caracterizados neste grupo de entrevistados. Ela explica os vários tipos de pessoas destacadas em suas publicações: “Por exemplo, assim... ‘eu gosto de arte’, ‘eu gosto de cultura’, ‘eu gosto de ganhar dinheiro’, ‘sou um empresário bem-sucedido’ e tudo isso pesava para a gente escolher, para frequentarem a festa”. Evidencia-se, então, o tipo de seletividade realizado na identificação dos membros de uma elite bastante diversificada.

*

Exemplos (IV)

Na edição de fevereiro de 2014 a seção de perfil é sobre uma economista que possui uma empresa de consultoria (divulgação indireta de serviços, uma forma de publicidade com



interesse mútuo); há uma reportagem que retrata uma empresária da área de ensino (outra forma de anúncio publicitário indireto); é destacada uma estilista (valorização da moda e de profissões em evidência na atualidade); há uma grande reportagem sobre um casamento em Barbacena: a noiva é formada em Direito e estuda Medicina, o noivo é odontólogo e médico; ela é filha de engenheiro e descendente de imigrantes italianos e portugueses; ele é filho de empresários agropecuários (ostentação dos vínculos familiares e das profissões do casal); notas sobre festa de formatura de Administração de faculdade particular (mais uma propaganda indireta) e festa de aniversário de um Procurador da Justiça (valorização de profissionais tradicionais).

Na edição de março de 2014 o perfil é de uma fotógrafa e empresária (divulgação publicitária indireta); há uma reportagem sobre uma empresária empreendedora, comemorativa ao dia internacional das mulheres (outra forma de divulgar a profissional com interesses comerciais); notícia sobre a festa de dezoito anos da filha de uma odontóloga no Castelo de Itaipava (ostentação econômica e de valorização dos vínculos familiares); e imagens da festa surpresa para a proprietária da revista numa churrascaria, um exemplo de que a colunista protagoniza os próprios eventos noticiados e participa do circuito de colunáveis [Imagem 43: “Festa surpresa”, março de 2014]. Na edição de abril de 2014 o destaque é a comemoração dos oitenta anos do Cine-Theatro Central (valorização da memória e cultura locais); reportagem sobre os

imigrantes alemães (reforçando a divulgação de personagens tradicionais da história de JF); e notas sobre casamento (acontecimento particular que somente faz sentido a quem conhece os personagens retratados) e Congresso da OAB (valorização de profissionais tradicionais). Estes dados coletados mostram que os protagonistas de suas matérias são pessoas de seu círculo de amizades, pois ela aparece como convidada (aniversários, casamentos, formaturas), e pessoas ligadas ao setor empresarial. É essa valorização entre iguais (pessoas dos mesmos circuitos sociais) que predomina nessas publicações.

*

As pessoas colunáveis também se destacam por características peculiares, como elegância, conforme ela indica: “Para mim, ser elegante, numa boa, é ter educação. Não adianta você vestir roupas maravilhosas se você não sabe se portar numa festa, se você não é inteligente, entendeu. Para mim, inteligência é fundamental. Elegante, chique, é saber se portar nos lugares, isso é o mais importante”. Ela enfatiza a educação como um atributo natural que as pessoas possuem desde sempre, ainda que tente ponderar o aspecto da aprendizagem da elegância pelas pessoas em ascensão econômica: “Eu nunca me preocupei em observar isso não. O que eu noto nos emergentes hoje é que eles procuram, de um modo geral, *ser* elegantes. E as pessoas que nascem em berço de ouro elas já são, já têm uma dignidade bacana, são elegantes”. A referência ao *berço de ouro* expressa a naturalização de atributos dominados por frações sociais específicas dentro desse ambiente elitizado.

A ponderação da entrevistada ressalta as mudanças trazidas com os novos personagens produtivos e de destaque: “Mas hoje em JF, se você for analisar bem, eu conhecendo a cidade do jeito que eu conheço, eu acho que ‘a sociedade’ hoje em Juiz de Fora ela não existe não”. Ela reproduz o mesmo discurso apresentado por outros entrevistados: “As famílias tradicionais, a maioria perdeu tudo. São poucas as famílias de tradição que ainda conseguem manter o dinheiro... A maioria é tudo falido. Não tem grandes coisas não. Ninguém hoje vive mais de tradição não”. Ela ressalta que há “uma nova fase, são ciclos. Teve aquelas pessoas que estudaram, bacana, que hoje estão mandando... Hoje quem manda na cidade não é nenhuma pessoa que tenha tradição de família, de sobrenome. Eu te falo uma coisa, as pessoas mais ricas hoje não tem nada a ver... E muitos saíram da cidade...”. No entanto, ela não cita nomes; apenas aponta para o fato de que são pessoas em contínua ascensão socioeconômica.

De fato, ela é categórica quanto aos novos protagonistas da sociedade: “Hoje quem manda é o dinheiro, o estudo. Eu acho que nas famílias tradicionais os pais

ganharam muito dinheiro, tinha aquela tradição do pai, do avô. Já os netos não queriam nada com aquilo, a divisão de patrimônio...”. Estes também são fatores decisivos na diminuição das heranças materiais das famílias tradicionais: a divisão dos patrimônios e o desinteresse dos herdeiros pela continuidade dos empreendimentos familiares (somados às diversas dificuldades ocorridas no setor industrial juiz-forano, assuntos já apresentados e que serão retomados na análise do grupo dos tradicionais). Ela é enfática nas declarações sobre a decadência das famílias tradicionais porque, apesar de se considerar herdeira de um personagem histórico, sua família não possuía indústrias no período de declínio econômico. A entrevistada, portanto, não está no grupo dos tradicionais porque seu sobrenome se refere a um Barão da cafeicultura – mas não houve continuidade familiar neste ramo, logo, não houve decadência econômica. Considera-se, aqui, os emergentes enquanto frutos das dinâmicas sociais da cidade após o declínio da antiga industrialização. E é esta a justificativa da entrevistada para seu status reconhecido: “eu costumo definir Juiz de Fora como uma cidade do encontro das diferenças, entendeu, e surgiu uma sociedade plural, eclética, diferenciada e única...”.

No âmbito das dinâmicas sociais compreende-se porque os protagonistas de sua revista não são considerados membros de uma elite tradicional: “eu não considero da elite porque é ‘novo rich’, já não tem tradição”. A ausência de tradição significa dizer que são pessoas de famílias sem sobrenomes consagrados: “Quem tem valor é quem tem caráter e personalidade. Eu acho que não se valoriza mais o sobrenome não... Aqui em JF quem tem hoje dinheiro é quem manda. O dinheiro! ‘Tem dinheiro?’, ‘tem!’, então tem pouca tradição!”, define. Ou seja: os personagens tradicionais deram espaço para os novos protagonistas detentores de capital econômico, transformando o perfil dos colunáveis: “Como colunista eu conheço o perfil da cidade e muda muito; quem não tinha nada, hoje os filhos têm muito”; novamente, são os emergentes produtivos que se destacam.

A valorização das pessoas que ascenderam através do trabalho qualificado é uma forma de valorizar sua própria família: “Eu vejo só sucesso, porque, por exemplo, o meu pai veio de uma família mais simples, então ele cresceu para chegar a ser prefeito, entendeu. A minha mãe já de uma família vitoriosa, foi dentista, todos os meus tios [são] dentistas”. Nota-se que ela destaca o trabalho de seus familiares: “hoje o meu irmão, engenheiro e arquiteto, é extremamente bem-sucedido, está indo agora para a Europa passar uma temporada”. Este é, também, o modo de referir-se a si mesma: “eu me considero uma pessoa bem-sucedida porque nunca dependi de homem para viver; eu era casada com um homem bem-sucedido e na separação eu não quis nada dele, e eu me fiz

sozinha, tudo que eu tenho aqui é meu”, ressalta, defendendo a meritocracia em relação à própria independência e ao crescimento econômico obtido.

A trajetória familiar é vista como bem sucedida porque não sofreram o declínio do período pós-industrialização de Juiz de Fora: “A gente nunca foi assim ‘grandiosos’ pra cair. A gente veio subindo degrau e crescendo. Eu não vejo ninguém [na família] dependendo de herança para não fazer nada, todos eles [filhos e netos] já estão crescendo”. É uma tentativa de distinção e de autoafirmação ao se comparar com as pessoas descendentes de personagens históricos: “Na cidade o que eu vi decrescer foram famílias que queriam viver do nome e hoje os filhos estão aí em decadência total. E ainda mantêm [o discurso] ‘é da família tal’, mas nem dinheiro têm, não adianta”. Ela questiona a afirmação do sobrenome, apesar de ter defendido anteriormente que seu sobrenome materno é tradicional.

A ambiguidade do discurso é uma forma de se identificar com as pessoas de sucesso que não possuem “tradição” (os novos protagonistas da sociedade). Com esta postura ela exalta o dinamismo de Juiz de Fora: “Então hoje o que manda é ter personalidade, ter caráter, criar, é desenvolver uma coisa bacana. O que eu vejo de pessoas que nunca foram de famílias tradicionais, quando estudaram comigo [...] hoje são altamente bem-sucedidas. São pessoas que cresceram pelo esforço delas”, diz, reafirmando a trajetória ascendente de seus familiares e dela própria. Neste ponto, ela afirma: “não somos cheios da grana, mas estamos cheios de energia para trabalhar; o trabalho foi a maior herança, a dignidade que meu pai deixou pra mim: ‘você não vai crescer grande, você vai se tornar grande, desde que você tenha determinação, gana, garra’”. E ela herdou a possibilidade de trabalhar para conquistar uma posição superior na hierarquia juiz-forana: “Eu gosto do que eu faço, com dignidade, não dependo de ninguém, e vivo do presente”. A entrevistada não se apega tanto ao passado, mas vive *no* presente, desfrutando da visibilidade conquistada através do colonismo exercido como profissão, e do reconhecimento nos círculos retratados em suas publicações.

I.3

As famílias tradicionais viviam de uma tradição que não existe mais

A entrevista (realizada em 22/05/2014) com a proprietária de revista e agência de modelos ocorreu numa sala de aula de uma faculdade particular, após sua aula para crianças e adolescentes. Ela começou explicando a história de seu núcleo familiar (em

torno de seu sobrenome famoso, ou melhor, que se tornou famoso a partir de sua atuação): “A minha família é mineira, mas, assim, dizem que o [sobrenome] é um só, a família [sobrenome] é uma só. Aqui em Juiz de Fora tem outro [sobrenome] que dizem que é nome e não sobrenome, mas eu não sei”. São explicações que reforçam a importância da família e sua distinção frente a outras famílias com sobrenome parecido. Ela nasceu em Juiz de Fora, “mas na verdade eu só estou morando aqui desde a época de faculdade. Porque o meu pai, como era juiz, ele foi promovido, sendo transferido, e eu fui junto”. Ela voltou para Juiz de Fora na época de “fazer faculdade”, e continuou aqui: “até hoje, casei e tal, meu marido não é daqui, é de Petrópolis e ele que acabou vindo para Juiz de Fora”. Sua família ocupa uma posição de status na sociedade devido ao capital econômico; na verdade não houve, por parte de seu sobrenome, qualquer atuação na formação da cidade (por esta razão ela não se enquadra dentre os tradicionais).

Ainda assim, sua história familiar é valorizada pelo aspecto dos imigrantes que vieram para a região da Zona da Mata: “A origem toda é assim, da minha mãe é italiana e do meu pai é de origem portuguesa; aí vieram para cá e eram de origem rural, tinham fazenda de café, plantavam fumo”. Ela ressalta que seus familiares não deram continuidade a essa tradição rural: “quando criança, eu tive uma infância muito curtida, eu via a plantação de fumo, de café [...]; era uma tradição da família, mas que com a minha geração já se perdeu”, diz, lamentando o fato de que seus familiares se distanciaram do trabalho rural. Ela mostra afeição e nostalgia pela vida bucólica: “foi uma coisa que eu consegui ver e guardo com muito carinho da minha infância, que foi toda uma tradição da minha família; mas que não teve continuidade. O meu pai ainda quis continuar, mas era muito longe... e depois a minha vó faleceu...”; trata-se de idealizar a infância, pois ela certamente não teria conquistado o status que possui se continuasse morando e trabalhando no campo. Sua família se dedicou a outras áreas profissionais (urbanas): “São quatro filhos, meu pai é juiz, tem outro tio também que é juiz, foi desembargador, fez a carreira toda jurídica, tem uma tia que é pedagoga e tem um tio que é engenheiro. Todos vieram para estudar e cada um seguiu uma carreira”. A trajetória familiar remete a uma perspectiva de ascensão social projetada pelo esforço individual: “Com certeza vejo um sucesso” e comenta sobre as diferenças entre a antiga vida rural e a mudança para a cidade: “Porque tudo mudou muito também, na época todo mundo estava bem, mas é muito diferente do que eles se tornaram. Então, na verdade, meu avô que era do meio rural veio para a cidade e conseguiu formar os filhos; e os filhos todos foram um sucesso. E isso na verdade foi um crescimento grande mesmo”. São

características parecidas com as histórias de ascensão socioeconômica apresentadas em outros grupos (dentre os anônimos, por exemplo, há pessoas de descendência rural que começaram a ascender socialmente quando vieram para a cidade); a diferença é que os entrevistados deste grupo (emergentes) ascenderam e se projetaram na alta sociedade de tal maneira que se tornaram pessoas de destaque nas mídias locais de colunismo.

O crescimento econômico e o reconhecimento social refletem-se nas atuações profissionais de cada membro familiar: “E acabou que na minha família, hoje, a maioria é advogado ou médico. E médico na minha família não tinha ninguém”. Estas mudanças mostram que não havia uma tradição em termos profissionais (ou seja, não era uma família de industriais, empresários, cafeicultores, etc.). A respeito de seu núcleo familiar ela diz que “São três irmãos, eu e mais dois; um é médico e mora em São Paulo e o outro é advogado, mora aqui”. Formar-se nas áreas médicas e jurídicas é uma forma de buscar estabilidade financeira em profissões convencionais e reconhecidas socialmente; ela seguiu o mesmo caminho de seus familiares: “na verdade fiz Direito exatamente porque eu achava bonito, achava uma carreira promissora, bonita e tal”. No entanto, ela não tinha afinidades com a profissão que seguiu influenciada pela família: “Como exemplo de vida, profissional, e aquilo me encantava. [...] Mas eu achava que ia dar certo, mas realmente vi que não era a minha praia”. Ela gostava de áreas menos convencionais (segundo os critérios e os padrões de sua família): “na verdade acabei mexendo com Comunicação, que era o que eu realmente gostava; porque eu descobri que não bastava achar bonita, a gente tem que ter a ver, tem que estar inserida e gostar do que faz”. E a partir daí ela buscou áreas de atuação que proporcionaram o seu status de pessoa produtiva e de destaque – expressões típicas desse agrupamento.

Aos poucos a entrevistada aproximou-se do mundo da moda, no qual atua: “foi o seguinte, eu era sempre muito moleca [...]. E um dia a minha mãe falou assim: ‘eu, se fosse você, aprendia a me maquiar, a andar de salto, vou colocar você num curso’, e eu falei ‘ótimo!’. E fui fazer o curso e tal”. Esta informação revela que ela não possuía os atributos consagrados de elegância e etiqueta; logo, sua família não dominava este capital cultural distintivo. Ela precisou aprender, incentivada pela mãe, que não transmitiu diretamente tais saberes a ela; nesta atitude sua mãe expressou a valorização da conduta elegante e das normas de etiqueta (algo que não estava naturalizado na família rural, pois recorreram à aprendizagem). Ela conta que já participava de desfiles, e fazer o curso despertou ainda maior interesse na área: “eu já tinha, quando morava em Petrópolis, sido chamada para desfile; mas eu realmente não ligava para nada disso [...]. Começaram a me

chamar, eu fui e não parei mais”. A entrevistada aderiu às regras de elegância e etiqueta não somente para naturalizar sua conduta, mas – segundo ela – para utilizá-las de uma forma profissional: “Tomei gosto porque aí fui fazer um comercial e do comercial já me chamaram para a TV [...]. Foi paralelo ao estudo, estava na graduação; as pessoas já estavam me vendo nos comerciais e eu fui chamada para trabalhar com jornalismo”; ela estava terminando o curso de Direito ao mesmo tempo em que trabalhou como apresentadora de telejornal nos canais SBT e Bandeirantes (locais). Nesta época ela foi chamada por outra emissora: “a Globo me chamou para lá para fazer um programa; [...] ligado à moda, à cultura, arte, culinária, decoração, era uma revista. [...] E fiquei até esse diretor, que era o idealizador do programa, até ele sair, quando ele saiu já veio outro diretor e aí muda tudo, né”. Ela começou assim a carreira de modelo e apresentadora, que proporcionou outros trabalhos na área midiática.

Nota-se que a busca por um conhecimento específico (aprender a se comportar segundo regras de etiqueta) proporcionou a ela a soma de capitais econômico e social. Os vínculos estabelecidos ao longo da trajetória a projetaram cada vez mais na sociedade: “E por conta disso as pessoas começaram a me cobrar: ‘ah, que pena que você não está mais, a gente gostava tanto do programa’, e sempre as pessoas me cobravam uma revista; então me propuseram de fazer uma revista impressa para que eu pudesse colocar o que acontece na Agência”. A necessidade de divulgar os trabalhos era uma cobrança do público, segundo afirma: “E as pessoas começaram a dizer ‘você tem que mostrar isso, eu não sabia!’. E aquilo me empolgou e eu comecei a mostrar a revista para mostrar o ‘meu mundo’, o ‘mundo da moda’, e as pessoas participam de certa forma da minha vida”. Desta maneira, ela criou sua própria agência de moda e de publicidade: “Na agência tem a parte de agenciar as modelos, visitar lojas. Eu faço essa parte de convites, de convidar as pessoas que eu conheço, para serem clientes”. E aumentou progressivamente o capital social que já possuía quando trabalhava como modelo e depois como apresentadora de programa na televisão.

Montar a agência de publicidade e de modelos foi resultado dos capitais mobilizados por ela: “Quando eu apresentava o programa eu também comecei a fazer a produção, a ajudar na produção do programa. E aí, muitas vezes, tem que convidar modelos. E uma pessoa me falou: ‘você já reparou que você trabalha pros outros? Por que você não cria a sua própria agência?’. Esta ideia despertou interesse de outras pessoas que se associaram a ela; seus contatos percebiam que ela era uma espécie de fonte de capital social. E nesta troca de interesses ela conseguiu se projetar ainda mais: “tinha uma

conhecida minha que falou ‘eu vou montar a sua agência!’ e ela começou a chamar as pessoas e todas aceitavam. Quando eu vi já era muita gente, formou uma equipe”. De início o trabalho era informal: “a gente se encontrava no Alameda [shopping] e quando eu vi eu tinha que montar uma agência. E pelo acesso às pessoas eu abri uma agência”. Acessar as pessoas e ser aceita socialmente são os diferenciais da entrevistada, que a colocam neste grupo de pessoas emergentes, produtivas e de destaque na alta sociedade.



Imagem 44: ALAMEDA SHOPPING

Ela também leciona aulas de formação de modelo. O curso atrai um público variado: são pessoas “De toda a cidade. Tem um público maior que é de jovens, mas vem muita criança e tem curso que tem senhoras [...]. Então é muito relativo. É um curso fácil e adaptável para todas as idades, não tem problema”. Claro que o pressuposto para quem procura este curso é não dominar as regras de etiqueta e de elegância, como ela mesma um dia quis aprendê-las por não ter estes atributos incorporados à educação transmitida a ela (atributos *naturais* em casos específicos). A entrevistada diz que o curso é para “todas as classes. Não tem isso não”. E explica o conteúdo de suas aulas: “Porque na verdade, principalmente na parte de modelo, isso independe, né, porque a beleza... e não só a beleza mesmo, o jeito que a pessoa tem”. Nessas explicações surgem os pressupostos não declarados por ela: “às vezes a menina é bonita e é só bonita, não tem expressão nenhuma, não é uma menina que tem... que acontece; e às vezes a menina nem é tão bonita e ela consegue ser reconhecida porque ela tem... como que a gente fala? Uma presença! Ela é forte na presença”. Ter *algo* a mais, que ela define como presença e expressão, é um modo de se referir ao comportamento interiorizado, a aprendizagem naturalizada (conf. BOURDIEU, 2008 e PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000). Ela diz, implicitamente,

que algumas pessoas possuem atributos naturais e outras não, sem mencionar se podem ser adquiridos (em seu curso, por exemplo) ou se é parte da natureza (uma propriedade individual, algo independente do contexto socioeconômico).

A entrevistada defende que “isso independe da classe social”; porém, em outras falas, ela destaca a importância de ser elegante como um saber naturalizado. Ainda sobre o curso ela diz: “muitas pessoas fazem por causa da postura, da etiqueta, muitas vezes por timidez, entendeu, então eu vejo que as pessoas, independente de serem modelos ou não, de acontecer ou não, é um carinho que elas levam para o resto da vida”. Suas explicações indicam o que ela considera ser o foco deste curso: “aprende a maquiar, a andar de salto, etiqueta à mesa, postura, expressão corporal. É um curso que as pessoas levam para sempre”. Retorna-se ao pressuposto mencionado anteriormente, de que o público alvo é justamente quem não está familiarizado com as regras de etiqueta relacionadas à conduta em diversas ocasiões e ao comportamento, à postura, expressão corporal, aparência (maquiagem, andar de salto), etc.

Diferentemente do curso, na revista o trabalho é de colunismo social relacionado à moda e atualidades (aspecto no qual se destaca a seletividade e o elitismo): “A gente reúne, porque eu tenho uma equipe, e tem vários temas e vamos escolhendo: quem vai ser a capa, [...] a gente pode fazer uma entrevista, então a gente vai marcando e vai correndo atrás desses tópicos que a gente tem na revista e que a gente discute na nossa primeira reunião”. Devido a sua trajetória bem-sucedida neste mercado de trabalho ela tem maior facilidade no acesso às pessoas: “Já é mais fácil. Todo mundo já sabe, já me conhece. Por exemplo, a revista sai e algumas pessoas que não receberam me ligam e pedem. Aguça a curiosidade. E eu acho isso muito interessante, as pessoas têm interesse mesmo”. O público principal da revista é de leitores interessados em colunismo social, não somente em moda: “Acho que é bem geral. Porque falam que é uma revista de moda, mas na verdade a sociedade toda está de certa forma envolvida. Tem uma festa que tem alguém envolvido, uma entrevista que tem alguém, uma pessoa formadora de opinião envolvida. E eu acabo achando que é um leque mesmo”. A revista apresenta “a sociedade juiz-forana” em diversos segmentos, considerando que se trata de uma esfera social muito específica; mais precisamente, trata-se de retratar as pessoas e os espaços sociais de elite.

A entrevistada afirma ser uma característica típica da cidade o interesse em notícias sobre acontecimentos em certas partes elitizadas da sociedade: “Em Juiz de Fora é assim. Parece uma cidade média, grande, mas na verdade as pessoas são muito ligadas e se conhecem. Se não se conhecem pessoalmente, conhecem alguém que conhece

alguém, e tem uma corrente, uma rede, e a gente acaba de certa forma se encontrando”. O discurso de que todos se conhecem encobre o fato de que a proximidade só ocorre dentro de um contexto específico.

Nos meios frequentados pela entrevistada forma-se uma rede de relacionamentos tecida pelos indivíduos em suas interações, permitindo o aumento gradativo dos contatos conforme os interesses partilhados. A revista – e as colunas sociais de um modo geral – é um reflexo da seletividade e da exclusividade das elites: “A revista realmente não está fechada para nenhum público, né, mas acabou acontecendo de aparecerem mais as famílias tradicionais, pessoas formadoras de opinião, pessoas que estão mais na mídia, que se destacam...”. Os personagens retratados na revista, a equipe da produção (colunistas, anunciantes) e os leitores apreciam o mesmo tipo de publicações, que destacam desde pessoas tradicionais até aquelas que não possuem uma tradição familiar, mas são bem-sucedidas economicamente.

*

Exemplos (V)



A edição “Inverno 2013” sua revista retrata o jogador Neymar Jr. na capa, e há uma reportagem sobre ele. A seção perfil é sobre um ator global, Carlos Machado, nascido em Resende-RJ, cujos familiares são de Juiz de Fora (forma de relacionar pessoas famosas de visibilidade nacional ao contexto local); a entrevista principal é com um advogado (valorização de profissões tradicionais); há uma reportagem com as empresárias-proprietárias de loja de sapatos no Shopping Independência sobre a festa de lançamento e inauguração da loja (uma forma de anúncio publicitário indireto); é destacado um modelo juiz-forano; e a premiação de Mulheres de Expressão do colunista

Ricardo Cavalcanti, na qual ela (proprietária da revista) foi premiada (mostra que ela participa do circuito de colunáveis).

Na edição “Verão2014” a capa é a atriz Bianca Rinaldi (entrevistada – Imagem 45 – página anterior); o perfil é de um modelo juiz-forano; a reportagem é com um ator global, Márcio Garcia, filho de um empresário de Juiz de Fora (novamente uma forma de valorizar os personagens locais com referências nacionais); e destaques para a festa do encerramento do curso de modelos no Paola Buffet (curso comandado por ela – uma auto divulgação) e festas de empresários de uma loja de pneus na qual ela aparece ao lado do marido, indicando seu protagonismo de colunável e a interação com anunciantes em potencial (Imagem 46).



*

Por mais que ela defenda a democratização e a abertura de sua revista, o público e os publicáveis representam uma parcela elitista da sociedade: sua revista mostra acontecimentos particulares e pessoais que se tornam notícias públicas. A preferência de seu público é a exibição de situações que demonstram o pertencimento à elite, mesmo que isso resulte em excesso de exposição: “Ah, gostam! Uns têm problemas com a privacidade, mas algumas pessoas gostam de estar em evidência; tem quem gosta de mostrar que viajou, que foi a uma festa... Então é muito relativo, assim, depende de cada um...”. Se há demanda para tais notícias publicadas (exibicionistas) é para suprir uma necessidade de saber da vida alheia e de se expor para os outros, características da *refeudalização* da sociedade (conf. HABERMAS, 2003).

A invasão de privacidade e o exibicionismo seriam produtos da curiosidade humana (ela utiliza a mesma explicação usada por outros entrevistados): “Ah, com certeza [risos]! Querendo ou não a pessoa olha tudo! E mais, porque a revista é um pouco isso”. E ela cita um exemplo típico de ostentação e exibicionismo: “teve uma pessoa que fez a festa de um filho de dois anos e pediu para colocar na revista; então, quer dizer, isso é pro resto da vida, ele vai mostrar”, e complementa, defendendo a atitude de seu cliente: “ele fez um quadro e colocou no escritório, no dia que eu fui lá tinha o quadro com as fotos da revista. Então a filha vai crescer, vai fazer quinze anos e aquilo realmente vai ser uma história dela, acaba sendo um documento da própria pessoa, é a história da pessoa”.

Exibir-se numa publicação (ser destaque numa coluna social) é também uma forma de registro histórico da atualidade.

No caso descrito pela entrevistada, o desejo de permanecer na história se revela no ato de querer registrar o aniversário da filha, guardar a reportagem, colocá-la num quadro e mantê-la para que seja parte da história familiar. Ou seja, quando não se tem uma história reconhecida no passado é preciso inventá-la no presente, e uma forma de fazê-lo é tornando-se uma notícia de destaque publicada numa revista, jornal ou página da internet – afinal, a “magia” do colunismo acontece na veracidade adquirida pelas informações quando colocadas no papel (ou em qualquer outro recurso material – desde que permaneçam registradas).

Os novos personagens que protagonizam as páginas do colunismo social juizforano se inscrevem na história da cidade através destas publicações. Neste assunto, a entrevistada ressalta a valorização, também encontrada em outras entrevistas, dos *emergentes* diante de frações sociais consideradas *decadentes*: “Aqui em Juiz de Fora tem as famílias tradicionais, mas eu acho que não é mais como era, né, aquela tradição toda. Muita gente foi para fora e tem muita gente nova que está no anonimato, e são nomes fortes, que se destacam e aparecem”, aponta, indicando a renovação dos protagonistas das colunas sociais. Interessante a observação de que há pessoas consideradas *anônimas*, no sentido de que não possuem um sobrenome de referência; mas conseguem construir um “nome forte” quando se sobressaem em suas áreas profissionais (independentemente da herança familiar transmitida a elas), deixam o anonimato e tornam-se emergentes.

O que está em jogo nesse campo de elite é a distinção entre as pessoas que saem do anonimato e se tornam conhecidas e aquelas que permanecem anônimas. Uma das formas de se diferenciar é o pertencimento a uma família de sobrenome tradicional (ancestralidade); outra é assumir um estilo de pessoas ascendentes via colunismo social (emergentes de destaque nas mídias locais). Quanto às formas de diferenciação, a entrevistada questiona o peso dos sobrenomes: “Tudo é muito relativo, né, porque, assim, eu acho que as famílias tradicionais viviam de uma tradição que não existe mais, né, já passou... o sobrenome... E tem pessoas que falam ‘ah, você sabe quem eu sou?’, e não tem isso ‘quem eu sou’, é ‘quem foi’, porque não é mais, a família ‘era’”. É uma ideia recorrente de que algumas pessoas vivem do status do sobrenome ligado aos personagens históricos da cidade, e outras constroem suas próprias tradições a partir de iniciativas econômicas, decididamente pautadas na aquisição de reconhecimento por meio do colunismo social.

Neste ponto, o comportamento das pessoas oscila segundo seus padrões de conduta: algumas querem discrição e outras preferem a exibição. “Tem muitas pessoas que estão aí hoje em dia que ninguém sabe quem são e que têm uma tradição grande e não querem aparecer”; enquanto outras gostam de exibicionismo: “E tem pessoas que fazem de tudo para aparecer”. Ela afirma que “independente de ser tradicional ou não, as pessoas querem estar em evidência”. Não querer aparecer, cultivar a discrição, ou estar em evidência, ser destaque, exhibir-se, são posturas encontradas em todas as frações dessa elite local. Segundo a entrevistada, “são personalidades diferentes. Eu acho assim, você não deve chegar aos extremos. Tem pessoas que não querem aparecer nem numa foto, a pessoa sai correndo, e eu acho isso deselegante”. E explica: “Tipo assim, não quer aparecer, tudo bem, mas se você chegou numa situação, está numa festa e não vai tirar foto, tem que ser educada e falar ‘tá bom, vou tirar uma foto’”.

São situações que exemplificam a noção de elegância para ela: “E tem outro lado também, alguém diz ‘vamos tirar uma foto’, a pessoa está lá do outro lado e pula na frente! Nem tanto nem tão pouco. Eu acho que as pessoas têm que ter essa elegância e saber que tem a hora certa de ficar quietinha e tem a hora certa de sair”. A questão é justamente saber se comportar na medida certa para cada ocasião; o melhor meio para sabê-lo é, certamente, frequentando algum de seus cursos de etiqueta. A elegância é, novamente, naturalizada como um atributo implícito a cada pessoa. A entrevistada pode até ensinar estas noções em seu curso, mas ela mesma admite que não é algo passível de aprendizagem; trata-se de um saber regrado pelo convencionalismo.

E as colunas sociais exploram notadamente esta sabedoria da elegância. O papel ocupado pelo colunismo social na cidade indica certa necessidade de mostrar um estilo de vida padronizado e distintivo: “Eu acho que essa coisa de coluna social é muito de Juiz de Fora. Por exemplo, a família do meu marido é de Petrópolis que é uma cidade 100% tradicional, né, uma cidade histórica, e lá não tem isso, essa coisa de coluna social forte como tem em Juiz de Fora”. Ela não sabe explicar por que há mais colunismo aqui: “Não sei! Porque eu acho que JF é atípica em várias situações e essa é uma delas. Em geral as pessoas gostam de uma mídia, gostam de saber... Mas aqui é muito! E tem cidades que a coluna não tem essa força igual tem aqui”.

Esta questão levantada pela entrevistada aponta para uma característica de Juiz de Fora já mencionada: a dinâmica da sociedade. Se as famílias tradicionais da era industrial decaíram e surgiram os emergentes em diversas áreas econômicas, elas conseguiram preservar o prestígio dos sobrenomes históricos e mantiveram o status; enquanto os novos

personagens precisam garantir uma posição hierárquica superior. E uma das formas de conseguirem é aparecendo em colunas sociais, sendo destaques, pessoas produtivas e em evidência (até porque há sempre o risco de decair socialmente, então, ser destacado nas mídias é um modo de garantir o status alcançado).

Há muitos colunistas na cidade, e o clima entre eles parece amistoso, sem grandes disputas, afinal há público suficiente para todos. Ela considera que não há “disputa, mas acaba tendo uma concorrência; concorrência existe, né, mas cada um respeita o espaço do outro, é tranquilo”. Ela trabalha com várias mídias: “não é uma coluna, é um jornalismo mesmo, mas tem uma parte social, tem uma parte de moda, tem um pouco de tudo, né, pelo trabalho que eu faço, pelas pessoas que eu conheço, eu acabo convivendo com todos os segmentos, todas as pessoas”. E por ser colunável ela também acompanha as colunas dos colegas: “Sim, acompanho! Se eu não leio alguém liga e pergunta: ‘você já se viu hoje?’, ‘não!’, ‘então eu vou mandar pra você!’ [risos]. Aí manda o jornal pra mim e marca, manda beijinho. Porque também não dá pra ver tudo de uma vez, todo dia, toda hora, não dá pra ver. Mas acompanho, tranquilo”. Enquanto produtora e leitora de colunismo social ela percebe que há temas e pessoas recorrentes nas publicações: “Ah, coincidem, porque se a pessoa está dando a festa está sendo fotografada”. E assim surgem os estilos de colunáveis: “Tem aquelas que não são tão festeiras, aparecem de vez em quando, mas tem quem está sempre na mídia”; ela mesma estaria neste tipo: “no meu caso, é desfile, é uma festa que eu faço. Eu gosto de estar em contato com as pessoas, então isso acaba fazendo com que eu seja fotografada, por conhecer bastante gente”. Percebe-se que parecer em colunas contribui para ser tão conhecida e reconhecida socialmente.

São eventos e ocasiões sociais que permitem aumentar os círculos de amizades e de contatos profissionais, imprescindíveis para a realização de seu trabalho, conforme explica sobre como escolhe as matérias a serem publicadas: “Mais aquelas pessoas que estão de certa forma se destacando na sua área. Se a pessoa tem uma loja muito legal e vai fazer um coquetel, ela vai me convidar, né. Tem a parte ainda de informar casamento, essas coisas”. Nota-se que há várias partes interessadas na divulgação das informações: ela é convidada para o lançamento de um empreendimento que publicará um anúncio na revista e, em contrapartida, será uma notícia da revista. É o que move este negócio do colunismo (temática já comentada): “tem muito a parte comercial mesmo. Se a pessoa anuncia muito, se a pessoa está sempre anunciando, ela acaba aparecendo mais, porque

ela também é cliente, e a gente acaba prestigiando”. É um círculo no qual os capitais econômico e social vão se acumulando e se complementando.

A trajetória da entrevistada é exemplar neste aspecto (capital social de relacionamentos utilizado para ascender economicamente), e a percepção que ela possui da história familiar e dela própria procura valorizar o status alcançado: “Porque na verdade é uma tradição de uma família muito séria, né, muito trabalho; uma tradição, independente do nome, uma tradição de pessoas que deram certo, que fizeram, que aconteceram, pessoas que fizeram a diferença”. Quando diz que a tradição familiar independe do nome, ela reforça a ideia de que os novos protagonistas da sociedade valorizam o crescimento conquistado sem o apoio de um sobrenome histórico para legitimação do status; eles emergem e criam a própria tradição.

Suas falas exaltam este aspecto: “são pessoas que fizeram a diferença, que marcaram de certa forma na área que eles atuaram”. Além disso, ela mesma se tornou uma referência tradicional na sociedade juiz-forana: “tem pessoas que vêm de fora, vêm para aqui, comprar em alguma loja – isso já aconteceu várias vezes – e quando perguntam ‘você tem referência?’, dizem meu nome”. Isso demonstra que, mesmo não tendo um sobrenome tradicional, a publicidade e o colunismo tratam de construí-lo: “eu lembro uma vez uma conhecida minha falou assim: ‘uma pessoa me pediu referência, mas eu não moro aqui, e eu lembrei de você’; aí falou meu nome e... Quer dizer, eu fico feliz, uma referência que ela deu foi meu nome e viu que as coisas meio que aconteceram por ter tido essa referência”.

Ela afirma que “é um reconhecimento. Tem uma cunhada minha que fala assim: ‘o meu sobrenome aqui é o seu’ [risos]. É fácil de identificar, perguntam ‘o que você é da [nome]?’ e aí você tendo um nome legal na cidade fica mais fácil das pessoas... fica bem relacionada, isso é importante”. Ela conclui: “Eu fico lisonjeada, né, porque é um trabalho que eu faço há anos e anos e você ter assim um nome limpo, ser reconhecida de uma forma boa isso realmente é um orgulho”. Como já mencionado, ela é uma fonte de capital social e através disso ela se tornou uma pessoa de destaque na sociedade. A entrevistada representa o perfil de emergente de sucesso, com reconhecimento social prescindindo até de sobrenomes históricos – embora em suas falas transpareça certa crítica ao status superior das antigas personalidades tradicionais.

I.4

Eu queria ser low profile

A entrevista (realizada em 04/06/2014) com um proprietário de uma página de colunismo na internet ocorreu na cafeteria de uma loja de discos e livros na Avenida Itamar Franco (centro da cidade). Antes de atuar profissionalmente nas mídias sociais ele diz que já frequentava as colunas de sua cidade natal como colunável devido a seu pertencimento familiar. O capital familiar somado ao capital social de relacionamentos influenciou positivamente o início de sua trajetória profissional: “Eu sou de Visconde do Rio Branco e lá eu comecei a trabalhar com isso porque, na época, tinha uma amiga que tinha um jornal em Ubá, o jornal era regional, circulava em várias cidades, e ela queria entrar no jornal de uma forma mais expressiva e ela pensou numa coluna social”. O colunista indica o quanto estas seções dos jornais são importantes para a visibilidade e expressividade sociais, no sentido de que noticiar eventos vivenciados por uma parcela elitizada da sociedade é uma forma de obter reconhecimento público.

Ele foi convidado porque frequentava os círculos sociais retratados nas colunas: “Ela me chamou porque eu sou de uma família tradicional, eu já conhecia a sociedade regional toda, entendeu, então eu fui. Na verdade eu não sou formado em jornalismo. Eu trabalho com isso há vinte e seis anos, eu nasci para isso, eu tenho um talento nato”. As auto-referências exaltam suas qualidades na área de jornalismo, como uma justificativa por não ser formado na área: “Na verdade eu sou formado em Ciências Contábeis e Administração de empresas, mas eu nunca exerci, eu não sei nem por onde começar; o meu negócio é escrever”. Ele valoriza o próprio trabalho para afirmar seu diferencial: ser colunável e pertencer às esferas da alta sociedade retratadas nas colunas, ainda que seja procedente de outra cidade (por esta razão ele não está no grupo de famílias tradicionais juiz-foranas).

A trajetória profissional dele segue o padrão encontrado em outros casos pesquisados de que os capitais pessoais são mais decisivos para a entrada no mercado de trabalho do que critérios impessoais de qualificação especializada ou o mérito individual. Ele narra o próprio percurso profissional de modo linear, apesar de haver descontinuidades e rupturas: “Eu morava aqui em JF e ela me chamou para fazer a coluna lá, era semanal. Ela dizia ‘você fecha a coluna na quarta-feira e vai para JF’. E eu acreditei que isso seria possível!”, diz, ironizando, e continua: “Mas a coisa começou a crescer, entendeu, começaram a chegar convites, começaram a chegar coisas para fazer e tal e tal,

e eu cheguei a ficar um ano sem visitar JF. [...] Eu cheguei a dormir em casa de gente que eu nunca vi na vida por causa dos eventos, era casamento, aniversário; tudo matéria paga”. Este aspecto comercial é um dos pilares do colunismo social (a simbiose colunistas-anunciantes-consumidores), embora este seja o primeiro entrevistado a admitir abertamente este aspecto (outros apenas mencionaram indiretamente). As reportagens são encomendadas através de convites que podem envolver o patrocínio para a publicação; outro aspecto que sustenta as publicações são os anúncios comerciais, principal fator em jogo nesta área de trabalho.

O entrevistado mostra que a dedicação ao trabalho estava associada aos ganhos obtidos com as matérias cobertas pela coluna, fato que logo o desestimulou e o fez buscar outros caminhos: “Aí depois eu enchi o saco de tudo e mudei para Paris! Larguei tudo e fiquei dez anos em Paris. Eu queria ir embora e fui, pensei ‘chegando lá eu vejo o que vou fazer’. E cheguei lá e virei promotor de uma casa noturna, o que eu também gosto de fazer”. A decisão de ir morar em Paris aparece como uma aventura em busca de distinção, considerando o *glamour* em torno da capital francesa. Esta fase durou pouco para o entrevistado que precisou voltar para Juiz de Fora; mas ele não pretendia mais trabalhar com colunismo: “eu jurei que nunca mais ia mexer com coluna social! Eu queria ser *low profile*, ficar no meu canto e tal. Acabou que eu fiquei aqui e [um colunista famoso] me chamou para trabalhar com ele, eu fui fazer o comercial das colunas”. Ele conta que já conhecia este colunista porque “já frequentava a sociedade aqui” e se define: “eu já era colunável aqui, já frequentava as colunas sociais daqui; antes da minha coluna eu já era conhecido aqui”. Interessante notar a afirmação reiterada do pertencimento às camadas superiores da sociedade e nos circuitos de colunáveis.

Mais interessante ainda a menção de “frequentar a sociedade”. Como nos demais casos, o que se encobre é que se trata de uma esfera da sociedade, um círculo social, uma elite. Os entrevistados consideram o contexto onde atuam o único campo legítimo da sociedade. Os campos das colunas e colunáveis são muito próximos e feitos do mesmo tecido social, o que facilita os contatos entre as pessoas e o aumento das redes de relacionamento. Tais redes contribuíram para a ascensão do entrevistado em seu trabalho e para construção do seu próprio espaço de atuação: “Então eu trabalhava na parte comercial, recebia os projetos, aí eu conheci uma agência de publicidade que fazia a manutenção de um site”; este fato o motivou a criar sua própria página: “a internet *tava* começando, né... Mas eu comecei a fazer. E foi aí que eu descobri o quanto eu era bom de venda”, exalta-se. Ele focaliza, novamente, a questão dos anunciantes comerciais:

“Naquela época o meu site da cidade já era o que tinha mais anunciantes na Internet, eu conseguia vender, era uma coisa absurda! E hoje em dia também, porque jornal já é uma coisa quase extinta, né, não vai acabar porque é cultural, mas enfim...”. O entrevistado considera que as páginas da internet superam o uso de jornal



impresso; é uma opinião que revela, na verdade, uma vaidade pessoal do entrevistado: “ninguém vai à banca comprar jornal, eu não vou! Eu só vou quando sai alguma nota minha em coluna social porque eu gosto de arquivar ‘no papel de jornal’, é a história da minha vida”, e complementa: “então eu tenho várias pastas organizadas em ordem cronológica, mas é porque eu compro quando eu saio”. Após esta observação, que reforça a ideia de que as pessoas querem se incluir na história local de alguma forma (e aparecer nas colunas é uma dessas estratégias), o entrevistado reafirma o sucesso de sua página de colonismo: “eu já consegui um número grande de anunciantes. E eu montei o meu próprio site. E o negócio bombou!”.

*

Exemplos (VI)

O sucesso, afirmado por ele, de sua coluna virtual enquadra-se na questão dos patrocínios e dos anunciantes que sustentam estas publicações. Por exemplo, na coluna do dia dez de abril de 2015 há 19 anúncios e 32 imagens de colunáveis (o número de anúncios é mais do que a metade do total de fotografias – esta coluna completa encontra-se nos Anexos porque demonstra a quantidade de anúncios presentes em sua página de colonismo). A grande quantidade de anúncios mantém o sucesso que ele defende de suas publicações. Destaque para o lançamento de livro de um médico (Imagens 47 e 48, acima), uma forma de valorizar em primeiro plano a profissão tradicional (médico) e em segundo plano a vocação artística (escritor).

*

Ele não divulga os números de acesso na página, mas acompanha o desempenho das postagens: “eu coloco no ar e em dez minutos eu já olho e chega a três, quatro mil acessos e vai só subindo. E conta uma vez só por computador. Na verdade eu tenho mais de cento e vinte mil acessos por mês”. Suas publicações abordam vários assuntos: “A coluna social não é mais aquela futilidade só de ‘fulano tá viajando, comprou um carro

novo, tal e tal'. Tem que ter isso em doses... bem dosado, bem equilibrado. Mas a coluna social hoje tem por obrigação aplaudir, cobrar, de políticos, de pessoas". Na coluna citada anteriormente (10/04/2015) há algumas notas informando sobre projetos sociais da Prefeitura e de iniciativa privada; porém, predominam as notícias sobre festas de aniversário, casamento, eventos empresariais e informações do tipo.

Há, nestas publicações, um público variável, na medida em que os personagens vão se alternando. A alternância expressa a própria renovação dos protagonistas da cidade. Os colunáveis mudam e os colunistas acompanham estas mudanças: "hoje em dia não é mais aquela coisa só para os ricos e milionários, até porque os ricos e milionários fogem da coluna social, entendeu, eles correm, a maioria é *low profile*. É gente que quer ficar escondido, anônimo, *light*", e explica: "Tem muita gente milionária nessa cidade que não aparece em coluna social; eu sou amigo e eles me proíbem: 'olha, você está na minha casa como meu amigo, não quero nota, não quero nada!'; eu frequento a casa das pessoas e me pedem para que eu não dê nota, entendeu". Ele não diz quem são os ricos da cidade, mas subentende-se, ao longo da entrevista, que não são de famílias tradicionais e querem permanecer no anonimato – ainda que seja um anonimato questionável, pois são pessoas que recebem convidados, como ele, para festas particulares nas quais a ostentação e o exibicionismo acontecem da mesma forma que nas ocasiões publicadas nas colunas; a diferença é que não se tornariam acessíveis ao grande público, mas apenas entre seus pares (no âmbito das elites).

Trata-se, novamente, da questão da privacidade e de suas medidas relativas: "Exatamente [querem privacidade]. Não todos. A minoria. Por exemplo, um casamento pode mostrar, o nascimento de um neto, um filho, pode mostrar; mas 'fulano viajou, comprou um avião' aí não", explica. As medidas estabelecidas para o que é publicável e o que é intimidade são relativas porque correspondem a cada estilo adotado pelos colunáveis. A distinção entre os considerados herdeiros de famílias tradicionais e os de origens emergentes expressa uma variação de comportamento. As colunas sociais juizforanas procuram acompanhar estas diferenças, prestigiando um público heterogêneo: "Tem muito emergente, muita gente que começou... Várias áreas. É bem variado. O que tem mais é empresário de lojas, imobiliárias, franquias. Eles não têm um histórico tradicional de família, não são bem-nascidos, entre aspas, mas conseguiram se destacar na sociedade"; mais uma vez as expressões "se destacar" e "na sociedade" traduzem a ideia de situações elitistas.

O colunista reafirma a necessidade da atualização do colunismo para buscar os destaques das elites dominantes na atualidade: “Hoje a gente [nas colunas sociais] não prioriza só quem nasceu em berço esplêndido não. Hoje a gente prioriza quem nasceu na manjedoura e hoje consegue dar um berço esplêndido para o filho. Pessoas que lutaram, cresceram, tal e tal. A maioria adora aparecer”. Mais uma vez nota-se a ideia de que algumas pessoas nascem numa condição diferenciada (berço esplêndido) enquanto outras nascem num contexto de dificuldades (manjedoura das pessoas em ascensão) e, mesmo assim, conseguem superar as adversidades. Este segundo tipo, dos emergentes que se sobressaem economicamente e obtêm reconhecimento social, parece mais valorizado porque conquistou uma condição superior através do trabalho (ser produtivo); assim, esses indivíduos proporcionam aos descendentes o berço esplêndido que não tiveram.

As colunas se atualizam na medida em que percebem tal ascensão e mobilidade social das pessoas que não pertenciam ao público tradicionalmente retratado, mas passaram a pertencer quando se destacaram em seus campos de atuação (valorização econômica). As dinâmicas ocorridas nas elites contribuem para formar as demarcações distintivas nos espaços frequentados pelos colunistas e colunáveis. Uma das divisões é a opção pelo exibicionismo ou pela discrição: “Os ricos de verdade não gostam de ostentar. Para eles comprar um avião, comprar um carro é normal. Compra e pronto, tá lá no aeroporto guardado ou na cobertura guardado e ninguém nem sabe que tem, pra eles é normal, é como comprar um saco de arroz”, diz o colunista; e compara com o outro tipo de perfil: “Agora, os outros, que não são, gostam de mostrar que compraram um carro importado, um helicóptero, viajaram... essas notas não são pagas; só os anúncios e alguns eventos maiores”. As falas do entrevistado expressam as lutas por distinção neste meio social. As diferenças entre esses membros da elite juiz-forana mobilizam disputas em torno da legitimação dos estilos de vida. Ele destaca as diferenças: “Tem muita diferença, tudo! Aqui em Juiz de Fora tem muitos novos ricos. A postura, né, é uma diferença. As mulheres, você vê a elegância, a cultura; nos homens também, é completamente diferente a postura. É berço, né? É diferente. O ‘cheiro’ é outro”. O entrevistado reproduz o discurso distintivo presente nas disputas por posicionamentos maiores na hierarquia social.

Neste ponto, evidencia-se a disputa entre um estilo de vida considerado legítimo e os demais que tentam imitá-lo. A respeito das lutas distintivas as falas do entrevistado servem para ilustrar estas situações: “Existe um *mix* de ego. As mais antigas elas têm consciência do lugar delas na cidade, então elas gostam, às vezes, de se impor: ‘eu sou

fulano de tal' e pronto e tá certo. Eles têm uma história, entendeu, se faliu ou se não faliu, têm uma história, de uma forma ou de outra já foram importantes, foram destaques, contribuíram para a cidade". Por outro lado, há uma renovação que também é valorizada, protagonizada pelos novos produtivos. O entrevistado exemplifica: "E as outras pessoas, que surgiram do nada, ou melhor, que surgiram depois, elas são às vezes até mais incisivas do que as de famílias tradicionais, porque elas querem aparecer a qualquer custo". Seus exemplos indicam os valores em disputa na sociedade: "Você não vê um novo rico falando que vai fazer uma viagem pro exterior, pra Europa, eles querem Miami, querem Estados Unidos, Nova Iorque. Eles não têm cultura!". As diferenças surgem nas escolhas que definem um estilo de vida distintivo: "Então, o rico tradicional ele vai a Nova Iorque, mas eles priorizam a Europa, sabe. Ele quer ver aquela estátua que ele viu no livro de história, ele quer ver aquele quadro...". E conclui: "Os ricos são mais sofisticados, sabem usar a roupa, sabem combinar as coisas, tanto os homens quanto as mulheres, isso que faz a diferença". A distinção se expressa nos capitais pessoais (postura, entonação de voz, polidez, elegância, etc.) arraigados a ponto de se tornarem propriedades naturalizadas, que encobrem o processo de aprendizagem envolvido (conforme ideias já discutidas sobre a naturalização da elegância). Nota-se, a partir dos exemplos do entrevistado, que a divisão hierárquica da sociedade juiz-forana é marcada pelo vínculo a algum sobrenome histórico ou a trajetórias ascendentes que obtiveram visibilidade e projeção social; e o status conquistado, nos dois casos, é mantido e retransmitido aos descendentes.

Os novos protagonistas se esforçam para aprender as maneiras legítimas do novo contexto em que vivem. Segundo o entrevistado, "Muitas vezes sim. Mas a maioria, na maioria das vezes, acha que porque tem dinheiro não precisa", ou seja, contentam-se com o alto capital econômico e desconsideram a acumulação de capital cultural. Há, porém, os que empregam o capital econômico em consultorias para suprir esta falta: "Os inteligentes sim, mas de cada dez só um faz isso. Se tivessem uma assessoria seriam menos cafonas, menos ridículos, menos... seriam mais normais", declara. Interessante notar as fronteiras entre os padrões de conduta legítimos e ilegítimos: o entrevistado critica ao mesmo tempo em que defende os emergentes e novos ricos descritos por ele. Suas falas tentam, sobretudo, preservar aqueles que protagonizam suas colunas sociais: "Mas são pessoas boas, são pessoas que trabalharam, que lutaram, entendeu. Tem muita gente muito rica lá na periferia, lá em Benfica, por exemplo, e não aparecem". E reforça: "Pessoas boníssimas, educadíssimas, íntegras; elas não mudam de bairro, não fazem questão, não pedem, não pagam, correm... Mas a maioria corre para aparecer". Apesar de

contraditório, é justamente a tensão entre querer aparecer e manter a discrição que denuncia as origens de cada indivíduo. É uma ambiguidade porque, no caso dos emergentes (em geral), a elegância de saber se portar em cada situação não está naturalizada; assim, o desejo de aparecer pode se sobressair, deixando de lado os princípios de discrição. Em todos os exemplos, nos personagens tradicionais e nos emergentes, aparecem momentos de tensão entre ser discreto e se exibir: alguns querem afirmar suas posições superiores ostentando seus sobrenomes, outros buscam a aceitação nos meios colunáveis e ostentam seus bens de consumo como uma forma de se afirmarem.

Se no estilo de vida considerado legítimo a elegância é pautada pela discrição nem sempre os colunáveis se adequam aos padrões. O próprio ato de aparecer e estar em evidência se afasta do que se padroniza como comportamento discreto. O entrevistado pondera que o exibicionismo tem diminuído: “Hoje em dia as pessoas não estão recebendo mais [promovendo festas] como antigamente, mudaram muito; o dinheiro ficou escasso, quem tem está mais comedido, acho que é justo isso”. Contudo, é uma declaração ambígua, pois não é possível generalizar a escassez financeira de todas as frações sociais de Juiz de Fora (ou das elites retratadas nas colunas). Ele mesmo se contradiz: “Mas, dentro da medida do possível, recebem ainda [para festas], mas são grupos fechados, são coisas que acontecem e ninguém fica sabendo. São mais discretos, entendeu”. As festas continuam em seus círculos específicos, seletivos e elitizados; e os colunistas convivem com todos os grupos da elite (afinal, eles são convidados, ainda que não publiquem, pelo menos eles estarão lá para testemunhar o status destas pessoas).

Em suma, as colunas refletem as contradições e denegações em jogo na busca por distinção. Ele considera estas práticas variadas como uma característica democrática do colunismo: “A coluna social hoje não tem mais aquele perfil fútil, ela tem que ter [o perfil] informativo, tem que cobrar, tem que aplaudir. Porque quem sai em coluna social é que faz e produz”. De novo a produtividade aparece como um critério de diferenciação entre quem será destacado como notícia. De fato, predomina a valorização de profissionais que mobilizam maior capital econômico. Ele exemplifica: “Não qualquer pessoa [produtiva]. Por exemplo, o lixeiro produz, é claro que produz, mas não está dentro do contexto”. Neste caso, o contexto envolve produção material de prestígio e status: “Se uma pessoa traz uma franquía nova para a cidade ela sai em coluna social, entendeu. Pessoas que são destaque. E tem um limite, claro. Todo mundo trabalha. Mas a gente não vai priorizar só quem é rico e milionário – para falar a verdade eles preferem muitas vezes não aparecer. Mas a gente tem que dar um ‘up’... Divulgar... a ideia é essa!”. Os produtivos colunáveis

são pessoas de interesse para os colunistas em relação à visibilidade de suas notícias (leitores-consumidores); e que se interessam pelas colunas para divulgação comercial (anúncios), algo que um *lixeiro* (termo pejorativo empregado pelo entrevistado), ainda que seja *produtivo*, jamais fará.

Os colunistas frequentam eventos específicos, selecionados criteriosamente, enquanto parte fundamental de seu trabalho; é uma prática do entrevistado: “Na maioria das vezes eu vou como colunista mesmo – a não ser quando é um amigo eu vou como convidado... Na verdade, se a gente parar de uma hora pra outra, os convites param. Então é um jogo de interesses. Quem falar que isso é mentira está mentindo!”. Este jogo de interesses é alimentado pelo prestígio de ser destaque e pela necessidade de anúncios que patrocinem as próprias publicações. A lógica é esta, segundo o entrevistado: “Por exemplo, se você é dona de uma loja, tem uma fulana aqui e outra ali se eu tiver que escolher uma pessoa vou fotografar você, porque provavelmente depois você pode vir a fazer um anúncio da sua loja na coluna. A gente vive disso, os anúncios é que bancam”. Se os anunciantes são os alvos principais das fotografias e notícias, o jornalismo se sustenta sobre os consumidores dos anúncios (trata-se da simbiose já mencionada).

Segundo o entrevistado, o público de leitores que consome as publicações não é somente de colunáveis: “o povo que mais consome coluna social é a classe D. Essa classe emergente, que está começando, a classe C e D, porque eles querem saber o que está acontecendo no topo da pirâmide, eles almejam chegar ao topo, eles querem saber o que está acontecendo, entendeu” – na verdade, atingir o topo da hierarquia social parece ser um objetivo como a todos os estratos sociais. Mas esses leitores citados pelo entrevistado são pessoas que dificilmente apareceriam nas colunas sociais: elas podem até se interessar por saber o que está acontecendo no topo da sociedade e almejem chegar lá, porém não podem ainda consumir o mesmo que os colunáveis (loais de lazer, festas, eventos, viagens, produtos anunciados, etc.).

As falas do entrevistado naturalizam as desigualdades em relação a isso: “todo dia matam alguém na periferia e a gente não fica sabendo, porque são pessoas que não têm importância nenhuma pra gente, né? Mas se no nosso meio acontecer uma coisa dessas a cidade inteira fica sabendo. Se for assassinato, se for traição, tudo a gente fica sabendo”. É o próprio elitismo que move as publicações, no sentido de que defendem a democratização, mas são elitistas – ainda que se trate de uma elite dinâmica, na qual seus protagonistas podem mudar constantemente. Ele defende os protagonistas atuais (emergentes) e se identifica com eles, visto que possui uma relação de ambiguidade com

as demarcações hierárquicas de Juiz de Fora: respeita o lugar ocupado pelos tradicionais, mas defende a importância de novos personagens mais importantes para a história contemporânea (justamente seus clientes e consumidores de colonismo social).

I.5

Uma família sem brasão

A entrevista (realizada em 23/05/2014) com o empresário proprietário de restaurantes ocorreu em seu escritório; ele demonstrou interesse e curiosidade sobre a pesquisa, especialmente por ter sido indicado como uma personalidade importante de Juiz de Fora. Esta estratégia de abordagem para conseguir entrevistados facilitou o andamento da pesquisa na medida em que as pessoas sentem-se prestigiadas ao serem escolhidas. O entrevistado pertence a uma família de imigrantes italianos, porém, seus antepassados não deixaram um legado histórico tão marcante como no caso das famílias tradicionais entrevistadas (em termos de participação política, patrimônios arquitetônicos, obras culturais e de infraestrutura urbana). Nota-se que a família paterna, de imigrantes italianos, recebeu mais atenção ao longo da entrevista: “O meu bisavô veio da Itália, da cidade de Martina Franca, no sul da Itália – de parte de pai. Ele veio nos anos 1920, talvez, não sei exato”; e complementa sua genealogia: “Aqui ele conheceu a minha bisavó portuguesa, tiveram filhos e a família se espalhou pelo Brasil, principalmente em Juiz de Fora, onde foi o núcleo mais importante, Brasília, que é o outro também importante, Rio, São Paulo e Curitiba”. Ele ressalta que seus bisavós “tinham uma casa, uma mansão” no centro da cidade, na rua onde ele mora atualmente, e lamenta que a “mansão foi demolida e fizeram mais um ‘espigão’”. O entrevistado mostra que a família era bem posicionada economicamente, mas não conseguiu preservar a “mansão” onde moraram e não deixaram um patrimônio histórico (arquitetônico) de herança.

A respeito das heranças não materiais de sua família, o entrevistado destaca a atuação de uma tia “que criou a base educacional do município de Juiz de Fora; então ela é nome de colégio e foi uma pessoa que fez a família”; ela teria contribuído para o reconhecimento de seus familiares na cidade. O entrevistado também ressalta a importância de seu avô paterno, de origem italiana: “Na época eles foram perseguidos duas vezes. Eles eram antigetulistas, então na época do Getúlio eles foram perseguidos e na época da Guerra por serem italianos”; a origem italiana e as atuações políticas fazem com que o entrevistado destaque mais a atuação de sua família paterna. Ele considera que

seu pai “também foi uma pessoa que ficou eminente na cidade. Ele foi o chefe da Rede Ferroviária de Juiz de Fora, hoje é a MRS”. A partir daí começa a trajetória ascendente do entrevistado, devido ao status e à ocupação de seu pai: “na época ele tinha tanto prestígio e poder quanto o prefeito da cidade porque era a empresa que tinha grandes recursos, grande empregadora, grande conta no banco, eles empregavam os engenheiros, os contadores, todos que se formavam em Juiz de Fora iam tudo pra Rede”. O prestígio paterno é bastante valorizado pelo entrevistado: “quando ele morreu ele deixou a aposentadoria dele, a casa e um carro [...]. Era um cara assim honesto e de uma competência danada”; e explica que a geração de seu pai “foi uma geração de engenheiros muito eminentes, como o próprio pai do Eike Batista, o Paulo Nogueira”; estas referências expressam uma visão de mundo focada no sucesso profissional e na ascensão econômica.

[Imagem 49: Estação ferroviária de JF]



A formação educacional do entrevistado permitiu a dedicação integral aos estudos em escolas particulares (Colégios Santos Anjos, Stella Matutina e Academia). Ele passou por dificuldades de aprendizagem no ensino médio, que influenciaram na maior dedicação ao ensino superior: “fiquei mais estudioso, porque aí era uma faculdade paga [Unifenas], eu *tava* muito longe de casa, e eu tive a obrigação de não poder perder... E até hoje eu sou uma pessoa estudiosa, fiz vários MBA’s”. As informações do entrevistado indicam a valorização do capital econômico convertido em capitais culturais, no sentido de que ele ostenta “vários MBA’s” (cursos de pós-graduação pagos e relacionados às áreas de Administração e Economia).

O entrevistado tentou continuar a tradição ferroviária iniciada por seu pai, mas seguiu por outros trilhos posteriormente: “Eu fui engenheiro ferroviário por treze anos, mas, na verdade, eu sou engenheiro florestal, então eu entrei para trabalhar uma área muito específica [...]; e foi uma das coisas que me fez sair e ir pra iniciativa privada”. Seguir a profissão paterna facilitou sua entrada no mercado de trabalho, além de reforçar a identidade familiar: “Minha família era ferroviária, né, e no fim de semana na casa do meu pai, onde se reunia todo mundo, todos os meus primos, todo mundo era ferroviário, o assunto era ferrovia”. Ele justifica a forma como começou a trabalhar, dizendo que “naquele tempo não tinha ainda concurso e o meu pai, muito correto e honesto, não ia empregar um filho, mas os colegas, o próprio presidente da Rede na época falou ‘a gente está precisando de engenheiro florestal demais, então ele vai trabalhar com a gente’”. Desta forma, ele ingressa no mercado de trabalho com facilidade, embora não permaneça nesse ramo.

Paralelo a isto ele tinha outras opções também facilitadas pelo capital social, sob a forma de “um convite para trabalhar na iniciativa privada”, feito por “um grande amigo, como um irmão, o maior empresário de Juiz de Fora hoje [proprietário da empresa U&M]”; este convite relaciona-se à mudança profissional vivida por ele após deixar de trabalhar como engenheiro florestal e começar a carreira de empresário. O entrevistado representa um ícone da iniciativa privada no sentido de que sua trajetória expressa a ideia de sucesso conquistado através de batalhas individuais. Por isso ele ressalta as próprias iniciativas e decisões: “eu trabalhava na Rede, ganhava direitinho, nada para ficar rico, mas ganhava bem, e eu lembro que uns três anos antes eu resolvi fazer uma ‘Eurotrip’, de mochila” – em seguida acrescenta que ele e a esposa fizeram outra “viagem fantástica pelos EUA”; o assunto das viagens surge porque, segundo o entrevistado, elas motivaram a mudança que estava para acontecer (mas claro que mencionar viagens para Europa e Estados Unidos é uma forma de distinção): “eu já não tinha mais dinheiro, tinha gastado demais e a Rede Ferroviária ia ser privatizada; eu estava extremamente desmotivado na empresa em que eu estava e pensei ‘se eu entrar na mesma empresa na iniciativa privada eu vou rodar logo de cara, melhor sair, não quero mais ser empregado’”. Esta decisão, motivada pelas viagens e pelo descontentamento profissional, desencadeou os diferenciais do entrevistado.

É uma trajetória que se diferencia por causa dos contatos sociais estabelecidos por ele e pela postura de pioneiro e desbravador que ele assume: “eu tinha uma ideia de um restaurante de carne, e o [amigo], sempre muito visionário, falou ‘de carne não,

japonês! Tá na moda””. E eles aproveitaram o modismo para criar um restaurante que se diferenciava dos demais: “aproveitamos um amigo arquiteto que estava voltando do mestrado em Barcelona [...] e foi um projeto em que não economizamos dinheiro; rodei Rio, São Paulo e BH e o que tinha de melhor em cada restaurante eu fui somando”. Além de ter sido projetado por um arquiteto reconhecido em Juiz de Fora, o restaurante reunia elementos inspirados nos melhores locais de grandes cidades. Nota-se que a distinção é um objetivo do entrevistado desde sua estreia na iniciativa privada, e ele se orgulha disso: “quando abriu [o restaurante] Juiz de Fora ficou encantada com aquilo: ‘pô, isso aqui parece Nova Iorque, parece qualquer lugar, menos JF!’ E foi um sucesso”. As comparações com outros locais também expressam o estilo distintivo construído por ele.

O fundamental de sua transformação em profissional liberal foi investir em capitais distintivos e diferenciais que garantissem o alto nível de seus estabelecimentos; por exemplo, contratar uma amiga *chef* de cozinha que “fez curso na Itália e na França” para fazer “um cardápio de cozinha contemporânea; então, o [restaurante], além de japonês, foi o primeiro a ter ‘risoto arbóreo’, foi o primeiro a ter trufa, a trufa italiana, não é o chocolate!”. Esta observação do entrevistado é interessante porque indica seus conhecimentos internacionais: “isso mesmo; foi o primeiro que mostrou a trufa à sociedade juiz-forana”. A distinção marcou seu empreendimento, através de “eventos de toda natureza, tailandês, indiano, italiano, francês [...], tudo que era evento gastronômico de chef renomado; então foi uma história muito marcante”. Porém, por se tratar de um tipo de “moda”, surgiram mais restaurantes do mesmo gênero e, após nove anos, “a cidade foi invadida por restaurantes japoneses, a sociedade já estava acostumada com restaurante japonês, a coisa inverteu, aí veio a moda... de churrascaria com buffet de comida japonesa e o [restaurante] passou a ser mais um, já tinha muita concorrência”. Com a maior concorrência o empreendimento deixa de ser exclusivo e perde seu caráter distintivo, principais atributos defendidos pelo entrevistado; então ele procurou investir em outros negócios da área gastronômica, sempre se associando a pessoas que dominam este setor na cidade.

Seu novo empreendimento surgiu quando ele expandiu seus contatos: “pensei ‘se eu tiver que permanecer nesse mercado eu vou ter que me associar ao melhor e o [dono do bar-restaurante Churrasqueira] é o melhor’. Eu já o conhecia do ‘*metier*’”. As iniciativas comerciais do entrevistado indicam um perfil de quem ambiciona um crescimento econômico planejado, sem correr o risco da instabilidade e do rebaixamento social. Por esta razão ele se preocupa em criar empreendimentos com diferenciais para

enfrentar a concorrência do mercado; o novo bar que ele começou a planejar em associação com o outro empresário mencionado passou pelo mesmo processo de criação do restaurante japonês, uma busca por elementos distintivos: “quando eu fui aos Estados Unidos em 93 eu fui a New Orleans e eu fiquei encantado com os bares, o *Quartier Latin*, o bairro francês, onde têm os balcões, as varandas, bares maravilhosos...”; ele compara seu estabelecimento aos que ele conheceu na viagem e a própria definição dele expressa a intenção distintiva: “é um bar ‘*retrô*’ e ‘*noir*’, ele é antigo e escurinho, e nós botamos o que tinha de melhor e de mais interessante em culinária de botequim, uma ‘alta gastronomia de botequim’, né, paradoxal, mas é por aí!” – este bar funcionava no bairro Alto dos Passos, onde há diversos bares e restaurantes muito valorizados na cidade.

A distinção é a sua preferência relativa a assuntos profissionais e pessoais; suas escolhas mostram a necessidade de ser bem-sucedido e se diferenciar do que é comum. Trata-se de uma característica das pessoas de elite, a seletividade e a distinção. Por ter saído de uma família ferroviária, como ele definiu, e ter entrado num mercado concorrido ele busca se sobressair de alguma forma. Na trajetória profissional ascendente do entrevistado não aparecem termos como fracasso ou decadência; e a forma de evitar a instabilidade é associando-se a pessoas de base econômica estável e de sucesso no mercado, com as quais poderá garantir a própria estabilidade; neste ponto, ele mobiliza capital social em todas as suas práticas profissionais. Seu percurso de trabalho é apresentado como a soma de decisões e associações acertadas: seu amigo, um dos principais parceiros comerciais, o convida, novamente, para uma parceria, agora para abrir um restaurante na praça de alimentação do Shopping Independência [Imagem 50, a seguir]; com esta garantia ele fecha o restaurante japonês, vende o imóvel, vende também o bar *retrô* e investe no seu novo restaurante. Estas decisões são consideradas “uma ‘*joint venture*’” [e explica ter sido a fusão de vários empreendimentos dos quais participa]. As associações comerciais do entrevistado exemplificam a aplicação de capital em redes socioeconômicas, visando uma projeção profissional.

Ser reconhecido na alta sociedade significa aproximar-se do status das pessoas com quem ele se associa; tanto que ele considera o amigo “uma pessoa que ficou muito bem de vida, uma pessoa rica”, e define as escolhas deste parceiro: “ele, ao contrário de muito rico que gosta de ficar investindo em Ferrari ou Castelos, não, ele investe em

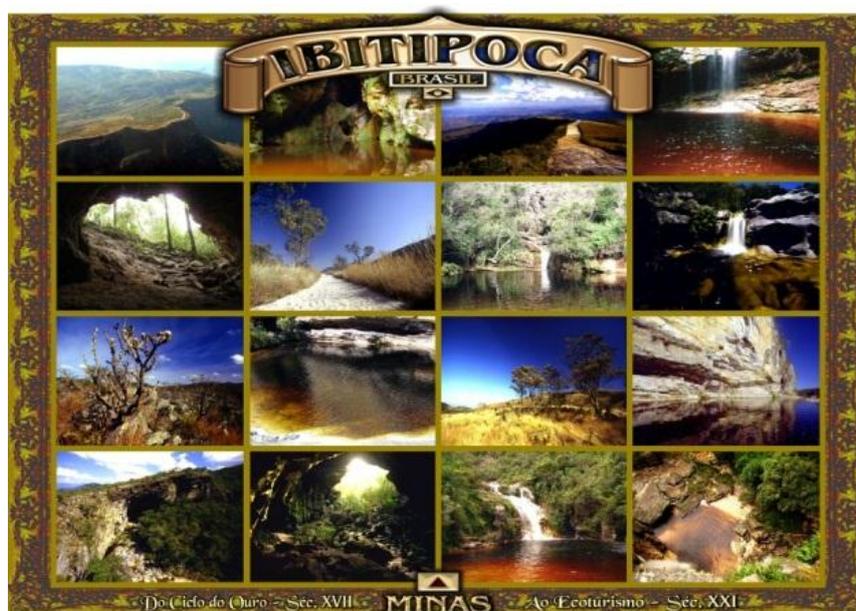


montanhas, em terras”; este fato proporcionou ao entrevistado mais uma parceria de trabalho, pois seu amigo investe na “reconstituição de florestas, replantio de mudas nativas, reflorestamento de nativas” nos arredores da Serra de Ibitipoca [Imagem 51, na sequência] e o convidou para atuar no “projeto turístico, tem a parte de hotelaria, que já está incluída entre os melhores hotéis do Brasil”; ele atua, como nos demais empreendimentos, guiado pelo diferencial de suas ações: é um “hotel de nicho, aonde vai muito estrangeiro, não é um hotel barato, naturalmente”. Os elementos distintivos se materializam na decoração da “pousada no estilo colonial-rural local da época” e na gastronomia: “Para você ter uma ideia, as nossas cozinheiras são treinadas pelo Claude Troigois, essa semana mesmo uma delas está no Rio, num dos restaurantes do Claude, pegando novas receitas”, e acrescenta que “as receitas são todas com produtos locais; a gente não traz camarão, polvo, não, é cozinha local, mineira, então é um grande desafio para o Claude”; ele defende assim os diferenciais de seus investimentos.

Necessidade e virtude, no sentido empregado por Bourdieu, misturam-se em suas afirmações a respeito de seus trabalhos: “todos os meus trabalhos são muito prazerosos”. Mas a motivação não é simplesmente o fato de ser agradável trabalhar nestes lugares; ocorre que esses trabalhos proporcionam um lugar superior na hierarquia social, inclusive superando seus antepassados e alcançando seus colegas e amigos sócios. O pertencimento à elite também é reforçado pela situação de sua esposa: “ela virou uma dentista consagradíssima, ‘top 100’ aí do Brasil, [...] ela tem várias especializações em Bauru, que é o centro principal de Odontologia no Brasil e no mundo, é consagrado mundialmente”; eles tiveram um filho e, porque trabalham muito, não tiveram “tempo ou coragem de ter um segundo filho”, explica.

E a mesma seletividade é utilizada para descrever seu filho; o entrevistado procura transmitir “o melhor conselho e exemplo”, dizendo: “invista no seu *network*; acho

fundamental, sempre digo isso a ele, para cultivar desde cedo sua *network*”. O filho estuda na escola bilíngue internacional Saci (particular), segundo ele, por iniciativa própria: “hoje ele tá com um inglês, dando show na gente, ensinando pra gente. E eu achei muito legal porque foi... *self decision* [risos]!”. A lógica empresarial toma conta da rotina familiar no sentido de se buscar maiores rendimentos (pessoais, sociais e econômicos) e benefícios (status, reconhecimento).



Exemplo disto é a definição dele para o filho: “ele é um mini-executivo, tadinho, acorda às 6h, vai para escola, depois tem aula de tênis, em casa tem que estudar. E uma coisa que eu morro de pena, [as crianças] não têm vida de criança”. E ao mesmo tempo em que lamenta sobre o modelo de infância atual, fica patente que valoriza as ocupações do filho: “é um menino que tem um nível de informação que eu fico abobado, um nível de cultura, que é uma coisa que eu passei, desde meu pai, de gostar de Geografia, História, política, isso eu passei pra ele, de gostar do pensar”; então, o conformismo e o convencionalismo surgem como justificativas para estas tendências de comportamento: “uma infância prejudicada... isso não é privilégio do meu filho”; ou seja, é um *privilégio* de todos aqueles que estão neste contexto de elite e cultivam valores focados no crescimento econômico e no sucesso profissional.

O entrevistado ascendeu socialmente em relação a seu pai e avô na medida em que investiu seus capitais sociais (contatos influentes) em capital econômico; e este é constantemente revertido em capital cultural. Agindo assim ele garante uma posição hierárquica superior, pois seus capitais simbólicos proporcionam uma situação

diferenciada em relação aos emergentes incultos, criticados por alguns colonistas. É notório que no quesito educacional (conhecimentos culturais) o entrevistado procura dominar diversas áreas: “além do triátlon, eu tenho um segundo hobby que é o negócio da leitura”. Neste aspecto o entrevistado tem um estilo de autodidata: “sou aficionado por leitura. Eu leio dois a três livros por mês, dependendo do tamanho, gosto muito da leitura”. Ele procura aumentar seu capital cultural através de um tipo de ostentação mais culta e refinada: “esse curso que eu estou fazendo agora, de Psicanálise – lógico que eu não tenho a pretensão de ser psicanalista, mas o saber, que não é uma ciência, é um saber, me interessa muito”. Além de fazer o curso também faz análise, pois “não tem como você ser um psicanalista sem ser analisado; inclusive eu faço no mesmo dia da aula. E às vezes eu sou muito socorrido pelas colegas porque é um universo muito diferente, né, mas eu amo, já tem um ano e meio que estou fazendo”; é uma forma de se sentir reconhecido socialmente por dominar áreas culturais distintas.

Associar-se a pessoas bem situadas na sociedade e investir na própria qualificação profissional são as principais maneiras de conquistar posições hierárquicas superiores; quando retoma o assunto sobre os “cursos de *MBA's*” ele acrescenta mais diferenciais relacionados aos seus capitais simbólicos: “Fiz um em Engenharia Econômica, um curso sensacional, com as melhores cabeças de Economia, economistas consagradíssimos, aqueles que aparecem na lista para serem ministros”. E destaca o fato de que se tornou especialista em “dormentes”, a madeira usada nos trilhos de ferrovias, tendo uma pesquisa premiada, realizada por ele e um colega para o Congresso Eco-92: “esse trabalho foi consagradíssimo; a gente foi premiado no Fórum Global e no concurso do Ministério dos Transportes também. Aí eu passei a dar entrevistas no Jornal Nacional... Quando eu fui pra Alemanha um professor da Universidade de Berlim me levou pra fazer palestra, eu falava em português e ele traduzia em alemão”; são falas que reforçam o interesse em valorizar capitais culturais distintivos.

O entrevistado encontra-se nesse grupo de emergentes justamente por ter se tornado uma pessoa produtiva e de destaque na alta sociedade; ele possui uma projeção social significativa, conquistada ao mobilizar capital econômico e social (associações de negócios). Porém, suas declarações revelam a dificuldade em se distanciar (ou romper) com suas origens mais humildes: “não esperava chegar aqui. Não quero dizer que sou um homem rico, de jeito nenhum, longe disso. Estou na luta, ser empresário no Brasil é muito difícil”. E aproveita o assunto para criticar o modelo econômico brasileiro: “Existe um negócio que chama *Business Friendly* e o Brasil está assim lá embaixo. Existe um viés

anticapitalista no Brasil, que parece que ser empresário é ser bandido”. Ele adota princípios neoliberais como crenças pessoais: “Uma tributação aloprada, no Brasil, uma infraestrutura medonha... O senhor Lula teve toda oportunidade de fazer uma reforma, nós temos uma CLT anacrônica, a relação capital-trabalho deveria ser revista”. É uma forma de defender os próprios interesses relacionados aos direitos trabalhistas e as obrigações dos empresários.

As opiniões do entrevistado contribuem para compor o perfil de empresário emergente interessado em expressar seus valores em defesa do favorecimento das empresas privadas: “eu babo os Estados Unidos no aspecto empreendedor. Aqui no Brasil você quebra, você é bandido, nos EUA você quebra você é empreendedor, você é um cara que foi pro mercado, teve uma experiência”. Neste ponto ele admite alguns percalços vivenciados ao longo de seu trajeto profissional: “naturalmente todo empreendedor pode dar com os burros n’água, eu já passei por isso. Eu tive uma época em que eu não tinha carro e mal tinha dinheiro pra pegar ônibus e fui mexendo, mexendo sozinho e a coisa melhorou”. Seus interesses empresariais, inclusive ao dizer que fez tudo sozinho (individualismo), formam a base de seus posicionamentos políticos: “essa política de doze anos, isso eu não posso negar, um dos aspectos positivos, foi a distribuição de renda”. Embora ressalte que “não foi a maior que houve no Brasil, porque a primeira foi o Plano Real [...]; acho até ela [Dilma] mais bem-intencionada e honesta, mas a gente tá penando muito com a inflação... E é onde mais pega na gente, na alimentação, aí tem que aumentar o preço e a população não aguenta”, conclui.

A postura de empresário emergente segue o princípio de que para “crescer na vida” é preciso de “trabalho, estudo, educação interminável e continuada”, um modo de evitar o risco de declínio social. Deste modo, o trabalho é o fundamento de sua ascensão: “Quando eu saí da Ferrovia para a iniciativa privada foi só pedreira, tive que me reinventar e viajar, eu corri atrás, eu fiz muito evento no meu restaurante, enfim, trabalhei muito, muito...”. Os capitais conquistados proporcionam uma posição social de status elevado que se reflete em sua satisfação pessoal em relação às associações comerciais estabelecidas: “hoje nós somos uma sociedade de seis sócios. Meu plano, naturalmente, é ir pro Rio”. A respeito de querer abrir negócios no Rio de Janeiro ele considera um alvo a ser alcançado, pois pretende expandir mais seus contatos: “eu quero aumentar meu *network*, porque, como eu te falei, já cresci muito aqui em Juiz de Fora, me associei aos melhores caras desse ramo de comércio e a tendência é crescer mais”; ele considera importante atingir o mercado consumidor carioca porque é uma capital próxima e muito

influyente em termos sociais e culturais, tanto que sua esposa é a mais interessada nisso: “A minha mulher gostaria muito [de morar lá], mas, olha, eu vou ser sincero, encarar trânsito de Rio, violência, então prefiro ir, é perto, vai e volta”. Ambos valorizam as “possibilidades oferecidas” pela capital e cita a “vida cultural, as praias”; mas ele ainda não tem um imóvel no Rio de Janeiro e, por enquanto, não pretende comprar. De todo modo, nota-se que o sonho de alcançar novos mercados, expandindo seus negócios em outras cidades, é uma forma de preservar e aumentar a posição hierárquica alcançada na elite juiz-forana, porque ele passaria a ser visto como alguém bem posicionado aqui e aceito na alta sociedade carioca.

A respeito das hierarquias simbólicas locais, percebe-se claramente que o entrevistado se enquadra na classificação de pessoa produtiva e de destaque, empregada no colonismo social; ele diz que receber convites e frequentar acontecimentos sociais fazia parte da rotina: “Já fomos mais [a festas e eventos que saem em colunas sociais]. Hoje eu já estou um pouco arredio, eu tenho meu núcleo de amigos, né, e às vezes nem com eles dá pra encontrar, só eventualmente”. O entrevistado parece não se preocupar mais em manter uma agenda típica das pessoas colunáveis; esta decisão indica o grau de visibilidade que ele possui: o suficiente para preservar seu status e sua posição social sem depender da exposição nas mídias locais.

Tornar-se bem posicionado socialmente, no entanto, não foi resultado direto de herança familiar, na medida em que sua ascensão econômica superou a posição na qual se situavam seus antepassados. A herança transmitida pelos pais é definida por ele mais pelos aspectos afetivos do que materiais: “Ah, honestidade, honestidade, caráter, dignidade, foi o grande valor que meu pai passou”. A tradição familiar de ferroviários não foi transmitida por muitas gerações: “hoje isso não tem mais. Porque ficaram poucos ferroviários, a geração mais nova” seguiu por outras profissões; por exemplo, sua irmã “abriu um curso de inglês”, ele tornou-se “empresário, outros primos são engenheiros, ainda tem uns dois na Rede, mas praticamente saindo, na fase de aposentadoria”.

O capital familiar não foi preponderante na formação profissional – por conta disso ele não está incluído no segundo grupo (tradicionalistas), de descendentes das famílias que protagonizaram a antiga industrialização da cidade. O sobrenome do entrevistado não exerce tanta influência na elite local quanto a sua atuação como empresário; entretanto, ele reúne elementos em prol da distinção de seus familiares: “É um orgulho. Minha família não tem nenhum pilantra [risos]. É uma família que tem mais fama pela intelectualidade, as minhas tias que fizeram a base da educação de JF, e os filhos do meu

bisavô foram muito eminentes, teve grandes médicos e engenheiros, professoras”. São atividades importantes, mas sem personagens históricos marcantes.

Ele complementa que “não teve nenhum rico, nunca foi considerada uma família rica, ao contrário da família Assis, nunca teve essa fama de rica”; a comparação com outras famílias juiz-foranas expressa a procura de uma identificação diferenciada para seus familiares, que teriam “fama de gente boa, ligada à intelectualidade, que cresceram. Uma família italiana, de imigrantes, família que chegou pobre, virou mascate, rodava o sul de Minas, e no final viraram gerente de Banco”; e compara-se novamente: “como a família Arcuri”. As comparações mostram que pertencer a uma família de sobrenome reconhecido é um dos fatores necessários para subir na hierarquia social juiz-forana; contudo, o pertencimento é questionado diante da decadência econômica vivenciada pelas famílias, restando aos sobrenomes tradicionais o peso de serem utilizados para a afirmação do status e do prestígio pessoal. Sobressaem-se, então, os novos protagonistas econômicos (emergentes) que se destacam nas mídias locais.

Sobre a diferenciação hierárquica dos tradicionais em oposição aos emergentes, o entrevistado destaca o declínio das famílias industriais nos anos 1930, dado histórico vinculado ao panteão dos sobrenomes tradicionais: “Conhece aquela história de avô rico, pai nobre e filho pobre? A maioria das famílias tradicionais de Juiz de Fora viveu isso aí. Mas a nossa não, já não tinha dinheiro! Então, um bom título para você colocar aí é ‘uma família sem brasão’, sempre tivemos um bom conceito, mas não dinheiro, então acaba que a gente não perdeu nada, só cresceu”. Esta postura em relação ao espaço ocupado por sua família de imigrantes italianos na cidade é uma justificativa para valorizar a ascensão vivenciada por ele – é uma atitude tipicamente encontrada entre os emergentes (no sentido aplicado na pesquisa).

Os antepassados conseguiram uma posição social e econômica estável na sociedade, e os herdeiros ascenderam socialmente a partir de um relativo capital familiar que ele defende ter. No entanto, o fator de ascensão não resultou do sobrenome; ele ascendeu em termos econômicos principalmente por herdar contatos sociais importantes (seu pai era amigo do pai de seu principal amigo e sócio, o principal parceiro comercial citado na entrevista); além disso, ele soube articular alguns capitais distintivos em suas negociações e associações comerciais, que o projetaram na elite juiz-forana.

I.6

Somos descendentes de um castelo

O caso da entrevistada psicóloga e ex-modelo é semelhante ao do entrevistado anterior, na medida em que seu sobrenome de família imigrante alemã exerce um efeito positivo de status relacionado a trajetórias emergentes. Porém, não se trata de reconhecimento por atuações históricas e sobrenomes tradicionais relacionados à formação da cidade; trata-se de ascensão econômica vinculada à maior visibilidade nas mídias locais. No decorrer da entrevista (realizada em 16/05/2014) em sua residência ela conta o percurso de “sucesso” de seus familiares. A entrevistada diz que a família é de Juiz de Fora, e explica seus vários sobrenomes: um deles é da família paterna, o outro, mais conhecido, é de sua família materna, e os dois últimos formam um sobrenome composto, e é de seu marido, um advogado, filho de juiz e de sobrenome também conhecido na alta sociedade juiz-forana.

A família materna “é toda de Juiz de Fora há muitos anos. Falam que a família – tem até um livro da família – é uma família alemã, nós somos descendentes de um castelo, né, que tem na Alemanha”. Esta referência a um livro sobre a família, no entanto, só aparece como uma forma de legitimar a importância internacional do sobrenome, pois, infelizmente, este material não foi acessado; a entrevistada não conseguiu disponibilizá-lo, conforme ela explica: “falam que é uma família única, então, a gente tem até um livro, que não está aqui, senão eu poderia até te mostrar, mas eu acabei de mudar...”. Ela se desculpa e diz que não conseguiu localizar o livro (inclusive em outras tentativas de contato não foi possível acessá-lo).

Mencionar o livro, apesar de não poder mostrá-lo, é uma forma de legitimação de seus antepassados alemães, e mostra que a preservação da memória é um atributo fundamental para a posição social. No entanto, a entrevistada não está no grupo das famílias tradicionais porque seu sobrenome alemão não está associado a algum personagem histórico da cidade; ela ressalta que “é um livro que conta toda a história da família, que se espalhou pelo Brasil...”; e fala, especificamente, sobre a família dela (e não sobre o histórico familiar internacional): “*da* onde eu vim, da minha origem, meu vô [materno] era do exército, dentista do exército, e ele que é o [sobrenome famoso]”. Seus familiares não estão relacionados a personagens marcantes da história local; por esta razão a entrevistada mobiliza um capital internacional ligado à origem alemã do sobrenome materno. A marca de origem é uma forma de distinção usada para afirmar a

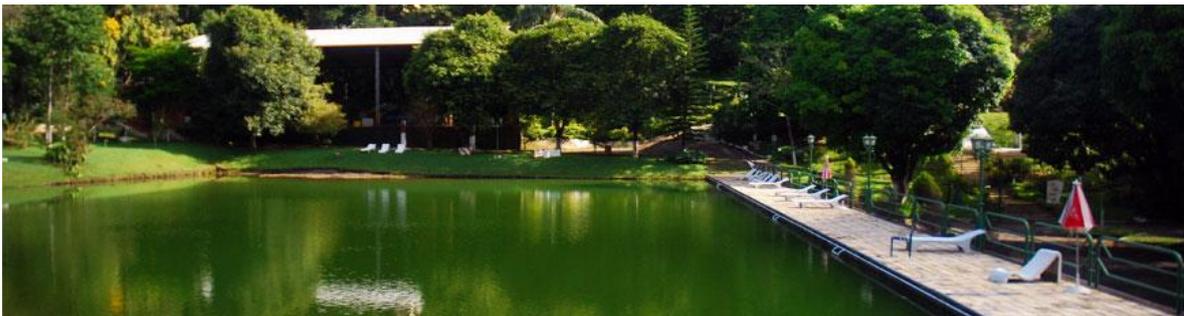
posição ocupada na sociedade juiz-forana. Ainda que não esteja relacionada à formação da cidade, a família é de origem alemã, e os alemães que imigraram para Juiz de Fora desempenharam um papel essencial no desenvolvimento econômico, industrial e de infraestrutura, então são bastante valorizados em termos de hierarquias simbólicas locais.

Ela conta que a avó materna trabalhava numa escola como diretora: “então já era uma coisa meio que normal, né, mas naquela época mulher não trabalhava fora”. E complementa: “meus tios foram também criados pela minha bisavó, porque minha vó saía para trabalhar numa época em que não era tão comum. E desses oito filhos, seis são mulheres e dois são homens, e as mulheres também trabalhavam na escola”. O valor do trabalho é um dos elementos principais do modelo de educação familiar transmitido pela avó, incorporado pela mãe e retransmitido a ela. Sua mãe começou a trabalhar durante a adolescência: “A minha mãe e as irmãs também começaram a lecionar cedo, a dar aulas para crianças muito cedo. A minha mãe fala que já trabalhava com 14 anos, dava aula na escola”, o que mostra a necessidade de trabalhar sem poder se dedicar exclusivamente aos estudos. Ela também ressalta a importância da participação e atuação feminina: “é uma família de mulheres em que todas... a maioria delas saía para trabalhar; só tenho uma tia que foi dona de casa mesmo, que casou e ficou. É uma família que sempre trabalhou; mulheres... naquela época, não era tão normal, quase todas fizeram faculdade, trabalharam, e os homens também”. Trabalhar desde cedo projetou a ascensão social e econômica de seus familiares, notadamente das mulheres da família.

A entrevistada destaca a atuação das mulheres de sua família, que se “emanciparam” ao custo de manter empregadas domésticas em casa cuidando de seus filhos, conforme ocorreu na educação dela e dos irmãos: “Eu fui criada – claro que com supervisão dos meus pais – mas dentro de casa, no dia a dia, por uma babá, que ficou com a gente por onze anos, porque a minha mãe saía para trabalhar às 9h da manhã e chegava às 10h da noite”. Inclusive não havia pausa para almoço em família: “A empregada que ia levar almoço para ela no consultório. E meu pai também, desde que eu me entendo por gente, desde que eu nasci, ele tira plantão toda terça-feira até hoje”. Ela cresceu num ambiente focado no trabalho: “A minha mãe trabalhou em escola; conheceu o meu pai na faculdade, ela fez Odontologia e meu pai fez faculdade de Medicina. E é uma família de pessoas que sempre trabalharam muito”. Evidencia-se que o trabalho valorizado é aquele bem remunerado, e não os trabalhos domésticos ou relacionados à educação dos filhos, visto que todo o tempo dos pais era dedicado aos empregos que os mantinham longe de casa e de suas crianças.

Tanta dedicação ao trabalho expressa o anseio de conquistar a estabilidade financeira que não possuíam, conforme ela conta sobre a família materna: “A minha vó fechou a escola, meu vó era dentista do exército, era muito bem-sucedido, conhecido, né, apesar de que a situação financeira não era boa, porque eram oito filhos e naquela época o financeiro era muito diferente”. A renda familiar não era tão alta e os antepassados precisavam se esforçar para manter a estabilidade. Outro diferencial, além do sobrenome alemão, é que a família possuía um imóvel importante que, segundo ela, marcou a história de Juiz de Fora, pois “moraram a vida inteira numa casa na Avenida Sete, que hoje é o Casarão; o Casarão é uma casa de festas; que depois que a minha vó faleceu o Casarão passou a ser dos herdeiros”; e uma das tias comprou a parte dos demais e transformou o espaço numa casa de festas, preservando a fachada antiga. Isto contribuiu para a projeção de seus familiares na cidade, mesmo sem uma tradição histórica ou cultural expressiva.

Na formação educacional sobressai o exemplo de trabalho intensivo de seus pais, num estilo de vida que prezava pela qualidade dos serviços frequentados por pessoas do mesmo nível social (escolas particulares, cursos de inglês, atividades esportivas e passeios em clube tradicional). Estudou no Colégio Academia e considera que ela e os irmãos tiveram “aquela vida como a maioria das pessoas da nossa classe tinha”; seu contexto vivido era típico de sua camada social elitizada: “Fazíamos inglês, esporte no colégio, era uma vida com muitos amigos; amigos dentro de casa. Fim de semana nós sempre ficávamos com nossos pais”. Os pais trabalhavam durante a semana e raramente se encontravam, mas nos finais de semana a família reunia-se e frequentava o “Clube do Papo [Imagem 52, a seguir], que era um clube muito tradicional daqui e hoje não é mais; era um clube que só tinham, assim, médicos, juízes, acho que advogados”. Ela define o clube, que fica “perto do Morro do Cristo”, como um lugar “muito bem frequentado e a gente passava o final de semana inteiro no clube”. Interessante notar que o clube se torna um local tradicional e bem frequentado porque as pessoas que o frequentam são médicos, juízes, advogados e demais profissões tradicionais. É uma forma de demarcar as fronteiras entre as diversas categorias profissionais. No caso da entrevistada, o ambiente é composto por pessoas que atuam nestas áreas e por isto ela valoriza o Clube: “era onde meus pais se encontravam com os amigos, onde nós tínhamos os nossos amigos” – ou seja, um espaço de elites.



Outra opção de lazer familiar eram as viagens: “Porque a gente também tem muito o costume de ir para Cabo Frio e Angra dos Reis, eram nossos dois pontos de referência de viagem. Em Cabo Frio chegamos a ter casa e também em Piúma, numa época em que muitos juiz-foranos iam para Piúma”, diz, referindo-se aos modismos de cada momento na alta sociedade local. Novamente é uma declaração que representa seu contexto social: “Juiz-forano tem disso, né, para onde um vai aí vão todos atrás; então, assim, muita gente tinha casa lá, meus carnavais eram lá [Piúma]” e depois “teve a época de Cabo Frio que eu acho que não morreu até hoje. Ainda está entre Cabo Frio e Búzios”; ela mesma se adequa aos modismos dizendo: “a gente continua nessa tradição, temos apartamento lá e estamos sempre indo; nas férias também; meu filho está sendo criado nesse ritmo”. Frequentar um clube tradicional e possuir casa de praia são práticas distintivas das elites. Ela já estabeleceu um estilo de vida superior, em termos de capitais acumulados, ao que viveu na infância: “A minha mãe sempre foi muito prática, já que ela trabalhava no centro, ela queria morar perto do trabalho e perto da nossa escola”. Esta praticidade era considerada por ela como “uma vida bem livre”, porque “brincava na rua, um frequentava a casa do outro; era muito diferente do que é hoje”; a relativa simplicidade vivida por ela na infância e na adolescência diferencia-se da situação de dificuldades vividas por sua mãe nestas fases da vida (conforme ela mencionou no início da entrevista).

Por exemplo, ela e os irmãos, ao contrário de sua mãe, não precisaram trabalhar durante a formação educacional: “Eu fiz faculdade de Psicologia no CES [faculdade particular] e a minha irmã fez Odontologia na UFJF; o meu irmão é formado em Turismo [não disse em qual instituição de ensino], mas [...] hoje ele é empresário”. Apesar de poder se dedicar aos estudos sem precisar trabalhar formalmente, ela trabalhou como modelo (um trabalho diferenciado): “Comecei a desfilhar com onze anos de idade, trabalhei como modelo, fazia produção de eventos, desfiles, cheguei a produzir um desfile que se tornou tradicional que é da Fundação Ricardo Moisés Jr.”; e explica a importância das doações para esta instituição “que trata de crianças carentes com câncer e é um trabalho maravilhoso, assim, você entra lá e acha que está numa casa de luxo porque eles

tratam as crianças com o máximo de carinho e conforto que eles podem dar”; e declara: “depois que eu parei de desfilar eu passei a ser voluntária como psicóloga na fundação”, sendo motivo de satisfação pessoal (trabalho voluntário). Vale mencionar, também, sua observação de que estas crianças carentes são tratadas como se estivessem “numa casa de luxo”, uma forma de valorizar o diferencial da instituição.

A trajetória que percorreu enquanto trabalhava como modelo permitiu a ela cultivar suas redes de relacionamentos através das quais acumulou capitais simbólicos: “O principal agenciador de Juiz de Fora na época era cliente da minha mãe; ele me viu no consultório da minha mãe e falou ‘nossa, a sua filha é bonita, põe ela pra fazer o curso comigo, vou te dar uma bolsa’”. Desta forma, tornar-se modelo resultou da combinação entre uma coincidência – o fato do ‘agenciador’ ser paciente de sua mãe – e um acaso: “aí eu fiz o curso com onze anos e meu primeiro trabalho, eu *tava* passando numa rua, ele *tava* numa loja, e tinha faltado modelo para fotografar, ela não tinha aparecido, e ele pediu para eu fazer... saiu no jornal e eu não parei!”, resume. Ela permaneceu na carreira de modelo até os vinte e cinco anos: “Cheguei a ir para São Paulo. Eles insistiram, surgiram muitos trabalhos, era uma vida muito glamorosa... mas [...]; olhei para tudo aquilo e vi que não seria feliz...”; ela mostra certo convencionalismo ao contar que abandonou o trabalho nas passarelas sem hesitar: “Não queria ficar longe da minha família, do meu namorado... Então eu decidi, acordei, chamei um taxi para a rodoviária e não avisei a ninguém, só deixei um bilhete. Aí eu liguei e avisei que estava voltando”. Tanto a trajetória profissional de modelo quanto a de psicóloga contaram com grandes doses de capital social de relacionamentos: estar no lugar certo com as pessoas certas na hora certa. O círculo de amizades (pessoais e profissionais) de sua mãe contribuiu decisivamente nos dois momentos em que ela ingressou no mercado de trabalho: primeiro enquanto modelo e, em seguida, quando começou a atuar como psicóloga.

Logo que ela se formou em Psicologia conseguiu um emprego numa escola particular. Ela conta que sua família é amiga do diretor da escola: “no dia em que eu estava levando a minha monografia pra biblioteca do CES, eu encontrei com um dos filhos do dono, do diretor de lá, e ele disse: ‘tá se formando em Psicologia? Você gosta de trabalhar com adolescentes?’”, e era justamente o tema de sua monografia; então veio o convite para trabalhar na escola: “três meses depois ele me ligou e eu comecei a trabalhar. Para mim foi muito bom porque foi uma oportunidade para me tornar conhecida, porque eu trabalhava com três mil alunos por ano”. Ela se tornou conhecida, também, por meio de indicações: “quem gostava do atendimento indicava para outras

pessoas, sou muito grata pela oportunidade que me deram! Foi muito bom para eu me tornar conhecida na profissão. Esses dez anos bastaram”. Ao mesmo tempo em que começou a trabalhar no colégio, a entrevistada recebeu mais um legado fundamental de sua mãe, facilitando sua permanência no mercado de trabalho: “É difícil, ainda mais para psicólogo recém-formado, conseguir um número de pacientes não é fácil; e aí a minha mãe me presenteou com a sala [consultório]”. Eis aí mais um exemplo das facilidades proporcionadas pelo apoio familiar num contexto social específico e numa família na qual se valoriza o trabalho bem-sucedido, ainda que o sucesso seja alcançado com algum tipo de ajuda financeira e de contatos (associações) pessoais.

A entrevistada ressalta que sua mãe “tem esse lado aberto, mas é rigorosa [...] em questão de consumismo [...], por mais que tivesse dinheiro ela não dava [presentes caros]”. Sem consumismo, porém, com benefícios decisivos para os filhos: “na hora em que a gente precisava ela dava. Tipo quando a gente formou os três ganharam um carro aos dezoito anos, quando a gente passou no vestibular”. Estas atitudes maternas parecem indicar um desejo de suprir na vida adulta a ausência durante a infância dos filhos. São, também, incentivos para que os filhos conquistem o mesmo sucesso profissional ao qual ela dedicou à própria vida. A centralidade do trabalho no âmbito familiar reforça a ideia de esforço individual incentivado pelo auxílio materno: “ela tentava ajudar de alguma forma; a minha irmã foi trabalhar com ela na clínica. Eu fui a segunda a me formar, e ela comprou a sala do lado, reformou a sala para mim”. São ajudas que antecipam aos filhos uma situação de estabilidade financeira que a mãe se esforçou para conseguir.

Atualmente, a entrevistada está mudando a perspectiva que aprendeu com os pais sobre o trabalho ocupar a maior parte do cotidiano: “comecei a trabalhar um pouco menos porque eu trabalhei durante dez anos no colégio [...]. Mas também chegou um momento em que eu tive que tomar uma decisão, [...] eu estava trabalhando 12h por dia e não via meu filho”. Ela considera a mudança de estilo de vida uma decisão em prol da família: “conversando a gente viu o que seria melhor. E por isso a gente decidiu mudar para uma casa e que eu ia passar a ter mais tempo para cuidar também, porque dá muito mais trabalho.” Ela conta que agora participa mais da vida do filho: “busco ele duas vezes no colégio, a minha secretária busca três vezes; ele se adaptou de uma forma bem saudável. Ele tem que aprender também que o mundo não é só pai e mãe, acho interessante ele conviver com outras pessoas”. As declarações da entrevistada mostram que o trabalho não ocupa mais a maior parte de seu tempo, mas, por outro lado, precisa manter uma

“secretária” (empregada doméstica) para complementar o trabalho em casa e auxiliar nos cuidados com seu filho.

Assim, ela pretende aproveitar alguns valores do modelo educacional transmitido pelos pais: “uma educação baseada no exemplo, não foi muito na palavra e na ‘ditadura’, [...] a responsabilidade era minha”. Ela considera um modelo a ser seguido, pois “fazia o que queria e nenhum dos três se envolveu com drogas, com nada, não engravidou antes da hora... também não acho isso um problema, se engravidar vamos encarar; mas não foi por eles [pais] deixarem de ser tão rígidos que a gente seguiu outro caminho dito ‘do mal’”. Esta educação baseada no exemplo ela pretende transmitir ao filho: “Então tem as regras da vida pra gente se adaptar à sociedade que a gente vive, pra gente viver bem. Não que a gente tenha que ser o que a sociedade impõe que tem que ser, mas a gente tem que se adaptar ao mundo em que a gente vive. Ou mudar e ir para um lugar em que se adapte melhor”. Ela pretende mostrar “os limites, a disciplina; eu tento dar muitos exemplos porque para mim o filho vai pisar na pegada que você deixa; até como psicóloga eu vejo muito isso. É mais por exemplos do que por palavras”, conclui.

A entrevistada compara a educação que recebeu com a de seu marido, advogado, filho de Juiz: “Minha sogra e meu sogro são muito religiosos. Nós somos católicos, mas não é aquele católico ‘ortodoxo’, a família dele é. Os filhos não se tornaram não, nenhum dos três, mas o pai e a mãe são”. Seus pais utilizavam exemplos e não “ordens,” enquanto os pais de seu marido o educaram a partir de regras rígidas e restritivas. Ela explica o que seria essa educação mais conservadora: “Eu já era formada, já trabalhava, tinha consultório, e ele já era advogado, tinha o escritório dele; mas ele morava com os pais e eu também. A gente não teve aquela coisa de morar junto”; ou seja, não puderam morar juntos antes do casamento; e explica “eles eram tão tradicionais e até eu me adaptar àquilo foi difícil...”, declara, apontando as diferenças entre os dois modelos educacionais.

Já em sua família os valores transmitidos, além da valorização do trabalho exaustivo, foram menos ditados por regras explícitas de disciplina e mais pelas práticas do cotidiano: “podia sair e voltar a hora que quisesse; era uma educação muito liberal”. Apesar disso, ela diz que havia muita cobrança por responsabilidade: “No colégio a gente que tinha que se virar para passar de ano, ela só ameaçava, não era aquela coisa de ficar cobrando o boletim, era assim: ‘se não passar vai para a escola pública porque eu não vou ficar pagando a mesma série duas vezes’”, uma ameaça muito clara de que o rebaixamento social seria a maior punição. Este é o ponto crucial dos valores dominantes nas elites (especialmente neste grupo de emergentes): conquistar a estabilidade financeira, ascender



socialmente e não decair. Essa estratégia educativa consiste em valorizar o trabalho e mostrar que não haveria uma herança garantida a qualquer custo, mas ao custo de seguirem os princípios transmitidos; a entrevistada conta outros exemplos relacionados a isso: “ela dizia: ‘vocês podem ter filhos a hora em que vocês quiserem, desde que vocês queiram criar, assumir 100%, eu não vou dar fralda, não vou dar arroz, não vou dar feijão, vou dar uma viagem para Disney, mas o arroz, o feijão e a fralda vocês que vão conseguir’”. Não deixa de ser uma forma de transmitir aos filhos o sentimento (ou ressentimento, conf. BOURDIEU, 2008) das dificuldades e dos sacrifícios necessários investidos neles.

A responsabilidade ensinada através de exemplos e ameaças revela os valores cultivados no ambiente familiar, visando acumular capital econômico para garantir uma posição superior na hierarquia social. “A minha criação foi assim, a gente era muito bem aceito em qualquer lugar em que a gente chegava, todo mundo conhecia a gente; por eu ter trabalhado com moda por muitos anos, eu passei a conhecer muita gente e muita gente me conhecia, porque eu estava sempre no jornal, televisão, *outdoor*...”. Neste ponto entram os capitais que se relacionam com o contexto no qual conheceu o marido: “como eu desfilava, eu participava de eventos e a irmã dele [do marido] também; ela é bem conhecida, [...]. Na época eu estava organizando um desfile e ela tinha uma loja. E ela entrou como lojista nesse desfile que eu estava organizando”. Então, os vínculos sociais aproximaram os dois: “o irmão dela tinha me visto na Churrasqueira [Imagem 53, acima] e eu nunca tinha visto o irmão dela. E ele estudou na Academia, mas era uma pessoa desconhecida para mim [...]”; eles se conheceram porque frequentavam os mesmos ambientes, conheciam as mesmas pessoas, viviam no mesmo contexto social elitista.

O marido é “formado em Direito, ele é advogado, exerce a profissão de advogado”; ela conta que “o pai dele foi juiz no estado do Rio, é aposentado [...]. Aí o pai abriu o escritório de advocacia aqui, chegou a ser Procurador-geral do município; também é uma família bem influente, bem conhecida”. Somando os capitais simbólicos acumulados pela entrevistada ao se projetar nas mídias sociais e a situação socioeconômica da família de seu marido chega-se ao grau de capitais acumulados por ambos. Apesar de todas as vantagens relacionadas ao acúmulo de capitais, ela destaca algumas dificuldades: “nosso casamento foi bem difícil porque era muita gente para convidar, foram dois mil convites... A gente decidiu chamar todo mundo que a gente conhecia e que fazia parte da nossa história”. Mas os convites incluíam também os clientes de sua mãe: “como ela é uma dentista bem tradicional de Juiz de Fora, ela conhece muita gente; ela tem um fichário de clientes assim, não sei te falar quantos mil clientes. Ela sempre é convidada pros casamentos de todos os clientes [...] não tinha como ela não convidar para o casamento da filha dela”. Além dos convidados da família do marido: “Na verdade, para o casamento nossos pais convidaram, nós convidamos, por isso que ficou tanta gente”, explica a respeito do excesso de capital social.

Tanto reconhecimento refletiu-se nesta ocasião: “foi na Igreja da Glória, ficou lotado, muita gente em pé, muita gente fora da igreja, não coube... E com isso eu decidi não fazer festa, porque ficou aquela coisa: ‘como que eu vou fazer uma festa para duas mil pessoas?’”. Nota-se que ser reconhecido socialmente gera um tipo de responsabilidade com os grupos aos quais pertence e nos quais obteve prestígio social. Manter o status conquistado requer, portanto, investir nos contatos construídos ao longo da trajetória pessoal. Então ela resolveu a situação de modo prático porque pensou nas consequências de qualquer decisão tomada: “fiz uma recepção, fiz um presentinho para cada convidado, dentro da igreja mesmo, cumprimentei todos os convidados, e a gente colocou uma música do lado de fora da igreja, fizemos uma coisa diferente, mas sem a festa, porque a decisão da família no final foi essa, não fazer a festa”. E aproveita para declarar que não é “festeira” e não procura ostentar nesse tipo de gasto: “Eu penso ‘ah, gastar R\$ 300 mil, 400 mil numa festa, prefiro comprar um apartamento, fazer uma viagem’, eu prefiro, não sou de uma família festeira que a qualquer momento ou por qualquer razão faz festa”.

Estas escolhas (preferir comprar um imóvel ou realizar uma viagem) refletem a valorização de outras formas de ostentação, diferentes de oferecer festas e participar de eventos sociais. Ela busca opções de lazer mais intimistas: “a gente vai muito à Itaipava,

vai e volta no mesmo dia pra almoçar; ou vai pra fazenda da minha mãe, ou vai para a casa do meu sogro, ou se reúne todo mundo no final de semana pra fazer alguma coisa”. Outra opção é a casa de praia em Búzios e viajar para o Rio de Janeiro: “Eu tenho uns tios e primos no Rio, meu marido também”. Prefere algo oposto das festas ostensivas: “Adoro fazer uma comidinha em casa, reunir os amigos”, conta, defendendo uma postura mais reservada.

Mesmo assim, as ocasiões de se exibir e de ser vista (conf. PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000) fazem parte do universo da entrevistada, ao cultivar seus laços sociais; numa ocasião em que ela e o marido procuravam uma casa para comprar ambos passaram pelo constrangimento de não poder diferenciar interesses pessoais e impessoais: “no final já estava ficando muito ruim, porque eu entrava na casa e ‘ah, eu te conheço de algum lugar’, [...]. Não tinha uma casa em que a gente entrasse que a pessoa não conhecesse; [...] e depois pra falar que não gostou da casa?”. Por frequentar muitos círculos sociais ela afirma que “em Juiz de Fora, para quem está aqui há muitos anos, acaba que todo mundo se conhece, sabe?”. Trata-se, claro, de uma parcela da sociedade (circuitos elitistas) e não de toda a população juiz-forana; são pessoas que possuem os mesmos hábitos e partilham os mesmos interesses e, assim, constituem um meio social no qual há certa homogeneidade em relação aos valores cultivados e ao status conquistado.

A manutenção da posição social reflete-se também na necessidade de corresponder aos convites para festas e eventos de vários círculos de amizade: “Meu marido advoga para várias empresas de JF, todas fazem festa, todo ano, geralmente tipo baile de gala. E a gente conhece muita gente. É aniversário de amigo, todo final de semana tem muitas festas; às vezes não dá pra escolher, tem que ir a todas!”; e exemplifica: “num sábado a gente foi numa festa, deixou o nosso filho numa festinha de crianças, fomos ser padrinhos de casamento, depois saímos da igreja, buscamos ele na festinha, e fomos para uma outra festa”. Ela afirma que “geralmente sai [em colunas sociais], porque tira foto e tá lá...”, e acompanha as publicações em que aparece e de seus conhecidos, pois “acaba que todo mundo se conhece mesmo!”. Ela e o marido se esforçam para corresponder aos convites, mesmo quando ela desejaria não aceitar: “No final a gente acaba se desdobrando e faz tudo. Mas é por isso que se eu posso ficar em casa, deitada na cama embaixo do edredom, lendo um livro, é tudo que eu quero”. Ela considera positivo receber “convites por todos os lados”, e conclui: “eu fico muito feliz por isso, poxa, é muito bom ter amigos; mas às vezes a gente fica cansado mesmo... trabalhou e no final de semana quer ficar em casa. Mas vamos, ainda mais se são pessoas importantes pra gente”. A dualidade entre

querer corresponder às expectativas de seus pares, aceitando todos os convites, e não querer sair de casa, para poder descansar, é uma declaração reveladora porque indica a necessidade de conservar os vínculos sociais e o desejo de se ausentar destas obrigações. As falas da entrevistada expressam um sonho secreto de anonimato, ainda que seja por alguns momentos, pois ela dificilmente abriria mão do status e de sua posição hierárquica já conquistada na alta sociedade juiz-forana.

A projeção social da entrevistada relaciona-se, notadamente, aos laços sociais cultivados na vida profissional e pessoal. Ela conquistou uma posição social superior a de seus pais, visto que não precisa ou não pretende trabalhar tanto quanto eles; ela pode dividir o tempo com outras atividades e esta atitude é um ganho de status. Ela pretende “crescer cada vez mais na Psicologia”, dedicar-se à profissão e à educação de seu filho de dois anos de idade: “estou sempre fazendo cursos, estudando, é o que eu gosto de fazer; e criar meu filho. Acho que é uma coisa básica; nada diferente do que eu tenho, mas conseguir manter o que eu tenho e sempre conquistando mais”. É uma declaração a favor da estabilidade e do crescimento financeiro, embora relacione suas prioridades ao núcleo familiar: “A felicidade da minha família, porque eu tenho um conceito de família que pra mim família é tudo, sabe [...]. Eu prezo muito; toda família tem briga, tem discussão, mas não tem nada melhor do que família. O que eu pretendo é sempre manter esse elo entre a minha família”.

Ela considera a trajetória de seus familiares como bem-sucedida, sobretudo o trajeto percorrido pela mãe: “ela começou com nada, cresceu, não sei como ela conseguiu; [...] ela sustentou a gente sozinha, sem muita condição, sempre trabalhando muito; hoje ela tem um patrimônio bem legal, tudo devido ao trabalho dela, nada herdado”. O mesmo ela diz do lado paterno: “meu pai também veio de uma família muito pobre”, mas não fala muito sobre ele. Para ela a família materna “se tornou tradicional pelo lado guerreiro [...]”; acaba que todo mundo da família tá muito bem, graças a Deus!”.

A entrevistada conclui dizendo que “todos estão caminhando...” e não vê “declínio”; isto reforça a ideia de que ela se tornou uma pessoa produtiva e de destaque na sociedade juiz-forana. A ascensão somada ao reconhecimento e à visibilidade nas mídias sociais caracteriza este grupo de emergentes apresentados aqui. Nesse sentido, a entrevistada percebe “um crescimento cada vez maior” de seus familiares, e complementa: “meus pais não pararam de trabalhar até hoje. Além de não terem parado eles continuam crescendo. Todo mundo sempre trabalhou muito”. Ela associa o crescimento econômico dos familiares ao esforço do trabalho individual: “A gente nunca

teve negócios, sempre foi profissional liberal, sem dúvida está em crescimento, me orgulho muito mesmo, são pessoas honestas. Eu acho que a gente construiu esse prestígio, ninguém veio de família rica, não era rica, ela se tornou tradicional pelas pessoas. Todas conseguiram, têm situação estável”. Ou seja, a ascensão socioeconômica individual resulta em projeção social e cria o que ela e outros entrevistados chamam de *tradição* – a saber, a inclusão nos espaços de elite e uma posição hierárquica superior.

Quadro Primeiro Grupo (emergentes):

Números:	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6
Data entrevista:	10/02/2014	14/05/2014	22/05/2014	04/06/2014	23/05/2014	16/5/2014
Profissão atual:	Colunista de jornal/agência publicidade	Colunista de revista/ agência publicidade	Colunista de revista/ agência de modelos	Colunista de página na internet	Empresário de restaurantes	Psicóloga
Formação escolar:	Não informou	Não informou	Colégio Academia (particular)	Não informou (formou-se em outra cidade)	Santos Anjos; Stella Matutina; Academia (particulares)	Colégio Academia (part.)
Formação acadêmica:	Direito na Faculdade Vianna Jr. (particular)	Odontologia na UFJF (pública)	Direito na UFJF (pública)/ foi modelo	C. Contábeis e Administração (não informou a instituição)	Engenharia Florestal na Unifenas (particular)	Psicologia no CES (part.)/foi modelo
Origem familiar/ personagens históricos	Não-tradicional (não mencionou personagens históricos)	Nasceu em Niterói (pais são de Bicas-MG); descendente de Barão de cafeicultura	Rural (cafeicultura e fumo; s/ continuidade); morou em Petrópolis. Sem person. históricos	Nasceu em Visconde do Rio Branco (cidade pequena próxima a JF) Sem person. históricos	Imigrantes italianos; trabalharam na Rede Ferroviária (Sem person. históricos)	Descendente de alemães; (nasceu em JF). Sem person. Históricos
Profissões dos pais/ Cônjuge:	Não informou	Pai: político, empresário. Mãe: dentista Ex-marido: empresário	Pai: juiz Mãe: não informou Marido: advogado	Não informou	Pai: engenheiro ferroviário Mãe: não informou Esposa: dentista	Pai: médico Mãe: dentista Marido: advogado
Onde trabalha:	Centro	Bom Clima	Centro	Centro	São Mateus	Centro
Onde mora:	Morou no Bom Pastor	Bom Clima	Não informou	Centro	Centro	São Pedro (em cond. resid.)
Aparece nas mídias (colunas sociais)? (recorte empírico: período de jan-dez 2014 nas colunas de Cacá Salerno e Cesar Romero)	Sim, em diversas mídias, embora não tenham sido encontradas citações no recorte empírico em questão.	Sim (em diversas mídias). No recorte empírico em questão: 10/03/14, 12/05/14, 10/10/14 (Cacá Salerno)	Sim (em diversas mídias). No recorte empírico em questão: 10/01/14, 28/01/14, 05/04/14, 22/09/14 e 28/09/14 (Cacá Salerno).	Sim, em diversas mídias, embora não tenham sido encontradas citações no recorte empírico em questão.	Sim (em diversas mídias). No recorte empírico em questão: 25/01/14 (Cacá Salerno); 30/09/14 (Cesar Romero)	Sim (em diversas mídias). No recorte empírico em questão: 28/03/14, 05 e 28/04/14 (Cacá Salerno); 24/09/14 (Cesar Romero)

Interessa destacar no quadro acima o número de aparições nas colunas selecionadas e a ausência de personalidades históricas na origem familiar de cada entrevistado (com a exceção de uma entrevistada que menciona um parentesco indireto com um personagem histórico local). A característica marcante deste grupo é a projeção nas mídias sociais e a ideia de que são pessoas “produtivas” e de “destaque” em suas áreas de trabalho; a visibilidade gera reconhecimento e permite o acúmulo de capitais simbólicos; este grupo domina o marcador distintivo do colunismo social e das redes sociais (associações profissionais e pessoais); são chamados, aqui, de emergentes devido à ascensão socioeconômica diferenciada, no sentido de que não somente superaram seus antepassados como se tornaram indivíduos altamente (re)conhecidos (possuem um tipo de imagem pública midiática). No mais, demonstram facilidade para atuarem em áreas diferentes de suas formações acadêmicas, na medida em que conseguem converter capital social em capital econômico – e este é reinvestido em capital cultural (uma forma de distinção).

CAPÍTULO II

Famílias tradicionais: a valorização da ancestralidade

Os entrevistados desse segundo nicho elitizado são membros de famílias tradicionais de Juiz de Fora, herdeiros de personalidades históricas que atuaram na formação e no desenvolvimento da cidade nos séculos XIX até meados do século XX. São descendentes de industriais, fazendeiros, artistas, proprietários de prestadoras de serviços urbanos (construtora, transporte, eletricidade, telefonia), entre outras áreas da economia e cultura da sociedade juiz-forana. Estes herdeiros carregam o prestígio do sobrenome consagrado e orgulham-se do passado vivido pelos familiares. A herança deixada, porém, resume-se ao lugar bem posicionado na hierarquia social; uma herança simbólica muito mais significativa do que a transmissão de patrimônios materiais – uma vez que, invariavelmente, o patrimônio construído por seus ancestrais tenha sido dilapidado.

Nas hierarquias da sociedade juiz-forana percebe-se que a valorização dos sobrenomes consagrados para a história da cidade envolve mais o capital familiar do que o capital econômico. Ocorre que, conforme visto, a crise econômica em Juiz de Fora a partir dos anos 1930 atingiu diretamente as indústrias e as empresas de infraestrutura urbana (construtoras, telefonia, fornecimento de energia, etc.). E as pessoas envolvidas nestas áreas eram precisamente as famílias tradicionais juiz-foranas, que enfrentaram a crise e a decadência de suas indústrias e empresas. Então, seus descendentes buscaram outras áreas de atuação profissional, uma vez que não houve continuidade relacionada às práticas tradicionais. Se o capital econômico se esgotou nas crises do passado, o capital familiar se conservou como uma forma de manter o status conquistado pelos antepassados; assim, o termo *tradicional* é empregado aqui para identificar a importância dos sobrenomes históricos (leia-se: *do passado*) na sociedade *atual*, como uma tradição ainda transmitida e conservada.

A identificação deste grupo de entrevistados ocorreu por meio de indicações e de referências disponíveis nos materiais consultados, que apontassem o pertencimento a uma família associada à história de Juiz de Fora. Predomina o sentimento de pertencer a uma linhagem familiar historicamente importante, ainda que as entrevistas revelem a reconstrução da própria trajetória para torná-la especial: trata-se de se inscrever na memória cultural juiz-forana através da importância de seus antepassados, que foram personagens atuantes na formação da cidade. De acordo com Pinçon e Pinçon-Charlot,

“um dos privilégios das classes dominantes é poder permanecer ao longo dos tempos e das vicissitudes históricas, como se sua excelência não pudesse jamais cair em obsolescência” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 48 – tradução minha). O cultivo do capital familiar é uma forma de manter e legitimar os privilégios e as posições valorizadas na sociedade: “As famílias nobres e burguesas são grandes, pois suas alianças se entrecruzam, sendo necessárias para manter a linhagem, multiplicar os laços entre seus diferentes membros” (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 56 – idem). O capital familiar é mobilizado pelos herdeiros de famílias tradicionais da cidade no sentido de que seus antepassados foram personalidades históricas de Juiz de Fora, situadas no panteão dos sobrenomes consagrados.

Pode-se notar que as entrevistas apresentadas a seguir aproximam-se em pontos específicos, como a valorização e a manutenção de alto capital cultural; também no tocante à preservação da memória afetiva da família enquanto um legado exclusivo. Os entrevistados mostram interesse em destacar os méritos dos familiares, enfatizando a ascensão social ocorrida com os antepassados. Ademais, consideram que o antigo poder econômico de suas famílias decaiu gradativamente, restando de herança o reconhecimento dos personagens históricos e a marca deixada na cidade. Apesar de não mais dominarem economicamente, o sobrenome permaneceu como um patrimônio familiar e continua sendo preservado; na verdade, o sobrenome tradicional representa, na cidade de Juiz de Fora, a marca distintiva por excelência, a ponto de ser reconhecido, sem mais, pelos colonistas e colonáveis (ainda que seja para criticar o peso dessa tradição). Além disso, é notório que, por mais que os emergentes tenham conquistado riqueza e poder, é justamente aquilo que os tradicionais dominam que lhes falta; e é esta razão pela qual recorrem ao colonismo – afinal, seu produtivismo econômico é capaz de produzir riquezas e status, mas ainda não “produz” sobrenomes reconhecidos (embora afirmem que suas famílias criaram uma “tradição” notadamente a partir do trabalho produtivo).

Neste ponto da visibilidade social surge uma dificuldade imposta pela escolha de não identificar os entrevistados: se o anonimato é uma característica marcante do terceiro grupo (anônimos), na medida em que seus familiares não são personalidades históricas de Juiz de Fora, no segundo (tradicionais) e no primeiro (emergentes) grupos predomina um tipo de fama local atribuída a cada entrevistado. São pessoas conhecidas na cidade não apenas pelos sobrenomes tradicionais, mas pelo trabalho que realizam; tanto que, de certo modo, a preservação das identidades perde o sentido quando se trata de mostrar notícias de colonismo e dados históricos, pois em ambos os casos as informações são

públicas. Por outro lado, deter-se sobre nomes e sobrenomes, citando-os diretamente, desviaria a pesquisa para um relato sobre pessoas de Juiz de Fora (trabalho biográfico); e deixaria em segundo plano os aspectos não intencionais dos discursos dos entrevistados. Ou seja, aqui interessa explorar os conteúdos implícitos, não controlados pelos agentes de todos os grupos de elite pesquisados. Por isso, optou-se por, em nenhum dos casos, citá-los diretamente – ainda que um rápido um escrutínio seja suficiente para identificá-los (caso os leitores investiguem ou conheçam previamente o contexto local).

De todo modo, os nomes não serão mencionados para manter o padrão utilizado nas demais entrevistas. Claro que pesquisar os dispositivos empregados nas práticas distintivas envolve a valorização das identidades defendida pelos entrevistados; e nas informações transmitidas pelos tradicionais notam-se os processos de distinção e de hierarquização social. Os entrevistados valorizam as histórias familiares e contam com detalhes o passado vivido por seus parentes. Estas entrevistas permitem investigar se a organização da sociedade atual reflete as hierarquias instituídas no passado. As memórias familiares contribuem para visualizar a construção das divisões sociais de Juiz de Fora, e as histórias contadas pelos entrevistados tendem a se confundir com retratos da memória cultural local.

Os tradicionais carregam uma herança cultural que se assemelha ao que Bourdieu e Passeron definem na pesquisa *Les Héritiers* a respeito dos capitais culturais distintivos dos estudantes das instituições francesas (BOURDIEU, PASSERON, 2013). Se os autores concluem que as desigualdades no ensino ultrapassam as limitações econômicas, mostrando o peso da aquisição do *habitus* culto ou, mais especificamente, *cultivado* em certos meios sociais, aqui interessa mostrar que os tradicionais herdaram um *habitus* a partir do qual podem cultivar seus dispositivos de distinção. Dentre os entrevistados destacam-se algumas posturas mais relacionadas ao capital cultural, especialmente quando os herdeiros transformaram a falta de herança material em status e reconhecimento nominativo. Na verdade, seus ancestrais dominaram áreas econômicas e, pode-se dizer, a construção dos capitais culturais começou postumamente por aqueles que ficaram tão somente com o nome; ou seja, a partir do momento em que os tradicionais se tornaram herdeiros de personalidades históricas, a associação de seus nomes à memória cultural de Juiz de Fora proporcionou a herança de serem legítimos guardiões da cultura local (mesmo quando rejeitam ou criticam o peso desse legado).

No contexto pesquisado, os herdeiros aqui nomeados de tradicionais são pessoas que se tornaram referenciais culturais para a cidade. Conforme comentado, eles não atuam

mais nas áreas de trabalho dos antepassados devido à decadência ocorrida no final da primeira fase de industrialização juiz-forana; mas começaram a atuar em áreas nas quais se aproximam de alguma forma dos circuitos culturais de Juiz de Fora. É o caso do proprietário de restaurante no qual predomina a valorização de seus familiares descendentes de italianos; eles foram arquitetos responsáveis por prédios importantes do patrimônio histórico e cultural local, e este fato sustenta a herança cultural preservada pelo entrevistado.

A mesma associação entre memória familiar e capital cultural encontra-se nas práticas de um diretor de uma instituição pública (ligada à cultura e história) que transforma em missão pessoal as pesquisas sobre seus antepassados fundadores da cidade; claro que sua posição social é, ao mesmo tempo, resultante e fomentadora da importância de seu sobrenome. Esse fenômeno de retroalimentação entre o reconhecimento dos descendentes e a valorização de sobrenomes importantes é recorrente ao longo das entrevistas.

Outro exemplo de herança cultural associada ao legado transmitido aos tradicionais está no relato de um entrevistado que não possuía uma tradição de arquitetos entre seus ancestrais, mas que se consagrou nesse ramo devido à sua qualificação profissional de excelência e, em certa medida, ao ostentar seu sobrenome tradicional; ora, a repetição de área de atuação pode ser dispensável desde que se tenha um sobrenome reconhecido através do qual seja possível criar vínculos sociais e profissionais importantes. Esse é um caso explícito de associação direta entre herança cultural e sobrenomes tradicionais, algo que pode ser apontado também quando pessoas da atualidade repetem a área de atuação de seus ancestrais, como se passa com determinada família de artistas, que se tornou um referencial no campo das artes plásticas para a cidade de antanho e de hoje.

Ante todos esses aspectos relacionados à transformação da herança simbólica (status) dos ancestrais em legado para a memória cultural de Juiz de Fora, percebe-se como uma fração social de elite, relativamente decadente em termos financeiros, conseguiu se sobressair e se apossar novamente da posição hierárquica de outrora. Este fenômeno ocorreu por meio dessas iniciativas dos tradicionais de tornar seus sobrenomes referenciais históricos, independentemente do declínio econômico sofrido no passado e, não raro, no presente. Trata-se de uma estratégia voltada para a distinção dos tradicionais em relação aos nichos dos emergentes ou dos anônimos: a valorização da ancestralidade

confirma a argumentação a respeito da disputa por capitais simbólicos geradores de posições hierárquicas superiores.

De acordo com Norbert Elias (1993), os conflitos entre a aristocracia e a nascente burguesia provocavam lutas distintivas entre elas; estava em jogo a legitimação de condutas e de valores e, por fim, sobressaíram-se os ideais burgueses (debate já apresentado a respeito do colunismo social). No contexto juiz-forano os herdeiros de sobrenomes tradicionais batalharam pela conservação do status e mantiveram o domínio nas áreas culturais. Neste processo precisaram adaptar-se às dinâmicas da economia local e, simultaneamente, buscaram se diferenciar dos novos protagonistas econômicos (emergentes). Assim, os tradicionais representam um tipo de camada aristocrática sustentada pela valorização da ancestralidade apesar da decadência financeira sofrida pelos antepassados. Os entrevistados não se aproximam tanto dos emergentes no quesito profissional (em relação a rendimentos mais altos) e nem protagonizam muito as mídias locais; porém, parece impossível que decaiam à condição de anônimos, pois possuem uma aura em torno de seus sobrenomes que os protege do declínio.

Os marcadores distintivos utilizados neste grupo é notadamente a defesa dos feitos de seus familiares para a formação de Juiz de Fora. Eles participam como herdeiros da história oficial da cidade, e esta participação se objetiva em posições hierárquicas superiores. Por mais que os próprios entrevistados relativizem a importância dos sobrenomes na atualidade e demonstrem uma visão crítica a respeito da falência dos empreendimentos familiares, trata-se de uma postura de denegação – ou de distinção sem intenção de distinguir-se (BOURDIEU, 2008). Quando esta postura aparece entre os entrevistados emergentes eles dizem: os tradicionais “já foram”, não são mais e não se justifica o uso do sobrenome como um atributo distintivo. Contudo, quando a autocrítica parte dos tradicionais, ela pode ser entendida como uma forma de assumir os feitos dos ancestrais valorizando suas iniciativas pioneiras e, ao mesmo tempo, de diferenciação, no sentido de que não se consideram meros decadentes: pretendem manter o sobrenome dos antepassados e relativizar o aspecto da decadência.

No ato de exaltar os antepassados e ao mesmo tempo manter uma atitude indiferente em relação aos sobrenomes o que se sobressai é o vínculo com esses familiares para conservarem suas posições sociais. Essas formas de distinção e de demarcação de suas diferenças em relação aos demais campos da elite juiz-forana serão demonstradas ao longo das análises das entrevistas com os chamados tradicionais. É assim que os tradicionais apegam-se a seus nomes de família como sua tábua de salvação social;

barganham nomes e capital social por capital econômico, ao contrário dos emergentes, que trocam riqueza por reconhecimento social e capital cultural.

Comparando agora os locais onde ocorreram as entrevistas nota-se que os entrevistados possuem trabalhos e ocupações que expressam seus capitais econômico, familiar e cultural mobilizados – indicando certa superação do estigma de decadentes. O restaurante italiano onde ocorreu a entrevista com o proprietário expressa um equilíbrio entre valorizar o passado e focar no crescimento presente; o restaurante situa-se no centro da cidade, numa rua próxima à Avenida Rio Bramco, num local de galerias comerciais com lojas e restaurantes sofisticados; o tipo de decoração, de atendimento dos funcionários e dos serviços oferecidos (pratos elaborados e valores cobrados) compõe um ambiente personalizado e aconchegante, que visa a ostentação dos diferenciais do estabelecimento. Estes diferenciais são a proclamação de autenticidade e de seletividade do restaurante: “verdadeiramente” italiano e voltado para poucas pessoas (nota-se pelo espaço reduzido e pela quantidade de mesas). A valorização dos ancestrais é especialmente guardada no piso superior, onde há quadros na parede com diversas fotografias antigas de família, inclusive dos projetos das construções realizadas na cidade por seus familiares.

A ostentação da herança cultural aparece também no escritório de arquitetura de um entrevistado. Seu escritório está localizado na parte alta do centro da cidade (próximo à Avenida Olegário Maciel); a primeira impressão do local é de acolhimento devido à amplitude do lugar; além disso, a secretária pareceu preocupada com o atraso de seu chefe e a entrevista poderia até ser adiada; mas, mesmo atrasado, com dificuldades de saúde e de disponibilidade (excesso de compromissos), a entrevista ocorreu sem prejuízos – o que mostra sua seriedade com a palavra dada. Ainda sobre o escritório, trata-se de um prédio antigo, de fachada bem preservada, muito espaçoso; a sala de espera e a sala do arquiteto são decoradas com livros de arte e de viagens, além de objetos artísticos e culturais; não há muitas divisórias (paredes), mas há um espaço específico para outros funcionários, sócios e estagiários (que utilizam pranchetas, mesas e computadores). O conjunto do ambiente transmite a ideia de que os tradicionais (no presente) são os mantenedores da memória cultural juiz-forana, simplesmente por herdarem o status construído pelos familiares no passado.

A tradição pleiteada pelos tradicionais geralmente está mais ligada ao sobrenome que ao trabalho desempenhado: o entrevistado arquiteto não possui antepassados arquitetos; mas ele buscou na arquitetura uma forma de se lançar no mercado de trabalho,

engajando-se na defesa do patrimônio histórico da cidade e construindo obras que passam a integrar o acervo arquitetônico local. Neste movimento ele aproveitou a tradição de seu sobrenome histórico para conquistar uma clientela expressiva que já o associa à cultura local; ele mesmo leva seu sobrenome ao reconhecimento após ter se servido dele para conquistar seu lugar no mercado de trabalho. Mais uma amostra de herança cultural incorporada aos tradicionais consiste na exaltação da memória juiz-forana proferida pelo diretor de um museu da cidade. A entrevista ocorreu no escritório dele, que se atrasou e se desculpou pela falta de tempo devido a seus compromissos “em defesa desse patrimônio histórico”; por ser uma instituição pública houve todo um protocolo antes da entrevista (identificação, crachá, duas salas de espera), até que a secretária autorizou a entrada na sala do diretor (são formalidades que demonstram a hierarquia na qual o entrevistado se situa). O escritório localiza-se no bairro Mariano Procópio, próximo ao centro; as impressões transmitidas pelo ambiente de trabalho são de que o entrevistado possuiria legitimidade (autoridade) para proferir seus conhecimentos sobre a cidade porque sua própria função (diretor de instituição pública) materializa o papel de resguardar a história e a cultura de Juiz de Fora.

As residências nas quais ocorreram as entrevistas também expressam os capitais mobilizados pelos entrevistados: o apartamento do industrial de família alemã situa-se no centro da cidade, na Rua Santo Antônio, num prédio antigo de grande porte (hall amplo, porteiro, elevadores e câmeras de segurança); a esposa dele, descendente de família inglesa, também conhecida nos circuitos das mídias locais, atendeu a porta, mostrando atenção e polidez – principalmente no sentido de dominar regras de etiqueta. O apartamento tem um ambiente amplo que inclui sala de estar e de jantar (a cozinha fica separada por uma porta sempre fechada); a decoração é simples (sem muitos objetos, enfeites, mas com alguns porta-retratos com fotos de familiares), embora ostente grandeza no tamanho do apartamento e na boa localização. Sobre a mesa de jantar o entrevistado espalhou documentos e notícias de jornais antigos referentes a sua família; o foco da entrevista foram as recordações do entrevistado, a partir das quais ele mostrou conhecer o passado industrial de Juiz de Fora porque vivenciou este período. O entrevistado desempenhou o papel de narrador da história local protagonizada por ele mesmo, enfatizando a importância das famílias de imigrantes alemães para a industrialização da cidade. A nostalgia de seu discurso representa o sentimento de valorizar os momentos gloriosos e de demarcar sua posição hierárquica na sociedade.

Ainda sobre os capitais e marcadores simbólicos inscritos nos ambientes dos entrevistados tradicionais, noutra entrevista tem-se a casa do professor universitário que também conserva elementos do passado de Juiz de Fora e expressa a valorização dos ancestrais. Trata-se da sede de uma das fazendas da família, no bairro Floresta; há um jardim enorme e bem cuidado ao redor da casa, um alpendre grande com uma mesa redonda de seis lugares; dentro da casa as salas de estar e de jantar são amplas e integradas; na decoração destacam-se a lareira, onde se encontra uma pintura de arte na parede (obra antiga, mas conservada), e móveis coloniais (cristaleira, amparador, mesa de dez lugares, sofás, mesa de centro). A cozinha é espaçosa, porém mais simples (móveis antigos não estilizados, pois foi reformada recentemente), possui um balcão e uma pequena mesa de quatro lugares; prevalece um estilo que mistura simplicidade (poucos objetos decorativos) e grandeza (da própria casa colonial). O entrevistado procura ostentar capital cultural em seus hábitos intelectuais, ativismo político-religioso, práticas de lazer e, também, representa o papel de herdeiro da memória juiz-forana. Sua solicitude expressa aquilo que é o maior dos valores tradicionais em todos os ambientes de elites: “a educação vem de berço”.

Outra casa visitada nessas entrevistas expressa materialmente as áreas artísticas e culturais da cidade: um casarão antigo conhecido como *Castelinho*, localizado no bairro Granbery, sobre uma colina, próxima do centro da cidade; o próprio nome já ostenta o tamanho da residência (dimensões de um pequeno castelo). Contudo, a ostentação maior é de capital cultural, pois a casa de fachada imponente e até descuidada (pintura antiga) é decorada basicamente com as obras de arte dos membros da família e com fotografias antigas; a estrutura antiga e mal conservada do local indica um elemento pouco valorizado pela família (discurso anti-economicista), mas nem por isso pode-se desconsiderar a beleza e a riqueza dos detalhes da decoração e do próprio castelo. De certa forma, o clima de ambiente artístico e intelectual encobre qualquer precariedade de infraestrutura; na verdade, valoriza o ambiente ao dar-lhe um ar tipicamente europeu – a ostentação concentra-se em narrar a trajetória familiar entrelaçada à memória cultural da cidade.

Enfim, no caso dos tradicionais, os ambientes, as posturas e as falas dos entrevistados confirmam sua vocação de herdeiros de posições hierárquicas sustentadas sobre a posse legítima da história local. Os entrevistados se situam numa posição de elite superior na hierarquia da cidade na medida em que esta escala hierárquica é definida pela posse de capitais distintivos. Desta maneira, o pertencimento a uma família de sobrenome expressivo, no sentido de algum vínculo com a formação de Juiz de Fora, legitima o status

dos entrevistados. É interessante notar que eles sabem disso e, por mais que se esforcem por escamotear seu orgulho de serem descendentes dos pioneiros da cidade, o fato é que trouxeram *de berço* uma capacidade ímpar de projeção social disfarçada de valorização da história local e de recuperação da memória de Juiz de Fora.

II.1

O filho do rico é nobre, o filho do nobre é pobre!

A falta de continuidade dos empreendimentos familiares foi o tema recorrente da entrevista com o arquiteto descendente de um renomado industrial têxtil (realizada em 26/03/2014). As declarações confirmam a decadência econômica sofrida por algumas famílias tradicionais atingidas pela crise da primeira fase de industrialização da cidade, mas tal decadência não atingiu o status do entrevistado; a entrevista aconteceu no escritório de arquitetura do qual ele é fundador e sócio (o nome do escritório leva seu sobrenome tradicional). O entrevistado mostrou-se interessado e confiante ao falar sobre assuntos que ele domina por conta de sua formação como arquiteto: a história da cidade, as transformações urbanas e a trajetória de sua família. O mote da entrevista foi o pertencimento dele a uma família tradicional de Juiz de Fora, muito conhecida, conforme ele afirma: “Quando você fala em ‘família tradicional’ o grande nome, sem dúvida, é o [nome]; ele veio com a família de Curvelo, norte do estado; lá ele já tinha fazendas e uma indústria têxtil; abriu uma em Juiz de Fora também, que não existe mais, desde que eu era criança”, recorda o entrevistado.

A história do personagem ancestral do entrevistado se confunde com a história da cidade: “o fato mais marcante dele foi ter aberto a primeira Usina Hidrelétrica da América do Sul, o que fez com que Juiz de Fora tivesse a primeira hidrelétrica e fosse a primeira cidade abastecida assim”. Este personagem é a marca da família do entrevistado, embora a tradição iniciada pelo industrial não tenha sido continuada pelos seus sucessores. O entrevistado complementa que, após a instalação da usina, “veio a tecelagem; a luz elétrica também foi cedida para iluminação pública da cidade; e foi uma indústria muito importante, desde sua fundação até os anos 1970 quando se encerraram as atividades”. A fábrica e os feitos de seu antepassado representam o capital familiar materializado como um legado transmitido à cidade e à família. A importância da fábrica é comparada a outros empreendimentos da cidade: “foi uma das maiores empresas da cidade; comparativo a ela

só tinha a fábrica dos ingleses; basicamente eram as duas maiores de Juiz de Fora”, reforça o entrevistado.

Ele fala da história local com uma postura de erudição (especialista no assunto), tipicamente presente no grupo dos tradicionais; é uma forma de se mostrar legítimo guardião da memória sociocultural de Juiz de Fora. O mesmo ocorre quando ele apresenta a trajetória linear da família relacionada à história da cidade: “ele [o industrial] é meu tataravô, bisavô da minha mãe; e ele foi o criador da indústria e da usina; ele morreu muito jovem e logo passou para herdeiros. E aí, algumas gerações depois, os herdeiros já não tinham talento e a intuição dele; a fábrica foi ficando velha e obsoleta”. Começam assim as explicações sobre o declínio industrial protagonizado por seus antepassados: “Até os anos 1950 a fábrica estava muito bem; nos anos 60 ela já tinha perdido competitividade e estava obsoleta... até que a empresa foi minguando e fechou as portas”. Certo comodismo, algo estranho ao entrevistado, é apontado como uma das causas da decadência. Estes fatores relativos ao comportamento dos familiares, sucessores do industrial, somam-se ao contexto de crises econômicas ocorridas em Juiz de Fora após a industrialização iniciada no século XIX. Se a fábrica estava perdendo a competitividade, como disse o entrevistado, os próprios herdeiros perceberam a falta de lucro e as desvantagens em manter o empreendimento, agindo segundo seus próprios interesses.

O fechamento da fábrica proporcionou novos usos do local onde ela funcionava, no centro da cidade, conforme explica: “A grande sorte é que ela deixou dívidas, a fábrica, engraçado, mas essas dívidas fizeram com que a fábrica servisse de garantia, o crédito da fábrica, então ela foi absorvida pelo Governo de Minas, pela União e pelo INSS, por conta de dívidas trabalhistas”, explica. São informações importantes porque se relacionam ao capital cultural associado ao sobrenome dele: esta associação se tornou mais legítima a partir de uma mobilização de artistas para a restauração do prédio, não mais da família (que a teria vendido), mas do Estado como pagamento de dívidas. Segundo o entrevistado, “se não tivesse sido assim [fábrica endividada] talvez ela tivesse sido demolida; ela ficou preservada porque foi para a mão do Estado. Ficou fechada por décadas e começou a quase ruir, ficou velha, sem cuidado”.

A mobilização de artistas foi fundamental: “Até que nos anos 1980 começou o movimento ‘Mascarenhas, meu amor’, de artistas aqui da cidade, que exatamente objetivava transformá-la num centro cultural. Aí entraram os Bracher, entrou Afonso de Santana, Fernando Gabeira, Suely Costa, grandes artistas fizeram uma grande campanha que mobilizou a população”. O entrevistado cita nomes de artistas locais e nacionais,

peessoas que mobilizaram o poder público para concretizar o objetivo de preservar o prédio: “o prefeito, se não me engano, na época era o Tarcísio Delgado, começou a fazer contato com outras instâncias; [...] e ele inaugurou a transformação da fábrica num centro cultural”. Pode-se dizer que o resultado dessa história é um dos poucos centros culturais de Juiz de Fora que preserva a história da cidade; o resto do centro acabou sendo demolido – quase em sua totalidade – e deu lugar a enormes edifícios residenciais e comerciais.

A restauração do local causou um impacto enorme na cultura juiz-forana e proporcionou a associação do sobrenome da família com aspectos culturais. Devido a isto, o entrevistado não lamenta o fato de não ter havido continuidade em termos de produção industrial, visto que o uso do prédio gerou grande prestígio para a família: “O interessante é que a dívida serviu para preservar a fábrica; se ela tivesse ficado na mão de particulares ela seria derrubada para fazer predinhos, qualquer coisa assim, fazer dinheiro”. A transformação da fábrica em centro cultural contribui, no presente, para conservar o sobrenome e o passado glorioso do industrial da família. Contribui, também, para relativizar a decadência industrial dos familiares e preservar a imagem de trajetórias bem-sucedidas.

Ainda que estas glórias passadas (preservadas no presente) não tenham levado aos descendentes o mesmo sucesso na área industrial, a valorização do sobrenome atribui uma marca positiva permanente. Sobre isto o entrevistado reforça a ideia de falta de continuidade da tradição no âmbito profissional: “o grande nome da família é ele e fim de papo. Houve os herdeiros que tocaram a fábrica [...], mas eles não tinham o menor dom empresarial. Não é uma tradição”. Da mesma forma, nota-se que a arquitetura não é uma tradição transmitida por seus pais: “No caso da minha mãe, ela é comerciante, tem uma loja de roupas. O meu pai é de outra família, é fazendeiro [...]. Uma família que veio do sul de Minas há duas gerações para criar gado; não é tradicional de JF”. Ele reforça a importância de seu tataravô na história da cidade e menciona outros personagens que protagonizaram o auge do desenvolvimento juiz-forano: “ele foi um dos personagens mais importantes de JF, junto com Halfeld, com Tostes, Mariano Procópio e, talvez, também o Barão de Bertioga; não esquecendo também do Pantaleone Arcuri, a construtora e que tiveram uma grande indústria”. É uma espécie de panteão dos sobrenomes consagrados na história juiz-forana, algo valorizado pelos herdeiros e, claro, pelos colonistas sociais que defendem o peso da tradição na hierarquia social. A herança que se sobressai é a importância inquestionável para a formação da cidade:

“Os Tostes foram fundadores da cidade, [...]; o Halfeld veio para abrir a Avenida Rio Branco e por isso é tido como fundador da cidade; depois dele veio o Mariano Procópio, que é de Barbacena, e abriu a União e Indústria, o museu; depois deles vem o Bernardo Mascarenhas que construiu a hidrelétrica e depois dele vem uma família fundamental que é a família Assis. Eles começaram com pecuária, mas na metade do século XX eles eram donos do bonde, do Banco de Crédito Real, da Companhia Mineira de Energia elétrica, da Companhia de telefone, eles eram donos da cidade inteira, telefônica, rádio, jornal... é uma das mais tradicionais também.”

O entrevistado se interessa pelo assunto não apenas para mobilizar capital familiar, mas também para mostrar capital cultural, pois está pesquisando o tema: “estou escrevendo um livro sobre o desenvolvimento de Juiz de Fora, li um século de jornal, página por página”. São dados que ele utiliza para legitimar seu discurso a respeito da cidade, inclusive sobre o antigo período industrial. O declínio da industrialização juiz-forana (início do século XX) relaciona-se, segundo ele, a “uma série de desvantagens econômicas – não tinha crédito, não tinha mercado consumidor, a rede de energia era ruim, o sistema de transporte era precário”; e complementa: “com isso também o lado pessoal das famílias que, normalmente, a gente sabe, o filho do rico é nobre, o filho do nobre é pobre!”. Nessa explicação do entrevistado transparece uma visão crítica a respeito do declínio econômico das famílias tradicionais ao apontar para a responsabilidade dos novos empreendedores (gerações seguintes) nesse fracasso.

O entrevistado resume desta forma a falta de transmissão do trabalho tradicional embora, ao mesmo tempo, haja a conservação da importância do sobrenome familiar. Ele valoriza o empenho do tataravô: “ele teve garra, estrela, seja lá o que for, conseguiu construir muita coisa”, e pondera que “os herdeiros se acomodam com uma vida já de conforto e de luxo e podem ficar para trás”. Neste ponto, percebe-se a forma de ascensão social vivenciada pelos antepassados: o entrevistado considera um “processo natural” porque “o primeiro constrói, arregança as mangas e os demais não dão continuidade; e a cidade tinha essas características desfavoráveis [cita novamente os itens já mencionados]”. Nesse contexto os herdeiros desfrutaram de uma vida de conforto e luxo, mas tiveram dificuldades em transmitir a seus descendentes esse legado; assim, cabe a cada um, atualmente, construir seu quinhão – algo que ele, enquanto arquiteto, faz competentemente.

A ascensão socioeconômica das famílias de sobrenomes tradicionais da cidade parece repetir um padrão: os antepassados protagonizaram o crescimento econômico (industriais, empresários, etc.) e foram responsáveis por garantir um status superior e uma

posição reconhecida na sociedade juiz-forana, sobretudo dentre seus pares da elite. São pessoas que ascenderam economicamente devido ao período favorável de industrialização da cidade, e souberam administrar suas propriedades de modo a oferecer aos filhos uma vida confortável e uma situação social estável. No entanto, no momento de dividir a herança e de continuar o trabalho já iniciado, os herdeiros não reinvestiram o capital e não acompanharam as mudanças históricas, sociais e tecnológicas para adequação de suas indústrias e empresas às novas fases de desenvolvimento da cidade.

Nos casos analisados na pesquisa, com representantes de seis famílias tradicionais, a falta de reinvestimento relaciona-se notadamente à mudança de interesses dos herdeiros e à divisão das heranças (diminuição do patrimônio). Os antigos empreendimentos se tornam economicamente desinteressantes para os sucessores, que seguem em outras áreas de trabalho sem tradição familiar. É o caso narrado pelo arquiteto: seu tataravô comandou uma industrial têxtil, mas as gerações seguintes, segundo o entrevistado, desfrutaram do conforto material e esgotaram os recursos da fábrica até a falência do empreendimento. De fato, predomina a possibilidade de que os sucessores rejeitaram esse tipo de tradição associada ao trabalho, preferindo trabalhar em outras áreas, e por esta razão romperam com a continuidade das profissões tradicionais de seus antepassados.

A ascensão social destes grupos, anteriormente dominantes em termos econômicos, estagnou-se, conservando principalmente a aura do sobrenome reconhecido; mas isso não diminui em nada a aura que alguém que ostenta um sobrenome reconhecido tem. As falas dos colonistas de que tais pessoas ficaram somente com o nome, traduz muito mais um lamento por não serem *bem nascidos*, como dizem; doutro modo, como entender que eles, com suas colunas, tentem construir para aqueles que lhes pagam, algo exatamente similar àquilo que têm os tradicionais? Está em questão a posse de marcadores distintivos geradores de reconhecimento social (colonismo e tradição). Ter um sobrenome relacionado a um ícone da história proporciona vantagens de status que podem ser transformadas em vantagens econômicas, desde que se aplique o capital certo a cada situação. No caso do entrevistado a aplicação do capital cultural permitiu contornar o declínio industrial da família e conseguir reconhecimento em áreas que não eram dominadas pelos antepassados (cultura, arte, arquitetura).

Ele relata que sua trajetória ascendente é resultado de escolhas relacionadas à formação profissional: “Antigamente era assim, família que tinha posse tinha fazenda e quem não tinha trabalhava nas fazendas; e por isso tinham pouca mobilidade, porque trabalhando na enxada dificilmente teria uma ascensão social”, comenta, a respeito das

formas de ascender socialmente no meio rural, lugar de tradição de sua família paterna. Porém, seu pai, fazendeiro e proprietário de terras, permitiu que os filhos seguissem outras carreiras profissionais: “Eu escolhi minha profissão porque gostava de desenhar, então pensei em fazer Publicidade ou Arquitetura. Curiosamente, nós somos quatro irmãos e ninguém quis trabalhar de fazendeiro”. Pudera: esse não seria um caminho propício à ascensão social já conquistada pelo sobrenome materno.

Assim como outros entrevistados, ele estudou em colégios tradicionais de Juiz de Fora (Colégio dos Jesuítas e Academia); não precisou trabalhar durante sua formação educacional: “[Os pais] Cobravam [em relação aos estudos], mas tranquilo, a gente dava conta; todo mundo fez faculdade, era tranquilo. Nós nos dedicávamos somente ao estudo”. A base educacional do entrevistado é uma estrutura econômica favorável que permitiu a ele desfrutar de alguns “privilégios”, conforme ele mesmo reconhece: “Eu tive que trabalhar somente depois de formado; então eu tive esse privilégio; fiz Mestrado, inclusive, na Europa, em Barcelona. Fiz faculdade no Rio porque naquela época não havia o curso de Arquitetura em JF; só quando eu voltei do Mestrado em Barcelona que eu comecei a trabalhar”. As condições econômicas favoráveis de sua família facilitaram sua formação “privilegiada”, de ter feito faculdade no Rio de Janeiro e mestrado na Espanha: “Meu pai, mesmo sendo fazendeiro, apoiou muito: ‘vai pro Rio e fica por conta’, fui para a Europa e ele me bancou lá”. São ostentações de vários capitais associados (econômico, social, cultural, familiar) que se combinam para manter o entrevistado numa posição de status elevado na hierarquia social.

De certa forma o sobrenome famoso influenciou no êxito profissional dele, claro, quando somado a outros diferenciais; o arquiteto comenta que no início os contatos se estabeleciam pela expansão de sua rede de relacionamentos: “Funcionou através da ‘*network*’ mesmo, pessoas que a gente acaba conhecendo e a metade dos clientes que temos são de relações pessoais”. O trabalho começou de modo informal e cresceu gradativamente: “E já são quase vinte anos de trabalho e nenhuma falta. Por um ano eu trabalhei em casa [com projetos], mas logo apareceram dois, três, quatro, cinco projetos, aí eu contratei dois estagiários”, explica, sobre a informalidade inicial ter sido superada quando aumentaram as indicações de clientes; nesse momento aumentaram os projetos e ele alugou a casa do atual escritório: “Isso em ‘96. Erámos eu mais três arquitetos trabalhando aqui, mais dez estudantes. Desde então a gente tem uma média de 40 projetos”. O capital de relacionamentos e o capital familiar contribuíram decisivamente no processo de ascensão, assim como seus investimentos em qualificação: “Eu ganhei

uma dianteira boa, fui conhecendo os clientes, conhecendo muitas pessoas; o fato de ter estudado no Rio e em Barcelona... Então fui trabalhando... sempre uma maravilha”. Parece ser uma característica das elites distinguir-se pela formação acadêmica (no caso dele, cursada em outras cidades); há uma valorização especial relacionada a isto, e o entrevistado aproveitou as oportunidades decorrentes desta vantagem educacional.

No aspecto profissional nota-se que o trabalho ocupa um lugar central na vida dele: “Trabalho o dia inteiro, como te falei, nunca faltei um dia ao trabalho; acordo, venho pro trabalho, daqui vou pra ginástica e pra casa; essa é a minha rotina; não sou casado, não tenho filhos”. Trabalhar, porém, não é sua única atividade cotidiana; ele investe em tipos de lazer voltados a atividades artísticas e culturais, seus aspectos mais distintivos: “Final de semana eu faço meus passeios, vou ao cinema, boate, viajo muito pro Rio, viajo muito, todo ano eu tiro umas férias legais”. Ele tem a possibilidade de usufruir destas práticas porque emprega o capital econômico em capital cultural. E explica sobre sua conduta: “Eu adquiri disciplina... O próprio trabalho me exigiu a ser mais disciplinado, organizado [...]. Adoro viagens, cinema, festa, natureza... Viajo todo ano pro exterior, para um país diferente. Para adquirir conhecimento, informação. Valorizo aspectos culturais, adoro”. Suas práticas de consumo procuram ostentar a distinção de gosto, sem esbanjar bens materiais. É uma forma de valorizar os marcadores distintivos aplicados por ele visando conservar sua posição social elevada em termos de hierarquia simbólica.

A respeito do consumo, ele exemplifica: “Por ser filho de fazendeiro, a gente ficava vivendo no mato, não tinha nem luz elétrica, então em consumo eu... o único luxo que eu tenho é viajar; mas uma viagem bem econômica, para hotel barato”, diz, mostrando que faz opções e define suas prioridades de acordo com os ganhos pessoais que poderá obter. “Não compro nada, roupa, essas coisas, shopping, não ligo pra isso. O meu consumo é viajar, é conhecer lugares, é isso, ter experiências; meu negócio é de curioso mesmo, eu vou, pode ser, pro Pantanal, pra Tóquio; gosto de conhecimento, sou curioso” define-se, defendendo sua postura: “Não é por consumo não. Até fui para Nova Iorque, Miami, cada vez um lugar novo. Eu acabei de voltar da Índia agora, é um espetáculo. A cada viagem o horizonte vai se expandindo”. O entrevistado busca um enriquecimento cultural distintivo como um tipo de ostentação diferenciada.

Seu estilo de vida, segundo ele, é guiado pela simplicidade: “Sim, eu sou [simples], eu preciso de pouquíssimo, eu consigo botar minha vida na mochila. Trabalho com arquitetura, mas não tenho requinte nenhum, sou muito básico”. Interessante notar a observação do próprio entrevistado, de que, apesar de sua formação em arquitetura, não

possui nenhum requinte. Ou seja, sua profissão é sofisticada e jamais associada à simplicidade e, no entanto, ele se considera simples. A contradição entre a declaração do entrevistado e as práticas vivenciadas por ele mostra que não é tão simples viajar para o exterior todo ano, e que suas necessidades consideradas simples e básicas (viagens culturais, trabalhar em escritório próprio, formação acadêmica diferenciada, acumular conhecimentos, etc.) são reflexos de sua posição social financeiramente bem situada. “Vida financeira? Feliz da vida, ótimo; porque eu sei que tudo passa, e quando eu perder essa minha vidinha eu vou lamentar muito. Nunca tive problemas financeiros porque eu não preciso de muito. Não tenho luxo”, resume.

Por outro lado, ele tem um sonho de consumo – talvez não luxuoso mas não tão simples: “acho que ‘meu sonho de consumo’ eu não tenho, eu quero agora uma casinha pra sair do aluguel, mas é uma coisa que já está em andamento. Minhas ambições são muito modestas, uma vida tranquila, só isso. Nada de luxo que atrai ladrão... não tenho relógios, joias, não ligo pra grife”. De fato, sua distinção está no capital cultural e não em bens materiais. Apesar de não possuir “casa própria”, aluga um apartamento nos arredores da Avenida Rio Branco, em meio a prédios de alto padrão e muito valorizados, o que indica uma situação econômica minimamente compatível para manter estes custos. Ele tem uma estabilidade que o permite dizer: “Eu não sou muito de fazer plano não”. Ou seja, ele não precisa fazer planos em termos de orçamento porque tem a segurança necessária depositada em seu trabalho. Neste sentido, a garantia de seu sustento não será abalada; e, em caso de dificuldades, ele conta com sua *network*.

O planejamento de sua formação profissional mostra a construção de uma base sólida que sustenta suas disposições e capitais: “Eu queria fazer faculdade de arquitetura, queria trabalhar em Juiz de Fora, porque era um mercado livre, aberto, não tinha escritório nem muitos arquitetos. Hoje tem mais de vinte arquitetos, todo mundo trabalhando”. Mesmo com a concorrência atual, sua estabilidade não foi abalada porque ele começou quando o mercado na área estava em formação. Outro fator fundamental é o reconhecimento conquistado desde o início (ou mesmo antes) de sua vida profissional: “Quando eu fui para Barcelona eu sabia que queria trabalhar aqui; não imaginava que teria tantos projetos; em menos de vinte anos de profissão: a reforma da Avenida Rio Branco, a nova Câmara dos vereadores, o Aeroporto Regional em Goianá, a Privilège, o Museu Itamar Franco [Imagem 54: MEMORIAL DA REPÚBLICA], e obras por várias cidades do Brasil, convites para a Regional de Arquitetura, publicações em várias revistas...”, enumera. Mesmo assim, com tantos dados que podem situá-lo no topo da



hierarquia dos arquitetos juiz-foranos, a postura do entrevistado procura mostrar simplicidade e minimizar suas ambições.

Não deixa de ser uma atitude de distinção sem intenção de se distinguir (conf. BOURDIEU, 2008): “Eu consegui muito mais do que imaginava, do que eu imaginei; por mais que a gente tenha ilusões em certa idade, eu acho que fui muito além do que imaginava”. Ao mesmo tempo em que recusa uma postura ambiciosa, ele se preocupa em manter a posição social conquistada, principalmente por conta da maior concorrência de mercado: “Não tenho muita expectativa nem muita ambição; [...] porque a gente sabe que tudo muda”. Em seguida ele ressalta suas conquistas (diferenciais) relacionadas aos seus trabalhos (e de sua equipe), que receberam “prêmios no exterior, prêmios em vários concursos, em publicações de revista” e complementa: “então eu não tenho tanta ambição não. É claro que a gente sempre espera novos desafios, é estimulante... mas, para mim, eu já fui muito além do que eu imaginava”. As declarações mostram cautela diante da expansão deste mercado especializado (arquitetura) e certo receio de deixar de ter o status conquistado no mercado de trabalho.

A respeito da conquista de estabilidade profissional ele enfatiza as escolhas e as oportunidades que teve: “Eu sei que se alguma coisa acontece é por ter uma força superior a todo mundo, mas é claro que eu agradeço aos meus pais, às oportunidades, aos estudos, à minha batalha, à minha equipe, à cidade que me deu oportunidades; acho que tudo são coisas da vida”. É uma valorização da ascensão socioeconômica, obtida através do trabalho qualificado: “eu acho que a minha vida é muito focada no trabalho e tem dado um retorno muito bom, talvez por causa dessa dedicação e mais do que dedicação, gostar do que faz, nunca faltei um dia apesar de ser o dono daqui, eu gosto de vir trabalhar; tem tanta gente que trabalha numa coisa que não gosta, e as pessoas percebem que eu trabalho

no que eu gosto”. As falas dele são semelhantes às declarações de outros tradicionais e de emergentes entrevistados, em relação a se sentir satisfeito no trabalho (uma transformação do necessário em algo prazeroso). Estes aspectos (afirmação das próprias qualidades profissionais e receio de decair de posição na sociedade) identificam o entrevistado a uma trajetória ascendente que não contou com uma grande herança econômica de seus antepassados, visto que não houve continuidade no trabalho industrial. Porém, a herança do capital familiar contribuiu para seu crescimento social e profissional.

Neste assunto o entrevistado compara as condições favoráveis de Juiz de Fora e o contexto brasileiro, situando a sua posição na sociedade juiz-forana: “A mobilidade no Brasil eu já vi que é muito mais que lá fora, em todo o mundo. Isso é muito rico para o país. É muito interessante que aconteça”. O assunto permite perceber que as desigualdades e os problemas sociais são medidos a partir da posição do próprio entrevistado, e evidencia a visão de mundo adotada por ele. Quando diz que “O Brasil é muito desigual, JF talvez um pouquinho menos... aqui não tem aquela miséria que atordoia, nem aquela riqueza que também humilha”, ele associa os avanços de mobilidade social aos últimos governos, embora se declare decepcionado: “Eu era muito otimista, hoje eu estou um pouco preocupado porque a situação está caminhando para uma deterioração muito rápida”. E procura um posicionamento supostamente neutro e desconfiado: “Eu voto em pessoas. Eu tenho uma tendência de social-democracia de esquerda; mas eu não voto em partido, nunca votei em partido nenhum. Eu voto em pessoas”, reafirma.

As desigualdades da sociedade juiz-forana são vistas por esses setores de elite como fenômenos discretos e menos ostensivos: “tem muita gente rica, mas o mineiro é discreto por natureza; se a pessoa é muito extravagante deixou de ser mineiro, desconfie. Esnobar não é coisa de mineiro não, virou paulista...”. Esta visão de mundo incorporada pelo entrevistado considera a discrição uma característica das pessoas de Juiz de Fora; entretanto, ser discreto pode definir o comportamento que ele e as pessoas de elite almejam ter e não um perfil geral da sociedade juiz-forana. Na verdade, ele mesmo tem atitudes distintivas quando se trata de seus valores e práticas. Assim, nota-se que o entrevistado, intencionalmente ou não, desconsidera o papel atuante dos colunistas sociais na cidade; passa-lhe despercebido o exibicionismo de alguns emergentes porque ele, tendo recebido de herança seu sobrenome, não precisa conquistar o lugar de destaque social que já é seu.

Estas declarações também são usadas para justificar a situação e a posição dele no contexto local, visto que a decadência econômica das famílias da antiga industrialização não ofuscou a importância dos sobrenomes tradicionais: “O dinheiro mudou de mão, antes era local, a mesma pessoa era a dona da venda, da fazenda; hoje o capital migrou e está muito concentrado. Era local, passou por nacional e hoje é multinacional”. As pessoas que dominavam a economia local até a década de 1930 enfraqueceram diante da concorrência: “as famílias se acomodaram, não tiveram capital para reinvestir; como no caso da fábrica, ela estava praticamente sobrevivendo, ela produzia, vendia e esse dinheiro era todo aplicado para manter... E isso não aconteceu só em JF não”. E é justamente a decadência financeira que o entrevistado procura evitar, já que herdou o exemplo do declínio de seus antepassados. Neste sentido, ele emprega os mesmos capitais valorativos do grupo dos novos profissionais produtivos da economia local (emergentes); esta proximidade com os emergentes, porém, limita-se à busca por estabilidade econômica superior, visto que seu diferencial é ser herdeiro de um sobrenome tradicional.

Em seu trabalho produtivo e de destaque, para retomar os termos do colonismo social, o entrevistado procura atender clientes “de todo tipo” e cita: “empresas, prefeituras, governos, outras cidades; mas a maioria é de clientes particulares, construo muitas casas; já fiz para muita gente simples, trabalho voluntariado acho fundamental; por exemplo, eu projetei a casa de um funcionário que trabalhou numa obra minha; claro que a maioria é de classe média pra cima”. Porém, o entrevistado oscila entre defender a democratização da arquitetura e preservar o diferencial de seu trabalho: “Agora eu me preocupo porque vai abrir a terceira faculdade de arquitetura e vai ficar muito saturado, as pessoas começam a fazer projeto a qualquer preço, aí desvaloriza a profissão...”. A ambiguidade está em contribuir para que se torne acessível e temer a desvalorização do próprio emprego: “Em 96 era o único escritório, hoje tem uns vinte, mais uns cem profissionais no mercado, mas isso é normal. A gente tenta manter a qualidade para dar o nosso diferencial”. Este diferencial significa buscar a distinção participando de “várias bienais de arquitetura... a formação no exterior, que é uma coisa exclusiva nossa; então a gente tenta fazer os projetos que a maioria dos outros profissionais não tem condição devido à inexperiência [...]. Então foram coisas que a gente foi conquistando com trabalho... fomos conseguindo credibilidade”. Ele defende a distinção de sua formação profissional e de toda a equipe de seu escritório.

A marca distintiva aparece, sobretudo, na valorização da cultura e da memória da cidade, áreas nas quais se destacou o sobrenome de sua família devido à transformação

do antigo prédio da fábrica de seu tataravô em centro cultural e patrimônio arquitetônico tombado. É a partir desta perspectiva que ele considera que “Juiz de Fora tem uma qualidade de vida boa” e “Um povo muito culto”, inclusive acrescentando: “você deve ter visto que muita gente tem curso superior, é uma coisa interessante; ela tem uma história, um passado forte, culturalmente falando”. Esta visão de mundo expressa a posição que ele ocupa na hierarquia social: um lugar superior protegido pelos capitais simbólicos acumulados ao longo de sua trajetória; notadamente, a raiz de seu status valorizado encontra-se na herança imaterial transmitida por seu ancestral ilustre (associado à história juiz-forana) ao qual seu talento veio apenas somar.

II.2

Não ponho o chapéu onde minha mão não alcança

A entrevista (realizada em 23/01/2014) com o descendente de italianos no restaurante do proprietário ocorreu num clima de interesse e empatia. O pretexto inicial da conversa era a história da família relacionada ao contexto de Juiz de Fora; mas, ao longo da entrevista, surgiram outros assuntos que evidenciaram as preferências de gosto e os capitais empregados por ele ao longo de sua trajetória. Assim como ocorreu na primeira entrevista deste grupo, ele vivenciou uma ascensão socioeconômica advinda de sua herança familiar: o entrevistado herdou o status de seus antepassados. No caso dele, seu bisavô (paterno) italiano veio como imigrante para Juiz de Fora no final do século XIX; trabalhou como verdureiro, pedreiro e depois “começou a se desenvolver”, explica, a respeito do início da ascensão de sua família. Este bisavô casou com a bisavó, também italiana, e montou uma importante firma de construção. Esta empresa é uma construtora que atuou no início do século XX em Juiz de Fora, construindo prédios fundamentais do patrimônio histórico da cidade.

O avô do entrevistado foi estudar arquitetura na Itália, casou com uma italiana e voltaram com dois filhos para Juiz de Fora. Ele era arquiteto: “é importante falar nisso porque ele construiu muita coisa em JF”; ele “tem todo um histórico... inclusive um professor de arquitetura fez uma tese de doutorado sobre ele; meu avô teve uma participação muito grande nesse aspecto arquitetônico de JF”, explica, referindo-se tanto à firma de construção quanto aos projetos. Já se evidencia a importância histórica e cultural da família dele para a sociedade juiz-forana: seu pai, filho caçula, também se tornou arquiteto, assim como o tio-avô, que viveu a fase “mais modernista da arquitetura

brasileira e manteve ligações com Niemeyer, Di Cavalcanti...”, afirma, demonstrando intimidade com personalidades da cultura brasileira, assunto retomado ao longo da entrevista.

Moravam no bairro Granbery, região habitada por imigrantes italianos e de outras regiões europeias; sobre a família materna pouco foi dito, a não ser que já eram juiz-foranos (mas não tradicionais nem descendentes de imigrantes), e resumiu: “minha mãe ficava em casa; tenho um irmão e uma irmã”. Na infância os valores vieram de uma formação “literalmente jesuítica”, pois estudou no Colégio dos Jesuítas. Os pais e os avós passaram o valor do estudo, de se “desenvolver, seguir um caminho”. Pondera: “pensei em fazer arquitetura, mas na época não tinha esse curso na federal; fiz engenharia, mas não concluí; fui para a Comunicação e me formei... e acabei sendo dono desse restaurante... Claro que o que a gente faz aqui eu aprendi com a minha avó!”.

O entrevistado, reafirmando a grandeza de suas origens, diz, num tom de orgulho e admiração: “minha avó, nos últimos anos de vida, morou na casa com meus pais; tudo isso aprendemos com ela. Desde criança convivemos com isso; nas festas, família grande, tinha que fazer macarrão para todo mundo”. Esta explicação do entrevistado é uma forma de justificar o fato de não ter seguido a tradição familiar de arquitetos, ter se formado numa área acadêmica e atuar em outro tipo de trabalho. Para valorizar sua trajetória profissional ele apela aos vínculos familiares pelos quais pode legitimar os diferenciais de suas produções: a massa que vendem no restaurante é receita de sua avó italiana; isto atribui um valor a mais aos produtos comercializados por ele. Nota-se o quanto o capital familiar foi decisivo para estabelecer o critério distintivo de seu restaurante e, ao mesmo tempo, conquistar o público interessado nessas marcas diferenciadas (exclusivas). Com este atributo adicional o entrevistado pode se distinguir dos demais proprietários de restaurantes pela originalidade e seletividade de seu trabalho.

Durante a infância e adolescência ele não teve que trabalhar, mas “desde que entrei pra faculdade eu quis trabalhar, desde os dezoito eu procurei fazer alguma coisa; não que eu precisasse, mas queria”; ele reforça o fato de que não precisava trabalhar e que foi uma decisão individual. Desde cedo o entrevistado incorporou o valor atribuído ao trabalho em seu ambiente familiar, o que indica, indiretamente, uma forma de contornar a decadência financeira sofrida pelo fracasso do empreendimento de seus antepassados (firma de construção civil): “foi uma escolha minha, de ter uma independência mínima... mas meus pais faziam de tudo para nos dar uma vida de qualidade”. A centralidade do trabalho situa o posicionamento econômico da família, bem estabelecida em termos de

prestígio social. Porém, a trajetória ascendente do bisavô não garantiu uma situação sem dificuldades econômicas aos familiares, especialmente porque a construtora fechou e não houve continuidade neste ramo de trabalho. Os pais do entrevistado se esforçavam para proporcionar o que ele chamou de “vida de qualidade”, pois a sua família herdou o status ascendente dos antepassados, mas precisou trabalhar para manter a estabilidade econômica.

Ainda sobre a formação profissional, o entrevistado justifica suas escolhas: “saí de casa muito tarde, mas comecei a trabalhar na firma da família, no escritório, fazendo o que precisasse”. Seu discurso evidencia a necessidade de ocupar uma função no mercado de trabalho: “depois, quando me formei em Comunicação, trabalhei no Rio numa firma de cinema [...]. Eu tinha uma prima que trabalhava lá e ela me indicou”. Continuando a trajetória profissional conclui: “quando voltei para JF trabalhei num banco por dez anos, até abrir o restaurante... que já vai fazer vinte e quatro anos!”. Mais uma vez, como na maioria dos relatos, o capital de relações sociais é decisivo respeitante à entrada no mercado de trabalho; no caso dele os laços familiares proporcionaram o início de sua trajetória profissional. Embora muito irregular, o trajeto percorrido por ele até a abertura do restaurante indica a articulação entre o capital social e o capital cultural, suas maiores heranças familiares.

O entrevistado relata que seu trabalho no banco era complementado com a tradição italiana de cozinhar, atividade caseira que a família fazia reunida: “e senti que muita gente gostava da massa que a gente fazia em casa; então percebi que a gente podia capitalizar esse negócio”, conta. A partir daí, ele e o irmão começaram a vender a massa “para amigos, conhecidos, parentes, fazendo em casa mesmo”. Considerando a trajetória do entrevistado e o histórico da família, nota-se uma tendência para trabalhos nos quais uma obra produzida obtenha reconhecimento, por exemplo, as construções arquitetônicas realizadas pela empresa da família. A vocação para trabalhos que exigem mais criatividade é uma herança que o entrevistado tentou aplicar em diversas áreas, conforme ele mesmo comenta. Deste modo, o passo seguinte foi abrir o restaurante: “era uma coisa pequena, mais simples... como é que vou te dizer... não era tão sofisticado; aos poucos foi crescendo com a demanda”; nesta fala transparece a ideia de que seu restaurante atual adquiriu sofisticação como uma forma de garantir o crescimento financeiro através de um diferencial distintivo, conforme comentado sobre a busca por elementos diferenciadores (originalidade e seletividade).

Apesar de não haver tradição familiar no ramo empresarial de restaurantes, o entrevistado contava com o reconhecimento já conquistado pelo sobrenome e pelas primeiras experiências de vender as massas aos amigos e conhecidos; diferentemente da necessidade *emergente* de associar-se a nomes reconhecidos no ramo, o entrevistado pode contar exclusivamente com a *tradição* familiar. Este fato proporcionou uma segurança de que o novo negócio poderia dar certo; ele trabalhou ao mesmo tempo no banco e no restaurante e diz que “aprendeu na prática, errando e acertando”, referindo-se à parceria com o irmão no trabalho.

Em relação à vida pessoal, limita-se a dizer: “não sou casado, saí de casa bastante tarde, já tinha o restaurante”. E desvia para outro assunto de sua formação pessoal/profissional que o deixa entusiasmado: “faço teatro há mais de quarenta anos, desde que entrei na faculdade; por muito tempo participei do [nome do grupo de teatro]; depois larguei e fiquei por conta própria. Hoje eu faço menos, mas estou sempre em contato com o teatro”. Neste aspecto o entrevistado valoriza sua vocação artística enquanto um diferencial: “Eu amo o teatro. Fiz um monólogo no ano passado; foi muito bom de público e de crítica, as pessoas gostaram muito... mas eu parei porque viajei... fiquei três meses fora, voltei agora”. Ele tem uma forte ligação com o teatro local e valoriza muito as práticas nas áreas artística e cultural, que formam a base de seu gosto.

Imagem 55: RESTAURANTE ITALIANO



A proximidade com o teatro e suas aptidões artísticas parecem não impedir a predominância de disposições metódicas no seu cotidiano: “eu sou uma pessoa muito disciplinada; gosto bem de uma rotina... quando eu perco um pouco a rotina e saio um pouco eu fico perdido; eu gosto de dominar as coisas que eu faço”. Esta declaração define seu estilo de vida: “meu pai era assim, pelo fato dele ser arquiteto, muito metódico, isso passou pra gente; e eu trabalhei muito tempo em banco, que também ajuda a ser metódico quando não consegue fazer tudo; e eu trouxe isso para o restaurante, pois eu faço a parte administrativa quase toda”. Ser metódico é uma forma de manter a estabilidade econômica e cultivar um estilo de vida guiado pela simplicidade: “não ando muito de carro na cidade, o que eu tenho que fazer faço à pé”, explica sobre o cotidiano. Suas escolhas mostram um estilo guiado por atitudes distintivas focadas em aspectos artísticos e culturais. Ou seja, o restaurante e a atuação no teatro são formas de expressar a herança cultural transmitida por seus ancestrais.

Nos hábitos de lazer ele valoriza práticas mais sofisticadas que explicam o que ele chama de simplicidade: “amo teatro, cinema, leitura... mas, infelizmente, Juiz de Fora, em termos de cinema, está assim quase que zerado; principalmente em filmes de qualidade, é mais *blockbuster* mesmo, e isso é terrível... e teatro... ainda tem pouco”. Ele busca opções culturais de lazer que considera à altura de seu gosto (legítimo) em outros locais: “Hoje eu vou menos ao Rio; costumo ir mais a São Paulo, apesar de ser mais longe, tenho amigos lá”. Outra forma de distinção são as viagens: “fui visitar um amigo que está em Barcelona fazendo doutorado sanduíche... fiquei três meses lá; já conheci a Itália de outra vez; dessa vez fui somente à Veneza”. As declarações ostentam capital cultural, principal distinção do entrevistado. É uma ostentação que se enquadra no seu estilo de vida porque não envolve grandes riquezas materiais, ainda que seja necessário um capital econômico compatível com viagens e para frequentar os circuitos artísticos e culturais mencionados pelo entrevistado.

Nos hábitos econômicos (orçamento e consumo) ele declara modestamente: “é como antigamente a gente falava isso: ‘não ponho o chapéu onde minha mão não alcança. Gosto das coisas muito planejadas... e não sou uma pessoa de esbanjar... de... não sou consumista”, e resume dizendo: “eu gosto de viver bem; mas sem necessidade de consumo, de ostentação, nada disso”. A respeito de suas prioridades ele diz: “acho importante me dar bem no meu trabalho porque grande parte do meu dia eu passo é aqui [restaurante], então eu tenho que me dar bem, tanto com meus funcionários quanto com

meus clientes; e isso tem reflexo no resto da minha vida”. Suas prioridades estão relacionadas a seu estilo de vida que mistura ostentação de capital cultural e simplicidade: “eu sou uma pessoa muito calma, eu gosto do meu canto e, como te falei, adoro cinema e adoro teatro, gosto de ler, então são as coisas que me preenchem mais”; é um estilo voltado para aspectos culturais, que refletem a tradição de sua família. Embora ele recuse as atitudes de ostentação, as suas práticas distintivas em termos culturais são ostensivas no sentido de que envolvem viagens internacionais (Europa) e nacionais (São Paulo) visando o consumo de arte (consumo distintivo e de ostentação de capitais simbólicos).

O começo da vida profissional do entrevistado também reflete a busca por conciliar uma vocação artística e estabilidade financeira: “eu cheguei a pensar em fazer teatro profissional; quando fui pro Rio [...] eu fiquei um tempo e tentei alguma coisa... mas [...] não me dei muito bem... Então pensei ‘vou ganhar meu dinheiro, ter minha segurança’ e fazer teatro que eu gosto”. A estratégia encontrada para conciliar os capitais cultural e econômico num estilo de vida metódico e distintivo fez com que ele pudesse se definir como “uma pessoa simples”; ele diz ser “muito sociável” e explica sobre esta simplicidade: “me dou muito bem com as pessoas; dentro do restaurante eu tenho um trânsito excelente com meus clientes; e eu acho que é isso que importa para mim hoje; eu atingi certa tranquilidade”. A tranquilidade é uma forma de definir a estabilidade econômica alcançada com o restaurante, que cresceu devido aos laços afetivos com os primeiros clientes (familiares, amigos, conhecidos), e os contatos foram se expandindo gradativamente. Mais do que mera estabilidade econômica, está em jogo a estabilidade social: o status conquistado a partir do sobrenome tradicional. Quando ele defende o sucesso de seu empreendimento e o reconhecimento do público em relação ao restaurante e ao trabalho como ator, está implícita a noção de que herdou uma posição hierárquica valorizada; mesmo o fechamento da firma tradicional da família não atingiu o status atribuído a ele e a seus familiares:

“Eu acho isso fantástico; [...] porque a gente abriu [o restaurante] com uma proposta bem pequena e o contato que a gente tem com a cidade, a gente tem um público fixo, um pessoal que ama o restaurante, e gente de fora que vem aqui em Juiz de Fora e vem sempre aqui. Profissionalmente estou muito realizado; a outra parte, que seria o teatro, sou também muito realizado porque posso fazer o que eu gosto”.

O reconhecimento alcançado não significa a posse de muitos bens materiais, e sim uma estabilidade financeira modesta: “engraçado que a minha avó italiana dizia: ‘ele tá muito bem de vida, ele já tem casa própria’! Então pra ela é... Eu tô ótimo, já tenho minha

casa própria!” [risos]. Nota-se que a posição social alcançada por ele indica a valorização de aspectos não-materiais de sua vida, conquistados pelo trabalho: “acho que nada deve ser mais triste do que trabalhar numa coisa que você detesta”. Ele cita a própria trajetória: “até no banco, quando eu trabalhei lá, eu não amava trabalhar no banco, mas aquilo não me incomodava tanto não. Eu trabalhava seis horas por dia e o resto do dia eu tinha pra fazer teatro, ir ao cinema, curtir a vida”. É uma escolha que reflete o aspecto, já mencionado, de conciliar as disposições artísticas e a necessidade de condições econômicas mais confortáveis. Ou seja, enquanto visão de mundo, sua modéstia esconde certo conformismo relacionado à remuneração adquirida com os seus trabalhos (restaurante e teatro).

Porém, a ideia de uma trajetória bem sucedida aparece em suas falas para encobrir qualquer tipo de insatisfação financeira: “Acho que eu corri atrás de tudo”. Inclusive quando ele transforma as necessidades em virtudes, valorizando as próprias conquistas: “E eu acho que a trajetória toda por si foi dando subsídio ao que foi acontecendo depois. Então nada que eu fiz, mesmo tendo feito coisas que eu não toquei pra frente [...] nada disso foi de graça, nada ficou pra trás, tudo isso eu usei de alguma forma no meu caminhar”. Revendo o passado ele também se projeta no futuro: “no início, contraditoriamente, eu tinha uma pressa, parecia que eu ia morrer amanhã, eu tinha que fazer tudo... e hoje... não tenho mais pressa nenhuma!”, define, exemplificando: “até os projetos do teatro, eu escolho... tem que me satisfazer muito. Se for pra fazer só por fazer eu não faço... não estou vivendo disso... gostaria que o público curtisse tanto quanto eu, isso que importa”.

Além de metódico e distintivo, o estilo de vida do entrevistado valoriza a seletividade de suas ações. Ele pode escolher os investimentos voltados tanto para o trabalho quanto para o lazer: “eu vou fazer o que me der prazer”. É uma postura seletiva que ele defende como resultado de suas conquistas: “Sim, eu procuro ser seletivo; acho que eu já posso me permitir isso; tanto profissionalmente, quanto no teatro, quanto nas minhas relações; eu acho que todo mundo caminha pra isso”. Claro que usufruir da seletividade é uma tentativa de conciliar suas condições econômicas, suas possibilidades e ambições num ambiente elitizado. Noutras palavras, o entrevistado expressa, com sua fala, que não precisa correr atrás daquilo que já considera ter: mesmo que haja dificuldade financeira, ele tem reconhecimento social e *tradição*; aparecer em colunas mostrando aquisições e conquistas é algo para emergentes, que não possuem sobrenomes reconhecidos socialmente.

Por fim, percebe-se que a trajetória do entrevistado, assim como ocorrido com seus ancestrais, é ascendente, visto que ele passou de bancário para proprietário de dois restaurantes italianos. Da mesma forma, seu bisavô italiano deixou de ser verdureiro e pedreiro para se tornar proprietário de uma construtora importante da cidade. A ascensão é um fator presente na história da própria família, que possuía bens e propriedades no século passado; contudo, não houve continuidade no trabalho iniciado com o bisavô por causa do declínio financeiro (falência da firma); os herdeiros se dispersaram e seguiram outros rumos: “acho que é uma coisa cíclica; as gerações não conseguiram manter aquilo que meu avô conseguiu; a firma está desativada, não conseguiram levar adiante... acho que é um fenômeno a ser estudado!”, ironiza o entrevistado. Ele tenta explicar dizendo ser difícil dar continuidade e manter ao longo de muitas décadas o empreendimento iniciado com o bisavô; isto exigiria reunir todos os herdeiros sob um único objetivo, sendo uma dificuldade também apontada por ele: “tanto que a gente seguiu um novo caminho, cada um foi fazer outra coisa”, conclui – evitando falar em decadência das famílias tradicionais. Ao contrário, a justificativa dele é que foram escolhas individuais de acordo com os interesses de cada um de seguir outras opções de trabalho.

O entrevistado aproveita o assunto sobre a trajetória ascendente de seus antepassados para comentar que a ascensão social é uma “grande mudança” dos últimos tempos no Brasil: “Vejo uma diferença muito grande [...]; quando abri o restaurante a gente mudava o preço toda semana! Hoje a gente pode fazer plano, projeto”. Ele afirma: “Então, politicamente, minha posição é essa; não sou de ficar levantando bandeira, mas estou vendo que está no caminho”. Ele afirma que viveu numa época “de ditadura brava, inclusive no teatro era terrível, não podia se falar sobre... hoje você xinga quem você quiser...”. O posicionamento político dele mostra uma percepção do contexto em que ele vive (da mesma forma que o empresário do grupo dos emergentes reclama do ‘viés anticapitalista’ dos últimos governos, ele, ao contrário, defende as políticas sociais de distribuição de renda): “eu acompanhei as mudanças que foram acontecendo; inclusive aqui no nosso restaurante; eu sinto, no começo quando eu abri aqui e a equipe hoje, o nível de poder aquisitivo, de conhecimento, como a coisa evoluiu”. O entrevistado prefere focar na ascensão social dele e de seus empreendimentos enquanto uma estratégia (não intencional) de superar a ideia de decadência familiar. E, assim, consegue manter o status advindo de seu sobrenome tradicional purificado de qualquer tipo de associação com declínio socioeconômico e cultural.

II.3

Eu me tornei um ardoroso defensor da memória da cidade

A entrevista (realizada em 12/02/2014) com o diretor de uma instituição cultural da cidade ocorreu em seu local de trabalho. A valorização da história familiar, presente em seu discurso, identifica o entrevistado como descendente de famílias tradicionais fundadoras de Juiz de Fora. Deste modo, o foco da conversa foi a história juiz-forana e a relação de seus antepassados com a cidade, conforme ele afirma, falando primeiro de sua família paterna: “Minha família tem origens diversas, né, o [sobrenome] é italiano... meu avô nasceu aqui, filho de imigrantes italianos”. Nota-se a valorização de cada detalhe de sua origem familiar: “era uma família do norte da Itália, uma cidade que fica a 14km de Pádua, que se chama Torreglia [soletra], mas se pronuncia ‘Torrelia’; é uma família que no passado tinha um grupo de artistas, mas que em algum momento isso se perde, devido a crises na Itália, e eles imigram para o Brasil em busca de uma vida melhor”. Seus bisavós italianos “chegaram ao Brasil em maio de 1896 [...], e se estabeleceram aqui, família de imigrantes, vieram direto para a região de JF”, então sua família paterna se estabeleceu nos municípios da Zona da Mata.

No tocante à família materna, ele afirma: “é mais tradicional da cidade, com origens antigas, que estão aqui desde o início do século XIX, e que foram proprietários da fazenda que dá o nome à cidade”; estes antepassados seriam parte dos fundadores da cidade. O entrevistado procura, então, enfatizar os laços afetivos com Juiz de Fora: “E talvez por essa relação com a minha avó e bisavó eu tenha realizado tantas pesquisas; de tanto ouvir as histórias isso acabou me estimulando a pesquisar a formação da história da cidade”. Ele pesquisa a história local a partir das lembranças transmitidas pela avó e bisavó porque “elas tinham a vivência com alguns personagens da história, e isso foi me atraindo na busca de mais informações”. Seus familiares são “de famílias muito antigas daqui [...], que estão aqui desde o iniciozinho do século XIX”.

Os personagens citados por ele atuaram como fazendeiros de café, negócios, comércios e “tiveram papel na formação do que seria a cidade, porque o mais antigo, o Antônio Dias Tostes, um homem nascido em 1777 e falecido em 1850, ele vem a adquirir várias propriedades aqui e é um dos principais articuladores do surgimento da cidade”. As declarações do entrevistado mostram a mobilização de capital familiar empregado para legitimar-se como herdeiro de personalidades tradicionais da cidade (embora ele não esclareça exatamente qual é seu grau de parentesco com os personagens citados). Ele

explica a fundação e a formação da cidade a partir da perspectiva de seus antigos familiares e acrescenta que este personagem citado “tem um papel político importante na construção e na formação da cidade”. A participação de seus antepassados na fundação de Juiz de Fora é a base de seus vínculos afetivos: “essa relação construída pela família com a cidade acabou me levando a pesquisas na área, buscando fontes documentais, fontes primárias, e que complementaram as fontes existentes na própria família, a documentação privada da própria família”. Com esta investigação ele pretende fazer “uma análise do perfil social, cultural da cidade”. O entrevistado é, de fato, um entusiasta da história juiz-forana, e seu entusiasmo foca-se na busca da própria origem familiar; na verdade, ele assume uma postura de erudição que é justamente a marca distintiva de seu comportamento.

No decorrer da entrevista ele defende a influência de seus familiares sobre a construção histórica, social e cultural da cidade: “em 1831 já estavam preocupados com a criação de uma escola pública, [...] preocupados com a questão cultural, [...], com teatro, com outras atividades que eu acho que vão moldar o perfil da cidade”; estas preocupações indicam o interesse dele em valorizar a herança antiga da família (a ancestralidade). Segundo o entrevistado, os antepassados remotos de sua família materna ocuparam diversos setores na cidade, atuaram em “todos os setores... Comércio, profissionais liberais, em várias atividades”; seus familiares próximos, porém, não possuem ocupações tão valorizadas quanto aquelas de seus antepassados. Seu pai “tinha uma atividade comercial” e a mãe “não tem atividades”, responde vagamente – talvez essas ocupações simples sejam a fonte de seu esforço para demonstrar erudição e distinção.

Por outro lado, uma forma de valorizar os papéis dos pais é afirmar que em termos de educação seus pais lhe deram “os melhores exemplos”, conforme justifica: “todos os dois lados são famílias católicas, todos professam a religião católica, do ponto de vista de formação, todos trabalharam muito essa questão do caráter”. O fato de seu pai ter atuado como comerciante e sua mãe como dona de casa significa que não possuíam uma profissão que exige qualificação formal (especializada); ainda assim seus pais proporcionaram a ele exemplos de trabalho não qualificado e sustentado pela defesa de dignidade (é o que ele expressa ao dizer “melhores exemplos”, “questão do caráter”), numa tentativa de valorizar a honradez e a dignidade no trabalho.

Na sua formação educacional ele exalta o fato de ter estudado em escolas públicas (embora tenha cursado faculdade particular), como um diferencial: “Estudei desde escolas públicas, como Instituto Estadual de Educação até Direito na Faculdade Vianna

Jr., que era uma tradição da família; no ensino médio eu fiz um curso técnico. Estudei numa escola pública ainda de qualidade; é hoje o que se chama de Escola Normal”. Ele considera que “hoje nós vemos um afastamento da classe média das escolas públicas. Hoje os meus sobrinhos vão estudar em escola particular devido à queda da qualidade do ensino público”. Com estas falas ele procura valorizar a formação que teve em escolas públicas e, ao mesmo tempo, revela uma tendência ao autodidatismo.

Por exemplo, apesar de formado em Direito, ele se considera jornalista: “Atuei na Comunicação; mas meu gosto, minha profissão sempre foi o jornalismo, no qual eu atuei vinte e três anos consecutivos até vir para o Museu”; e, de certo modo, historiador: “Eu não tive formação na área de História, mas sempre foi a minha área de trabalho preferida, a área que me dá mais prazer em trabalhar”. O entrevistado atuou em áreas nas quais não possui uma formação específica, mas que, indiretamente, contribuíram para que ele ocupasse um cargo importante nos setores culturais de Juiz de Fora: “hoje, sobretudo nos últimos anos, eu tenho atuado na pesquisa da formação, do patrimônio, a sua preservação e o quanto a cultura é o diferencial dessa cidade em relação às outras”. Parece que os capitais sociais sobressaem-se em relação à área de formação: embora advogado, o entrevistado, em virtude da tradição e do nome que carrega, certamente poderia e pode atuar na área que escolher – desde que associada à memória cultural da cidade. Seus vínculos familiares já o qualificam a isso.

Em relação ao trabalho, ele obteve o cargo após ser indicado e nomeado, conforme explica: “Muito cedo eu fui indicado para trabalhar no Conselho de Amigos do Museu Mariano Procópio [ver Imagem 56: PARQUE DO MUSEU, a seguir], quando eu atuava no Jornal Panorama, que se tornou o JF Hoje”; e, tempos depois, “um grupo de conselheiros, reconhecendo o meu trabalho em prol do patrimônio, da cultura, das ações que eu defendia, das publicações, dos arquivos, da minha trajetória, em função das minhas ações, viram que eu poderia ser um nome novo para a direção”. A explicação é uma forma de exaltar o reconhecimento obtido em áreas nas quais atuou sem qualificação formal (História); parece uma tendência dentre os tradicionais o fato de que, nos casos em que a tradição está presente, os diplomas tornam-se meros adereços – o mesmo ocorre quando os emergentes convertem capital social em capital econômico.



O entrevistado justifica a falta de formação acadêmica de historiador quando destaca sua postura de pesquisador da cultura e história de Juiz de Fora. É uma postura que ele assume como objetivo de vida: “Então, o que eu quero do meu trabalho? Enquanto eu estiver ganhando isso, esse reconhecimento, gratidão... É essa relação de afeto, de comprometimento da família com as pessoas...”; e discursa a favor dos considerados excluídos da história oficial (e daqueles que não possuem uma tradição de sobrenomes históricos): “não é se a família é rica ou se é pobre, se a história é da elite ou não, você pode ter histórias maravilhosas numa casa simples, maior do que numa mansão”. É uma postura de autodidata que, em certa medida, pretende igualar o senso comum (sabedoria popular) e os conhecimentos acadêmicos – essa perspectiva anularia a falta de formação na área: “E nas minhas pesquisas de história eu tenho desde famílias da elite até famílias afrodescendentes. [...]. Você pode ter os melhores exemplos nas casas mais simples, na sabedoria, sem o diploma e o conhecimento técnico-científico”. Além de demonstrar uma escala hierárquica inscrita na história na qual a elite está no topo e na base estão as famílias afrodescendentes (independente do fato de haver famílias afrodescendentes que chegaram a Juiz de Fora possivelmente mais de um século antes do que as famílias de imigrantes europeus). Ele exalta o conhecimento de “sabedoria sem diploma”, que reforça, mais uma vez, seu autodidatismo; é um comportamento comum aos tradicionais tentar, de algum modo, inserir *suas histórias* na história de Juiz de Fora.

O objetivo de pesquisar e preservar a cultura juiz-forana, expresso pelo entrevistado, transforma-se numa missão pessoal: “eu assumi a responsabilidade de

restaurar, de fazer um trabalho criterioso, com pesquisa, conhecimento, rigor técnico, de acordo com as normas patrimoniais”; ele deseja ser lembrado pelo trabalho realizado: “eu quero deixar um legado de realização que sirva de referência para outras instituições, o que vai contribuir para o sucesso da cidade”. O desejo de se inserir na história aparece no discurso do entrevistado quando ele valoriza a memória familiar, e se mostra preocupado em preservar os patrimônios culturais da cidade. Esta postura é a herança que ele preserva da família materna: “A família da minha mãe era muito mais de criar nossa relação com a cidade. Hoje eu não consigo voltar atrás dessa minha relação com a cidade; qualquer coisa que se faça, que eu acredito, que não seja benéfico para a cidade me incomoda”. Ele considera os vínculos afetivos a causa de sua dedicação em preservar a cultura local: “Se eu vejo uma desvalorização de um patrimônio, uma falta de cuidado, isso me afeta de uma forma talvez muito mais abrangente que a outra pessoa, porque eu criei um vínculo afetivo com essa cidade, absorvendo esse resultado dessa relação secular”.

Nota-se que o entrevistado emprega o capital familiar como uma forma de proteger o status que possui. A valorização dos personagens históricos relacionados a seus antepassados é um modo de se valorizar, na medida em que garante uma posição bem situada na hierarquia da sociedade juiz-forana. Ele preza pela memória da família ao reforçar os valores transmitidos em sua educação: “O que nós tivemos de formação, de conhecimento, eram os valores que essas pessoas da família no passado tinham com a cidade [...]. que é uma característica hoje que nós não observamos nas pessoas da cidade”, e continua comparando: “nós observamos as pessoas quererem ter lucro com a cidade, [...] as pessoas tinham um comprometimento que eu não vejo mais”. Ele não cita nomes, e tais afirmações são muito genéricas; seu intuito, parece, é superestimar a postura dos próprios antepassados em comparação com a atualidade.

Isso tanto é verdade que ele assume a missão pessoal de defesa da cultura juiz-forana: “não é fácil você conseguir conscientizar as outras pessoas sobre essa herança que você recebeu e tratá-la dessa forma”; e exemplifica: “hoje o centro da cidade poderia ser um potencial catalizador de desenvolvimento; é um diferencial que a cidade tem, um centro histórico com galerias, com uma arquitetura muito singular [...] inclusive na rede de sociabilidade”. Sua postura de especialista, autodidata no assunto, defende que “a cidade precisa de uma educação patrimonial no sentido de valorizar o que tem [...]; falta essa conscientização”. E compara os patrimônios culturais locais com exemplos internacionais: “Vou fazer uma analogia muito simples: quando as pessoas saem daqui para viajar, ‘eu vou ver o que tem em Paris, eu vou ver o que tem em Londres’, volta aqui

e desvaloriza”. Ele critica a desvalorização do passado materializado nos prédios históricos de Juiz de Fora, algo que a população não valorizaria: “às vezes a gente tem aqui algo tão interessante e tão próximo... você não precisa ir tão longe, às vezes tem algo aqui tão perto que pode causar a mesma impressão que tem quando vai ao Louvre”. Comparar Juiz de Fora a Paris e Londres, além de ser desproporcional, é um recurso para legitimar seu discurso a respeito do patrimônio cultural e histórico local. Porque a questão patrimonial envolveria fatores relacionados às prioridades políticas das sucessivas gestões públicas do próprio município, temática não debatida pelo entrevistado.

Ele considera que, atualmente, “as pessoas não estão criando vínculos. Quando a cidade cresce ela vai perdendo esses vínculos afetivos” – transparece aí certa nostalgia no discurso do entrevistado. E aproveita para reafirmar o conhecimento que possui da história juiz-forana: “Em 1828, data de nascimento da cidade, você deve ter ouvido falar que o nome original da cidade era Santo Antônio do Paraibuna, né? É um equívoco grave! Você vê então... professores doutores... é a repetição do erro”. Novamente o entrevistado recorre a uma comparação, ainda que indireta: apesar de não ter uma formação acadêmica em História ele se importa mais com esses conhecimentos do que “professores doutores” se importariam. E esclarece:

“Deixa eu te explicar o que é. Juiz de Fora pertencia à Barbacena, era uma fazenda, *Fazenda ‘do’* [ênfatiza] *Juiz de Fora*; e foi comprada pelo Antônio Dias Tostes, da família Vidal. 1815 ele consegue a criação do curato pela Igreja de Santo Antônio; então o curato é Santo Antônio do Juiz de Fora e continuava pertencendo à Barbacena. 1828 é criado o distrito de Santo Antônio do Juiz de Fora que pertencia à Barbacena cuja comarca chamava-se ‘comarca do Paraibuna’. Em 1850 houve um erro da publicação da lei e em vez de sair ‘Santo Antônio do Juiz de Fora da comarca do Paraibuna’ saiu ‘Santo Antônio do Paraibuna’, mas a população não aceitou; até em documentos oficiais você encontra escrito lá ‘Santo Antônio do Juiz de Fora’; até que o Barão de São Marcelino em 1865 apresenta uma lei voltando à denominação original, porque a população não aceitou e havia problemas postais de Paraibuna homônimo; e havia o sentimento afetivo do próprio Barão que era neto do homem que concedeu todo esse projeto, Antônio Dias Tostes, de voltar ao nome original. Mas aí esse nome Cidade do Paraibuna perdurou por 15 anos e em 1865 voltou ao nome de Juiz de Fora.”

O entrevistado fica indignado porque “a própria cidade não conhece isso [...]. A cidade não sabe seu nome até hoje: é cidade ‘do’ [ênfatiza] Juiz de Fora. Você pode ir ao arquivo público mineiro que vai encontrar lá”, diz, reforçando o discurso de pesquisador e especialista no assunto. Ele trava “uma luta contra o esquecimento”, que expressa a preocupação de que o passado corre o risco de ser esquecido e, assim, seus vínculos afetivos com a história da cidade se perderiam – na verdade, perder-se-ia sua prerrogativa

de se autodenominar-se arauto da cultura juiz-forana. Este discurso nostálgico é uma preocupação de preservar o papel de sua família na história juiz-forana; ele valoriza “o privilégio de ter essa transmissão de informação dentro da família” que criou uma “consciência da defesa da cidade”, diz, novamente reforçando seu pertencimento a uma família que valorizava a preservação da memória familiar.

O compromisso pessoal dele em defesa da cultura local é uma defesa de seu próprio posicionamento na sociedade, no sentido de pertencer à história de Juiz de Fora por meio de seus antepassados. Ele não menciona heranças materiais, e sim uma herança cultural com a qual se comprometeu afetivamente: “Comprometimento, acho que é a palavra hoje mais importante. Quando as pessoas se sentiam responsáveis pela cidade e não tuteladas por ela, esperando o que a cidade pode oferecer”. Os antepassados eram comprometidos com a cidade e ele se sente responsável por continuar ou resgatar esta tradição: “Eu me tornei um ardoroso defensor da memória da cidade porque tenho um vínculo afetivo muito forte”, resume.

A posição hierárquica do entrevistado não advém de um grande capital econômico, já que ele não mencionou qualquer tipo de herança material deixada pelos antepassados de sua família materna ou dos imigrantes italianos do lado paterno. A justificativa de seu posicionamento social na elite juiz-forana fundamenta-se no capital familiar construído a partir de um resgate da memória e da história, realizado por ele em suas pesquisas. Na verdade, ele pouco falou a respeito de seu núcleo familiar e de sua vida pessoal; menciona, no início da entrevista, que suas avó e bisavó maternas eram descendentes de famílias ligadas aos fundadores da cidade, e que estes familiares tinham propriedades nos arredores da fazenda a partir da qual, gradativamente, constrói-se Juiz de Fora.

No entanto, sobre seus pais e sobre sua vida familiar, ele se comportou com muita discrição; apenas declara trabalhar demais e por isto reclama do acúmulo de atividades profissionais, sem mencionar aspectos detalhados de seu cotidiano familiar: “É uma falta de tempo... para ficar com a família, para viajar... Eu não tenho férias, só quinze dias de férias em cinco anos, porque não tenho condições de parar”; mas evita falar sobre seu cotidiano familiar. O objetivo dele é estabelecer uma ponte direta com os fundadores da cidade, sem enfatizar a participação de seus familiares mais próximos (no caso, sua mãe).

Os vínculos familiares com o passado o deixam incomodado com o “individualismo” da atualidade: “quando uma pessoa consegue seu objetivo pessoal já é o bastante; o coletivo se perde quando a ação individual consegue seu êxito”. E este

individualismo é o oposto do que ele procura praticar em seu trabalho e em suas ações cotidianas; nesse ponto relata uma atitude que passou a admirar de seu pai, o trabalho voluntário numa instituição católica “em prol de pessoas carentes, levando cestas de alimentos, remédios, dando assistência, indo visitar pessoalmente as casas das pessoas... e eu na minha imaturidade eu não acreditava nesse assistencialismo”. É uma postura de buscar o altruísmo: “eu não deixo isso transparente para as pessoas, [...] é um trabalho silencioso, que não faz uso político, você não vê ninguém se gabando: ‘eu fiz isso, eu fiz aquilo’, não é para se promover”; inclusive, ele critica o uso populista do assistencialismo: “porque eu vejo muitas ações sociais sendo usadas em favor pessoal para projeção”.

O entrevistado defende o altruísmo dos trabalhos voluntários (sem se autopromover), embora, em outros aspectos espere reconhecimento de suas ações. No trabalho, por exemplo, ele espera obter reconhecimento sem utilizar-se de favorecimentos ou benefícios adquiridos pelo cargo público; o altruísmo é evocado no seu posicionamento político ao criticar aqueles que agem visando interesses pessoais: “não tenho ideologia política, não sou filiado a partidos, não vejo a política dessa forma partidária; eu tenho a impressão de que quando se chega ao poder público se muda”. Ele é um defensor da área na qual ele atua, sendo esta a motivação para valorizar os aspectos culturais da cidade: “Eu tento fazer o que eu posso dentro das minhas possibilidades, de tentar mudar dentro da minha contribuição. Hoje eu tento mudar através da cultura, de proporcionar acesso, conhecimento, um sentimento de pertencimento em relação à cidade”.

Enfim, sua postura é a de preservar o status conquistado através dos vínculos entre a família tradicional e a cidade. A herança valorizada por ele é o pertencimento à história juiz-forana; e não apenas enquanto herdeiro de uma tradição histórica, mas enquanto um (re)construtor da história. Esta missão pessoal reflete-se na proteção da memória cultural: “Eu tenho a percepção de contribuir no que estou fazendo. Como quando eu estava no jornalismo e buscava contribuir dando informações...”, então a valorização da ancestralidade é basicamente o foco de suas ações pessoais e profissionais, visto que ele considera-se legítimo herdeiro dos fundadores da cidade, e seu status sustenta-se sobre este vínculo.

II.4

Juiz de Fora é uma grande pequena cidade

Se a preocupação do entrevistado anterior é garantir um lugar na história de Juiz de Fora, apoiando-se em pesquisas genealógicas e assumindo um compromisso pessoal com a preservação do patrimônio cultural da cidade, o entrevistado atual não hesita em relação ao pertencimento que possui. A entrevista (realizada em 22/03/2014) com o industrial aposentado ocorreu em sua residência, um apartamento no centro da cidade; trata-se de um senhor descendente de uma família tradicional de imigrantes alemães que atuaram na industrialização da cidade. O entrevistado mostrou-se muito lúcido e interessado em narrar a história de seus antepassados, tanto que ele mostrou vários materiais a respeito de sua família: reportagens, mapas genealógicos, geográficos e fotografias antigas. A expectativa dele era que fosse realizado um estudo sobre sua família, por isso a entrevista seguiu o ritmo de suas histórias, algumas pertinentes para perceber o estilo de vida constituído por ele, e outras que se tornam verdadeiras exaltações de seus feitos – muito adequadas, considerando-se a importância de sua família na história juiz-forana. A partir daí surgem as contribuições para a pesquisa, sem focalizar nesta família tradicional específica, mas buscando os elementos que distinguem o entrevistado em termos hierárquicos e o localiza na elite local.

Ele inicia a conversa com um pedido: “Antes de você começar eu queria dizer sobre Juiz de Fora, que é a minha terra; Juiz de Fora é uma pequena grande cidade; segunda, Juiz de Fora é uma grande pequena cidade”. Em seguida ele explica a própria observação: “Eu trabalhei por cinquenta anos em indústria e passei todo esse período aqui. Juiz de Fora era tida como uma cidade industrial, e era mesmo. Isso em 1930... Ela acordava com o apito das fábricas; uma dúzia de fábricas”; e complementa, nostalgicamente: “Então eu participei disso e posso falar sem sombra de dúvidas, a cidade industrial acabou. Entretanto, a cidade universitária floresceu. É uma definição de Juiz de Fora porque eu sei, eu vivi aqui, conheço tudo, palmo a palmo”. O interesse dele, nota-se, é mostrar que participou diretamente do período de industrialização da cidade. Entretanto, no decorrer da entrevista, o industrial aposentado prefere comentar sobre seus feitos pessoais relacionados à carreira de esportista e à vida familiar, pois falar sobre a história da industrialização juiz-forana significaria assumir, em certa medida, o declínio do empreendimento familiar. Por esta razão o entrevistado mostra-se mais interessado em

apresentar suas origens internacionais do que proferir suas impressões sobre o período industrial no qual sua família atuou.

A história de sua família envolve um capital familiar relacionado à imigração de origem alemã, e ele tem uma ligação muito forte com sua origem estrangeira. Assim como em outros casos, o entrevistado se refere a um livro sobre a família: “É meu primo que fez um estudo sobre nossa família, e nós, inclusive, remetemos para Petrópolis, querendo o registro nosso como imigrantes. Mas Canoas-RS é a cidade própria que tem os imigrantes”. No entanto, da mesma forma que os demais entrevistados, este livro da família estava emprestado com outro parente que não foi localizado e, por conta da impossibilidade de acessá-lo, o livro não foi consultado na pesquisa.

O entrevistado explica que o conteúdo do livro é basicamente a história do sobrenome familiar; e é sobre isto que ele começa a falar de maneira formal e educada, mostrando domínio de normas de etiqueta e de uma educação tradicional: “Se você me permitir, acho que vou falar uma coisinha que interessa muito a você. Primeiro, [sobrenome], de onde vem esse nome?” [então pede os papéis com mapas, quadros e anotações sobre a família para a esposa e a filha, que acompanham a entrevista]. De fato, ele se interessa pela genealogia e pela etimologia de seu sobrenome: “Em princípio, pouca gente sabe que [sobrenome] é alemão. De onde surgiu? No Granbery, um dia, fazendo chamada, de história, o professor, quando chegou no meu nome, falou [pronuncia enfatizando os fonemas]”; ele conta que perguntou ao professor porque pronunciou diferente e se espantou com a resposta: “‘Porque seu nome é grego, não é alemão não’. Eu nunca descobri esse grego, porque não fomos até lá. Então, isso aí deu uma dica de que o nome seria grego”. Esta observação atribui mais valor ao sobrenome internacional e legitima o discurso do entrevistado a respeito da investigação realizada por ele sobre os antepassados alemães.

Ao mostrar seus materiais, o entrevistado conta que ele e familiares começaram a investigar a origem do sobrenome até descobrirem a cidade de seus bisavós: “é uma cidade pequena cuja família jamais teve condições de achar na Alemanha, até que eu fui lá com a minha mulher e disse ‘eu vou achar’ e achei”. A viagem representou seu encontro com suas origens: “Na hora em que chegamos lá eu vi logo o nome na parede e um casal que estava com a gente disse ‘nossa, vocês ganharam o dia, hein’ e eu disse: ‘não, eu ganhei a minha vida, porque antes nenhum [sobrenome] tinha vindo aqui’. Isso foi por volta de... 1994, por aí... Nós descobrimos a origem oficial do nome [sobrenome]”. O

orgulho de ter sido o único a viver essa experiência evidencia o quanto a ancestralidade fundamenta seu pertencimento a uma posição prestigiada na sociedade juiz-forana.

A imigração de seus antepassados ocorre no século XIX: “Então essa família resolveu, a exemplo de muitas outras, por volta de 1835, resolverem e vieram numa espécie de comboio, nos vapores, para o Brasil”. Alguns chegaram ao Rio de Janeiro e “rumaram, imediatamente, para Petrópolis e eles foram alocados pelo governo para ajudar na construção da estrada de rodagem Rio-Juiz de Fora, a União e Indústria”, principal ligação dessa região de Minas Gerais com a capital federal da época, e “essa estrada foi construída também por muitos imigrantes alemães”, explica. Os imigrantes desempenhavam trabalhos braçais, mas alguns possuíam qualificação formal e atuavam como engenheiros, por exemplo. No caso de sua família a atuação ocorreu na indústria.

O entrevistado mostra domínio sobre o assunto ao dizer que “Juiz de Fora era, outrora, uma cidade autenticamente industrial”. Ele diz que o pai “trabalhava com uma fábrica de chinelos de liga de algodão, coisa que não existe mais”. Isso indica a baixa qualificação profissional de seu pai quando de sua chegada ao Brasil, que começou a ascender socioeconomicamente quando formou a própria indústria: “Depois nós passamos em 1958 ao Curtume [nome da fábrica] na Vila Ideal”. Percebe-se que a situação financeira exigia que ele e os irmãos trabalhassem junto ao pai na fábrica: “Eu trabalhava de dia, todo dia. Então eu fiz o curso de Economia na Academia de Comércio e de dia trabalhava. Trabalhei lá como acionista e proprietário, capitalista, né, por, pelo menos, trinta e cinco anos”, relembra.

Ele e os irmãos trabalhavam mesmo antes de concluírem o ensino médio; as condições econômicas de seus pais não eram muito favoráveis e exigiam a participação dos filhos no orçamento familiar, conforme indicado pelo entrevistado. Apesar das dificuldades, todos estudaram no Instituto Granbery, uma instituição particular tradicional da cidade: “É um colégio tradicional de fama nacional. Ele é de origem americana, de religião Metodista, influenciado pelos alemães protestantes”. A respeito de sua formação educacional, o entrevistado enfatiza sua atuação como esportista, e mostra as notícias de jornais sobre sua participação em campeonatos de basquete e atletismo: “No período de 1942 a 1957 eu me notabilizei na prática de esportes; fui campeão olímpico universitário em Juiz de Fora, corrida de 800m”, conta, orgulhoso, mostrando as notícias de jornais da época sobre o assunto.

Estes detalhes biográficos narrados pelo entrevistado apontam para o tipo de educação e de valores transmitidos a ele: seu pai não gostava da afeição do filho pelos

esportes e mantinha uma distância em relação a estas práticas. A esposa do entrevistado aproveita para comentar que o sogro realmente “não incentivou [a prática de esportes]; muito pelo contrário, tinha que fazer primeiro as obrigações para depois fazer esporte”, diz ela. Fazer as obrigações, conforme ela declara, significa estudar e trabalhar, princípios defendidos pelos pais dele; e relembra a relação conflituosa com o pai. Numa ocasião, o pai foi assistir a um jogo de basquete do time dele: “Isso vale a pena eu falar alguma coisa, pois ele já morreu e... Resultado, olha só que a pessoa detestava esporte, mas essa eu não esqueci não. Nós ganhamos o jogo, um jogo bonito”; então ele esperava a aprovação do pai: “No dia seguinte, na hora do almoço, eu falei: ‘o que o senhor achou do jogo?’ – olha só o que ele me respondeu, hein: ‘Eu achei que aquilo era um verdadeiro circo de palhaços! Uma porção de homens correndo atrás de uma bola só!’, me arrasou...”, lamenta. A rigidez do pai se refletia na exigência de trabalhar “rigorosamente... Trabalhava eu e meu irmão. Era muito trabalho mesmo!”; e esposa acrescenta: “os irmãos foram embora e ele foi o único que ficou”.

O trabalho era o foco de seu pai, sendo esta a herança que ele deixou aos filhos. O entrevistado trabalhou em duas fábricas da família, uma do pai dele e outra de um tio, outro curtume. Quando o pai não estava mais em condições de cuidar do curtume da família, outros familiares começaram também a trabalhar aí; porém, após alguns desentendimentos entre os parentes, os herdeiros tiveram que vender a indústria da família. Neste momento o entrevistado “foi convidado a trabalhar no Curtume Krambeck para ser acionista e diretor”, resume sua esposa. Ainda assim, ele insiste em dizer que foi “obrigado a deixar o curtume da família”, enquanto a esposa corrige: “A vender, deixar não, obrigado não! E é importante dizer também que o Curtume Krambeck é muito anterior ao da família; é uma indústria centenária de JF”. Nota-se que o início da vida profissional do entrevistado foi marcado pela necessidade de trabalhar na indústria de seu pai; em seguida, em razão de alguns problemas familiares, ocorre a venda dessa indústria da família e ele passa a trabalhar noutro curtume. Estes aspectos ilustram as facilidades de ingressar no mercado de trabalho quando se tem redes de contatos e vínculos familiares (capitais e marcadores distintivos); afinal, por ser membro da família já possuía o emprego garantido.

As mudanças ocorridas na industrialização de Juiz de Fora afetaram diretamente o empreendimento da família do entrevistado, conforme explica, empolgado com a oportunidade de narrar fatos vividos por ele: “JF passou de cidade operária-industrial para cidade universitária. Isso é muito importante de você colocar aí; que eu assisti a toda essa



transformação”. São declarações que legitimam sua posição de participante e especialista num assunto que ele conhece empiricamente: “Eu poderia citar umas dez indústrias de Juiz de Fora, de linha, de primeira, e praticamente todas foram à falência; de nome, nome grande mesmo, eu acompanhava de perto, conhecia os donos...”. Ele inclusive reforça que pessoas já o questionaram sobre isso: “Tem uma senhora amiga nossa que falou: ‘nossa, você tinha que escrever isso aí sobre a história de Juiz de Fora’. E eu disse: ‘de jeito nenhum, eu vou criar inimizade com esse pessoal todo?’, e ela respondeu: ‘não, mas você faz com o nome de outras pessoas’ e eu ‘ah, isso não é comigo não!’”. Ele domina os conhecimentos sobre a história industrial de Juiz de Fora, no entanto, preocupa-se com a possibilidade de ser malvisto entre seus pares:

“Vamos citar uma indústria só. Por exemplo, a indústria [ele pede para não identificar], excelente, formidável, mas que, com o decorrer do tempo, segundo opiniões existentes na cidade, as quais eu compartilho, com o decorrer dos anos foi perdendo a modernidade e foi ficando, naturalmente, com vendas deterioradas, ganhando menos e manda embora um aqui, outro ali... É bom que se diga isso, faltou continuidade na existência de todas as fábricas da cidade até a data de hoje. Primeiro e mais importante, falta de modernidade...”

O entrevistado não quer se comprometer ao emitir suas opiniões sobre a decadência dos empreendimentos tradicionais que protagonizaram a industrialização juizforana. Entretanto ele se interessa pelo assunto de uma forma nostálgica: “As famílias tradicionais participaram da era industrial de JF e depois foram debandando... Todas elas... Eu, outro dia, estava com a [esposa] no Parque Halfeld e conversando sobre a família Halfeld... [não conclui a frase]. Havia muita proximidade entre as famílias. Não



amizade de ir todo dia à casa do outro. Mas de frequentar... O meu pai foi presidente do Clube Dom Pedro II. Enfim, cada um foi fazendo uma coisa... Eu frequentava o Esporte Clube Juiz de Fora, fui conselheiro, jogador...” [acima: Imagem 57: Rua Halfeld; Imagem 58: Brasão do Clube Dom Pedro II].

A esposa concorda que os clubes e o Parque Halfeld eram um local de encontros dos personagens tradicionais da elite da cidade. Estas

lembranças do casal indicam uma proximidade maior entre as famílias tradicionais até meados do século XX, quando as indústrias ainda funcionavam, mas já mostravam dificuldades de se sustentarem financeiramente. Inclusive, a proximidade entre as famílias tradicionais facilitou o encontro entre os dois, além de frequentarem os mesmos lugares: “Nós nos conhecemos na praia do Leme no Rio de Janeiro; visualmente e casualmente apenas. Posteriormente nos aproximamos mais e nos conhecemos pessoalmente”, diz ele. A esposa acrescenta que sua família também é tradicional e soletra seu sobrenome estrangeiro, embora ele responda sobre as origens dela: “São duas famílias que por uma coincidência muito particular vieram da Europa para o Brasil, mais ou menos na mesma época; só que [sobrenome da esposa] vieram da Inglaterra, foram para Portugal e de lá para o Brasil. A minha saiu da Alemanha para o Brasil”.

A seguir, a esposa começa a contar detalhes de quando se conheceram, contrariando a versão do marido, de que o primeiro encontro teria sido na praia do Leme: “Eu tinha umas amigas que estavam de olho nele [...]; eu não o conhecia e nem ele me conhecia”. Logo depois se encontraram no cinema do centro da cidade, frequentado por grupos da elite local. Ela insiste que não se interessou por ele “até que... naquele dia, na matinê, ele perguntou: ‘posso sentar aqui perto de vocês?’ e eu disse ‘a cadeira está vaga’”. Toda esta narrativa da esposa torna-se relevante porque revela que ambos pertenciam ao mesmo contexto social (elitizado), frequentavam os mesmos ambientes e tinham amigos em comum; ou seja, pertenciam à mesma elite. Apenas uma diferença se sobressaiu entre eles, em termos de valores educacionais: ele é protestante, ela católica.

Quando casaram tiveram dificuldades sobre crenças, conforme lembra a esposa: “Eu era muito católica e quando eu comecei a namorar o [nome do marido] eu pensava em me casar; a gente procurou na cidade inteira e sempre diziam que seria difícil

encontrar alguém para fazer o casamento”. Então indicaram um padre em Petrópolis, que os casou; o marido diz que foi “O primeiro casamento ecumênico de Juiz de Fora”; ela corrige: “De Petrópolis”, ao que ele reitera: “De Juiz de Fora *em* Petrópolis”. Eles casaram nas duas Igrejas – escolhas que evidenciam o convencionalismo do casal. Eles tiveram quatro filhos: “os meninos foram batizados na Igreja Luterana e as meninas na Igreja Católica. Uma maneira de agradar os dois”, contam. A vida familiar constituiu-se sobre os valores religiosos partilhados. Quanto aos valores convencionais, o entrevistado afirma: “é muito importante que você assinale aí que anualmente a família se reunia para festejar o natal em ritmo luterano, porque toda a família era luterana vinda da Alemanha”. A educação pautada na religião fez com que os filhos estudassem em escolas tradicionais católicas e metodistas (Colégio dos Jesuítas e Instituto Granbery).

Ambos construíram uma trajetória ascendente e contaram com o valor dos sobrenomes (capital familiar internacional) para iniciarem a ascensão. Nota-se que as famílias imigrantes não tinham grandes posses e propriedades, mas se estabeleceram com êxito na cidade durante o período de desenvolvimento industrial. É assim que ele avalia o crescimento e, depois, o declínio (em relação à fábrica) de sua família. Primeiro, declara sobre si mesmo: “É que na realidade, eu podia e devia ter feito muito mais. Podia, devia e tinha condições de fazer muito mais. Porém, não fiz. Várias coisas foram surgindo e...”, interrompe a frase para falar de seus familiares: “A família nossa, cada um foi fazendo o que queria; muitos foram embora para São Paulo, Belo Horizonte, Rio... tem advogado, médico, de forma que cada um tomou um rumo na vida definido”.

As informações sobre os rumos de seus familiares após o fechamento do curtume mostram que todos tiveram o mínimo de condições econômicas favoráveis para se formarem em diversas áreas acadêmicas e, a partir da educação formal, puderam ocupar profissões qualificadas e bem remuneradas. Ou seja, o declínio industrial não levou a família ao rebaixamento social porque investiram em formação educacional (ou seja, transformaram capital familiar em capital cultural – este, por sua vez, foi revertido em capital econômico).

Este investimento (conversão de capitais) sustentou o entrevistado e seus irmãos, somando-se à herança deixada pelo pai (sobrenome, estudo e trabalho). O mesmo valor dedicado à educação foi priorizado pelo casal em relação aos filhos: “Sempre prezamos pela educação dos filhos, né, assim, no sentido não só educacional, né, mas também no sentido familiar; sempre a obediência...”, explica a esposa. Os valores educacionais norteadores da família são tradicionais e conservadores: obediência e disciplina; mas,

apesar do rigor e da severidade das influências alemã e inglesa, havia espaço para práticas de lazer. Ele se refere às viagens familiares: “sempre gostamos de viajar muito para o Rio de Janeiro. Compramos um apartamento lá e temos até hoje, mantemos alugado”, onde moraram por um tempo. São indícios de que o capital econômico aumentou gradativamente, pois possuem também “uma casa na praça da igreja do bairro Bom Pastor, um sítio próximo à BR040 e esse apartamento no centro da cidade”. Essas propriedades confirmam a localização do entrevistado na elite social e econômica de Juiz de Fora.

Finalizando a entrevista ele pergunta: “e quem é a próxima família que você vai entrevistar?”; ao saber do sobrenome a esposa comenta: “Ah, eu conheço... [diz o sobrenome]... ele é filho de uma amiga minha”; e o entrevistado cita outros sobrenomes tradicionais que deveriam constar na pesquisa: “Assis, Arcuri, Halfeld... Mas não sei se você vai conseguir... precisa ter alguém que indique e recomende...”. Esta observação do entrevistado reafirma a dificuldade, expressa na Introdução desta pesquisa, de estabelecer contato com famílias tradicionais (espaços de elite); isso é tão forte – a necessidade de um contato *endógeno* – que ele mesmo chega a desconfiar da possibilidade de uma jovem pesquisadora, sem vínculos sociais importantes, conseguir acessar alguns descendentes destas famílias; quando indagado sobre se poderia indicar alguém para ser entrevistado ele preferiu não se comprometer porque se distanciou destas pessoas há muito tempo (conforme relatado, nostalgicamente).

A desconfiança do entrevistado retrata certo distanciamento entre as famílias tradicionais e o surgimento de novos personagens e protagonistas da alta sociedade juiz-forana. De todo modo, seus relatos permitem enquadrá-lo neste grupo de tradicionais: talvez o genuíno representante dos tradicionais e, por esta razão, suas falas não demonstrem afirmações ou dissimulações, mas certa nostalgia e receio de se comprometer ao proferir suas opiniões sobre o período industrial que ele vivenciou. A valorização dos ancestrais vinculados à história local é uma forma de proteger o status que possuem; no caso do entrevistado percebe-se que ele protege o próprio status ao evitar dizer claramente o que levou as indústrias tradicionais à decadência financeira. Devido à importância atribuída aos imigrantes alemães na área industrial e nas construções de estradas e avenidas, o entrevistado é herdeiro de uma tradição e será este o legado que transmitirá aos filhos: um status bem posicionado na hierarquia da sociedade juiz-forana.

II.5

Só tem o sobrenome – que hoje significa muito pouco, né?

A entrevista (realizada em 09/05/2014) na residência do professor universitário aposentado ocorreu na sede antiga de uma das fazendas da família, e começou com o entrevistado mostrando-se disposto a divulgar as histórias familiares e bastante interessado na pesquisa. Ele mencionou um manuscrito da família para consulta: “Se você quiser depois eu posso te emprestar um livro [sobre a família] e você faz cópia, é uma edição datilografada, antiga... Mas se for mais história oral... é mais interessante”. No entanto, ele explicou que o livro não estava com ele e sim com um primo; ele acrescenta a dificuldade de encontrar os parentes porque mora na fazenda e raramente vai à cidade (ele mora no bairro Floresta, na estrada para Bicas). O entrevistado, assim como se passou em outras entrevistas, menciona um livro que não está “em mãos” e de difícil acesso. Assim, apesar de não ter sido possível a consulta destes materiais, o próprio fato de haver um livro sobre a família, ainda que seja algo amador (escrito por algum parente), representa a importância que os tradicionais atribuem a si mesmos.

Destarte, toda e qualquer família, em sua trajetória, justifica a escritura de um livro; mas, fazê-lo, ou prometer fazê-lo, é algo decididamente distintivo: é uma forma de materializar o capital familiar expondo a genealogia da família e tornando pública a alta posição na hierarquia da sociedade juiz-forana. Embora sejam publicações mais restritas aos próprios familiares, estes livros também representam o desejo de ser lembrado na história de Juiz de Fora. Similar ao que ocorre com os emergentes, que pretendem fazer parte da história local, os tradicionais já o fazem, mas é preciso que isso fique escrito para não se perder.

Mesmo sem consultar o livro, o entrevistado domina as informações da família materna e apresenta sua narrativa sobre essas histórias: “Meu bisavô – ele não se chamava [sobrenome conhecido] – era da região de Andrelândia e de lá ele saiu e veio para Juiz de Fora. Chegando aqui ele mudou o nome”. A troca de nome é explicada pela mãe porque houve “alguma complicação que ele teve com outra pessoa que tinha o mesmo nome” e ele desconfia da explicação: “eu não vou falar mal dele que já morreu [risos], mas alguém que muda de nome quando troca de cidade é que alguma razão deve ter... Bom, pouco importa [risos]”. Este bisavô “já devia ter algum dinheiro e se casou com alguém da família Halfeld; ficou viúvo e se casou novamente com uma pessoa muito jovem, devia ter catorze, quinze anos, muito mais jovem do que ele, foi minha bisavó. Tiveram três

filhos”. Em seguida, “ele comprou a fazenda onde você está [local da entrevista]. É a antiga Fazenda da Floresta, ele comprou essa fazenda que era toda praticamente mata virgem, trouxe escravos, começou a plantar café, isso em 1850 e poucos”.

A história deste personagem histórico da família termina quando “um dia ele saiu a cavalo numa viagem e morreu, não se sabe bem de quê; o fato é que a minha bisavó ficou com a fazenda, era muito grande, cheia de escravos. Ela tocou sozinha essa fazenda por algum tempo, criando seus três filhos”. Eles continuam com a fazenda, mas vão morar na cidade: “onde comprou um palacete. E para a tristeza nossa [o palacete] foi dado para a Arquidiocese de JF, que vendeu, derrubaram tudo e construíram o Empório Bahamas da Avenida Rio Branco”. As informações narradas pelo entrevistado explicam a formação do capital econômico da família (cafeicultura), mas o sobrenome torna-se mais conhecido quando os três herdeiros vão morar no centro de Juiz de Fora.

A partir daí os interesses destes antepassados visam a conquista de posições superiores na sociedade juiz-forana. Segundo o entrevistado, “Já no final do século XIX, um dos filhos dela [bisavó] – acho que essa é a chave da família [sobrenome] – aliás, o único filho homem, assumiu a fazenda e ele era, o que parece, um homem muito empreendedor”. Ele conta que este membro da família era o avô dele, que ficou responsável pela fazenda no período da abolição e “Contam que os escravos choraram muito: ‘não manda a gente embora, deixa a gente trabalhar aqui!’... O fato é que ele terminou os estudos, casou-se, veio morar na fazenda, desenvolveu muito a lavoura de café, justamente na época em que o café dava muito dinheiro”. O desespero dos escravos após a abolição certamente serviu para explorar a mão-de-obra barata deles e enriquecer ainda mais o fazendeiro, tanto que o entrevistado afirma que o avô “ficou muito rico. O cunhado dele era de uma família importante também, Penido, filho de um médico, e os dois se davam muito bem; era médico, foi deputado federal, político e tal, e o [avô] era realmente o empresário”. Nota-se que a união entre famílias tradicionais era uma forma de unir os bens e manter o status reconhecido de ambas.

O entrevistado atribui ao avô o reconhecimento do sobrenome familiar, como resultado das ações empresariais dele a partir da década de 1930: “ele comprou uma fábrica de tecidos e pôs aqui na fazenda, no território da fazenda, montou uma fábrica de tecidos”. Este primeiro empreendimento industrial da família impulsionou outros empreendimentos: “a fábrica para funcionar precisava de eletricidade e o grupo comprou a Companhia Mineira de Eletricidade... Então a família começou. Tinha a fazenda, a fábrica de tecidos, a Companhia Mineira de Eletricidade, controlava a companhia de

ônibus, os bondes, controlava a empresa telefônica”. Ou seja, dominava áreas estratégicas de infraestrutura urbana, o que permitia tanto o enriquecimento quanto o reconhecimento social, especialmente nos ambientes das elites locais.

O avô “se casou com uma moça de classe média, filha de um juiz; depois que ele morreu ela foi para o Convento [nome], que existe até hoje, que foi construído às custas do meu avô e minha avó; lá ela viveu muito tempo e lá ela morreu”. Este dado explica a influência da religião Católica nos valores e nas práticas do entrevistado: “isso me interessa muito porque eu faço Sociologia da Religião”, diz. Ele associa a decisão de sua avó com o seu interesse acadêmico em religiões; embora a maior influência seja sobre sua atuação em movimentos católicos ligados à política (assunto que surge quando ele fala de sua formação profissional) e nos próprios valores do entrevistado, que procura equilibrar o convencionalismo católico (ele casou, ficou viúvo e casou novamente na igreja) e uma visão das teologias progressistas e politizadas. Após esta observação a respeito de trabalhar com Sociologia da Religião, o entrevistado preocupa-se em retomar a cronologia (genealógica) da família, mostrando uma postura de intelectual e pesquisador erudito (herança paterna muito valorizada pelo entrevistado).

O início do enriquecimento da família materna deveu-se ao fato de monopolizar aspectos estruturais da cidade, acumulando muito capital; contudo, no momento da divisão das propriedades e bens familiares a herança diminui significativamente: “A fazenda era muito grande e cada um dos filhos pegou vinte alqueires de terra, uns quarenta e poucos hectares; aqui é um pedaço da fazenda que pertencia à minha mãe, depois que ela morreu eu comprei dos meus irmãos”. A transmissão dos bens não permitiu a continuidade da riqueza familiar, já que os herdeiros eram muitos e, por mais que a riqueza fosse grande, quando dividida uma fazenda não passa de um sítio; e um sítio dividido não vai além de uma granja: “ao todo eles [avós] tiveram sete filhos e algo como sessenta netos; minha mãe teve dez filhos, [...]. E eu nem posso te garantir que reconheço todos os meus primos e primas; reconheço, sei quem é, mas confundo os nomes do pessoal mais novo”.

O crescimento da família, porém, não é o único fator de diminuição da riqueza; o fator decisivo é o que os descendentes fazem com as heranças recebidas: em geral, eles não reinvestem nos negócios familiares. Deste modo, há uma dispersão do capital econômico. Eles usufruíram dos bens conquistados pelos pais (avós do entrevistado), mas não colaboraram na continuidade. Por mais que a divisão de renda tenha como consequência a diminuição da riqueza (antes concentrada num único núcleo familiar),

outros fatores devem ser considerados, como alguns traços de comodismo e conformismo na ideia de que o patrimônio conquistado pelos antepassados seria suficiente, pois aumentá-lo significaria ter que trabalhar mais, algo não atrativo para aqueles que já estavam numa posição social confortável e estável.

Ainda assim, o entrevistado procura relacionar o relativo empobrecimento da família ao processo decadente da industrialização juiz-forana: “Então a fazenda foi entrando em decadência lá pelos anos 1950; a fábrica, que tinha sido fonte de rendimento da família, nos anos 1970 também entrou em crise”. As crises foram acompanhadas da falência da Companhia Mineira de Eletricidade, que “não acompanhou o ritmo de crescimento da indústria e foi estatizada pela Cemig; os bondes acabaram sendo substituídos pelos ônibus; a companhia telefônica também foi estatizada”. As mudanças ocorridas em Juiz de Fora abalaram a base econômica da família do entrevistado, especialmente porque as gerações seguintes a seu avô não assumiram o trabalho de adequar esses empreendimentos ao ritmo de desenvolvimento da cidade após os anos 1950. Ele diz que a situação atual da família é diversificada: “aqui na fazenda ficaram dois núcleos: a fábrica, que pertence a um dos meus primos, e a velha Casa Grande, a fazenda, que pertence a meu irmão”, sendo estes os núcleos ligados à tradição da família, enquanto que “os outros [familiares] se dispersaram por aí, alguns com boa situação econômica, outros mais ou menos... [risos]”, cada um atuando em áreas que não eram tradições da família.

A decadência econômica atingiu os principais meios geradores de renda familiar, embora a fábrica ainda funcione: “É a única fábrica daquele surto industrial de JF, depois da I Guerra Mundial, que se mantém até hoje”. A única crise sofrida ocorreu nos anos 1970 quando “o Banco Nacional de Habitação comprou da fábrica e com isso a fábrica se recapitalizou e vendeu [as casas construídas para os trabalhadores], a longas prestações, de modo que eles se tornaram proprietários da casa onde moravam. E acabou toda a produção de café. Hoje só tem [na fazenda] gado de corte”. Se antes a família dominava economicamente áreas estratégicas da cidade, depois passou a ser “apenas” proprietária de indústria – ainda que a Fazenda [Imagem 59 abaixo] continue em funcionamento, afinal ela produz rendimentos para o irmão do entrevistado que mantém ali uma enorme reserva para praticar seu hobby: caçar (prática tipicamente encontrada nas elites das antigas nobrezas feudais).

A diminuição da riqueza, entretanto, não atingiu o status que a família já possuía, pois o sobrenome é uma referência histórica na cidade. Ele valoriza o passado de seus familiares no sentido de preservar a memória afetiva; mas sua postura não é de exaltar o status da família materna. Ele prefere cultivar vínculos afetivos com a família paterna, pois se identifica e valoriza mais os capitais culturais deixados de herança pelo pai, tanto que ele utiliza apenas o sobrenome paterno. A admiração se explica pela tradição intelectual (diletantismo) atribuída à figura paterna: ele diz que a família do pai não é tradicional de Juiz de Fora: “eles vieram de Entre Rios de Minas, [...]. Meu avô [paterno] era comerciante”. Ele conta que era uma família de “pequenos comerciantes”, que ascenderam gradativamente. A ascensão de seu pai ocorreu a partir do investimento em educação: “meu pai estudou na Academia de Comércio aqui em Juiz de Fora, depois estudou Engenharia em Ouro Preto; foi engenheiro andando por esse sertão de Minas, atrás de mineração, principalmente na construção de uma estrada de ferro”.

O entrevistado ressalta os “méritos” do pai: “ele era o diretor da Companhia Mineira de Eletricidade, embora não fosse especialista em Engenharia Elétrica, mas era muito inteligente e muito estudioso”. Ele valoriza a intelectualidade paterna, ainda que em termos de formação acadêmica seu pai não seja propriamente um intelectual formado nas áreas em que ele transitava (Humanidades); ademais, é interessante notar os



entrelaçamentos nos campos elitizados, por exemplo, o fato de que seu pai, tendo casado com sua mãe – cuja família comandava a Companhia Mineira de Eletricidade – tenha ali desenvolvido sua carreira profissional. O que justifica a valorização do entrevistado sobre a figura paterna é a atuação e a importância dele na sociedade juiz-forana: “Da cidade ele marcou muito a vida intelectual daqui. Ele, com um dos meus tios maternos, foi o fundador da Faculdade de Filosofia, que funcionava na casa dele, [...] então ele fundou a Faculdade de Filosofia e Letras. Isso foi nos anos 1950 mais ou menos”. Uma graduação em Filosofia fundada por um engenheiro não é exatamente o que se espera de um curso acadêmico; porém, essas informações são importantes para retratar o que significava ser intelectual em Juiz de Fora na década de 1950, período da “Athenas Mineira”.

O pai do entrevistado investia na própria *ilustração*, atuando como professor de Filosofia e Matemática, ao mesmo tempo em que trabalhava como engenheiro. Ele ressalta que “no final de sua vida profissional [o pai] foi o presidente dessa Companhia que hoje é a Acerlor Mital. É que um colega dele tinha fundado a Companhia Siderúrgica Mineira e ele, para ajudar o colega, comprou ações da Companhia; [...] passou a ser sócio [...]. Mas ele aqui na cidade ficou mais conhecido pela sua atividade intelectual”, reforça. A compra de ações da Companhia é um acontecimento que garante uma base de capital econômico suficiente para sustentar seu diletantismo; o trabalho de engenheiro financiava a busca de capital distintivo. Outro exemplo de intelectualismo de seu pai é que ele “foi um dos patrocinadores da Orquestra Filarmônica de Juiz de Fora, ele participava como segundo flautista e dava dinheiro pra ajudar a orquestra a funcionar”, explica.

O investimento em cultura e educação era prioridade para seus pais, e influenciou muito na sua formação; o entrevistado estudou em escolas particulares tradicionais (Jesuítas e Academia). Também estudou em casa: “da alfabetização até o equivalente a quarta série primária nós fizemos em casa, fui alfabetizado em casa com uma professora particular”, lembra. A educação inicial dele foi tutorial, uma prática burguesa que exige condições econômicas favoráveis e valores conservadores (por indicar uma intenção de proteger os filhos); somente quando já estavam com idades mais avançadas puderam frequentar os colégios citados. A educação em casa baseava-se no exemplo de erudição e ilustração de seus pais: “nós tínhamos o exemplo. Qualquer dúvida que eu tivesse sobre qualquer tema de Biologia, Matemática, Português, Francês, Latim, Física ou Química, o que fosse, era só perguntar a meu pai”.

Sua mãe, porém, não teve uma formação acadêmica e profissional, pois “ela, pelo tipo da época, ela estudou em casa, sempre, acho que nunca frequentou escola, não sei,

mas teve cursos assim, falava francês muito bem, tocava piano, essas coisas, tinha uma formação mais artística”. Mais um exemplo dos valores presentes nessa educação intelectualizada transmitida a ele. Os pais se preocupavam em oferecer um ambiente intelectual e artístico aos filhos, ainda que não tivessem todos os capitais legítimos de arte e intelectualidade: “Ela acompanhava muito bem as atividades do meu pai. E ele fazia reuniões lá em casa de estudos, discussão”; o entrevistado participava desses momentos mesmo sem compreender o conteúdo dos debates, quando muito “pequenino” ficava “assistindo as palestras” para “no final [...] ganhar o bombom e tomar um pouquinho de licor [risos]”. Ele se familiarizou com o diletantismo do pai e se interessou por essas áreas de conhecimento. No entanto, quando o entrevistado decidiu seguir o caminho acadêmico, optando pelo curso de Sociologia em sua formação profissional, a ilustração de seu pai revelou-se conservadora: “meu pai dizia ‘Sociologia não é profissão, você pode estudar ou Direito ou Medicina ou Engenharia, e depois você vai fazer isso daí como diletantismo’. Mas eu comecei, era na PUC do Rio, e como era uma universidade católica ele me deixou ir e pagou meu curso lá”. Esse fato evidencia a mistura entre diletantismo e conservadorismo (estudos numa instituição católica) e mostra o capital econômico atuando como um recurso da família (pagar faculdade).

O entrevistado diz ter escolhido cursar Sociologia motivado também por participar de “de um projeto social numa favela” que o “despertou para as questões sociais”. Essa motivação é transformada por ele numa prática de militância religiosa e política em sua vida profissional, um engajamento social e católico: “Eu tive militância política, mas nunca me candidatei a nada; atuava numa linha de esquerda”. Antes destas atuações profissionais, logo após a graduação, ele se especializou em Sociologia da Religião; recebeu uma bolsa para cursar o mestrado na Bélgica, “para trabalhar num Centro ligado à Igreja Católica”; depois tornou-se pesquisador e professor na mesma instituição onde estudou (PUC, Rio de Janeiro). Retornou à Bélgica para o doutorado; trabalhou na UFJF e já se aposentou, e nesta trajetória acadêmica e profissional ele se espelhou no autodidatismo paterno, convertendo capital econômico em capital cultural.

Dedicar-se à formação erudita como um autodidata era uma forma do pai transmitir uma herança imaterial valiosa e de se sobrepor à família materna, superior em termos de bens materiais e propriedades. Um exemplo dos bens imateriais é o gosto por música clássica: “Quando ele se formou – pra você ver a personalidade dele – ele ganhou o prêmio de melhor aluno da Escola de Minas, e o prêmio era uma viagem à Europa, só que isso foi no finalzinho da I Guerra Mundial, 1917, e ele não pode fazer a viagem”,

conta o entrevistado, justificando o bom gosto paterno: “então ele foi devolver o prêmio e deram o dinheiro, dizendo para ele empregar numa atividade cultural. E na época ele comprou uma pequena vitrola e uma coleção de música clássica, de discos, raridades; e ele estudava música, ouvia música, Beethoven, Wagner, o forte dele era isso”.

O entrevistado fica empolgado ao lembrar-se de outra demonstração de investimento cultural de seu pai: “em 1971, durante o Regime Militar, houve uma alta enorme na bolsa de valores e aquelas ações que ele tinha comprado para ajudar o colega renderam uma quantidade enorme de dinheiro”, e este capital econômico foi novamente aplicado em capital cultural, explica: “e o que o meu velho pai fez? Pegou a família toda e fomos à Europa, a família toda, os dez filhos casados mais ele e minha mãe, e fomos à Alemanha assistir ao Festival de Bayreuth, que é o festival de óperas de Wagner. Eu curti demais, achei lindo, outros não entenderam nada porque são óperas difíceis para qualquer um gostar”. Interessante a observação do entrevistado porque indica um senso de distinção (gosto legítimo – BOURDIEU, 2008): ele afirma a naturalidade com a qual lida com as óperas de Wagner e a própria sensibilidade estética. Inclusive, ele ressalta que as óperas não são fáceis e exigem um tipo de gosto específico para compreendê-las e apreciá-las. Desta forma, o estilo de vida do entrevistado reflete uma atitude de *distinção sem intenção de distinguir-se*, isto é, ele naturaliza o bom gosto transmitido pelo pai, mas a naturalização encobre todo o esforço de aprendizagem investido na transmissão. É uma postura que aparece no modo “desinteressado” com que apresenta a história familiar e os méritos de seus antepassados, notadamente as práticas paternas.

Assim, seu pai representa a busca por distinção, o que evidencia seu interesse de ser lembrado por feitos intelectuais e não pelos bens materiais deixados de herança. Esta marca distintiva aparece na conduta de ambos, conforme ele exemplifica: “um dia eu comentei com ele: ‘essa viagem, que grande ideia que o senhor teve, papai’ e ele respondeu: ‘pois é, se eu tivesse dado o dinheiro pra vocês cada um tinha comprado um fusca e já teria acabado o fusca; e vocês fizeram isso e é uma lembrança que vocês vão guardar para o resto da vida’”. Esta é a herança imaterial e o legado de seu pai, a naturalização do bom gosto cultural (capitais simbólicos). A vontade de distinção simbólica é mais expressiva do que a ostentação dos aspectos financeiros; ele afirma que seu pai “realmente tinha, e minha mãe também, esse gosto pela cultura muito forte. Mesmo quando ele estava sem dinheiro”. A falta de dinheiro não impediu que ele bancasse o refinamento do filho: “enquanto ele podia, por exemplo, quando eu estudava no Rio e quando tinha um concerto bom no Municipal e eu queria ir eu pedia a ele para

ele ir e pagava o ingresso”. Por menor que fosse o capital econômico havia disposição e interesse em gastar em eventos culturais.

O *interesse desinteressado* também aparece quando ele nega a glorificação do sobrenome da família materna: “só assino meu sobrenome paterno [...]. Não é que não goste da família, mas justamente essa... isso de se sentir superior aos outros...”. Por outro lado, ele afirma: “Então é uma família que teve muita atuação na área religiosa, na área artístico-cultural” e conta algumas histórias de orgulho familiar de seu sobrenome tradicional (materno): “Tem uma foto lá na fazenda que é muito interessante; em 1934, acho, [...], Getúlio Vargas queria falar com Olegário Maciel, que era o presidente de Minas e o convidou a ir para o Rio; Olegário falou que ‘se quer falar comigo venha a Juiz de Fora’” e esse encontro envolveu seus familiares: “a mediação foi feita pelo outro presidente de Minas, da família Andrade, e com esse meu tio-avô; eles fizeram a intermediação entre Getúlio e Olegário Maciel, que vieram se encontrar aqui na Fazenda. E tem até hoje essa foto”.

São lembranças que não mostram uma visão negativa da história familiar; ao contrário, evidenciam seu orgulho e seus vínculos afetivos com os parentes, conforme comenta: “começamos a fazer há dois anos, nos reunindo aqui de vez em quando, para fazer as memórias afetivas da família, mas não estamos querendo fazer trabalho de história não; a gente quer juntar as nossas memórias, reconstruindo as histórias do bisavô”. O entrevistado cita mais exemplos dos fatos vividos pelos antigos membros da família: “sabia que havia um cinema na fazenda para os trabalhadores?”, diz, empolgado; e aponta outras áreas de atuação de seus familiares, deixando implícito o caráter distintivo inscrito nestes feitos: abriram uma das primeiras empresas de aviação em São Paulo; uma tia foi a primeira mulher a pilotar um avião em Minas; e o aeroporto da cidade de Juiz de Fora foi uma doação de terreno por um tio.

A ambiguidade da postura desinteressada a respeito da importância do sobrenome reconhecido surge quando ele critica a forma de enriquecimento da família: “É que foi uma família que se criou na ordem escravocrata, a riqueza foi feita sobre essa exploração”, justifica-se, e retorna à preferência pela família paterna: “de classe média, comerciantes, mais trabalhadores”. Ou seja, ambas ascenderam socialmente, mas o trabalho dos familiares paternos diferencia-se do crescimento financeiro dos antigos familiares maternos, que também trabalharam, mas exploraram a mão-de-obra escrava. Trata-se de um dado importante para ilustrar a relação dos tradicionais com as próprias origens: “Eu gosto muito dos meus primos, tias, tios, irmãos, gente muito boa, mas essa

barreira de classe eu não gosto nada. Já está na quarta geração e alguns ainda têm isso [de afirmar a superioridade do sobrenome]”, conclui.

As contradições surgem, por fim, na forma de se referir ao histórico familiar: “Economicamente, a família fez direitinho ‘o pai rico, o filho nobre, o neto pobre’. Meu avô foi muito rico, minha mãe viveu uma vida de nobreza e na minha família tem gente que tá bem e tem gente que...” e acrescenta a respeito da família tradicional: “só tem o sobrenome – que hoje significa muito pouco, né?”. Nota-se que a maior posse dos tradicionais é o capital familiar utilizado para manter o status superior na hierarquia social. Além de criticar o esnobismo em geral, ele compara a situação das famílias tradicionais juiz-foranas: “Famílias que tinham grandes posses, sumiram tudo! Eu acho que a nossa família ainda tem um pouquinho, mas eu falo isso porque estou vendo aqui essa fazenda, não conheço muito das outras famílias”. Assim como em outros casos, o declínio econômico de seus antepassados é justificado pela crise econômica da cidade: “Em 1950, Juiz de Fora equivalia a Campinas em população e em economia; enquanto Campinas foi longe, Juiz de Fora estagnou, a *Manchester mineira*”.

Seu discurso é, também, uma forma de defender a reputação da trajetória familiar: “As indústrias das famílias tradicionais acompanharam até a II Guerra Mundial, o que não acompanhou foi fazer os investimentos depois de 1945”. A falta de investimentos nos anos 1950 é uma das causas da decadência industrial; porém, o fator fundamental é a ostentação assumida com a ascensão socioeconômica: “a minha família estava aqui cheia do dinheiro, vivendo à ‘tripa forra’, como se diz, em vez de investir, construíram casas bonitas, criando coisas, tudo muito bem, mas faltou o que Weber chamava de espírito do capitalismo!”, diz o entrevistado. Parece que alguns membros de famílias tradicionais preferiram ostentar a riqueza ao invés de trabalhar para conservá-la.

O entrevistado não foi tão prejudicado pelo declínio financeiro porque seu pai garantiu que ele pudesse ter uma educação formal que lhe proporcionasse uma profissão qualificada e bem remunerada. Ele não trabalhou numa área tradicional da família materna (cafeicultura, pecuária, indústria), mas aproveitou o exemplo do diletantismo paterno para seguir uma carreira acadêmica e garantir a própria estabilidade financeira. Isto permitiu que comprasse a parte de seus irmãos da herança da mãe, a casa onde mora; assim ele e a esposa podem desfrutar de conforto material e investir em hábitos de lazer culturais: “no ano passado completei setenta anos e resolvi fazer uma coisa semelhante à viagem do meu pai, levei as minhas três filhas, os genros e as cinco netas, fomos à Granada, na Espanha, passar uma semana, para elas conhecerem a neve”. Ele tentou

repetir o grande feito paterno; mas não somente por um tipo de motivação erudita (festival de óperas de Wagner), visto que prevaleceu o aspecto turístico – mas não deixa de ser uma conversão de capitais econômicos em capitais simbólicos relacionados a status (conhecimentos culturais, consumo tipicamente elitizado e elitista).

Ainda assim, acompanhando a distinção paterna, o casal prioriza práticas cotidianas diferenciadas: “A gente vai muito à praia, litoral do Espírito Santo, nós vamos muito, temos uma casa lá. Outro lazer é cinema, filmes; gostamos muito de música, ópera”. Por morarem longe de locais onde poderiam assistir a óperas a esposa explica: “a gente pega em DVD mesmo. É que a gente já trabalhou tanto fora que nosso lazer é ficar nesse ambiente maravilhoso, porque sair, pegar trânsito... Temos óperas maravilhosas, assistimos no telão, no *data-show*, é maravilhoso”, reafirmando a influência do gosto legítimo (assistir óperas – ainda que seja em vídeo). Ela também comenta a decoração da casa: “Rústico é o meu estilo, e aproveitamos tudo que já era daqui, o que já estava na casa; e quando a gente tem que incrementar a gente complementa com esse estilo. A casa é muito grande, só de quarto de hóspedes tem quatro. A gente curte isso aqui”. É uma forma de ostentar uma posição distintiva e, ao mesmo tempo, um estilo de vida simples (ambiguidade encontrada em outros casos analisados). Por exemplo, a simplicidade se materializa na decoração rústica (não sofisticada) e a ostentação é a própria casa (sua grande dimensão), uma propriedade considerada um “ambiente maravilhoso” pelo casal.

O entrevistado confirma a situação de conforto e de estabilidade conquistada por ele: “Eu tive uma vida profissional muito boa, nunca fiquei desempregado. Sempre que saia de um trabalho sempre tinha convite para outro. Em termos de vida familiar também”. E atualmente ele ainda tem “uma atividade muito grande, menos intelectual, bom, intelectual também, mas menos acadêmica, muito nessa área de política e religião”. Os aspectos intelectuais (autodidatismo, erudição, diletantismo) são empregados por ele para se distinguir sem precisar mobilizar, diretamente, o capital familiar de seu sobrenome reconhecido. No entanto, percebe-se que na tentativa de criticar a autoridade dos sobrenomes tradicionais o entrevistado termina por reforçar a valorização dos ancestrais; isto ocorre porque os vínculos estabelecidos por ele com a história da cidade (e enquanto herdeiro da memória familiar) se confundem com a própria memória sociocultural de Juiz de Fora.

II.6

Do persona non grata para sensação completa!

A entrevista (realizada em 28/05/2014) com um membro de uma família de artistas juiz-foranos ocorreu no antigo casarão de seus antepassados, chamado de *Castelinho*. Embora seja de uma geração seguinte, o entrevistado mostrou-se muito familiarizado com o histórico de seus antepassados, especialmente a respeito da atuação de seus tios artistas (irmãos de seu pai). Sobre a história da família, ele apresenta um preâmbulo da história local para em seguida contextualizar seus familiares: “Que eu saiba, todas as famílias importantes de Juiz de Fora – exceto a nossa família – são ligadas a comércio ou a indústria”. A postura do entrevistado é tipicamente elitizada porque ele quer mostrar que domina conhecimentos específicos sobre o assunto; suas perguntas e observações evidenciam essa postura: “Com a derrocada econômica de Juiz de Fora – você sabe mais ou menos como é que foi essa derrocada econômica de Juiz de Fora, né? – você sabe como é o hino de JF, né?”. Independente das respostas a estas indagações ele continua a explicação: “o refrão é: ‘das cidades brasileiras, sendo a mais industrial, na cultura e no trabalho, não tem outra igual’. Eu ouvi falar uma lenda, não sei se é verdade, que na virada do século XIX pro século XX, Juiz de Fora tinha mais chaminés industriais do que a cidade de São Paulo”. As informações do entrevistado sobre o desenvolvimento industrial juiz-forano servem para ilustrar o tipo de postura erudita assumida por ele: “Enfim... Eu estou tentando me lembrar o nome do livro em que eu li isso; é um livro sobre a história de JF”, diz, procurando os referenciais de seus conhecimentos.

A explicação toda a respeito da industrialização e do declínio econômico da cidade é feita com detalhes para mostrar que ele conhece e domina a temática: “sabe o Museu Mariano Procópio, aquelas árvores? Não tinha, era só plantação de café! Então, além dos investimentos na capital do estado, Belo Horizonte, da criação de Brasília, a crise do dólar de 1970... tudo isso jogou Juiz de Fora no buraco”. Depois desta introdução ele começa a contextualização de sua família na história da cidade: “quando a família chegou aqui, em 1940... veio de Belo Horizonte” e mostra fotografias antigas de seus antepassados [Imagem 60: obras artísticas e fotografias antigas expostas na sala do Castelinho]. Ele conta que a família veio da Suíça, mas o sobrenome “na verdade é inglês, eles foram para a Suíça... acho que há umas dez gerações atrás Inglaterra, e há umas três gerações Suíça”, imigraram para o Brasil (há familiares em Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte), e seu avô paterno veio para trabalhar nas indústrias de Juiz de Fora: “ele começou a cuidar do

Curtume Krambeck”, os tios e o pai dele trabalharam também na indústria e num curtume da própria família, ou seja, nada ainda relacionado à arte.



O entrevistado acrescenta, posteriormente, que seu avô era conhecido por sua atuação como engenheiro: “o meu avô morava em Belo Horizonte e era famoso por resolver problemas industriais; então ele foi chamado pelo Curtume Krambeck no final da década de ‘30 e resolveu mudar para cá; ele também participou da construção do Campus da UFJF”. Assim, o entrevistado reveste de importância e singularidade a mudança de seu avô para Juiz de Fora; do mesmo modo, ele atribui um valor especial para a imigração de seus antepassados: “A família veio para o Brasil por causa de... um convite do próprio imperador; meu bisavô... ou melhor, tataravô... era, dizem que ele era agrônomo, ele veio contratado”. As falas procuram ressaltar os méritos de seus familiares, no sentido de construir também uma vocação artística legítima: “Meu avô era músico, trabalhava no cinema mudo, meu tio era pintor, uma tia era professora de canto, foi famosíssima, preparou muita gente que foi para o Teatro Municipal, que foi para o exterior... Então o ‘ambiente música’ foi constante” e complementa: “Agora em pintura, uma tia mais velha que meu pai pintava, ela era de São Paulo e o outro tio que pintava era do Rio”. No entanto, o envolvimento com o mundo das artes ocorreu sem haver uma tradição específica na família, visto que os exemplos dados por ele indicam fragmentação, e não uma concentração numa única área artística.

O relato do entrevistado reforça a fragmentação: “O tio-avô começou a pintar; ele tinha uma tipografia [...]; era muito interessado em arte; ele tocava violino, ele era um *homo universalis*, uma coisa impressionante!”, define, mais uma vez mostrando erudição.

A proximidade do tio-avô com a arte marcou o início da vida artística da família: “meu tio, querendo fugir do curtume, imagine uma criança de sete, oito anos, trabalhando num curtume, ele começou a tomar lições de arte; e o meu pai, são cinco irmãos, foi ter aulas de música”. Assim, todos começaram a se aproximar da arte devido a esse tio-avô; antes dele havia um casal de tios em Belo Horizonte também envolvidos com arte; conforme já mencionado, alguns membros da família mantinham vínculos com o meio artístico, embora precisassem desempenhar outros trabalhos (empregos formais) paralelos à vida de artista. O começo da ascensão social de seus familiares foi quando o avô, na década de 1950, comprou por um preço muito abaixo do mercado imobiliário a casa da família: um casarão projetado e erguido pela construtora mais tradicional da época, mas desvalorizado porque os primeiros moradores saíram da casa após um acidente fatal (ninguém queria comprar o imóvel malvisto pela tragédia, além de ser em frente a um cemitério); “E o meu avô, que não tinha medo de nada, não tinha medo de espírito, ele era muito simples, comprou a casa” [Imagem 61: Castelinho, a seguir], conta.

A renda familiar não era muito alta, pois, para comprar o imóvel o avô “arrendou o curtume” da família; outra fonte de renda de seu avô, que “conseguiu o diploma de engenheiro eletricitista”, era dar “consultorias para empresas”. O entrevistado diz que, antes de mudar para o Castelinho, a família possuía baixos rendimentos e morava num bairro industrial (além de que trabalharam em indústrias, dado que contraria a declaração inicial de que seus familiares não se envolveram com a industrialização local). A imagem de trabalhadores braçais, segundo o entrevistado, era a razão de não serem bem-vistos pela sociedade juiz-forana: “não queriam ter amizade... Por quê? Porque era um pessoal ‘pobre’, ‘bronco’, e artista, né, ninguém queria falar com artista, era o ‘pior tipo de gente’”. Os familiares foram rejeitados nos meios das elites até que, gradativamente, começaram a ser conhecidos pelo trabalho artístico. A superação do estigma de “pobres e broncos” começou a acontecer quando pessoas interessadas em arte passaram a frequentar a casa de seu avô: “na década de ‘70, contracultura e tal, esse negócio de ser artista passa a ser legal”, e se lembra de seu tio dizendo que aconteceu uma “efervescência, era uma casa aberta”.



A partir daí seu pai e seus tios conquistaram o status de família de artistas, a mais famosa de Juiz de Fora. O Castelinho era uma “universidade livre de artes, as pessoas começaram a dar aulas de arte umas para as outras”, define o entrevistado, exaltando as realizações de seus antepassados. A erudição artística ocorreu “espontaneamente”, sem cursos formais: eram autodidatas em relação à arte, pois, inicialmente, não possuíam capital econômico suficiente para bancar cursos nessa área. Não tinham uma tradição de diletantismo aristocrático e de ilustração intelectual na família (neste núcleo familiar); assim, na medida em que as finanças foram melhorando, através da venda de obras de arte, os tios puderam acessar livros sobre o assunto: “O meu tio ia para uma livraria francesa no Rio e tentava ler os livros, catálogos, obras estrangeiras; e cada um lia o que podia e iam se ensinando e na cabeça deles tentavam descobrir quem que tinha influenciado quem e quem era contemporâneo de quem”.

A aprendizagem deste conhecimento serviu, depois, para fundamentar os estilos de cada um, conforme se percebe nas falas do entrevistado: “quando finalmente eles tiveram dinheiro para comprar livros em português e tiveram aulas de história da arte, meu tio descobriu que a história da arte que ele tinha inventado na cabeça dele era a história da arte que tinha acontecido de verdade”. É como se eles tivessem intuído o conhecimento que acessaram após se consagrarem como artistas. O que sobressai é o autodidatismo e a busca de cada um por constituir um estilo próprio, independente das nomenclaturas e tipologias formais do mundo da arte. Eles entraram informalmente neste

território, então apresentam certa dificuldade em se definirem, formalmente, como artistas plásticos. Trata-se de uma ambiguidade (uma forma de denegação): dizer que não pode ser chamado de artista, quando, na verdade, o objetivo é justamente ser reconhecido como artista.

Segundo o entrevistado, definir-se como artista é uma dificuldade apresentada por todos eles: “meu pai eu o considero um artista plástico, mesmo que não, que ele não se considere, ele só pintou uns dois quadros”; ao contrário de outro tio “que pintou uns quatro mil quadros”. E cita os demais tios, enfatizando um deles que “não se considerava artista plástico, ele se considerava um documentarista arquitetônico [...]; ele fez Arquitetura em Belo Horizonte e dizia que já era arquiteto antes de fazer Arquitetura”, sendo este o único a utilizar uma denominação legitimada academicamente (arquiteto), apesar de defender também seu espontaneísmo e autodidatismo (*já era arquiteto antes de se formar*). E a “maior artista plástica da família”, na opinião dele e dos tios, é uma tia que começou precocemente a pintar: “não tenho um adjetivo razoável para classificá-la em termos de sagacidade na pintura”, diz, empolgado.

Interessante destacar a importância dessa tia para a projeção da família enquanto artistas renomados. Ele narra a trajetória da tia, que morou em Paris, Nova Iorque, “conviveu com todos os artistas da época” e até foi convidada para ser “retratista da ONU”, embora não tenha aceitado. Ela voltou a morar com os pais em Juiz de Fora e entrou num “processo de... ninguém sabe exatamente... mas ela não queria aparecer... tanto é que se a gente a chamasse de ‘grande artista’ ela protestava”, e mostra as obras da tia. Ela incorpora mais visivelmente a resistência de ser enquadrada numa classificação e, assim como os demais, não lidava bem com os códigos do mundo artístico, como a necessidade de corresponder às expectativas do público e de se definir a partir do próprio estilo inscrito em suas obras.

Neste período de reconhecimento dos artistas pela alta sociedade juiz-forana, um dos tios abriu uma galeria de artes no centro da cidade, aproveitando uma sala que pertencia à família: “para você ver como a coisa mudou do *persona non grata* para sensação completa [...]; a galeria era um espaço minúsculo, só com recursos improvisados e eles fizeram ‘quinhentas’ atividades culturais num ano; era uma coisa impressionante”; eram eventos como exibição de filmes, debates intelectuais, apresentações teatrais. Outra grande realização deles ocorreu quando requisitaram “a sessão circulante do Museu de Arte Moderna de São Paulo, e o Museu cedeu para fazer uma exposição na Galeria, com Miró, com Picasso, não cobrou nada, não cobrou o seguro, emprestou!”. A Galeria

funcionou durante poucos anos: “foi suficiente para que constasse em vários livros da história da cidade” como “uma explosão atômica”. No entanto, não durou muito tempo.

Ainda que o vínculo da família com a cidade tenha se estabelecido com êxito através da Galeria porque “as pessoas que estavam vendo que consumir arte trazia status começaram a frequentar aqui”, havia uma barreira no quesito administrativo (financeiro). Então, além da recusa em se enquadrarem nas classificações artísticas, eles não dominavam (ou, de algum modo, evitavam) as regras do jogo comercial que envolve a venda de obras de arte: “Tanto é que na galeria... o que salvou a galeria no final foi que a [esposa de um tio, ela também é artista plástica] tinha uma visão mais... mais comercial da coisa... muito mais pragmática”. Ele diz que “ela começou a trazer as pessoas ricas da cidade – mas incultas – para consumir cultura; é que naquela época isso fazia diferença, hoje em dia não faz mais; ser rico e ignorante é o maior barato” [ironiza].

O entrevistado considera fundamental o momento em que as pessoas com capital econômico alto passaram a investir em capital cultural (porque eram incultas). Entretanto, esta fase não perdurou para manter o sustento da galeria, e ele demonstra aversão ao estilo “rico e ignorante” que percebe na atualidade, opinião que ilustra bem a relação ambígua dos artistas com o público: precisam de reconhecimento e de consumidores, mas não admitem que suas obras de arte sejam reduzidas à mercadoria a ser consumida, principalmente se o consumo for desempenhado por pessoas incultas, não dignas de apreciarem suas obras.

A relação de ambiguidade com a alta sociedade juiz-forana reflete a rejeição inicial que sofreram e o reconhecimento tardio que receberam. De todo modo, a família conquistou um espaço importante na cidade: “Teve um pouco do fator sorte”, e diz que um dos tios “tem uma habilidade assim diplomática, então acho que foi o carisma que ganhou as pessoas da cidade [...] e foi tudo por acaso”. Assim, foram superando as dificuldades em lidar com algumas regras do mundo artístico, especialmente no momento de atribuir um preço a um quadro – “e os *marchands* se aproveitavam um pouco disso... prefiro não citar nomes...”, diz o entrevistado. Ele afirma que os tios venderam obras para pessoas “do Brasil inteiro”, legitimando a importância local, nacional e até internacional dos artistas (visto que uma tia foi convidada a trabalhar em outros países). Este aspecto é importante para evidenciar as práticas de distinção da família: são artistas, mas não se definem assim; vendem muitos quadros, porém, não gostam de atribuir preços; querem reconhecimento da alta sociedade, embora a considerem, em geral, inculta (essa recusa

talvez seja resultado daquele momento inicial, quando eles eram excluídos e estigmatizados como pobres e brancos).

A postura expressa, ainda, uma forma de se distinguir pelo espontaneísmo e autodidatismo, suas marcas diferenciais: “a família descobriu de uma forma intuitiva e de uma forma não verbal, muito cedo, como fazer as coisas sem pretensão”; ele assume uma postura defensiva, como se a entrevista o pressionasse a justificar a trajetória da família: “hoje em dia, em que a gente vive numa época difícil, nos acusam de sermos imprevidentes; a gente sempre dependeu da *providência*, a gente nunca dependeu da *previdência* [risos]. Foi tudo na base da providência!”. Seria uma recusa de se sujeitar à conduta de planejamento e formalidade, pois, nas suas palavras, os familiares preferem agir com espontaneidade, intuição e de modo desprezioso. Não querem se enquadrar nos códigos artísticos nem em qualquer outra forma de enquadramento, o que transformaria a vocação artística numa profissão formal.

A família encontra um refúgio destas cobranças na afirmação da importância que possui para a vida cultural de Juiz de Fora. É uma forma de encontrar um espaço legítimo e de posição hierárquica superior nos campos elitizados. Por exemplo, seus familiares participaram de manifestações contra as “grandes demolições do patrimônio arquitetônico histórico da cidade”, causa na qual se engajaram plenamente; de fato, “o ponto de inflexão de preservação arquitetônica foi a campanha ‘Mascarenhas, meu amor’”. Inclusive ele destaca o papel de seu avô nessa campanha: “Meu avô se prontificou a trabalhar de graça na restauração desse patrimônio”, todos empenhados por um objetivo comum, a preservação cultural e a certeza de que estavam engajados numa causa que os associavam à vida artística e à cultura de Juiz de Fora.

Esta associação garantiu a inclusão da família na história local (nas crônicas dos sobrenomes consagrados): “Essa família foi a única a sobreviver... ou a última a entrar em declínio nessa cidade. Porque todas as outras que estavam ligadas à indústria e que não estavam ligadas à cultura ou estudos, decaíram. A nossa não. Nós nunca tivemos dinheiro”; e justifica: “Por causa disso eu acredito que nossa família... como ainda temos ‘um pouquinho’ de cultura a gente ainda está ‘um pouquinho’ por cima” [novamente ironiza]. Com isto, os capitais simbólicos (educação, arte, engajamento em causas culturais) sustentaram e sustentam até hoje o prestígio de seu sobrenome.

O entrevistado defende a continuidade artística na linhagem familiar voltada para a música: “eu toco violoncelo e dois primos meus tocam violão”, mas não há nenhum novo artista plástico, por enquanto. E menciona a importância dos ambientes artísticos de

sociabilidade: “a inauguração dessa exposição [de obras de seus tios expostas no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, maio de 2014] foi um evento social, você estava na inauguração?”. Em seguida destaca suas impressões sobre o evento: “estava o prefeito, o secretário de cultura de Juiz de Fora, *tava* todo mundo lá, *tava* o presidente do museu, *tava* todo mundo lá. Então é um lugar de ver e ser visto muito interessante. E hoje não tem mais isso... Com a acentuação da individualidade isso se perdeu também”, conclui.

Não se pode deixar de anotar que “todo mundo aí” significa pessoas renomadas e pertencentes às elites; eis novamente uma dissimulação (ambiguidade): exaltar a importância das exposições para pessoas consideradas personalidades sociais e, ao mesmo tempo, criticar o individualismo da atualidade (os aspectos econômico e comercial das interações sociais). Se há um individualismo por que a inauguração foi um grande evento social? O fato é que as galerias de arte, museus, exposições, são espaços sociais (elitistas e elitizados) nos quais ocorrem trocas e acúmulos de capitais, e a sua família é exemplo da criação do status através do capital cultural.

Segundo o entrevistado, o reconhecimento de sua família enquanto uma referência artística “se mantém e não somente em Juiz de Fora”, reafirma. E diz sentir orgulho de pertencer a uma família que tem “coragem de enfiar a mão no barro... porque, quando eu penso em orgulho, me vem essa ideia de orgulho de trabalhar pesado”. Apesar de todas as recusas e denegações dos familiares em relação ao enquadramento em classificações, eles trabalharam e produziram muitas obras, seguindo suas próprias intuições. E o entrevistado defende os familiares, enfatizando a valorização dos vínculos ancestrais: “Porque, infelizmente, há essa pecha de que o artista é vagabundo. Mas todo mundo na família trabalhou muito pesado. Eu tenho orgulho de tudo que aconteceu porque sei que tudo foi fruto de esforço. Eu acho que quando a gente trabalha muito numa direção a estrela brilha. Não tem como não brilhar”.

Enfim, o entrevistado procura justificar as dificuldades enfrentadas por seus familiares na medida em que buscavam superar os preconceitos relacionados a eles; porém, quando conseguiram uma posição social superior àquela de antes de se tornarem artistas, tentaram se diferenciar das pessoas que passavam a consumir suas obras. A ambiguidade entre desejarem a aceitação na sociedade e rejeitarem os círculos sociais aos quais puderam frequentar expressa uma crítica às elites tradicionais e aos novos protagonistas econômicos. Conforme afirma: “a gente não era de família tradicional, não era uma família tradicional. A gente não era não. E por sermos ‘artistas’ era como uma coisa marginal. Hoje é mais respeitado, mas naquele tempo... A gente não era bem visto

não”. A posição hierárquica superior da família foi conquistada na medida em que superaram o estigma de trabalhadores braçais de indústria e se tornaram artistas (reconhecidos, consagrados, valorizados); mais do que artistas, conseguiram o status de representantes da arte e da cultura legítimas da cidade.

Quadro Segundo Grupo (tradicionalis):

Números:	2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	2.6
Data entrevista:	26/03/2014	23/01/2014	12/02/2014	22/03/2014	09/05/2014	28/05/2014
Profissão atual:	Arquiteto	Proprietário de restaurante italiano	Diretor de Museu municipal	Economista e Industrial de Curtume aposentado	Prof. Sociologia e Ciências da Religião UFJF/PUC aposentado	Engenheiro de Computação e músico (Violoncelo)
Formação escolar:	Colégios Jesuítas e Academia (partic)	Col. Jesuítas (parti.)	Escola Normal (pública)	Instituto Granbery (partic)	Colégios Jesuítas e Academia (partic)	Não informou
Formação acadêmica:	Arquitetura no Rio. Mestr. em Barcelona	Comunicação na UFJF	Direito na Faculdade Vianna Jr. (particular)	Economia na Academia do Comércio (partic)	Sociologia na PUC-Rio (partic)	Formado em Engenharia da Computação na Unicamp
Origem familiar/ personagens históricos	Tataraneto de industrial têxtil (família materna); família paterna rural/ fazendeiros (não tradicional de JF)	Urbana/Imigrantes italianos donos de Construtora/ arquitetos (família paterna)	Imigrantes italianos/ Proprietários da Fazenda na qual surge a cidade de JF (família materna)	Imigrantes alemães que atuaram nas indústrias de Curtume de JF (família paterna)	Proprietários de fábrica têxtil, Cia. Eletric, transp. urbanos e telefonia; Fazenda pecuária, cafeicultura (família materna)	Avô engenheiro e industrial; pai e tios artistas plásticos autodidatas, referências artísticas de JF
Profissões dos pais/ cônjuge:	Pai: fazendeiro Mãe: comerciante/ loja de roupas; (não é casado)	Pai: arquiteto Mãe: dona de casa (não é casado)	Pai: comerciante Mãe: do lar (não mencionou situação conjugal)	Pai: industrial Mãe: dona de casa Esposa: dona de casa	Pai: engenheiro (da Cia. Mineira de Eletric) e autodidata/diletante. Mãe: dona de casa (viúvo); esposa atual: militante de movimentos políticos-religiosos	Pai: engenheiro (não se considera artista, mas pintou quadros e estudou música); mãe: não informou (não é casado)
Onde trabalha (ou trabalhou):	Centro	Centro	Mariano Procópio	Vila Ideal	Martelos	Não informou
Onde mora:	Centro	Floresta (morou no Granbery)	Não informou	Centro	Floresta (morou no Centro)	Granbery
Aparece nas mídias (colunas sociais)? (recorte empírico: período de jan-dez 2014 nas colunas de Cacá Salerno e Cesar Romero)	Sim (em diversas mídias). No recorte empírico em questão: 26/08/2014 e 30/11/2014 (Cesar Romero); 07 e 28/03/2014 (Cacá Salerno)	Sim, em diversas mídias, embora no período analisado não tenham sido encontradas citações dele nas páginas de columnismo selecionadas.	Sim (em diversas mídias). No recorte empírico em questão: 06/12/14 (Cacá Salerno); 23/12/2014 (Cesar Romero).	Sim, em diversas mídias, embora no período analisado não tenham sido encontradas citações dele nas páginas de columnismo selecionadas.	Sim, em diversas mídias, embora no período analisado não tenham sido encontradas citações dele nas páginas de columnismo selecionadas.	Sim, em diversas mídias, embora no período analisado não tenham sido encontradas citações dele nas páginas de columnismo selecionadas.

Destaca-se, no quadro acima, o fato de os tradicionais prescindem de seus cônjuges para o somatório de seus rendimentos e para a manutenção de status, na medida em que suas posições sociais resultam da importância atribuída a seus ancestrais, os protagonistas do passado, e aos trabalhos inovadores que eles, enquanto herdeiros dos sobrenomes tradicionais, desempenham no presente. Eles souberam converter capital social em capital cultural, embora nem sempre resulte em acúmulo de capital econômico (todos trabalham – não ‘vivem de heranças’ ou apenas do sobrenome glorioso). Na verdade, os tradicionais partem do alto capital familiar para acumularem capitais simbólicos (social, sob a forma de status, e cultural, no domínio de conhecimentos culturais, históricos, políticos, viagens e demais formas de consumo de lazer cultural); e estes capitais simbólicos são convertidos em capital econômico. Seus marcadores distintivos (sobrenomes) funcionam como um suporte para conquistarem posições hierárquicas superiores e se destacarem dentre as elites (tradicionais e emergentes) de Juiz de Fora.

Capítulo III

Contraponto: Indivíduos *anônimos* e ausência de capitais distintivos

O terceiro grupo é formado por pessoas que ascenderam socialmente e ainda se esforçam para manter a estabilidade conquistada. É um grupo marcado pela ascensão gradativa e pela busca por distinguir-se das camadas sociais consideradas inferiores. A atitude distintiva ocorre devido à proximidade que possuem em relação a estas camadas nas quais viviam seus familiares (menos favorecidos economicamente). Além desta característica, neste grupo não aparecem os marcadores distintivos da ancestralidade e, nem mesmo, o acesso às mídias devido ao protagonismo econômico. Ao contrário, os familiares dos entrevistados não são personalidades históricas nem estão em destaque nas mídias locais; por esta razão (e em termos relativos) são *anônimos*. O anonimato expressa o nível hierárquico em que se encontram: são filhos de pequenos proprietários rurais, comerciantes e profissionais não especializados; nota-se, porém, que não houve intenção de continuidade (não seguiram uma tradição profissional). Os antepassados esforçaram-se para estimular a formação educacional visando à qualificação profissional de seus herdeiros e os maiores rendimentos proporcionados pelos trabalhos qualificados.

As pessoas entrevistadas construíram suas trajetórias ascendentes a partir deste investimento em educação, principal herança deixada pelos pais. Assim, a ascensão gradativa permitiu a conquista de um status hierarquicamente superior a de seus antepassados, sem o domínio dos capitais distintivos dos demais grupos. A ausência de sobrenomes valorizados e de visibilidade social faz com que precisem se esforçar mais para conquistar melhores posições hierárquicas: tentam aprimorar suas condições sociais através de investimentos em suas áreas de trabalho e, nota-se frequentemente, sua efetiva realização é projetada nos filhos; como não têm sobrenome tradicional para deixar a seus filhos e ainda não alcançaram o nível de riqueza exigido para “serem produtivas”, acalentam o sonho de que seus descendentes realizem o salto social que não está a seu alcance. Estes fatores podem ser observados nos discursos em defesa das “prioridades” da família, voltadas para a educação e à “qualidade de vida”.

Deste modo, a centralidade que a vida profissional ocupa em suas rotinas indica o quanto as entrevistadas desse grupo dependem do trabalho para garantir uma renda estável para a família. Mesmo que atuem em empregos especializados (não braçais, portanto de remuneração relativamente boa), elas precisam controlar as despesas familiares. Neste esforço de manter a estabilidade socioeconômica, transmitem aos filhos

e filhas o valor de “trabalhar e estudar”; ou, melhor, seguem o ideário de pessoas “produtivas” – mas que, ainda, não conseguiram “emergir”. De fato, o tempo de lazer encontra-se em segundo plano, como uma consequência possível do tempo trabalhado. Esforçam-se muito para manter o que chamam de “qualidade de vida”, medida através do conforto de suas residências, dos cuidados corporais preventivos (saúde, alimentação, atividades físicas) e pelo consumo de bens materiais (opções de lazer, vestimentas, viagens). E, isso chama a atenção, todos estes aspectos são sustentados pelo trabalho (considerando o somatório dos rendimentos familiares).

Apesar de não dominarem a distinção presente na ancestralidade ou graças a ascensão econômica, as pessoas entrevistadas entram na disputa por posições hierárquicas superiores notadamente por meio de trabalhos que se distanciam das camadas inferiores. Por esta razão dedicam-se a profissões qualificadas, preservando o corpo do desgaste diário dos trabalhos braçais; mais que isso, seus investimentos em saúde voltam-se tanto para a prevenção de enfermidades, buscando uma alimentação mais saudável, quanto para a preocupação com a aparência física: sua distinção, em geral, resume-se à superficialidade (pretendem mostrar distinção, mesmo quando não possuem condições financeiras de sustentá-la). Uma vez que não dependem da força física para trabalhar podem realizar atividades que moldam e condicionam o corpo, tendo como referência os “cânones de beleza em vigor nas classes superiores” (BOLTANSKI, 2004, p. 161).

De acordo com Luc Boltanski, as formas de lidar com o corpo indicam dois sentidos opostos de uso corporal: ou enquanto instrumento de trabalho, ou como objeto de sensações e reflexões. Neste sentido, uma característica das elites é explorar a mão-de-obra desqualificada e barata, fornecida por trabalhadores braçais, em vista de desfrutarem de cuidados corporais e intelectuais – por exemplo, cada uma das entrevistadas mostra sua preocupação com seus empregados, notadamente responsáveis por tudo aquilo que, conforme seus valores, seria “indigno” fazerem. Segundo Boltanski (2004), as pessoas liberadas de trabalhos braçais, como as entrevistadas deste grupo, desenvolvem uma atitude de cuidado e previsão em relação aos sinais corporais; esta postura é o resultado de uma preocupação mais atenta que percebe o comportamento do corpo. A percepção temporal permite um controle consciente do corpo, especialmente através da medicina preventiva, na medida em que ela “requer dos agentes sociais uma conduta racional frente à doença” (BOLTANSKI, 2004, p. 151). Sobre isto o autor acrescenta:

À medida que se sobe na hierarquia social, [...] o sistema de regras que regem a relação dos indivíduos com o corpo também se modifica: quando sua atividade profissional é essencialmente uma atividade intelectual [...] os agentes sociais tendem primeiramente a estabelecer uma relação consciente com o corpo e a treinar sistematicamente a percepção de suas sensações físicas e a expressão de suas sensações [...] (BOLTANSKI, 2004, p. 158).

No topo da hierarquia social há um balanceamento entre trabalho, consumo, lazer e cuidados corporais (aparência física), que se transforma num aspecto distintivo – e é justamente este topo o lugar almejado neste nicho. Estas práticas expressam as posições sociais de cada indivíduo ou, nas palavras de Boltanski, o próprio corpo se torna “um sinal de *status* – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita” (BOLTANSKI, 2004, p. 167). Investir no corpo visando um padrão de beleza, além de ser uma tentativa de diferenciar-se, é um modo de acumular capitais simbólicos, principalmente no caso deste grupo, que prescinde de elementos distintivos. É certo que sua distinção também se fará por roupas de grife, por frequência de ambientes refinados, por distinções de bairro para morar, de modelos de casa e carro; mas é inegável que esse grupo, assim como ocorre nos ambientes elitizados, busca imprimir em “seu corpo” aspectos distintivos em relação à camada social que lhe é imediatamente inferior (trabalhadores braçais).

É o que se percebe na conduta das pessoas entrevistadas; elas possuem uma relação reflexiva com os cuidados corporais, visto que podem se dedicar ao corpo enquanto objeto de sensações e reflexões. Alguns exemplos indicam estes cuidados reflexivos: a dentista percebeu que precisava cuidar da saúde quando sofreu uma lesão (esforço repetitivo no braço), e precisou fazer sessões de fisioterapia; a psicóloga e a professora de inglês aposentada são adeptas da alimentação natural, buscam alimentos orgânicos e praticam Yoga; é uma postura parecida com as práticas da pedagoga, que se trata com homeopatia e faz aulas de Pilates; já a funcionária da Prefeitura e a professora universitária preferem tratar das doenças com tratamentos convencionais (alopatia) e somente quando elas se manifestam, pois alegam não possuírem tempo de aderir à medicina preventiva e aos cuidados alternativos. Esta postura mais pragmática, vale notar, é também uma maneira de distinguir-se: apoia-se na garantia de que o plano de saúde particular que elas pagam pode ser acionado quando precisarem e não passariam pela incerteza de depender dos serviços públicos de saúde.

Os cuidados com o corpo também se exteriorizam na busca por uma naturalidade das condutas individuais, pois o “corpo está no mundo social, mas o mundo social está

no corpo” (BOURDIEU, 2007, p. 183). Saber como agir nos ambientes frequentados, dominar as regras implícitas sobre o que pode ser dito e o que deve ser evitado, são atitudes que resultam de uma naturalização do *habitus* aprendido na socialização. A naturalização envolve alguns investimentos (cultural, financeiro, estético, etc.) sobre si mesmo e a busca por uma conduta refinada, distinta e autocontrolada. São elementos aplicados no campo afetivo (relacionamentos), na conduta econômica (hábitos de consumo), no plano profissional (projetos e realizações), e demais atitudes que visam distinção. Pode-se dizer, no limite, que tudo isso aparece nas ações mais simples através das quais procuram se diferenciar do que é popular.

Outra forma pela qual as entrevistadas tentam se diferenciar dos trabalhadores braçais não qualificados é protegendo a estabilidade de suas condições sociais. Elas temem o rebaixamento social porque puderam ascender socialmente ao custo de sacrifícios realizados por seus pais; desta forma, uma característica marcante deste grupo consiste nos medos e anseios relacionados ao trabalho bem-sucedido, especialmente em relação aos filhos. Esta conduta ocorre especialmente quando a busca por estabilidade gera uma socialização voltada para o esforço e o mérito individuais, conforme afirma Norbert Elias:

A competição incontrolável [...] entre pessoas da mesma classe, por um lado, e as tensões entre diferentes classes e grupos, por outro, dão origem também, no caso do indivíduo, a uma contínua ansiedade e a proibições ou restrições específicas. Elas, também, produzem seus próprios medos específicos: medos de perda do emprego, de uma vulnerabilidade imprevisível aos que exercem poder, de cair abaixo do nível de subsistência, [...]; bem como os medos de degradação social, [...], de perda de prestígio e *status*, que desempenham até hoje um papel tão importante na vida das classes média e alta (ELIAS, 1993, p. 271).

Segundo Elias, há uma preocupação “constante dos pais com o fato de os filhos se pautarem ou não pelo padrão de conduta de sua classe ou da classe mais alta, [...], e isso acontece muito mais na classe média, entre aqueles com ambição de subir na vida, do que na classe superior” (ELIAS, 1993, p. 271).

A preocupação com o status gera um estado de tensão visando aproveitar as oportunidades e superar qualquer fracasso. No entanto, de acordo com Elias, as preocupações excessivas podem se transformar em “ansiedades automática e cegamente instiladas, de vencer na vida e conseguir prestígio social” (ELIAS, 1993, p. 271). São atitudes que refletem o pavor de ser rebaixado socialmente. Conforme nota-se na maior parte das entrevistas da pesquisa nesse grupo, as famílias trabalham e se sacrificam para

investir na educação de seus herdeiros, afim de que se dediquem integralmente aos estudos; ou seja, os pais apostam no investimento educacional para garantir aos filhos melhores condições que aquelas que eles mesmos conquistaram. Conseqüentemente, o status conquistado gera uma supervalorização do sucesso (trajetórias bem sucedidas); assim, as entrevistadas deste grupo se distanciaram em termos sociais e econômicos de seus familiares e, desta forma, já se sentem “privilegiadas” e bem posicionadas na sociedade. E é o mínimo que esperam de seus descendentes que, assim, alcançarão ou, ao menos, criarão melhores condições para que seus “netos” realizem aquilo que buscam: ser emergentes e se firmarem na elite juiz-forana.

Os “privilégios” considerados pelos anônimos, porém, destoam de suas condições sociais: eles não possuem, de fato, elementos que sustentem estas afirmações de que seriam pessoas “privilegiadas”. O que se percebe é a tentativa de se distinguir e de atingir posições hierárquicas superiores sem a possibilidade de utilizar marcadores distintivos e hierárquicos mais eficazes. A distância entre o discurso que proferem sobre suas trajetórias e a percepção de suas limitações socioeconômicas pode ser observada nos locais onde ocorreram as entrevistas: no trabalho (no caso da dentista, da funcionária da Prefeitura e da professora universitária) ou nas residências (casos da psicóloga, da professora de inglês e da pedagoga). Nestes espaços sociais, conforme feito outrora, os estilos de vida são observados empiricamente a partir da organização dos ambientes (decoração), da localização (bairros, prédios, casas), e da postura e gestual (vestimentas, condutas, etc.); os locais foram escolhidos pelas entrevistadas e, isso foi bastante proveitoso, a análise desses ambientes expressa elementos identificadores do *habitus* incorporado.

O consultório odontológico, local da primeira entrevista, localiza-se no bairro São Mateus, região bem valorizada de Juiz de Fora por ser próxima ao centro e um caminho de acesso a bairros residenciais também valorizados, como Bom Pastor, Estrela Sul e Cascatinha. Porém, a sala de espera do consultório não retrata a alta valorização do local: há duas poltronas desconfortáveis, uma delas com o encosto quebrado, diversas revistas desatualizadas, e a dentista não possui secretária nem auxiliar para os procedimentos odontológicos; estes elementos indicam principalmente a falta de capital econômico e o desinteresse em oferecer maior conforto aos pacientes. Enquanto que a sala onde trabalha a funcionária da Prefeitura, no bairro Manoel Honório, revela a impessoalidade relacionada aos espaços públicos nos quais os funcionários trabalham, sem preocupação de personaliza-los ou torna-los confortáveis e acolhedores. É um tipo de simplicidade

forçada pela situação conjuntural (prédio da Secretaria Municipal de Trânsito) que, assim, indica o pertencimento da entrevistada a um cargo de baixo status na hierarquia dos órgãos municipais; isso se comprova pela localização do prédio (não é no centro, mas sim próximo de bairros mais precários) e na facilidade de acesso ao prédio (sem burocracias e seguranças típicas de ‘autoridades’). O outro local de trabalho onde ocorreu uma entrevista foi um gabinete acadêmico no Instituto de Economia da UFJF, também impessoal como a maioria dos ambientes públicos; mas, neste caso, o que predominou não foi a simplicidade da sala da professora, e sim sua postura de autoridade por encontrar-se em seu local de trabalho e por, visivelmente, sentir-se insegura ante a presença de uma pesquisadora da mesma instituição, porém de uma área distinta.

As residências nas quais ocorreram as demais entrevistas caracterizam-se pela qualidade dos imóveis e pela boa localização em termos de bairros valorizados da cidade. O apartamento onde mora a psicóloga fica no bairro Jardim Santa Helena, num prédio de médio porte, com guarita, porteiro, câmeras, salão de recepção e elevador; quem atendeu a porta foi a empregada, enquanto a entrevistada cuidava de sua filha recém-nascida. A entrevista ocorreu na sala de dois ambientes (sala de estar ao lado da sala de jantar), decorada com o mínimo de adereços e enfeites (apenas um porta retrato discreto e um quadro artístico acima do sofá principal), num estilo que destaca o *home theater*, a pequena adega climatizada, o conjunto de sofás de cor clara, a mesa de centro e a grande mesa de jantar de seis lugares na sala ao lado. Trata-se de um estilo que valoriza a praticidade e a busca por relativa ostentação material, sem personalizar muito o ambiente (poucas fotos ou objetos decorativos). O prédio da professora aposentada de inglês, que trabalhou no Colégio de Aplicação da UFJF, é de grande porte e apresenta um padrão melhor do que o prédio da psicóloga: localiza-se no bairro Bom Pastor, possui guarita, porteiro, câmeras, salão de recepção e elevadores; o apartamento possui uma ampla sala de estar, decorada com muitos porta-retratos com fotografias da família e vasos de plantas. A sala na qual ocorreu a entrevista não possui equipamentos de televisão (porque há outro ambiente para isto); ela é composta por um conjunto de sofás enormes, duas mesinhas de canto e uma de centro. Predomina a valorização dos laços afetivos e dos momentos vividos em família; não ostenta bens materiais (eletrônicos), apesar de que o próprio tamanho do apartamento, o padrão dos móveis e a exibição de fotografias da família em viagens internacionais sejam formas de ostentação.

A casa da pedagoga também se localiza numa área valorizada de Juiz de Fora, no bairro Aeroporto. A casa possui um muro com cerca elétrica, embora os portões de carro

e pedestre sejam manuais; apresenta um jardim grande e bem organizado, uma pequena piscina, alpendre e garagem. As salas de estar, de televisão, de jantar e a cozinha são integradas, evidenciando a valorização destes ambientes de convivência; a decoração é variada, bastante eclética: porta-retratos, objetos culturais decorativos (artesanatos, pequenas esculturas, quadros com obras de artistas locais), móveis de madeira, televisão e aparelho de vitrola modernos. A entrevistada mostra, também, um quarto onde se encontra um escritório/biblioteca; prevalece a ostentação de aspectos culturais materializado em livros, artesanatos, discos de vinil e pequenas obras de arte.

Percebe-se que a ausência de sobrenomes tradicionais e de protagonismo econômico provoca neste nicho dos anônimos a necessidade de se sobressaírem de algum modo na sociedade. As entrevistadas procuram superar a situação de anonimato afirmando a importância de suas trajetórias ascendentes e o esforço heroico de seus pais para que elas pudessem ultrapassar as limitações econômicas da família. Além da defesa desses feitos pessoais, é notório em suas falas que elas projetam em seus filhos a possibilidade de superarem efetivamente a posição hierárquica inferior em que se encontram quando comparadas aos demais nichos pesquisados. As pessoas da elite expressam, inequivocamente, em suas moradias, nos seus bens de consumo e nos próprios corpos o esforço por distinção; chama bastante atenção o fato de perceberem-se, sempre, “entre” seus pais e seus filhos: nota-se que as entrevistadas se situam entre as condições econômicas humildes de seus antepassados e a glória e reconhecimento que poderão ter seus descendentes

III.1

Sou uma pessoa privilegiada

A entrevista (realizada em 20/11/2012) com a dentista, no seu consultório odontológico, mostra os principais valores mobilizados em suas práticas: ela se define como “profissional autônoma”. Apesar de ter crescido na cidade, sua família tem origem rural, seus avós maternos possuíam propriedade (uma pequena fazenda) nos arredores de Juiz de Fora; os avós paternos não foram mencionados porque ela tem uma relação conflituosa com o pai, um português que veio “ganhar a vida no Brasil”, diz. A mãe veio morar em Juiz de Fora para estudar, conheceu o companheiro e logo se casaram; quando ela estava com apenas um ano de idade os pais se separaram, pois, em suas palavras, o pai era “muito esperto”, o que significa, para ela, não ter “nenhum caráter”. Para não ter

que dividir os bens na época da separação, seu pai registrou tudo o que tinha no nome do irmão; mas, ainda segundo ela e seu enorme ressentimento, “aqui se faz aqui se paga”: seu pai esperava receber os bens de volta após transferi-los ao irmão, o que não ocorreu, “meu tio passou a perna nele – e ele mereceu, porque um golpe se paga com outro golpe”.

Para a entrevistada, o pai tem o “mérito” de ter conseguido conquistar tudo de novo, e ela insiste em dizer: “ele é o dono da grana, tem dinheiro – eu não!”, demonstrando o quanto ressentida por não ter uma posição econômica superior como aquela de seu pai. Ela diz que o pai é proprietário de uma indústria têxtil (não mencionou o nome) que lhe proporciona altos rendimentos; sua mãe trabalhou como professora primária estadual e atualmente é aposentada por invalidez: “minha mãe se tornou autônoma, ela é dona de confecção, tipo uma estilista”, define, valorizando a profissão materna de costureira, que trabalhava em casa e possuía muito poucas funcionárias (costureiras). Ela conta que “nunca” trabalhou para a mãe; que durante sua formação educacional ela só estudava e admirava muito o esforço da mãe para sustentar as duas. Esta declaração da entrevistada reforça a ideia de que o trabalho é valorizado como uma forma de ascender economicamente; porém, é preciso dedicar-se à formação educacional primeiro, sem a necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar, de modo a, depois, enriquecer-se.

Ela conta que passou “vontades” na infância, mas não “necessidades”; interessante notar o que significa, aqui, necessidade e vontade: aquilo que ela queria e a mãe, por dificuldades financeiras, não podia lhe dar, ela chama de vontades, enquanto aquilo que ela efetivamente teve, a entrevistada considera algo que preenche suas necessidades. E relata, nostalgicamente, ter desejado ter a “boneca bochechinha” e sua mãe, aconselhada por uma tia ou vizinha, decidiu comprar outra mais barata, o que é lembrado até hoje com arrependimento por ambas. Estes elementos materiais que marcaram sua infância, como as dificuldades financeiras e as restrições de consumo, indicam o pertencimento de sua mãe a trabalhos mal remunerados e comprovam que a ascensão socioeconômica da entrevistada ocorreu gradativamente, sendo fundamental sua dedicação aos estudos, sem precisar trabalhar durante a infância e a adolescência.

Suas referências familiares são a avó materna e a mãe, que sempre foi “muito dinâmica e presente”, características de quem possuía mais de um emprego (*dinâmica*) e ainda supria a falta paterna (tornar-se *presente*). O contrário pode ser dito do pai, “totalmente ausente”, apesar de sua presença ser muito bem vinda enquanto “renda” (ele pagava pensão); o sentimento de rejeição gerado pelo pai e a maior afeição pela mãe

aparece durante toda a entrevista. Ela diz que aprendeu com a mãe o gosto pelo “trabalho autônomo”, “preferindo” atuar como “profissional liberal”. A autonomia se reflete na crença dela de que este tipo de profissional possuiria a liberdade de definir seus próprios horários e decidir sobre a própria jornada de trabalho; contudo, as ações da entrevistada mostram que ela não possui tanta “liberdade”: ela reclama de não ter tempo de se dedicar a outras atividades (lazer, estudos, descanso) porque precisa trabalhar para suprir suas necessidades de consumo e demais despesas domésticas – especialmente ante as demandas de sua filha, ou seja, a história dela e de sua mãe se repete entre ela e sua filha.

A formação educacional da entrevistada ocorreu em colégios particulares tradicionais de Juiz de Fora: Colégio Academia e dos Jesuítas; ainda que sua mãe não possuísse rendimentos suficientes para manter os custos destes colégios (mensalidades altas, uniformes, etc.), ela diz que era “impensável” estudar em escolas públicas, e a pensão paterna cobria os gastos excedentes. O objetivo de ascender socioeconomicamente fica claro na decisão de estudar nas “melhores escolas” e na escolha pelos “melhores cursos” de graduação; evidente que “melhor” aqui significa “o mais caro”, “o mais bem frequentado”, entendendo-se “bem” como pessoas de alto poder aquisitivo. No entanto, ela não passou no primeiro vestibular e estava em dúvida entre Odontologia e Medicina (cursos de difícil entrada devido à alta concorrência) por desejar uma profissão na área de Saúde; sua preferência indica a valorização de áreas reconhecidas e através das quais se obtém reconhecimento, via rendimentos, na sociedade.

Após um ano de curso preparatório ela conseguiu entrar na graduação de Odontologia na UFJF: “escolheu” odontologia porque, apesar de seus esforços, não conseguiu ser aprovada em medicina. Interessante notar a preferência pela universidade pública federal e não pelas faculdades particulares: claramente uma maneira de não ter mais gastos com estudos e, assim, poder dedicar-se totalmente ao curso sem ter que trabalhar – contando com os rendimentos da mãe, professora e costureira. Depois da formatura, no dia seguinte, o pai “apareceu com o mandato judicial para não pagar mais pensão”, conta, encerrando a participação paterna em sua narrativa. Sua pretensão de ser reconhecida com os bens do “homem da grana” encerram-se, e como a mãe não lhe deixa patrimônio compatível com suas ambições, é hora de encontrar outros caminhos para enriquecer. É nesse contexto que entra seu trabalho exaustivo e a contradição de conquistar situações “privilegiadas” e não ter tempo para usufruir de suas conquistas; quicá a filha o faça.

Seis meses antes de se formar participou de um trabalho voluntário atendendo pessoas de baixa renda na Catedral, um convênio entre a Universidade e a Igreja. Um fator decisivo para sua entrada no mercado de trabalho ocorreu quando alugou um consultório de uma colega dentista, dividindo o valor, atendendo em poucos horários. Diz que “ganhava pouco, precisava cobrar menos por não ser formada ainda”. Trabalhou por dois anos dividindo a sala com a colega e conseguiu fazer sua “clientela”, pessoas que a conheciam do trabalho voluntário e os novos pacientes do consultório. Nesse ponto ela chama atenção para o fato de ter aprendido desde cedo a “responsabilidade”, valorizada para exaltar seu desempenho profissional. Os dois anos iniciais da sua carreira são marcados pelo investimento em capital social de relacionamentos ligados ao trabalho: primeiro ela trabalhou com a colega e, em seguida, um amigo que trabalhava em outra cidade retorna, compra uma sala e a convida para dividir o espaço de atendimento. Ela, que ainda não tinha seus próprios equipamentos, resolve, enfim, comprar seus instrumentos de trabalho: “são muito caros, mas foi um investimento”.

Assim, o início de sua atuação profissional contou com a participação de uma colega, considerada “amiga” até se desentenderem, e desse amigo, ainda próximo. Ela se dividia entre os atendimentos no consultório da primeira dentista que a acolheu profissionalmente e os atendimentos com o amigo; porém, diz que a amiga era “desonesta” na hora de dividir as despesas, omitindo os valores reais, até que ela viu uma conta de luz e percebeu que estava sendo enganada, pagando o valor total. Essa colega era “sem higiene”, explica, indicando preocupação. O mesmo ocorre na sala dividida com o amigo: ele, “como todo homem, não é caprichoso, é bagunceiro, desorganizado”, declara, generalizando um comportamento particular (‘todo homem’) e defendendo a “qualidade” de seu próprio serviço. Ela mostra certo individualismo de preferir trabalhar sozinha, sem dividir o espaço com essas pessoas que a ajudaram, e de se considerar melhor profissional do que os demais.

Nota-se que a trajetória profissional da entrevistada apresenta rupturas e descontinuidades; mas suas dificuldades são amenizadas pela rede de relações sociais tecida ao longo da formação educacional, e que se torna indispensável para o sucesso profissional. Esta rede garante auxílios nos momentos críticos, ajudando o indivíduo a recuperar rapidamente o status que já possuía. Devido a estes contatos (redes), a ruptura com os dois amigos (profissionais com os quais trabalhou) não causou grande impacto negativo, nem mesmo o risco de desemprego porque ela já estava bem estabelecida, numa situação favorável e estável. Com uma “clientela formada”, ela decide alugar uma sala no

centro e em seguida compra a própria sala para atendimento. Eis o momento propício de iniciar sua arrancada rumo àquilo que ele deplora em sua mãe e, claro, em sua condição: é hora de ao menos vislumbrar a riqueza de seu pai. É hora de olhar para cima, de buscar alcançar o status de emergente.

É nesse contexto que ela resolve sair do centro da cidade, aluga outra sala e cursa uma especialização na UFJF; era momento de “crise econômica” no país, lembra, devido a mudanças de governo da época: “o mercado estava difícil e eu não queria depender só do convênio”. Conseguiu aprovação num concurso da Prefeitura para ganhar “uns mil e pouco por vinte horas semanais e trabalhar no bairro Retiro”, emprego que assumiu por um breve período. Claro: ela não gostava do lugar de trabalho por ser um bairro periférico e “muito pobre”, além de se considerar pouco apta para um cargo público, pois prefere ser “autônoma no sentido profissional e pessoal” e justifica: “assim eu posso fazer meus horários”, conclui, apostando no autoengano de que desfrutaria de mais liberdade e tempo livre no trabalho particular. Além disso, se o trabalho voluntário foi seu trampolim para conquistar relacionamentos que lhe permitiu conquistar clientela, os contatos nessa periferia pouco tinham a lhe acrescentar; o trabalho “voluntário” é pouco lucrativo e, assim, não contribuía para suas pretensões.

A entrevistada dedica-se tanto ao trabalho porque, segundo afirma, precisa manter a filha e a mãe, que moram com ela; ela, que não é casada, declara várias vezes que a filha “nunca atrapalhou” em nenhum aspecto de sua vida (profissional ou pessoal). E diz que o pai da menina paga pensão e não participa da vida delas – repetição explícita de sua biografia. “Ele é um ‘filhinho da mamãe’ de quarenta e dois anos, mora com a mãe e nunca se casou”. É um engenheiro, trabalha, tem vida estável, mas é um “irresponsável, que gosta de frequentar baladas nos fins de semana” e cita a casa de shows *Privilège* [Imagem 62] como um desses locais frequentados; é uma boate famosa e bem renomada na cidade (ou seja, possui preços altos e recebe pessoas dispostas a pagarem por isso). Eles são antigos conhecidos, “paixão antiga, desde a época de adolescência”.



Quando a entrevistada engravidou, ele disse que não estava preparado para ser pai e não queria casar-se; ela diz que também não queria casar com ele, pois sabia que ele não teria “condições psicológicas” para tanto. O julgamento da entrevistada a respeito do pai de sua filha expressa um conformismo disfarçado. Ademais, ela afirma que também não queria se casar (aceitação disfarçada de afirmação), e justifica-se dizendo que ele não seria capaz de construir uma família aos moldes do que ela desejaria. Sente-se segura por criar a filha sozinha, já que passou pela mesma situação com sua mãe; admite que tanto ela quanto a filha não possuem referencial de pai. Ela também diz que ele “tem dinheiro”, mas não participa muito da vida delas, indicando, mais uma vez, a valorização do capital econômico, visto como um atributo de superioridade (especialmente na falta de outros capitais distintivos).

Os hábitos de lazer e consumo expressam sua situação social: uma pessoa que ascendeu socialmente mas que ainda busca aumentar sua renda para manter-se na posição alcançada e propiciar à filha aquilo que ela mesma sonhou para si e, do alto de sua maturidade, percebe que não alcançará: o status de emergente. Ela frequenta o clube Bom Pastor [Imagem 63], tradicional na cidade, situado no bairro homônimo, e tem “poucos e bons amigos”; diz que sai pouco, mas gosta de “teatro, cinema, shopping”, porém, sem conseguir se lembrar de que peças de teatro e quais filmes assistiu recentemente. Isto indica baixo capital cultural, apesar da “boa vontade” de se inserir na sociedade através destes aspectos. Seu estilo de vida faz com que o lazer seja voltado para saídas mais esporádicas, devido ao ritmo de trabalho e à necessidade de conciliar suas atividades com a rotina da filha; em certa medida, também devido ao alto custo da “noite” juiz-forana. A ideia de que ela “faz seu próprio horário de trabalho” também influencia nos tipos de

lazer: “quando ganho bons rendimentos eu posso flexibilizar minha carga horária”. Contudo, a dedicação aos atendimentos termina por aumentar o tempo de serviço e diminuir o de lazer, conforme se percebe em suas falas. A condição econômica da entrevistada (emprego qualificado e bem remunerado) é o elemento central de seu estilo de vida, no qual há pouca incorporação de capital cultural enquanto um fator distintivo.



Em relação ao orçamento doméstico e às despesas em geral, ela se considera disciplinada: “gosto de gastar, dependendo do que será comprado”. Não gosta de parcelar, prefere comprar à vista. Está acostumada a contar com o dinheiro que possui no momento. Diz que apenas faz contas altas se for para investimentos, como carro e casa; administra o dinheiro dela e da filha, além de ajudar a mãe aposentada, que conforme foi visto, mora com elas. A mãe paga os próprios gastos, afirma; a maior parte com remédios, embora participe das despesas domésticas. Elas almoçam em casa (a mãe cozinha) e pagam uma diarista que trabalha em sua casa duas vezes por semana (não tem empregada mensal). O maior gasto é com alimentação nas compras em supermercados, pois escolhe produtos de “alta qualidade”; isso significa que não saem para jantares ou coisas do gênero, algo que se encontra, pela via negativa, como algo que almeja e que não pode realizar por não ter rendimentos compatíveis.

É neste ponto que ela começa a defender a “qualidade de vida”, relacionada a seus hábitos de consumo. Apesar de controlar os gastos, ela prioriza o consumo de “qualidade” como um fator diferencial de seu estilo de vida: apenas usa dinheiro se houver “alguma vantagem” (desconto) e tem aprendido a usar mais o cartão. Rejeita a ideia de gastar muito e se considera seletiva em relação aos gastos: “absurdo alguém pagar quatro mil reais numa bolsa ou num sapato”. Considera “futilidade” ostentar produtos de marca: “não

compro roupas de marca, mas prefiro consumir produtos de qualidade, porque não adianta economizar em pequenas coisas, como papel higiênico, detergente, porque a gente acaba usando mais e gastando sem ter bons resultados”, diz, numa visão pragmática.

A postura da entrevistada está focada nos aspectos econômicos, através dos quais ela se insere na sociedade numa posição superior àquela de seus antepassados. No entanto, ela ainda procura manter a “estabilidade financeira”, o que significa não ter atingido uma situação econômica confortável e querer alcançar uma posição hierárquica superior; porque pretende ser emergente, ela prioriza os gastos com a qualidade de vida para a família: “na verdade a minha família é a minha prioridade”, e não indica outras prioridades, como gastar em viagens e em compras de vestimentas de marcas mais caras, etc. Ela defende a “qualidade de vida mesmo na correria atrás do dinheiro no dia a dia”, qualidade de vida que, para ela, também significa cuidados com a saúde física e psíquica. Já fez tratamentos homeopáticos e terapias psicológicas por um período, para “aprender a dizer não [...]; mas temos que ficar espertos pra perceber se a psicóloga está querendo prolongar o tratamento; claro que é importante nos casos mais graves, de perdas, depressão, principalmente uma terapia de apoio”. Ela se sentiu enganada pela psicóloga porque pensou estar sendo explorada financeiramente; seu economicismo se expressa nas atitudes de não querer desperdiçar o dinheiro que ela ganha com algo que não será considerado útil (tratamentos alternativos, por exemplo); assim, cabe controlar os gastos de acordo com suas “prioridades” (consumo e conforto doméstico); na verdade, suas “necessidades”.

A entrevistada resume sua postura dizendo: “tenho uma autoestima boa porque eu sei colocar em prática o que tratei na terapia, conheço meus limites sem precisar me apoiar em remédios”. Ela se afirma “bem sucedida”, independente da “opinião dos outros”, e considera a maioria das pessoas “egoísta, pessoas difíceis de admirar”. Ela ensinou à filha: “coloque-se no lugar do outro, pense sempre nos outros, sinto falta disso nas pessoas”. Este “altruísmo” expressa a vontade de ser bem tratada e de se sentir especial por agir “corretamente”. Ainda em relação à postura economicista, a dentista considera sua mãe uma “péssima administradora financeira”; ao contrário de seu pai, rico e espertalhão, sua mãe aprendeu com o avô, que não sabia administrar o dinheiro e transmitiu isto à sua mãe. Quando ele morreu, sua mãe recebeu a “herança, e por não saber como gastar deixou na poupança”; então, ocorreu um dos planos político-econômicos dos anos 1990 e ela perdeu tudo, momento em que ela era dependente e morava com sua mãe. Situação tão difícil que somente há alguns anos a entrevistada comprou o apartamento onde vivem

atualmente, no distinto bairro Bom Pastor. Quando ela decidiu comprar um imóvel não falou nada para a mãe, pois sabia que não teria apoio “nem emocional nem financeiro”; como entrada do apartamento deu a sala que havia comprado primeiro (no centro e que estava alugada), e financiou o resto.

Outro “investimento” foi comprar seu primeiro carro, algo que deixa explícita a dificuldade que tem a entrevistada para manter um status superior – afinal, a aquisição de um carro não se configura um “alto” investimento, senão para camadas sociais de muito baixo rendimento; decidiu comprar um carro porque “andava de taxi para todos os lugares e gastava uns quatrocentos reais por mês”, afirma. Conclui que tem o costume de “fazer o plano e realizar”: conversou com seu mecânico de confiança e com seu taxista para se aconselhar sobre qual carro compraria, pois “numa casa só com mulheres, sabe como é, não tem como saber dessas coisas”, explica, mostrando convencionalismo a respeito das diferenças de gênero. Ela comprou o primeiro carro e agiu segundo suas precauções econômicas: “Só retirei com o seguro efetivado, para não ter perigo de perder todo o investimento” – de novo seu economicismo fala mais alto e decide suas ações.

A postura da entrevistada se reflete em sua visão de mundo e em relação ao próprio posicionamento social: “Me considero uma pessoa privilegiada porque posso pagar para ter qualidade de vida”. Esta questão, sobre como ela se sente em termos de posição na sociedade, não tem por objetivo tomar a resposta da entrevistada enquanto um dado em si; ao contrário, a intenção é perceber a visão de mundo interiorizada por ela. Nota-se que ela avalia a própria situação social como um meio a partir do qual ela acessa alguns “privilégios” disponíveis para quem atingiu seu nível econômico; sentir-se privilegiada é uma forma de afirmar os méritos de sua trajetória ascendente, na medida em que ela almeja uma posição economicamente privilegiada que ainda não possui. Entretanto, ela conclui mostrando todo o conformismo de seu discurso: “não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho. Considero que sou muito feliz, afinal, sou brasileira e não desisto nunca!”. Suas conquistas pessoais, como a relativa estabilidade financeira e a qualificação profissional, sustentam a crença (e o desejo) de ser privilegiada em termos econômicos; a repetição de uma frase coloquial, usada em propagandas estatais e comerciais, expressa o lugar onde ela se encontra em termos hierárquicos.

O capital econômico almejado pela entrevistada pode ser medido, também, pelo fato de que ela paga um seguro para caso de invalidez: ocorre que, há alguns meses, ela teve um problema de lesão por esforço repetitivo e conseguiu o afastamento remunerado. Ela destaca a importância de investir na previdência privada, que paga para ela e para a

filha, decisão que expressa seu medo de decair financeira e socialmente, a ponto de refletir sobre ter largado o cargo público, pois se tivesse continuado ela teria algo “seguro no futuro”; mesmo assim acredita que foi a melhor escolha naquele momento porque acredita ter o “perfil de profissional liberal”. Ainda sobre as atitudes de previdência (pessoal e profissional), ela percebeu-se como “velha” quando teve que se ausentar do trabalho para as sessões de fisioterapia e, por isso, pensou em cuidar mais da saúde, fazendo ginástica e musculação. Ela procura “viver o hoje” e explica: “não um ‘*carpe diem*’, mas aproveito a vida”. Planeja qualificar-se profissionalmente (fazer um mestrado), e até pensou em sair do Brasil, cursar algo em Portugal, “mas não teria como encaminhar minha filha aqui em Juiz de Fora”.

Os valores da entrevistada seguem o referencial de sua família materna, que é tradicionalmente católica, embora ela tenha se tornado espírita na época da faculdade: “me considero espirituosa; não sou muito a favor de religião, acredito na religiosidade, porque acho muito triste ser ateu; a pessoa fica muito perdida”; ela considera importante ter “fé em Deus” e cultivar os “valores cristãos”, ideias que combinam com seu convencionalismo em relação à sociedade. As convenções sociais também se refletem nas crenças políticas da entrevistada, sendo o assunto mais evitado na entrevista até que ela se lembrou, empolgada, de um episódio que sua mãe sempre gosta de contar: quando moravam na fazenda em São João Nepomuceno chegou uma “italianada” e seus familiares foram recebê-los; entre eles estava “a mãe do Itamar Franco, já grávida!”. Ela considera o ex-presidente Itamar Franco um referencial importante: “foi um bom prefeito em Juiz de Fora”. Ela sente uma “decepção generalizada com a política” e se considera “sem partido”. O único vínculo político ela herdou de sua mãe devido ao episódio narrado, que se reflete em algumas escolhas e tendências (ela declara ter votado no atual prefeito, afilhado político de Itamar). Ou seja, suas decisões políticas são motivadas por questões pessoais e afetivas, de acordo com a conveniência e os interesses particulares.

Retomando o assunto da sua posição e situação na sociedade, ela diz que hoje em dia está “tudo mais caro” e por isso “a classe média é a que mais sofre, é a mais prejudicada: pois os ricos são ricos mesmos. E os pobres agora têm acesso a mais privilégios do que antes”. Com esta declaração ela desconsidera os “privilégios” declarados anteriormente, relacionados à capacidade de consumo, à qualificação profissional, às condições de moradia e ao acesso a serviços em geral (plano de saúde, meio de transporte próprio, escola particular para a filha, etc.). São vantagens que ela possui e a partir das quais se diferencia das camadas mais baixas. Sua fala também retrata

o ressentimento em relação aos ricos, os verdadeiramente privilegiados, algo que ela percebe quando se compara com a camada superior a ela na hierarquia social. Contraditoriamente, ela afirma detestar o que almeja – ser emergente – e, de outro lado, também odeia o que em grande medida ainda é – aquilo que ela chama, ao longo da entrevista, de “classe média”.

Deste modo, a dentista expressa uma insatisfação de situar-se onde está: não é rica para usufruir de privilégios que tanto deseja nem é pobre para usufruir de políticas sociais (como se isso fosse algum privilégio). Entre esses dois extremos ela prefere espelhar-se nas camadas superiores, na medida em que busca alcançar posições mais elevadas na hierarquia social; mas, por mais que se esforce, não consegue superar suas origens, o que seu economicismo deixa muito claro. Percebe-se que ela não possui um status significativo, no sentido de que não pertence a uma família de sobrenome tradicional, e não se enquadra na classificação de “colunável” ou de “novos protagonistas” da sociedade, não sendo, dentro destes critérios, uma pessoa “produtiva”, que se “destaca” (dado verificado ao buscar seu nome completo numa página de buscas na internet e não aparecer nenhuma referência – o mesmo ocorre com outras entrevistadas deste grupo). Mesmo assim, a entrevistada mostra que deseja ascender socialmente, e é esse desejo que a impulsiona a priorizar a “qualidade” e os “privilégios” (dentro de seus capitais limitados) como um estilo de vida pretensamente distintivo e voltado para a superação do anonimato.

III.2

O foco agora é a minha filha!

Na entrevista (realizada em 04/12/2012) com a psicóloga, em sua residência, ela apresentou uma postura voltada para “valores humanísticos: defendendo a responsabilidade e o comprometimento ético sempre”. A trajetória da entrevistada apresenta aspectos semelhantes ao que foi narrado pela dentista, especialmente em relação ao comportamento do “profissional autônomo”: ela se define como uma pessoa “muito equilibrada e controlada”. Estas declarações mostram que a entrevistada mobiliza principalmente o capital cultural adquirido através da educação transmitida pela família e obtida em sua formação acadêmica: ela é psicóloga e valoriza o comportamento considerado “ético” dentro de sua visão de mundo. A entrevistada mobiliza capital cultural para distinguir-se das camadas sociais inferiores; é o que se passa, por exemplo,

ao superar sua origem, seus antepassados oriundos do campo e, claro, em situação econômica inferior.

A entrevistada nasceu na cidade de Juiz de Fora, mas seus familiares são de procedência rural; os avós maternos tinham “uma pequena fazenda” e os paternos eram comerciantes, ambos em pequenas cidades da região da Zona da Mata (Penido e Chácara). Os pais da psicóloga se conhecem desde a infância (são primos); sua mãe estudou em Juiz de Fora, enquanto a família ainda morava na fazenda dos antepassados, formou-se (Ensino Médio, normalista) e voltou à fazenda por um tempo, até se casar. O pai já vivia em Juiz de Fora porque sua família trabalhava na cidade. Sua mãe sempre foi dona-de-casa, seu pai comerciante, seguindo a tradição familiar; lembra-se de que o pai trabalhava muito, inclusive aos domingos de manhã. Estas informações indicam o pertencimento de seus familiares a camadas de trabalhos braçais não qualificados, que desempenham atividades de baixa remuneração; além disso, nota-se que a entrevistada superou seus antepassados em termos de ascensão social e econômica.

Ela estudou em colégio público municipal (Escola Mariano Procópio) e depois em instituições particulares tradicionais (Colégio Stella Matutina); porém, ela preferiu mudar de escola: “não me adaptei ao colégio particular e quis voltar ao colégio público”. No ensino médio estudou num colégio particular religioso (Colégio dos Jesuítas) até concluir o ensino médio e prestar vestibular; não trabalhava, portanto podia dedicar-se totalmente aos estudos e ainda praticar atividades físicas (principalmente natação). Conta que o pai não gostava que os filhos trabalhassem com ele para “não se afeiçoarem ao comércio, porque ele queria que todos estudassem e se qualificassem”. Mesmo assim, o pai atribuía tarefas e delegava funções aos filhos, com o intuito de “educar para a vida”. Então sua educação foi pautada por valores economicistas que visavam a ascensão social e econômica dos filhos, com o intuito de livra-los de trabalhos mal remunerados e de baixa qualificação profissional.

Os principais valores apreendidos desde a infância foram a “responsabilidade, autonomia e independência”, define. O pai pagava uma quantia semanal aos filhos e, assim, ela aprendeu desde cedo a “lidar com dinheiro”; ela e os irmãos faziam a matrícula do colégio e pagavam a mensalidade com o dinheiro que o pai entregava a cada um para executar a tarefa. Os serviços solicitados pelo pai a deixaram “mais autônoma para realizar essas obrigações”, diz, complementando que, em contrapartida, havia “muita cobrança, ele era muito exigente”. A educação que ela recebeu a preparava para vencer os desafios enfrentados pelas pessoas em ascensão (os anseios das classes intermediárias,

conforme ELIAS, 1993), superando os medos relacionados ao rebaixamento social e os anseios de conquistar uma posição econômica superior na sociedade.

A entrevistada terminou o ensino médio e prestou vestibular para Ciências Sociais na UFJF, e Psicologia no Centro de Educação Superior do Colégio Academia (CES, particular). Começou cursando os dois e, faltando pouco para concluir ambos, optou apenas pela graduação em Psicologia; na época dos estágios não conseguiu conciliar ambos: “eu gostava de Ciências Sociais porque podia viver a experiência de universidade federal, que é muito diferente das instituições particulares”. Mesmo assim, seu convencionalismo a levou para uma profissão considerada de maior reconhecimento social e, certamente, com maiores ganhos econômicos. Ela diz que não queria começar a trabalhar logo que se formou porque se achava “imatura: a gente sai da universidade muito ‘crua’ e, por isso, resolvi me qualificar mais”. Começou uma especialização enquanto ainda morava na casa dos pais.

O fato de morar com os pais também garantia a segurança necessária para ingressar no mercado de trabalho quando se sentisse mais “madura”; ela podia esperar pela “maturidade” porque não era pressionada pela necessidade de ter que trabalhar para manter o próprio sustento. Este fato caracteriza a realização de trabalhos intelectuais que exigem maior qualificação e atributos não-corporais; porém, é exigida alguma justificativa: ela não quis montar sozinha uma sala de atendimento, e preferiu trabalhar num ambulatório cobrando um “preço mais barato, era um trabalho mais social”. Tanto o “querer” quanto a preferência em relação às escolhas profissionais devem-se à condição social que ela possuía morando com os pais; ainda que eles não tivessem uma remuneração alta, esforçaram-se para garantir melhores condições aos filhos, inclusive a aceitação de que morassem em casa até ingressarem no mercado de trabalho.

No início de sua vida profissional a entrevistada dividiu uma sala de consultório com uma amiga “porque já me sentia mais madura, mas não o suficiente para manter meu próprio consultório”. Além da qualificação e do apoio familiar, declaradamente outro fator determinante para o êxito profissional foram as redes de relações interpessoais conquistadas com o acúmulo de capital social (contatos feitos ao longo da formação). Sua carreira profissional contou com o auxílio da amiga, que cedia o consultório para ela atender; nesta época ela continuou no local de estágio iniciado na graduação, e alugou outra sala numa casa que dividia com mais três recém-formadas. Até hoje tem esta sala que era alugada e que, depois, foi adquirida em sociedade com as amigas.

Também fez especialização na PUC do Rio de Janeiro, e continuou na clínica (viajava para as aulas e retornava para Juiz de Fora); há poucos anos passou num concurso de uma instituição pública (Hospital Militar), um contrato que é renovado por até sete anos e tem limite de idade para sua manutenção. Atualmente ela não sabe quais serão os rumos da sua vida em termos profissionais porque pretende se dedicar à filha recém-nascida: “tenho vinte anos de formada, nunca parei de trabalhar e não sei como será agora viver sem trabalho: vai ser meio difícil. Uma experiência diferente”. Ela tem uma filha e é casada; conheceu o marido porque ele era “amigo de uma amiga”, e começaram a sair com a mesma turma, partilhando laços sociais e estilos de vida semelhantes.

Primeiro moraram juntos e, em seguida, casaram-se “na Igreja e no Civil: com véu e grinalda e tudo que tem direito”, conta satisfeita. A satisfação da entrevistada revela convencionalismo em relação aos costumes sociais: ela valoriza os ritos formais da sociedade e se sente realizada através das convenções. Por outro lado, ela conta que precisava melhorar sua renda individual antes de se casar oficialmente, para que pudesse ter “participação efetiva no orçamento familiar” (atitude nem conservadora nem convencional no sentido de tradicionalismo). Considerava que seus rendimentos no consultório eram irregulares; sentiu-se mais segura para o casamento “oficial” quando passou no concurso: “a questão da renda familiar não seria um problema para o meu marido, mas eu preservava – e preservo – o princípio de garantir a minha participação no orçamento familiar”. Este princípio defendido por ela expressa uma valorização do trabalho feminino formal (fora de casa) e de poder se manter financeiramente independente do marido.

No início do casamento ela costumava almoçar na casa dos pais; depois passou a almoçar em sua casa, contando com a empregada (atual). Decidiu sair da casa dos pais “aos poucos, por ser a mais nova” e porque os três irmãos foram embora de Juiz de Fora, deixando-a sozinha com os pais: “fiquei por último, então eu tive que fazer tipo uma adaptação para sair sem rupturas bruscas”. Por exemplo, “a minha mãe ‘treinou’ a minha empregada, essas coisas”. O fato de ter uma empregada em casa mostra que ela precisa de alguém para realizar as tarefas domésticas, permitindo que ela possa ter um emprego qualificado e trabalhar fora de casa. Ela conta que o marido é advogado e, antes de a filha nascer, “cada um saía para o trabalho com seu carro em horários parecidos”. A centralidade do trabalho em sua vida e o planejamento da carreira, graças aos auxílios e apoios familiares, permitiu investir na profissão e se qualificar mais na sua área de trabalho, visando a manutenção da situação social (ainda em ascensão).

Para se dedicar ao aperfeiçoamento profissional ela não atendia todos os dias no consultório e “tirava algum tempo” só para ela. Mesmo com as jornadas de trabalho diferenciadas, ela valoriza a rotina de almoçar em casa, conciliando as ocupações dos dois: “como cada um tem um carro e isso ‘flexibiliza’ os horários de chegada e saída de casa”. Ter dois carros, assim como ter empregada, é um dado objetivo que reforça a tentativa de distinção; manter estas benesses é uma escolha relacionada ao estilo que ela construiu baseado no “conforto” e na “qualidade de vida”. Os critérios de qualidade (carro, empregada, emprego qualificado, apartamento confortável) também se refletem nas opções de lazer, que se relacionam ao tipo de capital cultural mobilizado. Ela e o marido costumavam sair para “cinema, shopping, barzinhos, mas agora é uma fase nova de adaptação; nosso ritmo de vida mudou”, diz. Quanto a estas mudanças, ela não quer ter uma babá para a filha, pois precisa e quer ficar com a menina; ainda, insiste que foi uma escolha se dedicar à maternidade: “é mais sacrificante, mas ‘tá dando’ certo”. O sacrifício que ela expressa na fala é o impacto da mudança (nascimento da filha) no orçamento familiar e o fato de assumir estes cuidados (no caso, ela assumiu os cuidados com a filha quando tirou licença maternidade e ainda não sabe se voltará a trabalhar em sua profissão).

Na época das férias viajavam para lugares turísticos nacionais; raramente viajam para a casa de familiares (algumas vezes viajaram para Curitiba e Niterói onde moram familiares): “nunca tive pretensão de sair do Brasil”, declara sobre não realizarem viagens internacionais. É uma escolha que desconsidera o fato de que viajar para conhecer outras culturas é uma decisão que requer mais capital simbólico do que financeiro. Ainda assim, eles conheceram vários locais turísticos, destacando a viagem a Natal e a Fernando de Noronha, onde passaram lua-de-mel; ela considera que conseguem escolher juntos os destinos das viagens: “a gente combina bem... é que nós temos gostos parecidos”. Ela considera suficiente realizar viagens pelo país e justifica sua escolha dizendo não ter “pretensão” de viajar pelo exterior, ou seja, a falta de pretensão pode indicar o fato de que não cresceu num ambiente familiar no qual as viagens (nacionais e internacionais) são experiências valorizadas (ou possíveis de realização).

No tocante ao consumo há diferenças entre ela e o marido: nota-se que cada um deles apega-se a um fator distintivo. Ela diz não ser consumista, “mas ele é” – e aponta para alguns bens apreciados pelo marido, “são bons [vinhos, eletrodomésticos], mas eu não escolheria adquirir isso; como toda mulher eu gosto de comprar... embora eu seja muito comedida; eu não tenho aquele consumo desenfreado de que ‘tem que comprar’,

sabe?”. Ela generaliza algumas convenções sociais (‘toda mulher gosta de comprar’), embora procure se distinguir por um consumo diferenciado. E prioriza a compra de comidas saudáveis: produtos integrais, orgânicos: “descobri um lugar que vende em casa, mas é muito caro [...]. Eu me preocupo com saúde, sou bem natureba, é o meu estilo de vida, uma escolha minha; e eu me informo sobre alimentação pra sentir o resultado, ter boa saúde” – uma forma diferenciada de distinção pelo estilo de vida.

Ela considera que os produtos exigem uma despesa maior, mas justifica-se dizendo ser parte do estilo de vida que ela escolheu: “tenho quarenta e três anos de idade e nunca pinte o cabelo... tenho disposição e saúde”. A entrevistada preza cuidados com a saúde, mas ressalta: “não gosto daquela postura mais ‘xiita’ com a dieta [...], sou bem equilibrada”. Retoma o assunto sobre o marido, incluindo na lista de consumo os “queijos e vinhos importados” que ele costuma comprar; são estilos de vida distintivos que buscam se adequar a um alto capital cultural. Da mesma forma, o marido se realiza no consumo de produtos distintivos que refletem seu gosto: *home theater*, adega, vinhos, queijos, etc.; porém “não gosta” de viagens internacionais nas quais poderia, por exemplo, tomar um bom vinho em sua região (ou país) de origem.

Neste ponto a entrevistada comenta sobre o orçamento doméstico: “o ganho dele é maior do que o meu”. Dividem as contas, têm conta conjunta e, segundo ela, não têm problemas com orçamento porque procuram planejar os gastos. Ela reafirma que o marido “gosta de consumir; eu não o controlo porque ele trabalha tanto que merece ter o prazer de comprar coisas de qualidade que ele gosta”, e aponta novamente para a adega dizendo que são produtos importados e de valor mais alto – mostrando “novamente” as poucas coisas distintas em sua casa. Ela diz não haver problema algum com o orçamento: “Não ficamos apertados com as contas”, mas considera que agora vão precisar reorganizar as despesas no período em que ela pretende ficar sem trabalhar e porque terão novos gastos com a filha.

Reforça que nunca tiveram dívidas, “nem usamos cheque especial, somos controlados e tranquilos nesse ponto”. Lembra que na infância teve uma “educação financeira muito rígida”: o pai sempre dizia para os filhos “gastarem bem o dinheiro”, dava as condições necessárias e a orientação voltada ao controle das despesas. No aspecto financeiro a entrevistada considera-se “bem satisfeita”; ela se sente “realizada profissionalmente”, pois teve a experiência de trabalhar num hospital e numa clínica de atendimento terapêutico, recebendo “bons rendimentos”. Também se vê “realizada” no campo afetivo e destaca a qualidade do relacionamento com o marido.

A satisfação da entrevistada também se reflete na visão que possui da própria posição social; trata-se de uma tentativa de autoclassificação que indica a percepção que ela tem das hierarquias sociais. Tanto que ela diz: “acho que pertencço a uma classe média baixa... Porque nós temos tranquilidade, mas não temos folga no orçamento”. Para esta definição ela pensa que “a renda é o fator mais decisivo”; e explica: “é [uma definição] relativa: seria uma classe média-média, mas não alta, porque não temos investimentos, patrimônios e dinheiro reserva”. Ela faz uma comparação entre as diferentes formas de lidar com os rendimentos, principal critério utilizado por ela.

As hierarquias simbólicas aparecem como uma forma de estabelecer a meta a ser atingida: ela já superou o status dos pais, definidos como de “classe média baixa, porque meu pai trabalhava muito e minha mãe era dona-de-casa”, e pretende ascender ainda mais; considerando que na sociedade juiz-forana, dentro da amostragem analisada, os personagens históricos e as personalidades midiáticas ocupam o topo da hierarquia social, as entrevistadas deste grupo representam as pessoas que não possuem os atributos positivos dos demais entrevistados. Não é por outra razão que se nota em suas falas certo orgulho de suas origens; e, talvez, certa ambição e desejo de chegar logo no nível dos emergentes (assim como as demais entrevistadas deste grupo).

A visão de mundo dela expressa o senso prático dos limites, no sentido de saber o que estaria ao alcance e o que seria inatingível: “acho que somos classe média-média pra baixo, não é uma situação de classe média alta porque não investimos dinheiro em patrimônios, como as pessoas das classes altas fazem”. Ela valoriza a estabilidade da situação social em que vivem, porém, não podem “abusar muito, não existe dinheiro fácil, tudo aqui é comedido, precisamos pensar se há necessidade de comprar as coisas”. A entrevistada precisa manter a posição social conquistada ao longo de sua trajetória ascendente, em parte devido à sua união com um marido “bem sucedido” (advogado), em parte trabalhando insanamente, em vista de alcançar capitais simbólicos distintivos. Desta forma, a entrevistada se enquadra dentre os anônimos porque possui um emprego que exige uma qualificação especializada, que se diferencia dos seus antepassados pertencentes às camadas economicamente inferiores (trabalho braçal, não intelectual) e porque não está em evidência nas mídias locais e seus ancestrais não são personalidades históricas de Juiz de Fora.

A manutenção do status superior ao status de seus pais já é um ganho em termos de capitais simbólicos para a entrevistada; nota-se que seu foco indiretamente permite manter a estabilidade para evitar o rebaixamento socioeconômico. E isso especialmente

agora, que ela tem uma herdeira para a qual precisa transmitir a posição conquistada: “o foco agora é a minha filha”. Focando no futuro da filha, ela defende que a menina “vai traçar a própria vida”; preocupa-se a respeito da diferença de idade entre elas: “quero ficar sempre atualizada [...], sem me preocupar com isso antecipadamente; é melhor viver cada etapa; quero estar com a cabeça mais aberta emocionalmente para acompanhá-la [...]; fazemos análise... e queremos dar as condições para ela buscar os caminhos dela”.

A educação, segundo ela, deve ser guiada por valores pautados num tipo de convencionalismo ético-moral: “a verdade, em primeiro lugar, é um valor muito nobre, ela é soberana, temos que lidar com a verdade”. É uma expressão da moral que ela incorporou, aprendendo com os pais e com as próprias experiências: “nunca gostei de situações de corromper ou de prejudicar alguém; é uma questão ética, a correção diante das coisas... valorizar a justiça”, conclui, reforçando os valores inscritos em sua visão de mundo.



Os valores defendidos pela entrevistada também estão relacionados à religião, considerada por ela como “a possibilidade de expressar a fé”; nota-se que sua visão de mundo convencionalista e defensora de princípios éticos é influenciada pelo catolicismo: “sei que não é a melhor religião do mundo, mas é a que escolhi viver”. Pretende ensinar o “valor da fé” para a filha e os “princípios cristãos”. No entanto, se a filha quiser “não acreditar em Deus”, não poderá fazer nada: “é a incondicionalidade, não dá pra controlar tudo”. Ensinará as referências possíveis e vão batizar a filha porque faz parte de sua fé; depois a filha “pode escolher, confirmar ou não sua fé”, o importante é que “vamos

encaminhá-la nesses valores que acreditamos”. [Imagem 64: Mosteiro da Santa Cruz, frequentado pela entrevistada].

A entrevistada possui uma visão de mundo que oscila entre o convencionalismo e algumas posturas alternativas através das quais ela tenta expressar a ética e o “humanismo”; exemplo disto é a sua posição política assumida: “sou simpatizante do PT” porque “sempre fui muito ciente... de buscar as coisas mais justas”, e considera os últimos governos partidários de “um padrão de política sem discriminação e voltado para aumentar o acesso de melhorias para as pessoas; nunca fui filiada, mas sempre apoiei [...]. É um partido que tem dificuldades como todos”. Ela tenta se afastar da postura individualista que pode ser gerada pela ascensão econômica (caso da entrevistada anterior, focada no economicismo, por exemplo), e afirma que, a partir dos últimos governos, a situação “melhorou muito pra classe baixa, trouxe mais desenvolvimento porque defendeu uma proposta diferente”.

Ela considera um fenômeno positivo da última década o surgimento dos “emergentes da nova classe média”, mas se diferencia deles dizendo que “ser de classe média, no sentido tradicional”, o que significa “ter certa tranquilidade e manter tudo sob controle; é uma classe que tem muitas regalias e algumas oportunidades financeiras”, diz, diferenciando-se a partir dos mecanismos distintivos que possui. Ela destaca a ascensão social que vivenciou por ser persistente em buscar qualificar-se e por aproveitar as oportunidades: “corri atrás do meu desejo [...] mesmo quando meu pai me questionava se era mesmo o que eu queria”, pois ele “não acreditava que a Psicologia seria uma boa área de trabalho”, conclui, retornando a suas origens e fundando aí seu convencionalismo.

Ao mesmo tempo, nota-se que a entrevistada tenta romper com essa visão de mundo conservadora e convencional, que recebeu de herança dos pais. Na verdade, suas práticas mostram aspirações relacionadas a continuar ascendendo em termos econômicos tendo em vista a conquista de um status superior ao que possui. Isso significa, em parte, livrar-se daquilo que herdou de seus ancestrais; ou melhor, de superar essas limitações visando a conquista do status almejado. Se nem ela nem o marido conseguirem o salto para serem pessoas “produtivas e de destaque”, trata-se, talvez, de investir para que sua filha alcance tal realização (permanecendo na elite mas atingindo uma posição hierárquica superior).

III.3

Nosso maior patrimônio é e sempre será a nossa família

A entrevista (realizada em 04/12/2012) com a funcionária pública, no seu local de trabalho, pode ser resumida na frase que intitula essa seção, dita em tom solene, quase oracular: ela defende os “valores cristãos de solidariedade familiar”, e sua maior preocupação é manter a “qualidade de vida conquistada pela família”, qualidade definida como “conforto e posição social”. Outra prioridade é investir na educação das filhas, tendo em vista o “futuro”, que longe de realizações idiossincráticas, resume-se à qualificação profissional. Sua família, no entanto, é de pequenos comerciantes: seu pai era balconista de comércio e sua mãe trabalhava como “autônoma, ela foi costureira, trabalhou na área de decoração e vendendo peças produzidas na sua confecção”. A entrevistada nasceu em Juiz de Fora e cresceu em Barbacena e, diferentemente de suas filhas, ela precisou trabalhar com a mãe, fazendo cortinas e, por isso, não se dedicou exclusivamente aos estudos, já que precisava complementar a renda familiar.

A entrevistada conta que sua mãe “cuidava mais das coisas”; ela e a irmã aprenderam com os pais o “valor da união”: os pais permanecem juntos até hoje, depois de “muitas dificuldades e sofrimentos”. Percebe-se, desde o início da entrevista, que sua visão de mundo parece conformista. Ela valoriza o sentimento de “solidariedade familiar” como uma forma de preservar uma boa lembrança da família: “meus pais passaram o valor de que ‘ser’ é melhor do que ‘ter’, ou seja, é melhor ser honesto, ser confiável, ser amoroso, do que ter bens materiais”, explica incisiva. Trata-se da velha fórmula de transformar algo necessário ou inevitável numa virtude, quando valoriza o “valor da partilha, da vida coletiva, solidária, são as bases do cristianismo... a união da família”. Estes valores convencionais (religiosos) são a base do estilo de vida da entrevistada.

Ela estudou em escola pública (Escola Estadual Patrus de Souza), mas, durante o ensino médio, fez um curso técnico em Contabilidade numa instituição particular (Colégio São José). Na época do vestibular prestou para Psicologia (UFJF), passou, mas não cursou, pois se casou ao completar vinte e um anos de idade: “eu era muito nova e parei de estudar”. Voltou a estudar aos trinta anos, quando fez bacharelado em Filosofia (Centro de Ensino Superior, CES, Colégio Academia): “era um curso de seis anos, muito longo, mas concluí... e nunca trabalhei nessa área!”. Depois de um ano de casada ela trabalhava como funcionária efetiva da Prefeitura, fato lembrado com certa nostalgia e orgulho de ter sido funcionária “efetiva”. Em seguida, “num ímpeto de aventura”,

conforme suas palavras, ela e o marido pediram demissão e foram para uma cidade próxima a Juiz de Fora, Conselheiro Lafayete, pois o marido conseguiu um emprego numa empresa multinacional. Ela enfatiza que foi uma aventura mesmo: “tudo novo, cidade nova, bem menor, mais provinciana que Juiz de Fora”. E repete várias vezes: “Não deu certo, claro que não deu certo [...]; não conseguimos nos adaptar; eu não trabalhava, mas o [marido] passou por dificuldades porque a empresa veio à falência; havia muita competitividade, muita concorrência do mercado”, mas o casal estava acostumado com a estabilidade do emprego público.

Após a “aventura” eles voltam a Juiz de Fora; o marido, engenheiro, passou num concurso para técnico da Prefeitura e, também, realiza projetos de construções particulares, como uma forma de obter “renda extra”. Ela explica, dizendo que os rendimentos que ambos recebem não são suficientes para sustentar a “qualidade de vida” e as despesas da família; é por isso que precisam de renda extra para suprir os gastos mensais (assunto que permeia toda a entrevista porque ela afirma várias vezes que as despesas ultrapassam a renda familiar em alguns momentos). Ela conseguiu um cargo comissionado na Prefeitura, na Secretaria de Trânsito; é um tipo de cargo que oferece uma situação estável por um período, mas instável durante as mudanças políticas. Atualmente, ela diz que seu marido conquistou “o mesmo status de antes”, ela não. Mesmo assim, para conseguir um cargo comissionado num órgão público, é preciso ter certo status e acesso a setores responsáveis por nomeações e indicações; deste modo, sua entrada no mercado de trabalho ocorreu porque ela e o marido possuem, minimamente, alguma influência nessa área.

Ela atua no funcionalismo público, embora sua permanência seja imprevisível; a cada nova administração municipal há uma renovação do quadro técnico e, porque não é concursada, pode simplesmente ser demitida. Ela afirma que, ao permanecer por várias administrações de diferentes prefeitos, sua identidade é de “técnica administrativa” e não de “cargo político” (ela tem que ser exonerada no final de cada gestão e depois pode ser recontratada). A instabilidade no emprego gera ansiedade até a nova admissão: nada garante sua permanência, porém pretende continuar como técnica, independente das gestões políticas. Neste aspecto, seus posicionamentos são influenciados pelo fato de ser funcionária da Prefeitura: ela acredita que será um “bom governo essa nova gestão para Juiz de Fora porque o novo prefeito tem uma equipe muito competente de transição”. Entretanto, ela critica a falta de “profissionalismo técnico” em algumas escolhas de cargos, feitas através de afinidades “muito pessoais e não profissionais”. Por isso, ela

teme não ser recontratada: prefere se isentar de filiações partidárias, atitude que representa uma tendência de agir de acordo com os interesses particulares e dificultaria sua admissão, dependendo de quem seja eleito. A preferência por continuar trabalhando no funcionalismo público é uma decisão “calculista” (ou conformista) na medida em que ela não pretende se qualificar para atuar em outra área ou aproveitar a qualificação que já possui (graduada em Filosofia). Por ter se formado tardiamente (após os trinta anos de idade), é compreensível que ela se acomode e se apegue ao cargo comissionado, sendo uma fonte de renda mais garantida do que se arriscar em novas áreas e ter que enfrentar a concorrência do mercado de trabalho.

Em relação à vida familiar sua postura também é convencionalista, como as demais entrevistadas, quando defende os “princípios cristãos católicos”. Ela e o marido se conheceram através do cunhado (marido da irmã dela) porque frequentavam os mesmos ambientes; o casal tem duas filhas: a mais velha está no mestrado na Universidade Federal de São João Del Rey, e a mais nova está concluindo o ensino médio numa escola particular. Ela e o marido transmitem às filhas a ideia de que elas “devem ser felizes, devem conquistar a felicidade, sem desprezitar os outros”. A filha mais velha está noiva e ela mostra satisfação ao pensar na cerimônia de casamento; a mais nova ainda não pensa nisso. Nota-se que ela valoriza as convenções sociais e espera a continuidade destes valores através de suas filhas (casamento, felicidade, trabalho, etc.); ela e o marido apostam no sucesso profissional das filhas, que não trabalham, ao contrário do que ocorreu com ela durante parte da juventude (trabalhou com a mãe para complementar a renda familiar). As filhas se dedicam ao estudo porque é uma prioridade dela e do marido manter a família e permitir uma “boa educação às meninas para que elas se qualifiquem da melhor forma possível”. A busca por melhores escolas reflete esta prioridade: mais uma vez este comportamento aparece como uma escolha típica das pessoas em ascensão socioeconômica ou que almejam a ascensão para seus descendentes.

O marido da entrevistada é “extremamente rígido com horários”, ela reclama, descrevendo o clima estressante da rotina. Eles almoçam em casa (compram comida pronta); no final de semana ela assume tarefas caseiras: “faço almoço... porque eu gosto e faço por prazer”. Ele não gosta de cozinhar, mas ela o define como “um marido que ajuda nas tarefas domésticas”. Ela explica: “na verdade, aqui em casa ninguém ajuda ninguém, todo mundo faz junto o serviço doméstico”. A família não tem empregada, tem uma faxineira uma vez por semana. Considera a rotina familiar “muito acelerada”: os dois às vezes trabalham em horários extras; algumas vezes realizam viagens a trabalho e

passam alguns finais de semana também trabalhando. As filhas cresceram vendo os dois trabalhando muito; a centralidade que o trabalho ocupa na vida familiar reflete a situação da família: em certa medida estável e, ao mesmo tempo, almejando ascender economicamente.

A entrevistada diz não ter muito tempo dedicado ao lazer: “durante a semana é só trabalho”. Nos finais de semana ela tenta sair da rotina: “eu e as meninas somos ‘cinéfilas’, mas meu marido não gosta muito de sair para ir ao cinema; a gente não combina muito quanto a lazer; para ele o lazer se resume a viajar para Cabo Frio”. Declarar-se cinéfila indica o nível de capital cultural mobilizado por ela; a declaração é muito mais uma forma de se identificar com algum tipo de lazer distintivo do que dominar os saberes da sétima arte. No entanto, na prática, o “problema é que não dá para viajar todo mês [para a praia]”, assume. Então, para minimizar suas limitações, a entrevistada e suas filhas vão ao “cinema, teatro, shows e a gente se diverte mais do que ele”, mas não cita o que assistiu exatamente. Ela explica a postura do marido: “para ele nossa família precisava ter dinheiro na reserva para viajar, e como a gente não consegue isso, ele não consegue aproveitar outras formas de lazer”; é assim que o marido idealiza um tipo de lazer nem sempre compatível com a renda familiar.

Outra forma de lazer do casal, mais enquadrada em seu estilo de vida convencional, é encontrar os amigos do movimento da Pastoral da Família; reúnem-se nas casas de cada um e, de vez em quando, em bares, restaurantes, pizzarias. A situação financeira da equipe é semelhante, o que permite aproveitar melhor esses momentos de lazer. Uma vez eles (casal e amigos) foram a uma casa de praia em Piúma, no Espírito Santo, passar o *réveillon*; mas o mais comum é se encontrarem uma vez por mês em Juiz de Fora mesmo. A justificativa de que não é possível gastar muito com viagens de lazer reforça a opção de encontrar os amigos de situação financeira semelhante e se reunir em locais compatíveis com a renda de cada família. Ela afirma que pertencer ao movimento religioso traz a responsabilidade de construir uma família cristã, uma “igreja familiar”, algo que reflete seus valores (tradicionalistas ou até conservadores). A realização está na família constituída com fortes vínculos afetivos, fundados sobre os valores cristãos: “mesmo que a gente não tivesse conseguido nada, o nosso maior patrimônio é e sempre será a nossa família”. A valorização do patrimônio familiar parece ser um modo de compensar a falta de patrimônios materiais; é uma justificativa “virtuosa” para o status que possui.

É o que sugere a entrevistada ao comentar sobre o orçamento doméstico problemático: “Orçamento? É o nosso calcanhar de Aquiles”. Os rendimentos da família somam os salários dela e do marido e os “extras” dele (renda complementar). E é “sempre um problema lidar com os gastos; temos uma relação com o dinheiro muito aberta e familiar”. Reúnem todas as despesas, contas, gastos e pagam juntos. Não sabe se é o “modelo ideal”, mas é o que souberam criar; o ideal, segundo ela, é que “gera confiabilidade” entre eles, “além do sentido de partilhar, dividir tudo em família”. Muitas vezes eles passam a ter uma postura de “desrespeito com o dinheiro: ele chega e some rápido”, e reforça que o dinheiro “é de todo mundo”. A família não possui uma programação de gastos. Todo o orçamento é voltado para pagar as contas imediatas, que são da família em conjunto; ela justifica as despesas acima dos rendimentos dizendo que estão relacionadas às “opções” que fizeram. Assim, não ter “planos financeiros” significa a impossibilidade de planejar os gastos porque optaram por gastar em investimentos como saúde e educação, áreas prioritárias da família. Almejam uma vida confortável e algumas vezes não conseguem sustentar financeiramente todo o conforto almejado; para ela, manter um padrão de vida é poder acessar serviços de qualidade nas áreas de saúde, educação e moradia. É um “sacrifício a ser mantido a qualquer preço”, declara, indicado prioridades comuns às elites em geral.

Por isso pagaram escolas particulares para as filhas, buscando as “melhores”, tendo que custear mensalidades altas. Considera que possibilitaram as melhores condições de educação para elas: “já estão adultas”, mas o marido ainda as vê “como crianças, meninas”. Elas “com certeza terão um futuro brilhante pela frente; é um projeto que ele tomou a iniciativa: investir nas meninas” – sua possibilidade de ascensão social, seu “maior patrimônio”. Além do Colégio Saci, onde estudou a filha mais nova, as meninas estudaram em dois colégios particulares de Juiz de Fora: Santos Anjos e Novos Rumos; e a filha mais velha cursou História no CES/Academia. A entrevistada, no entanto, não estudou em escolas particulares, trabalhou durante sua formação educacional, demorou a cursar a graduação e não atua na área em que se formou; ao contrário dessa trajetória irregular, suas filhas estudaram em colégios particulares renomados da cidade, não precisaram trabalhar durante a formação e, no caso da filha mais velha, dedica-se ainda à própria formação acadêmica. Esta diferença influencia na trajetória ascendente almejada para as filhas: elas já estão numa situação social superior em relação à mãe. Mas isso ainda não é suficiente: é preciso que as filhas a superem em termos sociais e econômicos.

A entrevistada menciona outro gasto significativo da família relacionado ao “conforto” e à qualidade de vida: resolveram reformar a casa e fizeram um cartão de uma loja de materiais de construção. Moram nessa casa que reformaram, não pagam aluguel ou prestações de financiamento imobiliário porque a casa foi doada pelo sogro e está registrada no nome das filhas (isso impede vendê-la, parte do acordo estabelecido com a doação). Gostam da casa, mas não ficam presos à “aparência”, pensam mais no conforto: “temos outras prioridades além de ostentar uma casa bonita”. Enfatiza que “a falta de controle com dinheiro é dos dois”, e justifica-se dizendo que são gastos gerados pela opção de vida. Ela se sente realizada e feliz: “amo o meu marido e a minha família; também amo o meu emprego e faço tudo intensamente; passamos dificuldades, mas todas as graças de Deus são aproveitadas”. Suas justificativas aparecem sob a forma de sacrifícios necessários no presente para obter recompensas futuras. Na tentativa de planejar o futuro, ela e o marido resolveram pagar um consórcio de diárias de hotéis para facilitar o acesso a viagens. Querem aproveitar mais o tempo deles, pois “as meninas estão seguindo suas vidas e não quero deixar para ser feliz depois, tem que ser agora”. Não querem esperar a aposentadoria para se dedicar à vida conjugal porque “a vida ensina”: o marido perdeu dois amigos recentemente que diziam esperar a aposentadoria para poder “viajar mais, relaxar mais e viver melhor... nós já trabalhamos demais e já passamos por tudo: desemprego, problemas de saúde, dificuldades financeiras... e esse é o momento de relaxar”, justifica.

A entrevistada considera-se “totalmente incluída” socialmente, pois não sofre “nenhum tipo de preconceito”; financeiramente, classifica-se como “numa situação ‘média alta’ para os padrões brasileiros”. Ela mora em Santa Luzia [Imagem 65] – único bairro desvalorizado (em termos de especulação imobiliária), dentre os bairros citados nas demais entrevistas; um bairro “mais pobre”, conforme seu julgamento. Ela e a família “sonham em sair do bairro”, no entanto, não podem vender a casa – recebida em doação – e não poderiam sair sem isso. No bairro há “bolsões de pobreza, não tem muita estrutura, mas o comércio é bom”, diz, explicando ser um bairro residencial que “cresceu desordenadamente”. Ela parte da seguinte perspectiva (e confessa que é “uma coisa feia”



pensar assim) que mostra uma compreensão muito interessante a respeito da própria situação social: “o que é melhor: ter um estado de situação financeira bom onde a maioria está pior ou ir para um bairro onde os outros estão melhores e nós seríamos piores?”. Essa indagação mostra que já se situam numa posição hierárquica superior, quando se compara com o contexto onde vive. Esta postura evidencia a visão de mundo da entrevistada que, de algum modo, procura compensar a falta de capitais simbólicos diferenciadores.

Ao mesmo tempo ela diz: “meu contexto social é muito bom, me satisfaz”. Ou seja, as declarações mostram os anseios e as aspirações da entrevistada, que, de fato, ascendeu socialmente, mas ainda se esforça para manter as condições desejáveis dentro do que ela chama de qualidade de vida. Por exemplo, ela reafirma que sua família não tem preocupação com a aparência da casa (recém reformada), embora sejam “vaidosos” em algumas atitudes: o carro novo é para “não ir sempre ao mecânico, reformamos a casa para ter mais conforto interno e não mudamos a fachada da casa; não gostamos de consumismo e ostentação”. A falta de preocupação com aparência da casa funciona adequadamente num bairro onde as residências geralmente não seguem projetos arquitetônicos sofisticados (na verdade, ali não faltam casas absolutamente precárias).

Essa entrevista mostra uma situação *sui generis*: a família precisa viver num bairro popular, mas, em vista de suas pretensões de status, dá um sentido todo floreado às suas limitações. Há certa vaidade ao sair do bairro, que se revela nas roupas utilizadas e no

carro considerado “novo e bom, é um luxo da família”; a necessidade de se diferenciar (uma tentativa de distinção) aparece quando se confrontam com pessoas de outros ambientes e de situações econômicas iguais ou superiores, fato que não costuma ocorrer no bairro onde ela mora. Novamente explica: “não estamos nadando em dinheiro, mas ganhamos acima da média da maioria do bairro”. As dificuldades financeiras da família são causadas pelas “opções de vida” que elegeram como prioridades; compara-se com a irmã: “ela tem um patamar de vida mais elevado, mas por opção não tem plano de saúde, o que nós temos, nem escola particular pra filha, o que nós também priorizamos, e prefere morar num bairro mais rico”. Enfim, a entrevistada se enquadra dentre os anônimos por ter vivenciado uma ascensão econômica diante de seus antepassados e por apresentar um estilo de vida que busca a qualidade relacionada a consumo, lazer, serviços, etc., ainda que não tenha capitais suficientes para ascender em termos de hierarquias simbólicas. Sua situação é particular porque, além de fazer como todos desse nicho, no sentido de mascarar suas limitações financeiras, ela usa um expediente inovador para distinguir-se: mora num bairro popular no qual se sente totalmente incluída, embora frequente ambientes elitizados.

III.4

Sei que pertenço a uma classe privilegiada, mas ser humano é tudo igual

Enquanto a entrevistada anterior enfatiza a “qualidade de vida” como prioridade de sua família, a próxima entrevistada considera o investimento em “cultura e conhecimento” o principal legado familiar. A entrevista (realizada em 26/02/2013) com a professora aposentada ocorreu em sua casa. Ela nasceu e cresceu em Juiz de Fora, no bairro Bom Pastor [Imagem 66, a seguir]; seus pais eram farmacêuticos e possuíam estabelecimento na cidade. Sua mãe era a “única mulher estudante de Farmácia na época em que se formou”, e sua madrinha de batismo era dentista. A valorização do trabalho qualificado (formação acadêmica) foi transmitida por elas e por seu pai, professor da Faculdade de Farmácia, que largou a farmácia comercial própria para se dedicar às aulas, pois sua “paixão era lecionar”, afirma.

Ela estudou em escolas públicas (Jardim Mariano Procópio, Escola Normal e Colégio Machado Sobrinho) e numa particular (Colégio Santa Catarina). Não quis fazer o curso “Normal Superior”; por isso seu pai recomendou o curso de Contabilidade (Colégio São José), que ela fez. As tentativas de trabalhar em escritórios indicados pelos

pais terminaram falando: “não me adaptei”, diz, indicando que, na verdade, não quis se adaptar a esse tipo de trabalho (escritório). Numas férias de verão, quando estava terminando o ensino médio, fez um curso de preparação de professores para lecionar inglês. Isso a motivou a prestar vestibular para Faculdade de Letras e Filosofia numa instituição particular que, depois, foi incorporada à UFJF.



Desde o curso de preparação começou a fazer contatos com escolas para conseguir um emprego; começou a trabalhar lecionando numa escola do bairro Benfica (periferia), então com vinte anos, ainda sem ter terminado a graduação. E, para se estabelecer como professora de inglês, contou com o apoio dos professores do mencionado curso de preparação. Este dado, sobre como seus contatos a ajudaram a ingressar no mercado de trabalho, é importante porque é uma forma de acumular capital social, ainda que em pequena monta. Algum tempo após formar-se em Letras, a entrevistada passou num concurso para o Colégio de Aplicação João XXIII (instituição ligada à UFJF), no qual trabalhou por vinte anos até se aposentar, lecionando inglês; quando se aposentou começou a dar aulas particulares de inglês em casa, para “ter o que fazer e não ficar parada”, explica; fica evidente em suas falas que tal decisão não é um hobby, mas uma decisão visando mais benefícios sociais e econômicos do que um tipo de hobby.

Seu ingresso no mercado de trabalho é definido por ela com uma palavra: “conquistas”. Este aspecto permeia todo o discurso para enfatizar os méritos de sua trajetória ascendente. Seus “méritos” são reflexos da situação favorável na qual se desenvolveu: ela nasceu numa família de condição econômica estável, já que seu pai era professor na UFJF e sua mãe, farmacêutica formada e trabalhava na farmácia da família; durante sua infância e a adolescência não trabalhou para complementar a renda familiar,

dedicando-se à formação acadêmica. Porém, ela conta que “era praticamente responsável pela família” porque seus pais “a colocaram como cuidadora dos cinco irmãos”; ela os levava para a escola de bonde e gostava de brincar de dar aula para eles. Ela diz que o pai era “futurista” quando transferiu essas obrigações a ela porque ele morreu quando ela tinha apenas vinte e três anos e, assim, por ter sido treinada, ela pôde “assumir a casa”.

A entrevistada mostra-se conformista ao defender a decisão do pai e exalta sua relação com a mãe; ela sorri, dizendo: “o meu psicanalista não acreditava quando eu dizia que não tinha problema com a minha mãe [risos] e o quanto ela era maravilhosa [...]”. Nunca vi meus pais brigando; nunca vi a minha mãe reclamar da vida”. O sofrimento que ambas passaram é afirmado como uma fonte de “força”, e expressa a tentativa de amenizar as angústias. Tanto que ela diz inspirar-se na mãe para suportar a “dura lição de que a gente sofre, mas tem que continuar”; ela se refere ao fato de ter ficado viúva recentemente. Aproveita para contar que o marido, quando estava se tratando de câncer, dizia que ela precisava ser forte e que a vida tinha que continuar. Eles começaram a namorar quando ela tinha quinze anos e se conheceram numa procissão de um grupo religioso voltado para questões sociais, tipo um “movimento estudantil católico, muito questionador, progressista”. Sua família não era muito rígida quanto à religião; a mãe era católica, mas não muito praticante.

Então ela começou a frequentar o movimento religioso por causa do marido, pois antes era “bastante alienada”; conta que se envolveu em “projetos na favela”, e ele a ajudou a se preocupar mais “pelas coisas e pelo outro”. Lembra-se que o “pai morreu quando ele (marido) estava prestado vestibular para Medicina”; o marido concluiu o curso e fez residência no Rio de Janeiro, enquanto ela dava aula em várias escolas em Juiz de Fora e ainda estudava (graduação). Casaram-se quando ele terminou a residência e ela ainda trabalhava em escola particular: “nessa época eu ganhava mais do que ele!”, afirma. Esta informação reforça a importância atribuída por ela (assim como no caso das demais entrevistadas e em todos os ambientes elitizados) para o capital econômico relacionado a status, especialmente porque passou, posteriormente, a ter rendimentos relativamente menores; ocorre que ele fez concurso para a UFJF e, além de professor, atendia em consultório particular. Ela refere-se a ele como “um grande professor e um grande médico; muito reconhecido na cidade; digo isso com alegria porque é uma constatação”. O marido foi o primeiro médico da família dele, o pai era “químico prático” e a mãe era “do lar” (são de municípios menores da região de Juiz de Fora).

Nota-se que a trajetória do marido também é ascendente em relação a seus pais, e que ela continuou ascendendo economicamente justamente por ser casada com ele – nesse caso a ascensão social via escolha do cônjuge funcionou (ainda que indiretamente). Ela conta que o marido “iniciou a tradição de médicos na família”, inclusive influenciando seus dois filhos. Ela “não imaginava” que os filhos escolheriam Medicina como profissão porque o marido era muito ocupado e passava poucos momentos com a família enquanto ela ficava mais em casa com os meninos e convivia mais com eles; seus filhos estudaram na escola em que ela trabalhou (Colégio João XXIII) e depois no Colégio Academia (particular). A escolha dos filhos pela profissão do pai (ambos passaram no segundo vestibular que prestaram para Medicina na UFJF) exemplifica a centralidade do trabalho (qualificado) no ambiente familiar enquanto uma forma de adquirir status e garantir uma posição economicamente superior. Sobre a “escolha” dos filhos, considerada espantosa pela entrevistada, não há nada de estranho: se seus filhos são, de fato, o maior investimento da família (embora não declarado), não seria aceito nada menos que aquilo que seu pai já conquistou.

Ela se recorda do percurso de “crescimento” do casal, explicando que moraram em apartamentos alugados (algo “bem pequeno”). Em seguida ela afirma que “as coisas foram melhorando”. Compraram o primeiro apartamento quando já estavam com os dois filhos; mas venderam esse apartamento e mudaram para uma casa no bairro São Mateus, onde moraram por vinte anos: “Era um verdadeiro clube! Muito grande! [...] mas ainda era menor do que esse apartamento aqui”. Mudaram da casa para o apartamento atual quando os meninos saíram para a residência médica. A comparação feita pela entrevistada entre a casa “clube” e o atual apartamento indicam as condições financeiras favoráveis da família, visto que o apartamento onde mora é ainda maior do que a antiga casa-clube. Sobre as finanças ela conta que o orçamento, no princípio, “era controladíssimo”; depois o marido “relaxou mais”. Ele era “preocupado e controlado, vivia guardando dinheiro, investindo; ganhava bem e porque trabalhava muito ele ganhava bem mais”, conclui, e acrescenta que seus rendimentos “era um ‘extra’, para as viagens da família e pequenas compras” (mais um exemplo de pertencimento a um contexto de elite em termos econômicos e culturais).

Além da valorização do capital econômico, a entrevistada também busca diferenciar seu estilo de vida através de viagens nacionais e internacionais. Primeiro, fizeram uma viagem para Europa: “um panorama geral, só nós dois, conhecemos vários países”. E assim “descobrimos a pólvora: nada de gastar dinheiro em butique, roupa,

coisas caras... né? Vamos levar o que a vida... o que tem de melhor: o conhecimento!”, resume. Investiram muito em viajar todo ano para países diferentes. Uma senhora do Rio de Janeiro, dona de uma agência, organizava os destinos turísticos da família – informação que ela acrescenta indicando o diferencial dessas viagens. Todas as férias do marido (em maio, coincidindo com um mês de baixa temporada de turismo), a família se reunia para viajar. Quando ela se aposentou viajaram mais, e os filhos também viajavam com a escola – foram para a Amazônia com a turma e o professor de Geografia. O investimento nas viagens é definido como “a possibilidade de abrir o mundo” para o casal e para os filhos. O capital cultural se apresenta como principal recurso mobilizado pela família para sustentar um status superior, conquistado com as condições econômicas do marido.

Ela e o marido foram “melhorando socialmente aos poucos, com muito trabalho e com estudo”, declara a entrevistada. É a defesa da trajetória ascendente exemplar, uma forma de se distinguir das camadas inferiores e alcançar uma posição hierárquica mais alta. A valorização do crescimento foi transmitida na educação dos filhos, mas “não era uma coisa declarada; nós deixamos o exemplo [para os filhos]: eu trabalho, eu estudo, eu viajo, eu conquisto, eu aprendo...”. Os exemplos de vida são apresentados como uma fórmula a partir da qual os objetivos finais (ascensão socioeconômica e status na hierarquia social) podem ser atingidos; ou seja, para ela, o sucesso é uma consequência direta do trabalho e dos investimentos que fizeram: “investimos em conhecimento e cultura” para os filhos, “proporcionamos uma formação culta e humana; ensinamos a ter a cabeça muito aberta” sobre as questões sociais e para “pensarem sempre nos outros”. Ela diz que os filhos “estudaram muito tempo em colégio público, então, conviveram com classes sociais diferentes e tiveram uma escala de valores muito boa”. A entrevistada preocupa-se em demonstrar uma postura politizada e engajada, justamente por ter participado de movimentos sociais na juventude e por tentar transmitir isso aos filhos. Esta é a herança que ela pretende deixar para eles, inspirada no pai que definia a formação educacional como a maior herança deixada por ele a ela.

A entrevistada valoriza os bens materiais que conquistaram, embora enfatize sua preocupação com as questões sociais (imateriais): “sei que pertencemos a uma classe privilegiada. Mas ser humano é tudo igual, não adianta pensar que não vai ter problema”. Ela trabalha como voluntária numa instituição na qual é sócia, uma residência para idosos no bairro Santos Dumont (popular). E explica a ideia de privilégio: “é uma classe privilegiada, materialmente falando... porque... depois do que passei com o [marido que

faleceu recentemente]... Dinheiro ajuda muito, claro, só assim ele pode se tratar... mas não impede nada...”. Para ela, o dinheiro foi “conquistado” através das trajetórias bem sucedidas de ambos. Mesmo defendendo o mérito das conquistas, ela questiona se é o elemento decisivo: “Sei que tem o livre-arbítrio, pois muita gente sai do zero e consegue conquistar, mas outras não conseguem nada...”. As opiniões da entrevistada a respeito de sua própria condição social mostram uma postura voluntarista que oscila entre o desejo de engajamento e certo conformismo.

É o que se percebe em suas declarações políticas: “Sou uma petista decepcionadíssima... eu tinha muita esperança no partido de oposição, especialmente para diminuir a desigualdade...”. E, em seguida, ela muda de postura: “é tanta sujeira, miséria, pobreza que tem no Brasil... me incomoda mesmo... E aqueles da classe política que poderiam mais ajudar nada fizeram”. O voluntarismo é uma forma de mostrar erudição e domínio de conhecimentos específicos: ela gosta de estudar história e depois de muitas leituras concluiu que “o problema genético do país é a desigualdade”. Ela declara ter o “sentimento de insatisfação e indignação” sem ter o “comprometimento”; isto é, não consegue fazer muito “diante das desgraças” porque os recentes episódios políticos a decepcionaram: “perdi toda a crença que meu marido me transmitiu sobre as preocupações sociais; e lamento por já ter brigado por causa de política”, uma postura que prefere se isentar (ou se proteger) do debate político e agir de acordo com os interesses particulares.

Atualmente ela gostaria de sair do apartamento, pensa em vender: “mas tem que arrumar um louco para querer pagar mil e trezentos reais de condomínio!” [risos]. Os filhos moram em Juiz de Fora; ela tem três netas e um neto. Ela diz que precisa ter uma vida independente: “sempre tomei a iniciativa de fazer as coisas, sempre me senti responsável e vou seguir a vida”. A entrevistada possui um estilo de vida focado em se diferenciar através do capital cultural que ela ostenta em suas posições políticas, altruístas, e nas práticas de lazer (viagens, leituras, conhecimentos culturais); novamente (como nos demais casos deste grupo), a distinção só pode ocorrer através dos capitais simbólicos valorizados na hierarquia social juiz-forana, aos quais ela se aproxima porque já pertence à elite local.

O estilo de vida sustentado pela entrevistada dispõe de condições econômicas favoráveis, mas não há personalidades históricas e/ou midiáticas na família: não pertence a uma família de sobrenome tradicional e histórico da cidade, tampouco poderia ser considerada uma “pessoa de destaque” no sentido empregado no columnismo social.

Assim, ela possui um status hierárquico superior (embora um pouco menor, comparando-a aos emergentes e aos tradicionais), pois ela e o marido tiveram uma ascensão gradativa, especialmente por ter atingido um nível social superior em relação aos familiares e porque pode proporcionar aos filhos a continuidade do crescimento ascendente. Suas falas retratam justamente este aspecto de projetar nos filhos a conquista de posições hierárquicas superiores; e orgulho por, em parte, já ter conquistado isso, na “somatória” de sua trajetória e a de seu marido.

III.5

Houve sempre uma ascensão em relação às gerações anteriores

A entrevista (realizada em 10/07/2013) com a pedagoga aposentada ocorreu em sua residência. Ela nasceu e cresceu em Juiz de Fora, cidade com a qual estabeleceu muitos vínculos afetivos: “minha família toda é daqui; meu avô paterno trabalhou numa companhia ferroviária, minha avó paterna era dona de casa; meu avô materno foi comerciante, ele teve uma cafeteria muito tradicional na cidade, pena que não existe mais, não teve continuidade”. Ela conta que a avó materna era dona de casa e ficou “viúva muito cedo, era mãe de muitos filhos e conseguiu forma-los, no mínimo, até o ensino médio; e isso gerou uma tradição na família: os meus tios passaram em concursos para bancário e as tias, incluindo aí a minha mãe, foram professoras de ensino fundamental”. Estas informações indicam o pertencimento a um nicho social caracterizado pelas profissões que exigem um mínimo de qualificação e preparo intelectual, no caso, os trabalhos de bancário ou de professora ocupam um nível acima em relação a trabalhos braçais de esforço físico.

Sua mãe era professora, “então ela trabalhava e criava os oito filhos com ajuda de empregada doméstica”; ela também “costurava as roupas para os filhos, era uma forma de economizar”. Seu pai fez ensino médio e técnico em Contabilidade; trabalhou nos Correios e, depois, tornou-se bancário: “ele fez carreira e se aposentou como gerente numa agência do Banco do Brasil”. Nota-se o esforço dos pais para manter um estilo de vida com uma renda limitada (pai bancário e mãe professora normalista) numa época em que era comum a presença de empregadas domésticas (mal remuneradas e sem direitos trabalhistas) nas casas de orçamentos baixos e médios (atualmente isso é raro). O fato de que a mãe precisava costurar roupas como uma forma de economizar no orçamento e,

ainda assim, conseguir manter uma empregada para ajudar a cuidar da casa e dos oito filhos exemplifica essa situação contraditória.

Ela considera os pais “bons exemplos de dedicação ao trabalho; eles nos ensinaram que estudar e trabalhar são os melhores caminhos para crescer na vida”. E os pais investiram na formação educacional dos filhos, mesmo com dificuldades financeiras; assim, novamente percebe-se o ensinamento transmitido pelos pais aos filhos, de que podem e precisam ascender socialmente através do estudo e do trabalho qualificado e bem remunerado. Os valores aprendidos por ela em casa eram de uma “vida simples”, o que proporcionou uma “infância feliz, por sermos filhos de bancário tínhamos acesso aos principais clubes da cidade, era fantástico!”. A entrevistada lembra-se da família “sempre muito unida; era uma vida muito regrada, como dizia minha mãe; sem muita rigidez, sem muito consumismo; minha mãe tinha o ‘espírito de economizar’ sempre, até porque era muita gente, oito filhos”. A entrevistada diz que a família passou por “uma época apertada e depois melhorou”, quando o pai foi promovido no trabalho. A necessidade de economizar constrói um estilo de vida de certa austeridade balanceada por algumas prioridades custeadas pela família (empregada doméstica, escola particular, frequentar os “melhores” clubes da cidade).

Na infância e adolescência a entrevistada estudou em escolas particulares tradicionais até o ensino médio (Colégio dos Jesuítas e Stella Matutina); fez “Magistério” na Escola Normal (pública) e começou a trabalhar, aos dezenove anos, como professora. O salário era utilizado para pagar a faculdade particular (cursou Letras no CES/Academia) e, enquanto trabalhava em escolas públicas municipais, fez um curso de formação oferecido por uma instituição particular de Belo Horizonte; através desse contato ela recebeu uma proposta de emprego para trabalhar na capital: “na verdade foi um convite porque havia esse contato prévio e eu já fui com o emprego garantido, seria um tipo de estágio, uma facilidade, pois eu não pagava pelos cursos oferecidos e depois comecei a trabalhar nessa escola”. Visando a própria qualificação profissional a entrevistada mudou de curso (de Letras para Pedagogia, também numa instituição particular).

Terminou o estágio e voltou a Juiz de Fora, onde concluiu o curso de Pedagogia (conseguiu transferência para a UFJF); durante a graduação organizou com as amigas a fundação de uma escola inspirada naquela em que ela trabalhou em Belo Horizonte, tornou-se uma das sócias-fundadoras dessa escola: “era uma proposta inovadora, não tinha nenhum outro colégio aqui com essa visão construtivista”, explica, defendendo o

pioneirismo de sua instituição de ensino. Entretanto, ela e as sócias não conseguiram “lidar bem com a parte administrativa, era muito trabalho, eu ficava sobrecarregada... e por isso resolvi sair da escola; foi uma decisão muito difícil, muito triste para mim”. Nesse período ela passou num concurso para a Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora, e trabalhou em diversas escolas até a aposentadoria: “eu me envolvi muito nessa trajetória como professora, pedagoga, orientadora... e, apesar das limitações e insatisfações salariais, eu sempre fiz meu trabalho com muita paixão”, justifica, assumindo as dificuldades enfrentadas e disfarçando seu conformismo.

Ela conheceu o marido porque ele era “amigo da família, porque nessa época todos os bancários se conheciam, então nossos amigos eram filhos de bancários, todos frequentavam os mesmos lugares” – também aí, semelhantemente a outros nichos, “todos se conhecem”; eles começaram a sair juntos, acompanhados das amigadas em comum. Casaram-se “apenas no Civil”, quando ele entrou para ser professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFJF), “mas já morávamos juntos desde muito antes de oficializar a união, a gente já tinha nossas duas filhas; não casamos na Igreja porque ele não pratica nenhuma religião e eu, mesmo sendo católica, não sou praticante”. A entrevistada se distancia do convencionalismo de seus pais e se aproxima de uma visão de mundo menos conservadora em relação às convenções sociais; claro que isso tem muito a ver com aquilo que pensa seu marido.

O casal morou primeiro em casas alugadas e, depois, compraram um apartamento num bairro próximo ao trabalho dele: “compramos na planta e parecia um bom investimento, pena que a empresa faliu e a obra demorou a terminar... por causa disso desvalorizou muito, decaiu mesmo, e atraiu moradores de origem mais popular... mesmo assim é bem localizado, fica entre os bairros Cascatinha e Teixeiras”. A observação sobre o local ser valorizado, apesar de o imóvel ter se desvalorizado, é uma forma de preservar o status conquistado pela família, tanto que em seguida ela ressalta a compra de um terreno onde construíram a casa atual, no bairro Aeroporto; ela diz que é perto do Parque da Lajinha [Imagem 67], para onde gosta de ir fazer caminhadas.



A entrevistada comenta sobre a situação financeira da família, dizendo que o marido gosta de comprar “produtos de qualidade e mais caros”; relata que os hábitos de consumo do marido expressam uma “recusa em planejar o orçamento familiar: tentamos várias vezes; eu tomava a iniciativa de fazer as planilhas, anotar os gastos, calcular as despesas, mas ele nunca se dedicou a isso”. A atitude do marido expressa a busca por manter um padrão de consumo elevado e distintivo sem, como seria esperado, avaliar suas condições: recebe como anônimo e pretende gastar como emergente. Ela se incomoda com a conduta dele porque aprendeu com os pais a ter hábitos de consumo comedidos, priorizando os gastos em outras áreas, como saúde, educação e funcionários para ajudar nos cuidados da casa (jardineiro mensal e faxineira três vezes por semana, além de uma empregada mensal), pois são “necessidades para manter o conforto do dia a dia”, explica.

Ainda sobre as prioridades (qualidade e conforto), a entrevistada defende que sua família tem problemas financeiros acumulativos porque administram “mal” o dinheiro e não conseguem controlar os gastos mensais (maiores do que os ganhos salariais dos dois); ela e o marido priorizaram a “educação de qualidade” para as filhas, o que significa estudar em escolas particulares (as mesmas nas quais ela estudou). Outra despesa familiar surgiu quando decidiram fazer um plano de saúde: “a gente usava o sistema público porque o atendimento no posto de saúde do bairro era muito bom; mas com o tempo foi decaindo e tivemos que usar a rede particular”. Isto justifica parte das despesas que extrapola os rendimentos; a outra parte é em gastos com “lazer, cultura, conhecimento, ou seja, viagens, livros, espetáculos de teatro, shows, essas coisas que valorizamos muito”. Entretanto, quando perguntada sobre o que teriam assistido, ela desconversa; na

verdade, considera importante investir em “qualidade de vida: consumir alimentos bons, saudáveis, sair para encontrar os amigos, fazer compras, viajar”.

O estilo de vida da entrevistada pretende ostentar capital cultural nas práticas de lazer e consumo, sendo que a formação do marido (professor universitário) é a principal causa disto. Ele valoriza o conhecimento das áreas de história, cultura e arte, elevando o nível de capital cultural da família. A maior influência (acadêmica) do marido se revela nas escolhas das filhas: nenhuma escolheu Pedagogia, área de formação da entrevistada, menos remunerada e visivelmente pouco valorizada pela família. Mas ela não lamenta as decisões das filhas, ao contrário, considera que elas “traçaram suas próprias trajetórias, a gente só incentivou”; afirma, ainda, que transmitiram o exemplo de se dedicar aos estudos e, com isso, conseguir sucesso profissional.

A defesa dos méritos conquistados por ela e pelo marido expressa o objetivo de manter a posição social em que vivem: “na verdade, eu vejo que houve sempre uma ascensão em relação às gerações anteriores: meus pais em relação aos meus avós e a minha em relação aos meus pais”. A percepção de uma trajetória ascendente faz com que ela procure conservar o status construído, no sentido de que a situação econômica da família é de relativa estabilidade porque, mesmo com dificuldades relacionadas à administração dos rendimentos, podem consumir e manter o padrão de vida construído gradativamente. Ela complementa dizendo: “Tenho tudo que preciso e acho que até mais do que preciso. Tenho uma vida muito satisfatória, não sou consumista nem muito ambiciosa”, conclui, mostrando uma postura conformista diante das limitações financeiras que vivencia; mas as limitações não a impedem de sustentar a “qualidade de vida”, traduzida em serviços particulares (educação, saúde, moradia, transporte, serviços domésticos) e às preferências de consumo (práticas culturais).

A entrevistada destaca a ascensão social de sua família quando comparada aos seus próprios antepassados: ela compara as oportunidades que teve com as políticas sociais da atualidade e conclui que “hoje em dia todos podem melhorar de vida; claro que precisa de esforço, mas as chances são maiores; então essas políticas sociais, por mais que não sejam para pessoas da minha classe – já que minhas filhas não precisaram disso – elas precisam continuar”. A posição social da entrevistada exprime uma tendência de não se sentir prejudicada nem privilegiada; ela tenta mobilizar capitais diferenciadores, visando suprir a falta de um sobrenome tradicional valorizado e a impossibilidade de protagonizar as mídias locais, por não se enquadrar no perfil de colunável ou de herdeira de personagens históricos. Enfim, ter em seu dia-dia aspectos adequados aos emergentes

(empregados domésticos e gastos exorbitantes) e tentar ostentar valores dos tradicionais (teatro, arte, viagens culturais) preenche sua falta de reconhecimento (status superior), seja ele oriundo de sobrenomes, seja aquele medido pela aparição em colunas sociais.

III.6

Eu sempre corri atrás de realizar o que eu quero

A entrevista a seguir, concedida por uma professora universitária de Economia, teve um caráter diferenciado – parece que a pessoa em questão quis distinguir-se: assumiu uma postura de “pesquisadora” durante entrevista (realizada em 15/01/2014) no seu gabinete de trabalho acadêmico. Diferentemente de todos os outros entrevistados, ela insistiu em saber de todos os detalhes da pesquisa, e não se contentou com a visão geral apresentada. Ela disse que “por ser pesquisadora na área de Economia” precisava saber dos objetivos, dos referenciais teóricos e do roteiro da entrevista. Ela se preocupou o tempo todo em tentar alcançar o sentido de cada pergunta; por exemplo, dizia “você está querendo dizer o quê?” e, então, respondia após explicar para si mesma o objetivo da questão. De certa forma, a postura da entrevistada parece indicar uma necessidade de autoafirmação ou uma atitude defensiva, visto que ela não permitiu que a entrevista fosse gravada: “são informações minhas e não quero que fiquem registradas”, explicou.

A respeito da história de sua família ela se limitou a dizer que as famílias materna e paterna são de Juiz de Fora; sua mãe trabalhou como dona-de-casa, seu pai era engenheiro, e ela tem três irmãos. Na convivência familiar seus pais eram rígidos com a educação formal: ela e os irmãos estudaram no Colégio dos Jesuítas, muito tradicional da cidade, e se dedicavam apenas a estudar, não trabalhavam. Segundo ela, era um dos melhores colégios e mais rigorosos, “hoje, nem tanto”; mas era onde todos os filhos da “classe mais... da burguesia de Juiz de Fora estudavam”, diz, e complementa: “ainda hoje é assim”. Os pais não eram rigorosos em relação a cobranças e medidas disciplinares, pois “sabiam que os filhos davam conta de estudar sozinhos, não precisava falar”. Ela recorda que na época era outro estilo de vida: “era uma cidade pequena, sem trânsito, a vida era mais calma... predominava o tipo ‘homem calmo’ de Milton Santos”, e exemplifica dizendo que o pai almoçava em casa, ainda que não morasse muito perto do trabalho. É um discurso conservador e nostálgico em relação a um passado idealizado, quando, supostamente, não havia nenhum problema urbano e tudo funcionava perfeitamente; é uma idealização feita a partir de um contexto social específico, na medida em que sua

família desfrutava dessa “perfeição”, enquanto muitas outras já sofriam dos males e da precariedade nos bairros periféricos e das escolas “não tradicionais” – algo que a professora não faz questão de não mencionar.

Após concluir o ensino médio, a entrevistada prestou vestibular porque era “um caminho natural”, segundo afirma, pois não se questionava o que se faria após o colégio, “todos entravam na Federal; só aqueles que não estudavam mesmo não passavam... mas todos os amigos conseguiam”. Todos aqueles de seu circuito social, claro; mas a postura de generalizar sua condição, apesar daqueles que têm condições diferentes, é recorrente em suas falas. A naturalidade de ingressar na graduação após o ensino médio também situa a entrevistada numa posição social na qual educação formal é um caminho necessário e “natural” para conseguir um emprego bem remunerado e especializado (não braçal); ela acrescenta dizendo que “era outra situação do país... não havia assim uma classe menos privilegiada que não entrasse na universidade...”. Por isso “todos faziam faculdade”, conclui. Mais uma vez ela fala em nome da própria realidade vivenciada, por desconsiderar a exclusão e as desigualdades sociais da época em que passou no vestibular. Ela entrou para o curso de Economia na UFJF e atuou como bolsista de monitoria, pois “era a única bolsa que tinha, não havia bolsa de pesquisa como tem hoje”. Durante a graduação morou com os pais, uma condição facilitadora de sua formação acadêmica.

Quando terminou a graduação, ela fez mestrado com bolsa na UFRJ, morando um período no Rio de Janeiro: “nessa época não era como hoje, o mestrado durava quatro anos, não tinha como fazer as disciplinas sem morar lá”. Seus pais só a deixaram ir para o Rio de Janeiro com a condição de morar num “Pensionato de freiras”; nesse aspecto a entrevistada reproduz o convencionalismo (conservador) de sua família devido aos “valores tradicionais” transmitidos a ela. O início da vida profissional ocorreu com um convite para um emprego na Prefeitura de Juiz de Fora: “fui convidada pela secretária da Fazenda para ser assessora dela por dois anos... ela foi minha professora no curso de Economia”. Mais uma vez percebe-se a necessidade de recorrer a redes de influência, formadas por pessoas que facilitam o ingresso no mercado de trabalho – algo presente em quase todos os casos analisados (uma característica das elites); e, logo depois dessa experiência num órgão público, ela fez concurso para a UFJF, instituição na qual atua até hoje.



Durante o mestrado ela se casou: “namorávamos desde que eu tinha 14 anos! Foram oito anos de namoro!”. Eles se conheceram “na rua... porque na época a gente brincava na rua, todo mundo das ruas próximas se conhecia”; evidente que o termo “todos” significa pertencer à mesma camada social e possuir condições semelhantes de vida – morar no mesmo bairro, por exemplo. Sobre o início da vida conjugal ela questionou a pergunta, e respondeu rispidamente: “óbvio que tivemos dificuldades... pergunta pra sua mãe como era quando ela se casou, se eles tinham alguma coisa! Claro que não! A gente não teve ajuda, a gente ralou, se esforçou!”.

A entrevistada defende os méritos de sua ascensão social gradativa: “olha, durante dois anos eu almocei no RU! Veja a lógica disso, é óbvio que a gente não tinha nada; tudo foi conquistado; tudo fruto do nosso trabalho!”. E acrescenta que as conquistas são resultados do esforço dela e do marido, que é médico e professor de Medicina (não mencionou onde ele se formou nem onde trabalha). Ela diz que eles foram “construindo a vida”, conforme os acontecimentos; trata-se de uma construção a partir da qual podem garantir a “qualidade de vida”, definida por ela como acesso a consumo e serviços de “excelência” (educação, saúde, moradia, etc.).

O casal tem dois filhos que também estudaram no Colégio dos Jesuítas, e ambos optaram pela profissão do pai; cursaram Medicina numa universidade particular de Juiz de Fora, a Suprema [Imagem 68], pois “hoje em dia é normal estudar em universidade particular... na minha época isso não existia”. Também essa “normalidade” exige uma boa dose de recursos. Os filhos, futuros médicos, ainda moram com os pais e fazem residência médica; no entanto, a família tem pouco tempo compartilhado: “hoje em dia é diferente de antes, nós não almoçamos em casa porque não dá tempo, é muito trânsito! É muito difícil! A gente se encontra mais à noite”. Mesmo assim, nessa “correria” cotidiana,

ela diz que procurou educar os filhos visando os valores e prioridades de sua família, isto é, a “busca da felicidade”.

A respeito de lazer em família, ela disse que gosta de “coisas culturais” e que o marido trabalha no Rio; por isso, vão muito para lá: “não vou ‘em busca’ disso, mas é claro que se estou no Rio procuro cinemas, teatro, exposições de arte”. Também viajam muito no tempo de férias: “já viajamos muito... Europa, Estados Unidos, Nordeste, Sul do País...”. As formas de lazer da entrevistada envolvem o investimento financeiro em capital cultural; ainda que não seja seu objetivo (buscar eventos culturais e artísticos), é uma prática em decorrência das condições econômicas e sociais favoráveis (frequentar o Rio de Janeiro, viajar pelo Brasil e para o exterior, por exemplo); apenas faltou dizer que “todo mundo” faz isso (discurso tipicamente elitista).

Em termos de hábitos econômicos ela insistiu em dizer que “enquanto pessoa” se considera muito “controlada; o que não significa que meu marido também seja... é uma coisa minha... não representa uma classe... é pessoal. Mas meu marido não é esbanjador”. Ela define sua atitude como uma forma de “valorizar o gasto”, gastar no que é “importante”, mas não quis exemplificar. Disse: “importante é gastar com atividades culturais, viagens... não sou consumista, não gasto com roupas e sapatos”. A prioridade dela, no início, “como em todo casamento”, era comprar a “casa própria” e atingir “condições mínimas de estabilidade” para a família.

Atualmente, ela está “noutra fase”, já pensando na aposentadoria daqui a dois anos, embora ache “complicado falar em realização porque está sempre “buscando novas coisas: eu sempre corri atrás de realizar o que eu quero”, explica. A percepção dela em relação à sociedade mostra uma visão de mundo que não se pretende privilegiada nem excluída: “considero boa [condição social]; e não preciso falar porque, oras, por tudo isso que já contei para você!”; e, diz ainda, que é de “uma geração que acreditava na mudança do mundo pela política”, mas atualmente declara-se “insatisfeita” pois “muitas das coisas em que acreditou não se realizaram”.

A associação entre capitais econômico, social e cultural está presente em todas as etapas vividas pela entrevistada; porém, ela não pertence a uma família tradicional da cidade e não se tornou uma pessoa “produtiva ou de destaque”. Ela já naturalizou o status conquistado ao longo de sua trajetória, no sentido de ter superado as condições sociais de seus antepassados e vislumbrar um panorama ascendente. Enfim, a entrevistada não demonstra anseios relacionados ao declínio social, pois acredita que a própria estabilidade econômica e seu status de elite são irreversíveis.

Quadro Terceiro Grupo (anônimos):

Números:	3.1	3.2	3.3	3.4	3.5	3.6
Data entrevista:	20/11/2012	04/12/2012	04/12/2012	26/02/2013	10/07/2013	15/01/2014
Profissão atual:	Dentista ('autônoma')	Psicóloga (trabalhou no Hospital Militar)	Func. Sec. Municipal de Trânsito	Profa Ens. Fund./Médio de Inglês aposentada (Col. João XXIII)	Pedagoga func. de Escolas Municipais aposentada	Profa Economia, UFJF
Formação escolar:	Col. Jesuítas (particular)	Col. Stella Matutina; Jesuítas (part)	Esc. Mun. Patrus de Souza (público)	Esc. Normal e Machado Sobrinho (públicas); Col. Santa Catarina (part)	Col. Stella Matutina; Jesuítas (part)	Col. Jesuítas (partic)
Formação acadêmica:	Odontologia, UFJF	Psicologia, CES (partic)	Contabilidade (col. São José, partic); Filosofia, CES (part)	Contabilidade (col. São José, part); Letras, UFJF	Letras, CES (part) e Pedagogia, UFJF	Economia, UFJF; mestr. UFRJ
Origem familiar/ personagens históricos	Rural (S.J Nepomuceno); pai português (s/person. históricos)	Rural (Penido e Chácara); s/person. históricos	Rural/Urbana (JF e Barbacena); s/person. Históricos	Urbana (JF); s/person. históricos	Urbana (JF); s/person. históricos	Urbana (JF); s/person. históricos
Profissões dos pais/ Cônjuge:	Mãe: costureira autônoma e profa Ens. Fund. Pai: industrial têxtil; (não é casada)	Mãe: dona de casa. Pai: peq. comerciante. Marido: advogado	Mãe: costureira autônoma. Pai: comerciante. Marido: engenheiro (func. munic.)	Mãe e pai Farmacêuticos; possuíam farmácia comercial (pai lecionou na Fac. Farmácia UFJF); Marido Psiquiatra e prof Medicina UFJF	Mãe: costureira autônoma e profa Ens. Fund. Pai: comerciante. Marido: prof Arquitetura e Urbanismo, UFJF	Mãe: dona de casa. Pai: engenheiro. Marido: médico e prof Medicina (não informou instituição)
Onde trabalha/trabalhou:	São Mateus	Centro	Manoel Honório	Morro da Glória	Teixeiras	Martelos
Onde mora:	Bom Pastor	Jd. Santa Helena	Santa Luzia	Bom Pastor	Aeroporto	Morro do Imperador
Aparece nas mídias (colunas sociais)? (recorte empírico: período de jan-dez 2014 nas colunas de Cacá Salermo e Cesar Romero)	Não.	Não.	Não.	Há citações em mídias devido ao seu trabalho de sócia fundadora de uma instituição de auxílio a idosos, mas não neste recorte empírico.	Não.	Há algumas citações em mídias devido à atuação profissional de seu marido, mas não no recorte empírico utilizado aqui.

No quadro acima destacam-se a semelhança entre as trajetórias das entrevistadas (origem familiar, profissões dos pais, atuação do cônjuge), o anonimato em relação às mídias de colonismo, a ausência de sobrenomes tradicionais e o fato de que frequentaram as mesmas instituições educacionais/acadêmicas citadas nos demais grupos. Este dado torna possível localizá-las no mesmo ambiente elitista no qual se encontram os outros entrevistados. Elas já frequentam a elite, embora ainda não se situem plenamente em posições hierárquicas superiores. Elas precisam converter seus capitais econômicos (muitas vezes reduzidos) em capital cultural para barganharem posições hierárquicas superiores (capital social, status, reconhecimento).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os materiais empíricos apresentados e analisados ao longo da pesquisa abrangem uma pequena amostra da sociedade juiz-forana. Nesta amostra encontram-se frações diferenciadas em três grupos – emergentes, tradicionais e anônimos, conforme a demarcação proposta na pesquisa. Esta divisão permite comparar agrupamentos de elite com o objetivo de descobrir seus atributos específicos. Em cada grupo há um modo distintivo de se afirmar socialmente visando a manutenção do próprio status. Através da distinção, os entrevistados buscam atingir posições superiores na hierarquia social de Juiz de Fora. Contudo, não houve a intenção de classificar os entrevistados em termos de classe, pois, conforme foi visto, a realidade empírica pesquisada escapa deste tipo de delimitação e enquadramento. Na verdade, os grupos pesquisados servem para colocar em xeque a pretensão de separar em classes pessoas em posições sociais através das quais pretendem alcançar o mesmo status hierárquico superior de elite; afinal, os três grupos de entrevistados mostraram as mesmas preocupações no tocante a seu *status quo*.

Uma vez livres da necessidade de classificar previamente a amostragem pesquisada em termos de classes (optou-se por localizar os entrevistados na elite ou na alta sociedade juiz-forana), liberou-se um horizonte aberto à investigação de situações sociais e posições hierárquicas ocupadas pelos entrevistados, tendo como aporte seus discursos confrontados com a análise global levada a termo na pesquisa. Desta forma, nota-se que dentre os anônimos (terceiro grupo) predomina a tentativa de superação do anonimato pela valorização das próprias trajetórias ascendentes: ao contrário dos tradicionais (segundo grupo), que partem do avô rico ao neto pobre, tem-se aí primeiro o avô pobre, depois os pais esforçados (situação das entrevistadas) e a esperança de netos bem-sucedidos (projeção em seus filhos). Percebe-se assim que, face ao esforço e à falta de reconhecimento obtido neste estrato, essas pessoas expressam certo ressentimento social constatável na contradição presente nas entrevistas entre considerarem-se *privilegiadas socialmente* e, ao mesmo tempo, viverem dificuldades financeiras consideradas inaceitáveis para quem se esforçou tanto.

As seis entrevistadas, consideradas *anônimas*, são de famílias cujos pais eram trabalhadores menos qualificados do que elas; por isso, fazem questão de se distinguir de seus pais. Elas *superaram* seus pais e pretendem que seus filhos as superem – buscam realizar nos filhos aquilo que almejam presentemente. Mais do que isso: a evolução é creditada pelas entrevistadas ao fato de que seus pais se esforçaram para que elas tivessem

ensino em escolas da rede particular (na maioria dos casos), algo que seus avós não puderam proporcionar a seus pais; elas, ao contrário, pretendem dar a seus filhos uma educação ainda melhor que aquela que receberam, numa espécie de círculo virtuoso. Nesse discurso aparece a esperança de que seus filhos lhes creditem, futuramente, suas realizações sócio profissionais ao esforço delas – uma maneira de alcançar, algum dia, os marcadores distintivos através da memória de seus futuros herdeiros.

Em linhas gerais, é assim que as entrevistadas anônimas ascenderam socialmente e, agora, buscam conquistar uma posição hierárquica superior àquela de seus pais; buscam mais: fazer com que seus filhos não sejam meros anônimos, mas que alcancem o status de emergentes (primeiro grupo analisado no desenrolar da tese). Nesse sentido, o apreço por trajetórias consideradas bem sucedidas também aparece nos demais grupos como uma forma de se distinguir. A diferença é que, para os anônimos, este fator distintivo é o principal (ou mesmo o único) recurso disponível para se sobressaírem e, de alguma forma, tentarem atingir posições hierárquicas superiores. Pode-se concluir que os anônimos almejam o posto de emergentes; porém, como percebem sem muito esforço que isto se lhes mostra impossível, tratam de transferir aos filhos a responsabilidade de alcançar voos maiores: via capital econômico (somado ao capital cultural/educação formal), cabe aos filhos serem os *próximos* emergentes. No tocante a essas aspirações, nota-se que elas realizaram a parte que lhes tocava: invariavelmente proporcionaram aos herdeiros acesso à melhor educação possível. O resto fica por conta dos atributos de cada filho.

Ainda sobre os anônimos, vale colocar em evidência mais um fator de ascensão utilizado neste grupo: a trajetória profissional de seus cônjuges (somente uma das entrevistadas desse nicho não é casada). Lamentável que não tenha sido possível entrevistar alguém do sexo masculino associado a esse nicho de entrevistados (não houve indicações relacionadas a esse perfil); de todo modo, nas falas das cinco entrevistadas casadas ficou patente que, embora não se tratem de casamentos arranjados, é fato que os cônjuges foram buscados dentre aqueles com profissões qualificadas e bem remuneradas para garantir a estabilidade financeira da família. Mesmo que indiretamente, trata-se de uma prerrogativa para a união que o parceiro tivesse formação igual ou superior àquela da entrevistada; é assim que, apesar de enfrentarem pequenas dificuldades relacionadas a orçamento doméstico, em geral elas conseguem manter o que chamam de qualidade de vida, que são suas práticas relacionadas a consumo e acesso a serviços particulares.

Em resumo, a tentativa de distinção dos anônimos se expressa justamente nestes aspectos que procuram superar suas limitações de capital econômico e de capitais

simbólicos distintivos. De fato, elas possuem relativo capital social de relacionamentos, que as auxiliou a ingressar e a se manterem no mercado de trabalho, e moderado capital cultural, que se materializa em investimentos em educação, viagens e hábitos de lazer; claro que, nesses aspectos, o papel do cônjuge é fundamental. Além disso, o fato de terem formação profissional superior a de seus antepassados e de terem estudado em colégios particulares, aproxima as entrevistadas aos demais grupos, visto que as escolas e faculdades citadas são praticamente as mesmas em todos os nichos pesquisados (com pequenas variações). O diferencial negativo é a ausência dos marcadores distintivos presentes nos demais grupos: são anônimas no sentido de que não pertencem a famílias de sobrenomes consagrados na história de Juiz de Fora nem alcançaram riqueza ou status suficiente para frequentarem as páginas de colonismo local.

No tocante aos tradicionais, cuja distinção se expressa nos sobrenomes históricos, os entrevistados herdaram de seus antepassados alguma superioridade em termos hierárquicos: todos têm em comum a associação de seus sobrenomes à história local. Portanto, não estão no anonimato; são pessoas conhecidas e de fácil identificação quando relacionadas à história sociocultural e econômica de Juiz de Fora. A distinção dos tradicionais aparece no capital cultural mobilizado pelos entrevistados ao narrarem suas trajetórias pautadas nas realizações de seus antepassados; a partir daí acumularam capital social e visibilidade na cidade, conquistando altas posições hierárquicas. E isso se deu, vale colocar em evidência, “naturalmente”: o discurso dos tradicionais, por mais que eles expressem alguma dificuldade, não tem a pecha de trazer para o indivíduo o mérito por suas conquistas, pensadas por eles como “naturais”.

Assegura-se aqui uma conclusão que destoa das abordagens consagradas sobre estratificações sociais: num ambiente classista, pelo qual os três nichos pesquisados deveriam ser enquadrados na mesma classificação, as peculiaridades aqui destacadas seriam suprimidas ou desconsideradas, maquiando (ou falseando) a riqueza do material pesquisado. Desta maneira, interessou explorar as diferenças entre os agrupamentos, ao mesmo tempo em que se tornou possível mostrar suas semelhanças, que os define enquanto elites de Juiz de Fora; e, tudo isso, dentro de um recorte social antes considerado homogêneo. Nessa perspectiva, constata-se que os tradicionais opõem-se aos anônimos e aos emergentes no que se refere à valorização da ancestralidade: enquanto os anônimos se esforçam por mostrar sua evolução em relação a seus pais e avós e os emergentes tentam atribuir uma imagem de relativo sucesso aos seus antepassados, os tradicionais fazem questão de escamotear o quanto seus ancestrais foram maiores e mais importantes

do que eles. Embora não tenham dilapidado totalmente o patrimônio deixado de herança (o que lhes garante certo conforto material), acabam vivendo ainda em função das conquistas desses antepassados. É uma atitude dissimulada (denegação, distinção sem intenção de distinguir-se): os tradicionais expressam uma relação contraditória com o passado, visto que pautam suas existências em seus antepassados e, ao mesmo tempo, negam a importância do sobrenome. Querem *ser por si mesmos*, superando o sobrenome que carregam e, na prática, o que são socialmente advém justamente do nome familiar e do patrimônio que esses pioneiros de Juiz de Fora lhes deixaram.

Neste grupo, as trajetórias bem sucedidas também são valorizadas; porém, com a diferença marcante de que valorizam o autodidatismo e a originalidade de seus trabalhos. São formas de se distinguirem e de mostrarem domínio em áreas diferentes de suas formações acadêmicas e em outras áreas profissionais, não tradicionais de suas famílias. Mas é notório que é justamente o vínculo com personagens históricos o fator que lhes proporciona sucesso, atuando em seja qual área for. Para os tradicionais o que é decisivo é o capital familiar, independentemente da área em que venham atuar: seu êxito está ligado à tradição que o sobrenome carrega. No âmbito profissional percebe-se, então, que os tradicionais buscam reconquistar ou manter um nível socioeconômico superior. É o que almejam ao inovarem em suas atuações profissionais, diferenciando-se das tradições familiares e se aproximando de trabalhos diferenciados ou de certo autodidatismo. Ter formação numa área e ganhar sua existência de outra forma pode parecer, a seus olhos, algo de positivo. Porém, do ponto de vista dos anônimos, esta postura seria um retumbante fracasso. Em suma, ao contrário dos anônimos, por mais que os tradicionais tentem inovar em relação a seus antepassados, eles valorizam as glórias desses ancestrais.

Outro exemplo da contradição vivida pelos tradicionais encontra-se no discurso em defesa da preservação da memória sociocultural juiz-forana: ainda que os sobrenomes e a pertença familiar sejam considerados por eles meros adornos, onde se pode encontrar a história dos homens comuns que construíram a cidade? A preocupação em valorizar todos os personagens históricos, relativizando os papéis atribuídos a cada um, é colocada em segundo plano. A prática dos tradicionais está em conservar, resgatar e publicar feitos de seus ancestrais, os *grandes homens* da alta sociedade juiz-forana. Enquanto os anônimos buscam se distinguir de seus pais ao mesmo tempo em que mantêm deles a memória do esforço para que conquistassem aquilo que conquistaram, os tradicionais seguem o caminho inverso: evidenciam aquilo que conquistaram como se não dependessem de seus ancestrais. Àqueles que têm tradição cabe negá-la em favor das

conquistas presentes; àqueles que, em sua opinião alcançaram conquistas presentes, cabe recuperar a memória de seus pais e assim construir alguma tradição. Notam-se falas que exaltam a herança de vínculos afetivos que fazem dos tradicionais os guardiões da história de Juiz de Fora; entretanto, eles resguardam sua própria história que, ao fim e ao cabo, permite que eles ainda se mantenham como protagonistas da cultura “legítima” na cidade. Noutras palavras, não importa a qual área os tradicionais se dediquem, visto que o nome herdado e as relações sociais aí fundadas lhes garantirá sucesso em qualquer um de seus empreendimentos – inclusive artísticos.

As atitudes relacionadas ao trabalho vivenciadas pelos entrevistados nos três grupos da elite local (tradicionais, anônimos e emergentes) são formas de preservar a exclusividade de suas trajetórias e se diferenciarem do que é comum: no primeiro caso (tradicionais) trata-se de buscar reconhecimento *independentemente* dos ancestrais; nos outros casos, trata-se de conquistar o reconhecimento *apesar* dos ancestrais não ocuparem papéis de destaque na memória cultural de Juiz de Fora. Contudo, o diferencial dos tradicionais é, notadamente, a valorização da ancestralidade, principal marcador distintivo empregado por todos os entrevistados. O que muda é o *lugar* de sua realização: para os tradicionais ela já se deu num passado memorável, para os anônimos ela se dará num futuro inexorável. Ainda que, de certa forma ambos reneguem a importância dos sobrenomes, sejam tradicionais ou desconhecidos, nos três grupos surgem posturas de denegação: afirmam a relevância destes personagens históricos familiares para, em seguida, criticarem a supervalorização dos sobrenomes como um fator distintivo. Os tradicionais, no intuito de afirmarem seu trabalho em detrimento dos grandes do passado; os anônimos, no intuito de evidenciarem suas conquistas apesar da ausência de sobrenome; e os emergentes, por sua vez, criticam o posto glorioso ocupado pelos personagens históricos porque rejeitam a ideia de que seus antepassados sejam menos admiráveis do que os ancestrais das famílias de tradição histórica.

De todo modo, os tradicionais herdaram o status que possuem, e a situação social em que vivem é decorrência das posições sociais conquistadas por seus antepassados; diferentemente, os anônimos e os emergentes precisam ressignificar seu passado para que suas conquistas presentes tenham maior importância. Assim, os emergentes representam efetivamente os novos protagonistas econômicos da sociedade, ou seja, personalidades consagradas no presente, independentemente de seu passado ou histórico familiar. Percebe-se que, em relação aos anônimos, estes já realizaram aquilo que foi planejado para seus filhos: conquista de capital econômico. Mas, de sua ótica, a condição

socioeconômica favorável não é o suficiente: falta-lhes o sobrenome de tradição. Claro que isso não poderia ser alcançado como ocorria outrora na história brasileira, com a aquisição de um título qualquer. É justamente aí que o colunismo social entra como um marcador distintivo legitimador de hierarquias simbólicas: a rigor, os emergentes não construíram a cidade, mas representam na atualidade o papel antes ocupado pelos antepassados dos tradicionais. Urge, então, construir um meio de tornar público aquilo que adquiriram em razão do esforço privado; afinal, de que adiantaria ter alcançado tudo o que *têm a mostrar* sem tornarem seus feitos públicos? Ocorre que este segmento não pode recorrer a seus antepassados, afinal, se eles são oriundos de famílias sem atuações históricas relevantes, a recuperação de suas histórias familiares seria a retomada de nomes considerados hierarquicamente inferiores em relação aos tradicionais.

Os emergentes não carregam um sobrenome do qual possam orgulhar-se senão na mesma medida em que os anônimos orgulham-se de seus ancestrais: apelam para o esforço e o êxito daqueles que lhes proporcionaram condições sociais mais favoráveis. Por outro lado, a ausência de sobrenome respeitável não impede que os emergentes se sobressaiam em suas áreas de trabalho. O protagonismo em questão é, portanto, uma forma de se referir a profissionais que ascenderam economicamente porque se associaram a pessoas bem estabelecidas em seus setores de atuação, e por atuarem nas mídias locais. Os termos “produtivos” e de “destaque”, conforme visto ao longo da pesquisa, são atributos para designar os entrevistados que se tornaram protagonistas e “colunáveis”, no sentido de que são personagens das colunas sociais locais porque desempenham trabalhos valorizados. As pessoas produtivas e de destaque, no contexto aqui utilizado, estão numa posição hierárquica superior no que se refere à aplicação de capitais econômicos transformados em capitais simbólicos. A projeção obtida no âmbito profissional permite superar a ausência de um sobrenome tradicional (ancestralidade) e conquistar maior visibilidade na hierarquia social.

Os emergentes são, a seu turno, aqueles que se realizaram como pretendem os anônimos – leia-se, enriqueceram em relação aos próprios familiares – e, portanto, merecem reconhecimento social. Os emergentes são *tradicionais sem tradição* que possa referendá-los socialmente. Devido às trajetórias ascendentes e por não pertencerem a famílias tradicionais de grandes industriais, construtores e de fundadores da cidade, os emergentes sem o colunismo acabariam levando consigo a pecha de anônimos. No entanto, o elemento distintivo que os diferencia é, notadamente, o oposto do anonimato: ora, se os emergentes protagonizam a economia, nada mais justo que também sejam

protagonistas no tocante às mídias locais. É assim que os emergentes são, em geral, aqueles que ocupam as páginas das colunas sociais nos jornais, revistas, páginas da internet e programas de televisão. Remedeia-se a falta do nome com a exposição nas mídias de colonismo. Este passo é fundamental para o protagonismo social: a simbiose colonistas-colunáveis permite construir o estigma positivo que faltava aos emergentes. A participação em eventos, festas, celebrações, a ostentação de vestimentas, carros, residências, viagens, são formas de abrilhantar suas imagens para que apareçam ao vulgo como suas marcas distintivas. Ou seja, uma vez que não têm sobrenomes de tradição para ostentar, é preciso *comprá-los*. As mídias estão aí para oferecer os subsídios que sustentam a posição hierárquica superior representada neste campo elitizado.

Ainda comparando os tradicionais e os anônimos há um dado intrigante: os entrevistados atuam em profissões que não representam grandes rendimentos econômicos – as falas estão repletas de exemplos de como deveriam ter melhor remuneração. Considerando que a evolução socioeconômica de uma cidade tem sua economia interna, ou seja, negócios proeminentes fracassam e novas oportunidades surgem, tanto tradicionais quanto anônimos tentam se adaptar a esta dinâmica; eles procuram se inserir no mercado de trabalho valorizando suas qualificações pessoais e continuam buscando estabilidade econômica. E, no caso dos emergentes, não há tanta reclamação no tocante à situação financeira, embora haja um tipo de ambição profissional voltada para o crescimento contínuo de suas condições econômicas. Estes entrevistados não pertencem a famílias de sobrenomes tradicionais e superaram as condições de seus pais (ascensão social gradativa); é esta situação que lhes permite, inclusive, comprar seu reconhecimento. Conforme já mencionado, constatou-se, através das entrevistas com estes profissionais, que aparecer numa coluna social não é algo que ocorre naturalmente: os colunáveis contribuem para a própria manutenção dessas publicações, visto se tratar de uma troca de interesses entre colonistas, comerciantes e consumidores. Sejam jornais, revistas, internet, televisão, é notório, embora não facilmente verificável, que a contratação de propagandas e anúncios decide em grande parte quem são os colunáveis que ocuparão locais de destaque e evidência.

No caso dos tradicionais a situação é inversa: os antepassados comandaram indústrias, construtoras, fazendas, setores de infraestrutura; e a partir da crise dos anos 1930 que atingiu a industrialização de Juiz de Fora, entraram num processo de decadência. Este declínio econômico, porém, não prejudicou a manutenção do status das famílias de sobrenomes tradicionais. Devido ao status garantido pelos ancestrais, vez por

outra, os tradicionais – independentemente de contratarem ou não anúncios – acabam aparecendo nas colunas e mídias em geral. Além de não precisarem pagar por publicidade esse grupo acabou mantendo sob seu domínio o aparato dito cultural da sociedade juiz-forana e, por essa razão (e, evidentemente, devido ao sobrenome) não podem ser esquecidos. Na verdade, eles trazem consigo aquilo que é o objeto social mais desejado tanto pelos emergentes quanto pelos anônimos: a naturalização de suas posições hierárquicas superiores. E o colonismo social é justamente o liame desses segmentos. Os emergentes desfrutam das mídias para a projeção na sociedade. Contudo, no caso dos anônimos, que não conseguiram renda suficiente para tanto, cabe consumir essas revistas e jornais e assistir aos programas televisivos ou acessá-los via internet – e sonhar com o dia em que seus filhos aparecerão ali.

Os tradicionais, mesmo após a decadência dos antigos empreendimentos familiares, são os legítimos herdeiros das posições sociais ocupadas por seus ancestrais (personagens históricos). Conforme visto, eles atuam em outras searas profissionais através das quais superaram (ou se igualaram) às condições econômicas dos antigos familiares. Devido ao êxito profissional e considerando a vantagem de terem herdado os sobrenomes tradicionais como uma fonte de status, não lhes cabe outro desejo senão incrementarem suas conquistas materiais. Neste ponto há uma inversão das aspirações predominantes em cada nicho: os tradicionais almejam as condições materiais dos emergentes, e estes ambicionam o status legítimo (no sentido de *inquestionável*) dos tradicionais. E entre esses extremos situam-se os anônimos, que não dominam os capitais simbólicos distintivos mobilizados nos outros nichos. Em termos de visibilidade obtida na sociedade os tradicionais e os emergentes estão mais próximos, embora se diferenciem no modo pelo qual se tornaram pessoas em evidência na sociedade. E, como contraponto a eles, os anônimos permanecem desconhecidos em relação às mídias sociais e ao peso dos sobrenomes de personalidades históricas.

Pode-se concluir que a legitimação de hierarquias simbólicas no atual estágio da cidade de Juiz de Fora se pauta, em certa medida, pelas mídias. Os emergentes têm aí um instrumento para se realizarem plenamente, pois seu status está garantido financeiramente. Os tradicionais podem utilizar as mídias locais visando a preservação da herança duradoura que receberam dos ancestrais: a posição social superior devido ao histórico familiar, independente de sua condição financeira. Assim, o status dos tradicionais está garantido de antemão enquanto o status dos emergentes é uma construção forjada ao longo de suas trajetórias. Aos anônimos, ante o desespero de não

poderem contar com uma herança simbólica e por não possuírem patrimônios materiais suficientes, resta-lhes projetar: seus herdeiros são a sua maior riqueza e esperança.

Neste contexto pesquisado, constata-se que as hierarquias simbólicas cultivadas na alta sociedade juiz-forana são definidas por fatores interligados: 1) protagonismo econômico (produtivos/destaques) e construção de status; e 2) pertencimento a famílias de sobrenomes tradicionais (ancestralidade) e valorização do status herdado. Destes fatores resulta uma consequência comum: a visibilidade social através de aparições nas mídias locais, principalmente em colunas sociais. Estas publicações são marcadores distintivos utilizados pelos tradicionais como um instrumento de conservação da memória dos seus antepassados históricos; e para os emergentes a utilização das mídias é um recurso para a legitimação e manutenção de suas posições sociais alcançadas sem origens tradicionais e históricas; afinal, em se tratando de relações capitalistas, a tradição também se torna um tipo de mercadoria. Aos anônimos sobra continuarem ascendendo e, ao menos, investirem para que seus filhos alcancem o status financeiro que lhes garanta reconhecimento social.

Ante todos os fatores relacionados às formas de distinção e atribuição de hierarquias simbólicas aqui explorados, não parece ser uma hipótese sustentável a discriminação do material empírico aqui pesquisado em “classes sociais homogêneas”. Conforme já discutido, semelhanças aproximam os três grupos no tocante ao posicionamento de elite, ainda que em termos hierárquicos haja uma distinção que distancia os tradicionais em relação aos emergentes e ambos ante os anônimos. Espera-se que este trabalho tenha mostrado a contento que a divisão prévia em classes acaba por mitigar o resultado de uma pesquisa e, assim, parafraseando Kant²¹, corre-se o risco de se encontrar em tais pesquisas exatamente aquilo que se buscava (embora a pesquisa tenha assumido como único pressuposto a busca por membros da alta sociedade juiz-forana). Ao contrário de uma postura reducionista, a estratégia aqui utilizada não apenas pareceu mais enriquecedora, afinal, permitiu mostrar que dentro um recorte social (que do ponto de vista socioeconômico poderia ser parte de uma mesma classe) da elite local encontram-se aspirações e compreensões absolutamente distintas – ainda que busquem realizações semelhantes. No interior de um segmento social foram encontradas ao menos três tipologias diferentes, interligadas e, ao mesmo tempo, independentes: o emergente, que

²¹ Trata-se da seguinte declaração do filósofo: “a razão só entende aquilo que produz segundo os seus próprios planos; que ela tem que tomar a dianteira com princípios, que determinam os seus juízos segundo leis constantes e deve forçar a natureza a responder às suas interrogações em vez de se deixar guiar por esta” (KANT, 2001, p. 18); apenas uma observação epistemológica para fundamentar a argumentação aqui defendida.

exige seu quinhão de reconhecimento forjado (e pago), o tradicional, que carrega a marca dos sobrenomes imortalizados, e o anônimo, que frequenta a mesma elite e investe numa proeminência ainda não realizada. Estas razões são mais do que suficientes para confirmar essa tese a respeito das hierarquias simbólicas e dos marcadores distintivos mobilizados pelas pessoas situadas na elite de Juiz de Fora.

Não se trata, em absoluto, de questionar os trabalhos que utilizam a tipologia de classe social, sejam pautados por aspectos econômicos, simbólicos e/ou culturais. Mas parece que aspectos puramente classistas revelam apenas resultados parciais; como a maior contribuição desta pesquisa espera-se ter mostrado que a realidade empírica e o próprio conceito de classe, quando levados a um aporte mais profundo, consistem num lugar de contradições e lutas simbólicas (bourdieusianas) tanto ou ainda mais acirradas que aquelas lutas entre classes, no sentido marxista. O estrato aqui analisado é um campo elitizado no qual se desenrolam disputas em torno da legitimação de posições hierárquicas e distintivas; e as entrevistas realizadas, por mais que possam ser uma mera amostra do referido estrato, expressam estas lutas internas por legitimação. É de se supor que o mesmo se passe nos demais estratos sociais, nos quais certamente encontra-se algum tipo de dialética de legitimação simbólica.

Enfim, a dinâmica socioeconômica de Juiz de Fora sofre constantemente modificações históricas que atingem diretamente as divisões e hierarquias simbólicas da cidade; desta forma, o risco de decadência, de esquecimento ou de exclusão por não pertencer a uma estirpe valorizada é iminente. Então, a busca por distinção é uma forma de garantir e aumentar as próprias posições hierárquicas na sociedade. O anseio de se distinguir expressa, ainda, o desejo de se eternizar na história local. Essa eternização realiza-se de três modos: pode ser depositando a esperança de eternização no futuro, para que seus descendentes possam desempenhar papéis mais notáveis do que os seus; outra forma é apegando-se ao passado, preservando a memória dos eternos ancestrais, no intuito de se apossar de seu prestígio; ou, ainda, o foco pode ser o próprio presente, eternizando-se como uma personalidade marcante da história atual. Seja qual for o meio utilizado, nos três casos está em questão o desejo de se distinguir e de se consagrar, seja no futuro (anônimos), no passado (tradicional) ou no presente (emergentes).

REFERÊNCIAS

- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Tradução de Regina A. Machado; M. A. Loyola Leblond e R. A. Machado (orgs). São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- _____. *Meditações Pascalianas*. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução e organização de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- _____. *Questions de sociologie*. Paris: Lés Éditions de Minuit, 2002.
- _____. “Espaço social e gênese das classes” in: *O Poder simbólico*, cap. VI. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Raisons pratiques: sur la théorie de l’action*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- _____. *La noblesse d’État : grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Lés Éditions de Minuit, 1989.
- _____. “Os ritos de instituição”; “A força da representação”. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EdUSP, 1998.
- _____. “Capital simbólico e classes sociais”. Tradução de Fernando Pinheiro; introdução e notas de Loic Wacquante. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 96, pp. 105-115, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000200008&script=sci_arttext
- _____. “Gostos de classe e estilos de vida”. Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/arquivos/8547/89602/gostos%20de%20classe%20e%20estilos%20de%20vida%20%28pierre%20bourdieu%29.pdf>
- _____.; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.
- BERTONCELO, Edison Ricardo. “As classes na teoria sociológica contemporânea”. *BIB*, n. 67, pp 25-49, São Paulo, 2009. Disponível em: http://sociologia.fflch.usp.br/sites/sociologia.fflch.usp.br/files/As%20classes%20na%20teoria%20sociol%C3%B3gica%20contempor%C3%A2nea_0.pdf
- _____. “Classes e práticas sociais”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 81, pp. 185-211, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10725598012>
- CHAUVEL, Louis. “Classes e gerações: a insuficiência das hipóteses da teoria do fim das classes sociais”. Tradução de Maryse Farhi. *Crítica marxista*, n. 70, Campinas, sem data. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo9057_merged.pdf
- _____. “Are social classes really dead? A French paradox in class dynamics”.
- THERBORN, G. (org). *Inequalities of the world*. Ed. Verso, London, 2006. Disponível em: <http://en.youscribe.com/catalogue/educational-resources/education/tuition/are-social-classes-really-dead-a-french-paradox-in-louis-1406918>
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização (Volumes I e II)*. Tradução de Ruy Jungmann; Apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5ª. Ed. São Paulo: Globo, 2006.
- FERREIRA, Marcelo. “Permeável, *ma non troppo?* A mobilidade social em setores de elite, Brasil, 1996”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092001000300009&script=sci_arttext
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1985.
- GAULEJAC, Vincent. “Identité”. *Vocabulaire de psychosociologie*, Paris, 2002. Disponível em:

http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/cifali/cours/Vocabulaire_psychosociologie/identite_de_gaulejac.pdf

GIDDENS, Anthony. *A estrutura de classes nas sociedades avançadas*. Tradução de Márcia B. M. L. Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOFFMAN Erving. "Symbols of class status". *The British Journal of Sociology*, v.2, n.4, London, 1951. Disponível em:

<https://www2.southeastern.edu/Academics/Faculty/jbell/goffman.pdf>

GRÜN, Roberto. "Fundos de pensão no Brasil do final do século XX: guerra cultural, modelos de capitalismo e os destinos das classes médias". *MANA* v.9, n. 2, pp. 7-38, 2003

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura* (Prefácio da Segunda Edição, 1787). Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LAHIRE, Bernard. *L'homme pluriel: les resorts de l'action*. Paris: Armand Colin/Nathan, 2001.

LENOIR, Rémi. "Espace social et classes sociales chez Pierre Bourdieu". *Sociétés & Représentations*, n. 17, pp. 385-396, 2004. Disponível em:

<http://www.cairn.info/revue-societes-et-representations-2004-1-page-385.htm>,

LOJKINE, Jean. *L'adieu à la classe moyenne*. Paris: La Disput/SNÉDIT, 2005.

LUHMANN, Niklas. "Familiarity, Confidence, Trust: problems and alternatives". In: GAMBETTA, Diego (org). *Trust: Making And Breaking Cooperative Relations*, Electronic Edition, Department Of Sociology, University Of Oxford, pp. 94-107, 2000. Disponível em:

<http://www.sociology.ox.ac.uk/papers/luhmann94-107.pdf>

MASSON, Philippe. "Retorno sobre *Os herdeiros* de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron". Tradução de Ione Ribeiro Valle. *Revista Linhas*, v. 15, n. 29, pp. 92-111. Florianópolis, 2014. Disponível em:

http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723815292014092/pdf_4

MEDEIROS, Marcelo. "Estudo dos ricos no Brasil". *Econômica*, v. 7, n. 1, pp. 99-128, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaeconomica/v7n1/marcelo.pdf>

MERCKLÉ, Pierre. "Who's responsible for the disappearance of Social Classes?". Centre Max Weber, Lyon, 2011. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00951342>

MARX, Karl. *História*. Coletânea e Tradução de Florestan Fernandes. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

_____. *O Capital*, Livro Terceiro, Volume VI. Tradução de Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

_____; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Ed. Moraes Ltda, 1984.

MILLS, C. Wright. *A nova classe média*. Tradução Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1976.

NERI, Marcelo. *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/nem>

O'DOUGHERTY, Maureen. "Auto-retratos da classe média: hierarquias de 'cultura' e consumo em São Paulo". Tradução de Vera Pereira. *Dados*, v. 41, n. 2, Rio de Janeiro: 1998

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581998000200005&script=sci_arttext

OLIVEIRA LIMA, Diana. "Ethos emergente: notas etnográficas sobre o 'sucesso'". *Revista Brasileira Ciências Sociais*, vol. 22, n. 65, São Paulo, 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000300007

OLIVEIRA LIMA, Diana. *Sujeitos e objetos de sucesso: antropologia do Brasil emergente*. Rio de Janeiro: Garamont/Faperj, 2008.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris: La Découvert, 2000.

_____. "Sociologia da alta burguesia". Tradução de Patrícia Chittoni Ramos

Reuillard, revisado por Antonio David Cattani. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, nº 18, p. 22-37, 2007.

- POCHMANN, Márcio. *O Mito da Grande Classe Média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- PULICI, Carolina Martins. *O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção social em São Paulo*. São Paulo: Tese de doutorado em sociologia, FFLCH-USP, 2010, 326p.
- _____. “Os atentados ao ‘bom gosto’: regras da ‘arte de viver legítima’ na capital paulista”. *REVISTA USP*, São Paulo, n.81, p. 148-160, 2009.
- _____. “Le solennel et le parcimonieux dans l'alimentation. Les pratiques gastronomiques comme source de distinction des élites brésiliennes”. *IdeAs* [En ligne], 2013. Disponível em: <http://ideas.revues.org/441>
- _____. “Senso de dignidade social e outras especificidades de um habitus dominante”. 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2012
- _____. “Le sens de la dignité sociale et autres spécificités cités d'un habitus dominant”. *Brésil(s) Sciences humaines et sociales*, n. 2, pp. 153-179, 2012.
- _____. “O gosto dominante como gosto tradicional: preferências e aversões estéticas das classes altas de São Paulo”. *NOVOS ESTUDOS CEBRAP*, n. 91, pp. 123-139, 2011.
- PUTNAM, Robert. “Social Capital: Measurement And Consequences”. Kennedy School Of Government, Harvard University. Disponível em: <http://www.oecd.org/edu/country-studies/1825848.pdf>
- RICUPERO, Bernardo. “Da formação à forma. Ainda as ‘ideias fora do lugar’”. *Lua Nova*, n. 73, pp. 59-69, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452008000100003&script=sci_arttext
- _____. “História da formação política brasileira (Aula 3: O pensamento político brasileiro)”, sem data. Disponível em: http://fjm.ikhon.com.br/proton/imagemprocesso/2013/07/463B185C7D0E28ADA670%7D07_fm_curso_form_pol_pub_mod_I_texto_refer_aula_3.pdf
- SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. Tradução de Malu Gitahy. São Paulo: T.A Queiroz, 1985.
- SANTOS, José Alcides Figueiredo. “Uma classificação socioeconômica para o Brasil”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 20, n. 58, pp. 27-45, 2005.
- _____. “A teoria e a tipologia de classe neomarxista de Erik Olin Wright”. *Dados*, v. 41, n. 2, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0011-52581998000200004>
- SCOTT, John. “Power, domination and stratification: towards a conceptual synthesis”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 55, pp. 25-39, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n55/n55a03>
- SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SHILS, Edward. “Charisma, Order, and Status”. *American Sociological Review*, v. 30, n. 2, pp. 199-213, 1965. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0003-1224%28196504%2930%3a2%3c199%3acoas%3e2.0.co%3b2-e>
- SILVA, Elisabeth Murilho. “As dez mais elegantes: notas sobre a rigidez do comportamento feminino no Brasil dos anos dourados”. 10º Colóquio de Moda, 2014. Disponível em: http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-coloquio-de-moda_2014/artigos-de-gt/gt06-moda-cultura-e-historicidade/gt-6-as-dez-mais-elegantes.pdf
- SIMMEL, George. “How is society possible?”. Tradução de Albion W. Small. Chicago: *American Journal of Sociology*, v. 16, pp. 372-391, 1910-1911.
- _____. “O dinheiro na cultura moderna”. In: SOUZA, J; OELZE, B. *Simmel e a modernidade*. Brasília: Ed. UNB, 2005.
- SINGLY, Françoise de. “A apropriação da herança cultural”. *Educação e Realidade*, n. 34, pp. 9-32. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8455>
- SOUZA, Jessé; GRILLO, André et al. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009

- _____.; ARENARI, Brand et al. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- TAYLOR, Charles. “Seguir uma regra”. *Argumentos Filosóficos*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira; Brasília: Ed. UnB, 1981.
- _____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva (Volume I)*. Tradução de Regis Barbosa e Karen E. Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Ed. UnB, 1991.
- _____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva (Volume II)*. Tradução de Regis Barbosa e Karen E. Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- WRIGHT, Erik Olin. “Social Class”. Department of Sociology University of Wisconsin, Madison, 2003.

SOBRE JUIZ DE FORA

- https://fundamentosarqurb.files.wordpress.com/2012/04/aula-hist_formac3a7c3a3o-jf.pdf
- <http://www.ufjf.br/portal/universidade/a-cidade/historia-de-juiz-de-fora/>
- <http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>
- AFFONSO DE PAULA, Ricardo. “Indústria em Minas Gerais: origem e desenvolvimento”. X Seminário sobre a Economia Mineira, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2002/textos/D13.PDF>
- ARANTES, Luiz Antônio Valle. “Conflitos e empreendimentos: a trajetória dos alemães”. In: BORGES, Célia Maia (org). *Solidariedades e Conflitos: histórias de vidas e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2000.
- BASTOS, Suzana Quinet de Andrade. “Juiz de Fora: análise do desenvolvimento industrial e dos desafios colocados pela implantação da Mercedes-Benz”. 2000.
- _____. “Implantação da indústria automobilística alemã Mercedes-Benz em Juiz de Fora (MG)”. *Revista História Econômica & História de Empresas*, n. IX. V.1, pp. 141-172, 2006.
- BORGES, Célia Maia. *Solidariedades e Conflitos: histórias de vidas e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2000.
- CALVANO, Flávia; GONÇALVES, Tania, “Um olhar geográfico sobre a indústria têxtil em território juiz-forano”. *CES Revista*, v. 21, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/um_olhar_geografico.pdf
- CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. “Italianos: trabalho, enriquecimento e exclusão”. In: BORGES, Célia Maia (org). *Solidariedades e Conflitos: histórias de vidas e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2000.
- GENOVEZ, Patrícia Falco. “A viagem enquanto forma de poder: a viagem de Pedro II e a inauguração da rodovia União e Indústria, em 1861”. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n.5, pp. 161-180, 1998. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg5-8.pdf
- GIROLETTI, Domingos. *Industrialização de Juiz de Fora 1850-1930*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.
- OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Juiz de Fora: vivendo a história*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.
- OLIVEIRA, Paulino de. *História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria Ltda, 1966.
- PAULA E SOUZA, Márcia. “Indústria têxtil e produção cultural: o declínio desvelado”. Monografia, Especialização em Moda, Cultura de Moda e Artes, Instituto de Artes e Design, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/posmoda/files/2010/09/Monografia-M%C3%A1rcia-completa.pdf>
- NETTO, Caroline Vidal. *O colunismo social desce do salto: a transformação de um setor do jornalismo impresso. da futilidade à prioridade Juiz de Fora*. TCC, Faculdade de Comunicação Social, UFJF, 2007.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- COLUNAS/PERÍODOS COLETADOS:
INTERNET: OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2014
10/10/2014
<http://www.cacasalermo.com/coluna-social/juiz-de-fora-10-de-outubro-de-2014-sexta-feira>
26/10/2014
<http://www.tribunademinas.com.br/coluna-cr-26-10-2014-2/>
02/11/2014
<http://www.tribunademinas.com.br/coluna-cr-02-11-2014-2/>

23/11/2014

<http://www.cacasalermo.com/coluna-social/juiz-de-fora-23-de-novembro-de-2014-domingo>
12/12/2014

<http://www.patriciaalvim.com.br/a-coluna/-78>

JANEIRO A ABRIL DE 2015

31/01/2015

<http://www.cacasalermo.com/coluna-social/juiz-de-fora-31-de-janeiro-de-2015-sabado>
13/02/2015

<http://www.patriciaalvim.com.br/a-coluna/destaques-da-semana-115>

17/03/2015

<http://www.tribunademinas.com.br/coluna-cr-17-03-2015-2/>

10/04/2015

<http://www.cacasalermo.com/coluna-social/juiz-de-fora-10-de-abril-de-2015-sexta-feira>

JORNAIS IMPRESSOS: TRIBUNA DE MINAS

Caderno especial (02/11/2014)

Caderno especial (26/10/2014)

Caderno especial (09/11/2014)

Caderno especial (23/11/2014)

Caderno especial (20/11/2014)

Caderno especial (21/12/2014)

REVISTAS: EM VOGA: Fevereiro de 2014; Março de 2014; Abril de 2014; PA: Inverno 2013; Verão 2014

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Imagem 1: MAPA REGIONAL DE MINAS GERAIS

https://fundamentosarqurb.files.wordpress.com/2012/04/aula-hist_formac3a7c3a3o-jf.pdf

Imagem 2: MAPA CAMINHO NOVO

https://fundamentosarqurb.files.wordpress.com/2012/04/aula-hist_formac3a7c3a3o-jf.pdf

Imagem 3: MAPA ESTRADA REAL

<http://www.institutoestradaeareal.com.br/servicos/biblioteca/mapas>

Imagem 4: ESTRADAS PARAIBUNA, UNIÃO E INDÚSTRIA E CAMINHO NOVO

https://fundamentosarqurb.files.wordpress.com/2012/04/aula-hist_formac3a7c3a3o-jf.pdf

Imagem 5: USINA MARMELOS ZERO (RIO PARAIBUNA)

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/05/18/interna_gerais.389704/primeira-hidreletrica-do-pais-foi-construida-em-minas-ha-mais-de-100-anos.shtml

Imagem 6: COMPANHIA TÊXTIL BERNARDO MASCARENHAS

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300k13.htm>

Imagem 7: CURTUME SURERUS

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=61448629>

Imagem 8: BANCO DE CRÉDITO REAL DE MG

<http://wawiltonaraujo.blogspot.com.br/2014/02/banco-de-credito-real-sa.html>

Imagem 9: CAFEZAL DO COMENDADOR MARIANO PROCÓPIO FERREIRA LAGE

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=61448629>

Imagem 10: CURTUME KRANBECK

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=61448629>

Imagem 11: CONSTRUTORA PANTALEONE ARCURI

http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_olender.htm

Imagem 12: AVENIDA RIO BRANCO

<http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/Hist%F3ria/imagens/hist0004.html>

Imagem 13: DISTRITO INDUSTRIAL DE JUIZ DE FORA

http://www.martinbrower.com.br/pg_ca_jfora_mapa.html

Imagem 14: MISS BRASIL GAY

<http://www.theatrocentral.com.br/agenda/miss-brasil-gay>

Imagem 15 GOLPE MILITAR

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1185013>

Imagem 16: MAPA DAS REGIÕES DE JF

<http://www.acesa.com/jfmapas/regioes.php>

Imagem 17: EVOLUÇÃO URBANA

https://fundamentosarqurb.files.wordpress.com/2012/04/aula-hist_formac3a7c3a3o-jf.pdf

Imagem 18: MAPA DE RENDA

<http://www.acesa.com/cidade/arquivo/jfhoje/2009/02/10exclusao/>

Imagem 19: MAPA DO CRUZAMENTO DAS AVENIDAS

<http://effathajf.blogspot.com.br/p/juiz-de-fora-mg.html>

Imagem 20: Rua Halfeld (atual)

<http://www.panoramio.com/photo/43720509>

Imagem 21: PARQUE HALFELD (antigo)

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=632864>

Imagem 22: Parque Halfeld (atualidade)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Halfeld

Imagem 23: CINE-THEATRO CENTRAL NO CALÇADÃO DA RUA HALFELD

http://www.trekearth.com/gallery/South_America/Brazil/Southeast/Minas_Gerais/Juiz_de_Fora/photo1049509.htm

Imagem 24: MAMM

<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/07/comeca-x-encontro-de-musicologia-do-festival-de-musica-em-juiz-de-fora.html>

Imagem 25: MUSEU MARIANO PROCÓPIO

<http://juizdeforaconvention.com.br/v2/museus/exibir/id/67/MUSEU-MARIANO-PROCOPIO.html#.VUdq7I5Viko>

Imagem 26: CCBM

http://pif.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/ccbm/historico.php

Imagem 27: UFJF

<http://www.ufjf.br/secom/fotos/>

Imagem 28: COLÉGIO SANTA CATARINA

<http://www.panoramio.com/photo/427597>

Imagem 29: COLÉGIO ACADEMIA /CES – CENTRO DE ENSINO SUPERIOR

<http://www.panoramio.com/photo/5326997>

Imagem 30: COLÉGIO DOS JESUÍTAS

http://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_dos_Jesu%C3%ADtas

Imagem 31: INSTITUTO METODISTA GRANBERY

<http://www.ricardoarcuri.com.br/jfora/colegfaculd/granbery/index.html>

Imagem 32: CATEDRAL METROPOLITANA

http://www.mariadoresguardo.com.br/2010/04/catedral-metropolitana-de-juiz-de-fora_1528.html

Imagem 33: MIRANTE DO CRISTO NO MORRO DO IMPERADOR

<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/05/historiador-comenta-importancia-do-morro-do-imperador-para-juiz-de-fora.html>

Imagem 34: PROPRIETÁRIA DE UMA REDE DE ENSINO (coluna social)

<http://www.tribunademinas.com.br/coluna-cr-02-11-2014-2/>

Imagem 35: PREFEITO (coluna social)

<http://www.tribunademinas.com.br/coluna-cr-02-11-2014-2/>

Imagem 36: Caderno especial 02/11/2014 (fotografia do jornal impresso)

Imagem 37: VALORIZAÇÃO DOS BAIRROS (JORNAL TRIBUNA DE MINAS, FEVEREIRO DE 2011; fotografia do jornal impresso).

Imagem 38: primeira-dama da cidade (coluna social)
<http://www.tribunademinas.com.br/coluna-cr-26-10-2014-2/>

Imagem 39: caderno especial 23/11/2014 (fotografia do jornal impresso)

Imagem 40: caderno especial 20/11/2014 (fotografia do jornal impresso)

Imagens 41 e 42: Manifestação do dia 15 de Março de 2015(PUBLICADAS em 17/03/2015)
<http://www.tribunademinas.com.br/coluna-cr-17-03-2015-2/>

Imagem 43: “Festa surpresa”, Revista Em Vogue, março de 2014 (fotografia da revista impressa)

Imagem 44: ALAMEDA SHOPPING
<http://www.portalshoppings.com.br/alameda-juiz-de-fora>

Imagem 45: Reportagem com a atriz Bianca Rinaldi, Revista PA (fotografia da revista impressa)

Imagem 46: A colunista, proprietária da revista, numa festa (fotografia da revista impressa)

Imagem 47 e 48: Lançamento de livro de um médico (coluna social/internet)
<http://www.cacasalermo.com/coluna-social/juiz-de-fora-10-de-abril-de-2015-sexta-feira>

Imagem 49: Estação ferroviária de JF
http://juizdeforasempre.comunidades.net/index.php?pagina=1825139563_01

Imagem 50: Shopping Independência
<http://www.independenciashopping.com.br/?pagina=oshopping>

Imagem 51: Serra de Ibitipoca
<https://ibitipoca2010infotur.wordpress.com/>

Imagem 52: Clube do Papo
<http://www.clubedopapo.com.br/>

Imagem 53: Bar e restaurante Churrasqueira
<http://www.churrasqueirajf.com.br/churrasqueira.php#ancora>

Imagem 54: MEMORIAL DA REPÚBLICA
<http://www.tribunademinas.com.br/o-que-esperar-da-cultura-em-2015/>

Imagem 55: RESTAURANTE ITALIANO
<http://hojeminas.com/noticia/mamma-roma-tem-como-heranca-o-melhor-da-culinaria-napolitana/1233>

Imagem 56: PARQUE DO MUSEU
<http://juizdeforaconvention.com.br/v2/museus/exibir/id/67/MUSEU-MARIANO-PROCOPIO.html#.VUdq7I5Viko>

Imagem 57: Rua Halfeld
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1411746>

Imagem 58: Brasão do Clube Dom Pedro II
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=632864>

Imagem 59: Fazenda centenária
<http://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=10034>

Imagem 60: quadros de obras artísticas e fotografias antigas
<http://virusdaarte.net/carlos-bracher-pintura-e-paixao/>

Imagem 61: Castelinho
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=993237&page=121>

Imagem 62: Casa de shows/boate Privilège
<http://www.mascarenhasarquitetos.com.br/projetos/lazer-e-entretenimento/privilege-juiz-de-fora/>

Imagem 63: Clube Bom Pastor

<http://www.clubebompastor.com.br/?secao=113437>

Imagem 64: Mosteiro da Santa Cruz

<http://esplendordafe.blogspot.com.br/2011/08/divina-liturgia-no-mosteiro-santa-cruz.html>

Imagem 65: Bairro Santa Luzia

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1343061>

Imagem 66: Bairro Bom Pastor

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=61448629>

Imagem 67: Parque da Lajinha

<http://www.sbrt.org.br/sbrt2015/turismo/>

Imagem 68: Faculdade Suprema

<http://www.suprema.edu.br/2014/novo/a-faculdade/a-faculdade-1/>

ANEXOS

Roteiro das entrevistas

Tabelas IBGE

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=313670>

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=313670&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>

Reportagem Miss Brasil Gay

<http://www.theatrocentral.com.br/agenda/miss-brasil-gay>

Notícia sobre Golpe Militar

G1 Comandante que assinou carta para dar início à Ditadura é de Juiz de Fora (31/03/2014)

Reportagem sobre exclusão social

<http://www.acesa.com/cidade/arquivo/jfhoje/2009/02/10-exclusao/>

Nota e imagens sobre as “manifestações” do dia 15 de março de 2015 numa coluna social

<http://www.tribunademinas.com.br/coluna-cr-17-03-2015-2/>

Coluna social jornal/internet 26/10/2014 (destaque para a nota “Um luxo!”)

<http://www.tribunademinas.com.br/colunacr261020142/>

Comentário sobre Décio Cataldi (radialista/colunista)

<http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/1005/>

Página de Manoel Poladian (empresário citado por colunista)

<http://www.poladian.com.br/conteudo/23/4/13/Realiza%E7%F5es#.VUfx7Y5Viko>

Coluna social de página/internet 10/04/2015 (nota-se a enorme quantidade de anúncios)

<http://www.cacasalermo.com/coluna-social/juiz-de-fora-10-de-abril-de-2015-sexta-feira>

Hino de Juiz de Fora

<http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/hinos/hjf.php>

Brasão do Município

<http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/>

Reportagem sobre os clubes:

<http://www.acesa.com/xiis/arquivo/antenado/2005/01/20clubes/>

Notícia sobre Índice de Desenvolvimento Humano Municipal:

<http://www.ufjf.br/ladem/2013/07/31/oindexdedesenvolvimentomunicipaloperfildejuiizdeforaporluizfernandosoaresdecastro/>

Nota sobre o bairro mais valorizado da cidade

<http://www.acesa.com/casa/arquivo/eetc/2008/04/24estrelasul/>

Sobre o ex-presidente Itamar Franco

G1 Conheça a trajetória do ex-presidente Itamar Franco (02/07/2011)

Sobre o Morro do Imperador/Mirante

G1 Historiador comenta importância do Morro do Imperador para Juiz de Fora (29/05/2014)

Reportagem sobre a Lei Murilo Mendes (informações sobre o poeta)

<http://www.pjf.mg.gov.br/>